

Celeste Ribeiro-de-Sousa

# PONTES POÉTICAS

200 anos de literatura brasileira  
de expressão alemã

---



Instituto  
Martius-Staden

# **PONTES POÉTICAS**

200 anos de literatura brasileira  
de expressão alemã

Celeste Ribeiro-de-Sousa



Instituto  
Martius-Staden

**2024**

ISBN n° 978-85-64168-19-0

# Sumário

## Contexto amplo

1. O início de tudo 04
2. O legado cultural dos imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil 08
3. Brasil espelhado em prosa e verso 15

## Contexto específico

### **A literatura da imigração de língua alemã no Brasil ou A literatura brasileira de expressão alemã – LIBEA**

4. A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica 28
5. A parte alemã da literatura brasileira: ontem e hoje 53
6. Literatura brasileira de expressão alemã O projeto LIBEA 63
7. A “Carta” de Pero Vaz de Caminha e “New zeitung ausz presillandt” 67
8. Imagens literárias do Brasil 72
9. Entre o Brasil e a “Alemanha” voa um bem-te-vi 78
10. Klaus Krott vira estancieiro 86
11. Uma narrativa safe em época de censura 92
12. Gertrud Gross-Hering e o hibridismo 100
13. Gross-Hering e Siri: visões do nazismo 107
14. Redescobrimo Hilda Siri 116
15. Textos silenciados e textos traduzidos: os exílios de Hilda Siri 129
16. Reabilitando memórias da diversidade Karl von Koseritz: texto alemão, realidade brasileira 142
17. A metaficção no arquivo literário de Wilhelm Wustrow: Entre fatos e fake news 155
18. Estranhando a História 169
19. Da inesperada potencialidade da literatura brasileira de expressão alemã. 176
20. A literatura da imigração alemã no Brasil: Uma coleção de memórias ou uma expressão do (pós) colonialismo?\* 187
21. Intrigantes coincidências, leituras improváveis: Martius, Cruls e a lenda do inca 191
22. Forçando as fronteiras artificiais do cânone. O caso da literatura brasileira de expressão alemã 204

# 1. O início de tudo

## *Rendez-vous com o Brasil*

Meu primeiro *rendez-vous*  
Com o Brasil  
Foi na casa do Mário Palmério  
Nos confins da imaginação  
Onde não faltava  
Uma sucuri no jardim  
Que me hipnotizou  
Depois tive um caso  
Com Zweig  
Adentrei as entranhas  
Da América do Sul  
De mão dada  
Com Döblin  
Deslumbrei-me  
Com o *Dorado*  
Com eles voltei  
Ao Brasil  
Dancei com Mariana  
Em transe  
Com o pajé  
Ninguém percebeu  
Mas também  
Fui levada por *Sukuruja*

Meu primeiro contato com os olhos da cultura alemã que viram o Brasil aconteceu em 1970. Foi durante o 4º ano da Faculdade. Eu, que chegara à USP em 1967, vinda da Universidade de Lisboa (Curso de Filologia Germânica), deparara-me com os tempos da ditadura. Nesse ano, os militares decidiram pôr ordem no pensamento universitário, moralizá-lo, criando uma disciplina obrigatória para todo ensino superior: “Educação moral e cívica”. Nesse primeiro ano de implementação da tal disciplina na FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – novo nome, também nesse ano adquirido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), os conteúdos restringiram-se a palestras proferidas por professores oriundos das mais diversas faculdades e institutos da Universidade. Lembro-me, por exemplo, de um urbanista da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) ter declarado que não havia soluções exequíveis para a cidade de São Paulo, a não ser deixá-la “explodir”. Esperava-se que a população mais exigente deixasse a cidade, aliviando-a, assim. E a explosão de São Paulo parecia iminente e continua a parecer! Também tivemos uma palestra sobre economia com um professor da FEA (Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária). E, entre

tantas outras possibilidades, eu resolvi fazer o meu trabalho final para essa disciplina de “Educação moral e cívica” justamente sobre economia! Pensava, assim, ter a possibilidade de aprender mais um pouco sobre o país desconhecido, onde me encontrava. É claro que também imaginei que meu namorado, que cursava a matéria, iria me ajudar! Mas isso não aconteceu! E eu vi-me em palpos de aranha para fazer a tarefa exigida. De atropelo em atropelo, fui parar em Stefan Zweig e no seu livro *Brasilien, ein Land der Zukunft*. E eu, que era portuguesa e estava há pouquíssimo tempo no Brasil, comecei a entender o desenvolvimento econômico do país pelos olhos do austríaco exilado. Passei. Já tinha tentado ler a *História do Brasil* de Hélio Vianna, encontrada numa estante de meu futuro sogro, mas achei o assunto muito árido, para mim incompreensível, muito afastado de minha realidade.

Ao ser, posteriormente, convidada a fazer Pós-Graduação em Literatura Alemã na mesma Faculdade, além das disciplinas obrigatórias e dos trabalhos respectivos, precisei eleger um tema para desenvolver uma Dissertação de Mestrado. Foi-me sugerido na época que pesquisasse a literatura teuto-brasileira, que se encontrava no arquivo do Instituto Hans Staden, com sede em um prédio na rua Conselheiro Crispiniano (nº 53, 12º andar, conjunto 122), no centro da cidade de São Paulo. Minha orientadora, Profa. Marion Fleischer, tinha ela mesma defendido e publicado em 1967 seu Doutorado sobre *A poesia alemã no Brasil. Tendências e situação atual*, um título bastante ambíguo, já que os poemas analisados pertenciam a imigrantes de língua alemã no país.

Mas voltando ao Instituto Hans Staden, era bibliotecária na época de minha pesquisa (1975–1978) a Fräulein Irmgard Speer. Depois chegou a Frau Margarida Pinsdorf. Os textos, por onde comecei, aqueles publicados em *Kalender* (Anuários), mostravam-me realidades familiares. Eu também era imigrante no Brasil. Também vinha de uma região envolvida com as lides da agricultura, conhecia a importância da posse de terras para a existência humana, o amor por jardins não me era nem um pouco estranho, o contato com a natureza estava no meu sangue. E os *Kalender*, que eu manuseava, despertavam minha curiosidade para uma porção de coisas bastante interessantes. De fato, acabei montando o meu Mestrado em cima das narrativas literárias publicadas no *Serra-Post Kalender* após 1948, defendido e aprovado em 1979, e publicado em 1980 com o título *A narrativa literária no Anuário do Correio Serrano após 1948: temas*. E meus conhecimentos sobre o Brasil aumentaram enormemente (todos filtrados por olhos que falavam o alemão – e eu sem o perceber).

Convidada na sequência a prosseguir no Doutorado, distanciei-me desse assunto específico para me debruçar sobre a literatura canônica de língua alemã. O objeto preciso de minha investigação eram as imagens do Brasil veiculadas por essa literatura, algo inédito, que não tinha sido realizado até então. De leitura em leitura, num método conhecido como “leitura a esmo”, pois nem o universo da pesquisa era conhecido, fui levantando textos e autores em bibliotecas brasileiras e alemãs (Köln, Berlin, Marbach). De posse de 32 obras poéticas encerrei o *corpus* e o considerei representativo para levantar algumas conclusões. Aprofundei meu

entendimento do Brasil e da América do Sul pelo filtro do olhar dos que escreviam em alemão, particularmente através do romance *Der blaue Tiger*, de Alfred Döblin, que acabei por traduzir e publicar, continuando a não me dar conta desse viés. O Doutorado, *Imagens do Brasil na literatura alemã: metamorfoses de mitos da Conquista*, foi defendido e aprovado com a nota máxima em dezembro de 1988 e publicado em 1996 com o título *Retratos do Brasil: hetero- imagens literárias alemãs*. Tudo isto ainda num tempo em que a Áustria e a Suíça não reivindicavam suas próprias literaturas desvinculadas da alemã. Nessa pesquisa, um dos autores estudados ofereceu-me em especial uma visão ampla da formação do Brasil: Alfred Döblin e sua trilogia *Amazonas*. Ler os dois primeiros volumes deixou-me encantada! Mas foi durante a defesa desta tese que me foi mostrado o quanto eu seguia o olhar “alemão” sem o questionar, sem o comparar com outros olhares não europeus, olhares brasileiros, por exemplo, embora esse não fosse o objetivo da tese. Não preciso dizer que tais observações provieram de dois dos cinco membros da banca, que eram professores de literatura brasileira.

Depois da defesa do Doutorado, comecei a orientar mestrados e depois doutorados. Em 1993, fundei um grupo de pesquisa, que reunia meus orientandos, e dei-lhe o nome de “Relações literárias Brasil-Alemanha vistas da perspectiva imagológica” – RELLIBRA, que foi credenciado na USP e no CNPq. Com o tempo, o nome do grupo veio a alterar-se um pouco, mas sempre conservando a sigla. Vários mestrados e doutorados foram defendidos e aprovados nesse âmbito, e o grupo ainda continua ativo > [www.rellibra.com.br](http://www.rellibra.com.br) <. Nele, eu mesma comecei a desenvolver um projeto sobre Imagologia, que obteve uma “bolsa de produtividade em pesquisa” do CNPq durante oito anos.

Em 2000 e 2001 iniciei um pós-doutorado na área de teoria literária e literatura comparada na USP. Neste projeto de pesquisa “Auto-imagens literárias do Brasil – método possível de análise e teorias de apoio”, voltei-me finalmente para a investigação do olhar dos brasileiros sobre eles mesmos. E, não preciso dizer, que o Brasil multifacetado se desvelou diante de mim. Da fusão entre os dois últimos projetos mencionados saiu o livro intitulado *Do cá e do lá. Introdução à Imagologia* (2004).

Então, em 2006, dentro do RELLIBRA, surgiu-me a ideia de voltar aos primórdios de minhas investigações e montar, em parceria com o Instituto Martius-Staden, um macro projeto de pesquisa voltado para a sistematização da literatura da imigração de língua alemã no Brasil – o LIBEA (Literatura brasileira de expressão alemã), aberto a todos os interessados. No Instituto Martius-Staden, foram de enorme ajuda na formatação digital quer do macro quer dos micro projetos o Rainer Domschke e a Ana Rüsche, bem como a disponibilidade estimulante da Daniela Rothfuss para me orientar no acervo.

Agora nesta efeméride de 200 anos da imigração alemã no Brasil, faz sentido reunir os ensaios, que redigi sobre o assunto ao longo dos anos e que se encontram em

publicações esparsas. Faz sentido mostrar o que muitos textos literários escritos por imigrantes de língua alemã e seus descendentes ensinam, de modo peculiar, sobre a formação do Brasil, sobre suas guerras em torno da definição de fronteiras, sobre suas gentes tão díspares. Veja-se, por exemplo, o e-book *Brasilianische Legenden/Lendas brasileiras*, on line.

Embora possa haver repetições nos ensaios apresentados, a repetição não deixa de ser uma estratégia para chamar a atenção sobre algo e, no caso, esse algo é deveras importante – é uma parte da multifacetada cultura brasileira até agora mantida apagada, correndo mesmo o risco de desaparecer no mais completo esquecimento! Não foi o jornalista brasileiro Ivan Lessa (1935–2012), do antigo *O Pasquim*, que disse que o Brasil é um país que “de 15 em 15 anos esquece do que aconteceu nos últimos 15 anos”?

## 2. O legado cultural dos imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil\*

Muito já se escreveu e ainda escreve sobre a literatura do exílio de língua alemã no Brasil ou sobre os textos produzidos pelos viajantes do mesmo idioma. Contudo, também há a literatura escrita pelos próprios imigrantes e seus descendentes, a qual merece igualmente investigação aprofundada. Tal literatura engloba prosa, poesia, teatro e ensaística. Tanto quanto se sabe, já que o universo dos escritores “teuto-brasileiros” e de suas obras é ainda desconhecido, esta produção literária trata predominantemente de memórias da antiga pátria idealizada; da vida experimentada na nova realidade da jovem nação: amor, paisagem, folclore, história, literatura, cultura; de comparações entre as duas pátrias. Esses textos, em sua maioria escritos em alemão, de um lado, constituem verdadeiros testemunhos do “nascimento” e da formação do sul da nação brasileira; de outro lado, oferecem imagens da Alemanha e do Brasil, configuradas de uma perspectiva *sui generis*. A pergunta que se coloca é: como se formaram tais imagens, de onde procedem?

As imagens dos alemães e da Alemanha, bem como as imagens dos brasileiros e do Brasil têm molduras várias. Os brasileiros fazem contato com os alemães através da convivência, via diáspora/emigração alemã, através da literatura, através de ideias filosóficas e políticas, tomadas em sentido amplo, através das outras artes (música, arquitetura, pintura, escultura, dança), através da ciência (botânica, zoologia, geografia, medicina, química), através de práticas pedagógicas (antroposofia), através da religião (luteranismo), através de parcerias comerciais e industriais. É desta interação que, certamente, se originaram as imagens veiculadas nos textos literários em pauta. Convém, porém, num primeiro momento, colocar em evidência pontos relevantes desse contato, para poder iluminar a gênese da construção de imagotipos e visualizar elementos que acabam enfatizados e elementos que ficam na penumbra. É preciso averiguar onde se encontram as raízes de que brotam tais configurações, que circunstâncias envolvem tais constructos, o que leva à seleção de tais elementos e não de outros, que acabam marginalizados.

---

\*Nota: Este ensaio retoma e funde os seguintes textos: 1. “O legado cultural deixado pelos escritores imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil” publicado em: Kupfer, Eckhard et alii (orgs.). *Martius-Staden-Jahrbuch*. São Paulo: Nova Bandeira, 2014, p. 185–186. ISBN 9788587911216. E 2. “Imagens da Alemanha na alfândega brasileira”, comunicação apresentada durante o XVII Congresso Internacional de Literatura Comparada (AIRC) no Rio de Janeiro em 30 de julho de 2007, depois publicada em: Coutinho, Eduardo F. *Beyond bisnarisms. Discontinuities and displacements: studies in comparative literature*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2009, p. 91–96. ISBN 9788578200138.

Dentre as várias portas que dão acesso à presença da Alemanha em território brasileiro, a da diáspora/emigração alemã<sup>1</sup> é, sem dúvida, a mais produtiva. Embora a imigração alemã para o Brasil esteja associada ao ano de 1824, a presença de gente de língua e cultura alemãs em terras sul-americanas já está documentada à época de seu “descobrimento” (Fouquet 1974, Oberacker 1978) e continua a sê-lo até 1818, quando a arquiduquesa D. Leopoldine, filha de Franz I da Áustria, chega à corte de João VI no Rio de Janeiro, a fim de desposar o príncipe herdeiro D. Pedro. A presença germânica nos casamentos reais brasileiros ainda vai se manifestar no segundo matrimônio de D. Pedro I, que, ao ficar viúvo em 11.12.1826, contrai núpcias com a jovem princesa bávara Amélie von Leuchtenberg em 17.10.1829. Se a presença de Amélie na corte imperial brasileira é efêmera, pois logo acompanha o marido a Portugal, a presença da princesa austríaca, Leopoldine, torna as terras brasileiras mais visíveis na Europa e transforma-se numa referência para a vinda ao Brasil de artistas e cientistas de origem germânica, bem como de uma gama variada de outros imigrantes de fala alemã: artesãos, soldados, comerciantes, profissionais liberais, camponeses.

A grande maioria destes imigrantes, embora tenha na Europa proveniências diferentes, logo desenvolve no país de adoção um sentimento de pertença conhecido como *Deutschtum*, talvez traduzível por *germanidade*, um sentimento veiculado e propagado através de jornais, folhetos comemorativos, almanaques e textos literário-ficcionais. Este sentimento de *Deutschtum*, no entanto, sofre alterações paulatinas no correr dos tempos, chegando a ser caracterizado como *Deutschbrasilianertum* (“teutobrasilidade” ou “germanobrasilidade”).

No cultivo destes sentimentos de *Deutschtum* ou *Deutschbrasilianertum*, podem, no entanto, observar-se dois períodos de grande intensidade na sua consolidação junto às colônias alemãs do sul do Brasil: um período de 1893 a 1918, em que os vários reinos, principados, ducados de língua alemã do Sacro-Império, e também as cidades-livres, são aglutinados no “Kaiserreich” com “Eisen und Blut” sob a hegemonia do reino da Prússia liderado por Bismarck; e outro período, que vai de 1930 a 1945, sob a liderança de Adolf Hitler, que ressuscita a ideia delirante do Terceiro Império (Romano-Germânico). Nestes dois casos, à ideia de identidade étnica junta-se a ideologia pangermânica, originando um sentimento de solidariedade, um sentimento de comunidade a opor-se aos outros – aos brasileiros.

Os muitos desencontros e embates ideológicos e culturais desencadeados serão motivo de inúmeras discórdias entre alemães e seus descendentes e brasileiros, sobretudo os descendentes de portugueses, nos Estados do sul.

---

<sup>1</sup> Embora o conceito de diáspora apareça frequentemente associado à deportação dos hebreus para a Babilônia e à sua escravização, esse conceito remonta aos gregos e aos seus deslocamentos nos processos de colonização, que instauraram. No âmbito dos estudos culturais (Stuart Hall), o termo diáspora passou a associar-se à desconstrução dos conceitos de centro e periferia vigentes em países outrora colonizados e respectivas metrópoles.

Aspectos vários dessa convivência atribulada encontram-se registrados nas narrativas da chamada literatura teuto-brasileira ou literatura da imigração alemã e também em obras da literatura brasileira. Trata-se, como se pode perceber, de duas perspectivas diferenciadas: de um lado, a literatura teuto-brasileira, escrita em alemão e eventualmente em português, a partir da qual se constroem novos lugares de enunciação, espaços intersticiais, lida apenas pelos imigrantes ou por seus descendentes que, até hoje, aguarda divulgação junto aos leitores brasileiros<sup>2</sup>; de outro lado, a literatura nacional, que é lida por todos, inclusive pelos descendentes de alemães. Portanto, a literatura brasileira também vem a constituir-se num veículo de alimentação e realimentação constante das imagens de alemães/ Alemanha aí configuradas.

As imagens de alemães criadas e veiculadas na literatura nacional não são muito lisonjeiras, como mostra Renate Schreiner no seu livro *Entre ficção e realidade. A imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul* (Schreiner 1996). Também Wolfgang Bader se debruça sobre esta questão no artigo "Entre a metafísica e o trabalho: os alemães na literatura brasileira" (Bader 1986). De um modo geral, os alemães aparecem configurados, na literatura nacional, como indivíduos metódicos, muito bem qualificados cientificamente, mas humanamente pobres. Além de ostentarem pele muito branca e terem singulares costumes alimentícios, o que causa estranheza, são contemplativos, anseiam por harmonia universal e são conscientes de sua superioridade em relação a outros povos. Têm grande apego à terra, são organizados e têm tino comercial, mas também são rudes e fanáticos. Além disso, são representados como racistas, militaristas, disciplinados, pangermanistas.

Há inúmeras obras da literatura brasileira a tematizarem e, assim, consubstanciarem os alemães em terras brasileiras, tais como: *A moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo (1844), *Inocência* de Alfredo d'Escagnolle Taunay (1872), *Canaã* de Graça Aranha (1902), *País de ouro e esmeralda* de J. A. Nogueira (1921), *Amar, verbo intransitivo* de Mário de Andrade (1927), *Olhai os lírios do campo* de Érico Veríssimo (1938), *Um rio imita o Reno* de Clodomir Vianna Moog (1939), *Longe do Reno* de Bayard de Toledo Mércio (1940), *São Jorge dos Ilhéus* de Jorge Amado (1944), *O tempo e o vento* de Érico Veríssimo (1949 a 1961), *Grande sertão: veredas* de João Guimarães Rosa (1956), *Tempo de solidão* de Josué Guimarães (1972), *Tempo de guerra* de Josué Guimarães (1975), *Farda, fardão, camisola* de dormir de Jorge Amado (1979), *Videiras de cristal* de Luis Henrique de Assis Brasil (1990), *Saga. Retrato das colônias alemãs no Brasil* de Ricardo Teles (1997). Há que considerar, entretanto, no âmbito da literatura um grupo de escritores brasileiros, convidados pelo DAAD a desfrutarem uma bolsa de um ano ou mais na Alemanha, que depois escreverem sobre suas experiências no país. Um esforço do governo alemão<sup>3</sup> que, no âmbito brasileiro, tem resultado, em certa medida, na

---

2 Veja-se o projeto LIBEA. On line.

3 Chamo a atenção para um artigo de autoria do ministro Luiz Fernando Furlan, motivado por uma sua

desconstrução dos estereótipos/imagotipos aqui vigentes. É o que se verifica, por exemplo, nas crônicas de Ignácio de Loyola de Brandão, reunidas sob o título *E o verde violentou o muro* (1984) ou nas de João Ubaldo Ribeiro *Um brasileiro em Berlim* (1995)<sup>4</sup> e também no romance de João Silvério Trevisan *Ana em Veneza* (1994). Ainda no âmbito da literatura, porém, não se deve perder de vista uma outra porta, – aquela, por onde entraram os ideais românticos alemães, presentes em textos fundantes da identidade nacional. Gonçalves de Magalhães conhecia a obra de Schiller, Gonçalves Dias chegou mesmo a viver na Alemanha, Álvares de Azevedo conhecia a obra de Goethe e de Heine. Trata-se de uma porta, por onde também passou a influência de Madame de Staël e de seu livro *De l'Allemagne*, publicado em 1810, ou seja, uma abertura por onde uma certa concepção idealizada do país germânico penetrou. Mais tarde, Mário de Andrade também consultou a obra de Koch-Grünberg para escrever *Macunaíma*, além de conhecer os textos sobre expressionismo de Kasimir Edschmid. Desta perspectiva, a Alemanha surge como o país dos artistas e o país da cultura.

Uma outra porta por onde a Alemanha chega ao Brasil abre-se no campo da filosofia. Sérgio Paulo Rouanet revela no artigo “O caso Walter Benjamin. A recepção deste pensador reconhecido está inserida numa longa tradição de acolhida calorosa da filosofia alemã no Brasil” (Rouanet 1997) que, o contato do Brasil com a filosofia alemã, como o título indica, é antigo e tem seu início na corte de D. João VI. Acompanhando o rei, vem de Coimbra o Prof. Silvestre Pinheiro Ferreira, um professor que vivera na Alemanha entre 1802 e 1809, e que frequentara aulas ministradas por Fichte e Schelling, tendo tido a oportunidade de acompanhar a recepção da filosofia kantiana na Alemanha. No entanto, segundo Rouanet, o professor português é cativado pelas ideias de Leibniz acerca da teoria das mônadas e acerca da linguagem universal, bem como pela classificação sistemática do saber proposta por Wolff. Ainda segundo informação de Rouanet, colhida junto ao Professor Miguel Reale, consta que Martim Francisco de Andrade e Silva, ilustre personagem da Independência do Brasil, dera aulas sobre Kant no começo do século XIX. Não se sabe, entretanto, pelo artigo de Rouanet, se as obras do filósofo alemão eram lidas no Brasil no original ou através de tradução. Pela publicação dos cadernos de filosofia do Padre Diogo Antônio Feijó – estadista da Regência – sabe-se que Kant estava entre os filósofos mais lidos por ele, embora também não se saiba em que língua. Hegel, por exemplo, ainda segundo Rouanet, chega ao Brasil, via França, através das ideias do filósofo Victor Cousin que conhece o mestre. As ideias de Cousin, identificadas como “ecletismo” obtêm no Brasil grande repercussão, influenciando gente como Mont’Alverne e o poeta Domingos de Magalhães. A tortuosidade do caminho receptivo da filosofia de Hegel no Brasil do Segundo Império faz, entretanto, com que suas

---

visita à África do Sul, publicado na seção “Tendências/Debates” da Folha de São Paulo de 14.09.2003, com o título “Marca internacional. Precisamos construir a imagem do Brasil, pensar como marcas brasileiras podem trazer resultados concretos para o país”.

4 Ana Paula Seerig apresentou em 17.10.23 na FFLCH-USP sua Dissertação de Mestrado, intitulada *O olhar de João Ubaldo Ribeiro sobre a unificação alemã: uma leitura da coletânea “Um brasileiro em Berlim”*.

propostas filosóficas cheguem distorcidas: Hegel é recebido como “o prussiano bem comportado para quem todo o real era racional” e não como o “pai espiritual de Marx”. Numa tentativa de quebrar o peso da influência da cultura francesa no Brasil, Tobias Barreto, que lia alemão, forma no Recife, por volta de 1870, um grupo de estudos com Silvío Romero e Farias Brito, voltado à discussão da filosofia alemã. São objetos de investigação Haeckel, Shopenhauer e von Hartmann. Karl Marx, porém, talvez seja o filósofo alemão que mais influencia a Academia brasileira. Diz Rouanet, à página 23, que “de modo geral, o marxismo tem funcionado mais como grade de análise para investigações históricas ou de teoria literária, sociologia e política (Nelson Werneck Sodré, Astrogildo Pereira, Roberto Schwarz, os sociólogos e economistas do CEBRAP) que como objeto autônomo de reflexão”. Kant e Hegel voltam a ser trabalhados, mais tarde, e de forma original, conforme Rouanet, por Djacir Menezes e Miguel Reale. Heidegger e o existencialismo chegam, num primeiro momento, ao Brasil via Paris, depois da guerra, e, mais tarde, num segundo momento, na esteira do Pós-estruturalismo francês com Foucault, Derrida, Deleuze e Lyotard. As ideias da Escola de Frankfurt (Walter Benjamin, Markuse, Horkheimer, Habermas) também obtêm receptividade notável entre os intelectuais brasileiros, a darem sustentação à resistência à ditadura civil-militar recém-implantada no país, no bojo das rebeliões estudantis de 1968. Benjamin, por exemplo, é objeto de inúmeros estudos entre nós.

Outras portas, por onde a Alemanha se insinua no Brasil encontram-se em outras áreas, como a arquitetura, a música, a pintura, embora constituam campos ainda necessitados de exames intertextuais e interdisciplinares. Lembremo-nos que Brasília, por exemplo, é uma filha da *Bauhaus* alemã e que as casinhas de enxaimel do Sul do país não são a única herança.

No campo da música há que ver a influência de Arnold Schönberg na música dodeca-fônica de Hans Joachim Koellreuter, seu introdutor no Brasil, ou de seus cultivadores como, por exemplo, Cláudio Santoro, Guerra Peixe, Eunice Catunda, Edino Krieger, Ernest Widmer, Lindenbergh Cardoso, Rufo Herrea, Jarmy de Oliveira, Fernando Cerqueira, Paulo Lima. Ou ainda a recepção de Stockhausen e sua música atonal.

Igualmente, constituem material de pesquisa as relações da pintura expressionista alemã com a obra de Portinari e de Tarsila do Amaral, entre outros.

Lembremo-nos igualmente que a brasileira Marcia Haydée foi durante muito tempo prima bailarina, e até 1996, diretora do Ballet de Stuttgart e que certamente deve trazido para o Brasil muito da técnica alemã. Também neste âmbito, a Alemanha surge como o país dos artistas.

No âmbito religioso há que ressaltar que os alemães, com seu luteranismo forçam a abertura religiosa no país. Na área médica, não se pode esquecer a medicina antroposófica, assim como se deve recordar a pedagogia ou a filosofia “Waldorf” de Rudolf Steiner.

Por terem chegado em famílias (ao contrário dos portugueses, em geral), os imigrantes de língua alemã instauram na educação das crianças uma importância, que não existia no Brasil da época. Com eles, surgem muitas escolas.

As práticas agrícolas por eles promovidas estabelecem o minifúndio, coisa nova no Brasil de então, que obriga a uma mudança econômica radical. Trazem esses imigrantes, além disso, também o apego à terra, o cultivo da beleza dos jardins domésticos, a integração entre homem e natureza, o amor à música com a criação de bandas e filarmônicas.

Também as grandes indústrias alemãs (Volkswagen, Osram, Basf, Bayer, Oetker, etc.) vieram e estão presentes no Brasil, o que, a princípio, significa diálogo entre executivos das duas nacionalidades e intercâmbio de *know how*, impulsionando o Brasil para dentro da sociedade industrial.

Resumindo: embora as imagens dos alemães, que circulam popularmente pelo Brasil, em parte provenientes das obras da literatura brasileira, ressaltem indivíduos autoritários, marcados pelo racismo e pelo militarismo, o certo é que estes alemães também trouxeram ao Brasil novas formas de pensar, pois contribuíram para o desenvolvimento da filosofia a partir de Kant, bem como novas formas de vida que, de certo modo, ajudaram a delinear um contraste entre um Brasil do sul e um Brasil do norte.

O que se apresenta acima mostra que as imagens negativas dos alemães têm suas raízes, sobretudo, no convívio tumultuado dos seus imigrantes com os brasileiros, convívio este registrado em obras da literatura nacional até hoje lidas e também em acontecimentos históricos dramáticos. Todavia, para além dos livros escritos em português, há uma imensidão de textos, publicados em alemão no Brasil, escritos pelos próprios imigrantes ou por seus descendentes, a oferecer outras perspectivas desse processo de aculturação. Textos esquecidos, porque no Brasil poucos leem a língua alemã. Além disso, os lugares onde esses textos se encontram arquivados estão geograficamente pulverizados: Porto Alegre, São Leopoldo, Ijuí, Joinville, Blumenau, Florianópolis, São Paulo, Rio de Janeiro. Talvez o maior acervo seja o de São Paulo no Instituto Martius-Staden.<sup>5</sup>

## **FONTES BIBLIOGRÁFICAS**

Bader, Wolfgang. "Entre a metafísica e o trabalho: os alemães na literatura brasileira". Revista *Humboldt* n° 52, 1986, p. 49-60.

---

5 Para ultrapassar esses bloqueios foi criado no Instituto Martius-Staden um macroprojeto de pesquisa intitulado "LIBEA – Literatura brasileira de expressão alemã", on line, composto por e-books, um para cada autor pesquisado.

Fouquet, Carl. *Der deutsche Einwanderer*. São Paulo, Porto Alegre: Instituto Hans Staden e Federação dos Centros Culturais "25 de Junho", 1974.

Oberacker, Karl. H. *Der deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation*. São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de julho, 1978.

Rouanet, Sérgio Paulo. "O caso Walter Benjamin. A recepção deste pensador reconhecido está inserida numa longa tradição de acolhida calorosa da filosofia alemã no Brasil". Revista *Humboldt* nº 74, 1997, p. 22-25.

Schreiner, Renate. *Entre ficção e realidade. A imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul*. Lajeado: FATES, 1996.

### 3. Brasil espelhado em prosa e verso

10 livros sobre o assunto\*

1. Imagologia: Uma pitada teórica
2. Brasil no espelho da literatura canônica
3. Brasil no espelho da literatura de imigrantes de língua alemã
4. Brasil no espelho da literatura do exílio de língua alemã
5. Brasil no espelho da literatura de viagens de língua alemã

#### **Imagologia: uma pitada teórica**

As observações e as posteriores reflexões sobre as imagens do outro devem ter começado lá nos primórdios da (in)civilização humana, quando uma tribo pensava em conquistar outra tribo ou quando era obrigada a organizar sua defesa. O sucesso, tanto numa quanto noutra empreitada, exigia no mínimo o conhecimento do espaço geográfico, da língua e dos costumes do outro, isto é, do não-eu, do vizinho, do estrangeiro, do inimigo. Todas essas observações e reflexões eram e continuam sendo efetuadas sempre a partir de um mesmo ponto – do eu. O outro, em si e como um todo, é inacessível. Portanto, o que um eu vê e reconhece como outro é sua própria projeção ou autoimagem, ou seja, qualquer heteroimagem não passa de uma autoimagem compartilhada. Deve haver determinadas constantes (algoritmos?) comuns nas projeções/imagens de determinados grupos humanos e mesmo nas projeções/imagens de toda a humanidade, pois a essas constantes se deve o entendimento fantástico, que, sim, EXISTE entre as pessoas, os grupos e os povos. Por mais que divirjamos, comungamos de um substrato cognitivo que nos torna capazes de criar civilizações. São essas constantes que formatam as imagens do senso comum, da verdade, da realidade. Muitas dessas constantes são culturalmente construídas, algumas (poucas?) são inatas, não esquecendo que tudo isto está enquadrado em nossas circunstâncias cósmicas.

Não incluo aqui, porque estão fora da minha alçada, questões acerca da realidade apenas comprovada através de equações matemáticas (mecânica quântica), realidade essa que existiria para além da mediação do eu. Mas pergunto-me, se mesmo nesse caso, a realidade observada pelo prisma das equações não precisaria da irreduzível mediação do eu para ser percebida, injetada e compartilhada.

No mundo ocidental, a curiosidade por outros povos e pelos textos, literários ou não, em que esses outros povos são verbalmente retratados, sem intenção bélica, tornam-se notáveis na Alemanha Romântica com Johann Gottfried von Herder

---

\* Nota: Este texto foi originalmente publicado no *Guia bibliográfico da FFLCH-USP* no capítulo "Brasil-Países de língua alemã: relações literárias". On line.

(1744–1803), Lessing, Goethe, os irmãos Schlegel. Herder, por exemplo, molda um conceito para povo: uma comunidade que habita o mesmo recorte geográfico, fala a mesma língua, comunga de uma mesma literatura, das mesmas artes, da mesma filosofia, da mesma história, da mesma política, em oposição a outra que fala outra língua, compartilha outra literatura etc.

Em 1810, a célebre Madame de Staël, fugindo de Napoleão e exilada na Alemanha, reúne em livro suas observações e reflexões sobre franceses e alemães, e tece, assim, em *De l'Allemagne* (Da Alemanha), famosas imagens desses povos que lhes haveriam de definir a identidade durante muito tempo.

Mas a investigação sistemática das imagens literárias de países surge na universidade francesa como um desdobramento interno à literatura comparada.

Em 1922, Jean-Marie Carré é convidado para a cátedra de literatura comparada na Columbia University em Nova York e, em 1923, começa a publicar *Images d'Amérique* (Imagens da América). Com isso, dentro da literatura comparada, abre espaço para um campo de investigações que vem a ser chamado de imagologia literária e que haveria de cruzar uma outra área de estudos chamada etnopsicologia e com ela se embolar.

Em 1951, Marius-François Guyard, ao publicar sua *La littérature comparée*, oferece ao leitor um inédito capítulo imagológico/etnopsicológico intitulado “L' étranger tel qu' on le voi” (o estrangeiro tal como é visto).

Mas, se na França a literatura comparada e a imagologia seguem de vento em popa, no resto da Europa isso não acontece, particularmente na Alemanha. As duas Grandes Guerras põem um freio ao cosmopolitismo até então em franco crescimento. As fronteiras nacionais ficam muito fortalecidas após as acérrimas rivalidades sangrentas, e o entrincheiramento nos territórios delimitados de cada país acaba levando ao resgate e ao empoderamento do conceito de literatura/filologia nacional, colocando-o no centro das atenções como instrumento identitário de cada povo.

Nesse meio tempo, também os estudos teóricos da literatura avançam em outras direções: o *New Criticism* ganha força nos USA e o Formalismo Russo chega à Europa.

No segundo volume do *Yearbook of comparative and general literature* de 1953 e nos dois primeiros congressos da Associação Internacional de Literatura Comparada (ICLA) em Veneza (1955) e em Chapel Hill (1958) respectivamente, René Wellek, influenciado pelas novas abordagens literárias, põe na berlinda todos os estudos de literatura comparada e, por extensão, os de imagologia, acusando seus adeptos de não se ocuparem com a genuinidade do texto literário. São de sua autoria os

textos demolidores: “The concept of comparative literature” (O conceito de literatura comparada), “The name and nature of comparative literature” (O nome e a natureza da literatura comparada) e “The crisis of comparative literature” (A crise da literatura comparada).

Essa crise prolonga-se até 1966, quando Hugo Dyserinck publica o ensaio “Zum Problem der ‘images’ und ‘mirages’ und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft” (O problema das ‘images’ e ‘mirages’ e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada) – on line. Diz ele:

Em primeiro lugar, está o problema da difusão da *miragem allemand* durante o longo e diversificado período que Carré se propôs a estudar. Carré partiu da premissa de que as imagens falseadas da Alemanha, provenientes de Mme de Staël, eram co-responsáveis pelo desenvolvimento da política francesa em relação à Alemanha que, tanto em 1870 como em 1940, havia alcançado, nas derrotas, seu ponto mais baixo. Mas o que havia de correto nesta ideia? Hoje, quando a sociologia da literatura faz incidir seu interesse na relação entre obra e leitor e até desenvolve métodos para pesquisar essas questões, seria uma tarefa gratificante verificar de que modo uma tal imagem literária do outro país influencia, realmente, os juízos e preconceitos extra-literários. A ênfase, neste caso, deve ser colocada primeiro sobre o aspecto exclusivamente literário da *mirage* e, só depois, deve ser formulada a pergunta quanto ao alcance extra-literário. Enquanto as *images* ou *mirages* literárias exercerem, de fato, influência concreta sobre a opinião pública, poderão constituir objeto legítimo da pesquisa literária, pois a repercussão da literatura bem como sua gênese dela fazem parte. Mas, neste caso, também é tarefa desta pesquisa sócio-literária comprovar o como da repercussão e não apenas citar e alinhar irrefletidamente as *images* e *mirages*, sem considerar o que é importante e o que não é, como no caso de certos desdobramentos errados da *Stoffgeschichte*. Dito de outro modo: esta pesquisa só se torna científica, distinguindo-se da simples coleta de material, no momento em que a pergunta relativa à repercussão é colocada de maneira correta e passa a contribuir para sua elucidação. (Trad. Karola Zimmer. Dyserinck 1966, p. 114-115).

Trata-se de uma resposta à crise instaurada por Wellek. Dyserinck retoma o livro de Carré e o capítulo “L’ étranger tel qu’ on le voi” da obra de Guyard e passa a demonstrar a pertinência do estudo das imagens de países no âmbito das investigações genuinamente literárias, mormente no domínio da literatura comparada/imagologia. Aplica, à análise das imagens, os preceitos tanto do *New Criticism* quanto do Formalismo Russo e afirma que essa investigação tem por objetivo deslindar o significado dessas imagens dentro da obra a que pertencem e também determinar suas ligações com as áreas culturais (artísticas, filosóficas, históricas, políticas) fora do texto, que, de alguma forma, o condicionam. E, assim, o objetivo da investigação imagológica passa a ser identificar e desconstruir a montagem e manipulação de imagens estereotipadas – imago-tipos – de países dentro de textos literários para as desideologizar. É neste pé que se encontra a imagologia hoje.

### **Leituras recomendadas:**

Carvalho, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

Ribeiro de Sousa, Celeste. *Do cá e do lá*. Introdução à Imagologia. São Paulo Humanitas/Fapesp, 2004.

### **Outras sugestões:**

Dyserinck, Hugo. Zum Problem der 'images' und 'mirages' und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft . In: *Arcadia*. Zeitschrift für Vergleichende Literaturwissenschaft. Berlin De Gruyter, 1966, vol. 1, p. 108-120. Tradução on line.

Madame de Staël. *Da Alemanha*. Trad. Edmir Míssio. São Paulo: Ed. UNESP, 2016.

Ribeiro de Sousa, Celeste. A imagologia no Brasil: primeira tentativa de sistematização. In: *Revista de Literatura Comparada* 14, 2009, p. 37-55. On line.

Wellek, René. The concept of comparative literature. In: *Yearbook of comparative and general literature*. Bloomington: Indiana University, 1953, vol. 2, p. 1-5.

Wellek, René. O nome e a natureza da literatura comparada. Trad. Marta de Senna. In: Coutinho, E. & Carvalho, Tânia (orgs.) – *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 120-148.

Wellek, René. A crise da literatura comparada. Trad. Maria Lúcia Rocha-Coutinho. In: Coutinho, E. & Carvalho, Tânia (orgs.) – *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 108-119.

### **O Brasil no espelho da literatura canônica**

Se existem imagens – auto e heteroimagens – de países, veiculadas em obras literárias, deve-se perguntar que imagens são essas, pois elas têm a ver com autoconhecimento e conhecimento do outro numa relação muito intrincada. Sabe-se que o autoconhecimento ou a identidade quer do indivíduo quer do grupo não é um fenômeno estático, mas sim um processo relacional contínuo.

Por razões práticas, restringimo-nos ao caso das imagens do Brasil. Onde se encontram as primeiras imagens do país? Na literatura de viagens. As primeiras imagens do Brasil são formatadas a partir de fora, isto é, da perspectiva de viajantes europeus.

Lembremo-nos da Carta de Pero Vaz de Caminha (*Carta a el-rei dom Manuel*), escrita por um português em 1500, mas só tornada pública em 1817, 317 anos depois! Recordemos o *Tratado da Província do Brasil* e o *Tratado da Terra do Brasil* redigidos talvez por volta de 1573 por Pero Magalhães Gandavo, um outro português, mas só em 1576 reunidos e impressos com o título a *História da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Pensemos no Tratado descritivo do Brasil de Gabriel Soares de Souza, escrito em 1578. Evoquemos *Diálogos das grandezas do Brasil* de Ambrósio Fernandes Brandão, compostos em 1618.

Contudo, não foram só portugueses que configuraram as primeiras imagens do Brasil. Pelo menos, alemães e franceses também o fizeram. Já em 1515, começara a circular na Alemanha um pequeno texto impresso com o seguinte título *New Zeitung aus presillandt* (Nova gazeta da terra do Brasil), de autor desconhecido. Em 1557, o alemão Hans Staden, que estivera no Brasil e fora feito prisioneiro dos índios em Itanhaém – caso assinalado por uma placa no Largo da Igreja Matriz –, faz publicar em Marburg sua verdadeira história: *Wahrhaftige Historia. Zwei Reisen nach Brasilien...*, traduzida para o português com o título encurtado *Duas viagens ao Brasil*.

E, depois dele, os alemães viajantes nunca mais pararam de vir ao Brasil e de escrever sobre o país.

Em 1558, o francês André Thevet publica *Les singularitez de la France Antarctique* (As singularidades da França Antártica) e em 1578, Jean de Léry traz a lume *L'histoire d' un voyage fait em la terre du Brésil, autrement dit Amérique*, relato traduzido como *Viagem à terra do Brasil*.

Imagine-se com que curiosidade e força imaginativa essas leituras eram feitas na Europa, comentadas e transmitidas adiante com todos os ruídos inerentes à comunicação oral. Está-se no albor do século XVI, o homem europeu acaba de sair da Idade Média. De que espécie de imagens dispõem os primeiros viajantes e seus leitores para acomodar a cognição das novas paisagens do novo mundo, não apenas as físicas, mas, sobretudo, as humanas, tão díspares das conhecidas e familiares europeias? Têm à disposição descrições dos mundos míticos judaicos, gregos e romanos. E é com essas imagens que trabalham. Assim, não é de admirar que, nessas priscas eras, acreditem ser nesse novo mundo que se encontra o paraíso há tanto tempo procurado e não encontrado.

Da literatura de viagens, a imagem do Brasil passa à literatura canônica. A literatura de língua alemã e outras contam com inúmeros autores que recorrem às aventuras e aos exotismos registrados pelos viajantes para compor suas tramas e seus enredos. Sobressaem a paisagem física (*locus ille locorum e/ou locus horridus*, solo primordial); a paisagem social (bucolismo tropical, Eldorado, refúgio político, local sagrado); a paisagem humana (índio, estrangeiro, brasileiro). O alemão Alfred Döblin, que nunca esteve no Brasil, por exemplo, dedica o segundo volume – *Der*

*blaue Tiger* (O tigre azul) de sua trilogia *Amazonas* à ficcionalização da catequese dos índios brasileiros no século XVI. Relata ele:

Eles [os jesuítas] avançavam pelo extenso vale, irrigado pela água preciosa do rio Paraná, avançavam pelo vale dos laranjais, das plantações de cana-de-açúcar, de mandioca e de milho, pelo vale dos cânticos sagrados e de paz. Eles calcorreavam as gramadas planícies ondulantes da savana, pássaros esvoaçavam no ar quente, de quando em quando, pequenas avestruzes passavam correndo, viam-se árvores até então desconhecidas, que elevavam suas folhagens em ramos que pareciam candelabros, eram as araucárias, que os jesuítas haviam plantado e que, agora, já se haviam espalhado até as bandas do oeste. (Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. Döblin 1963, p. 439).

Também a alemã Marie Luise Kaschnitz, que teve um breve contato com o país, assim poetiza o que ouviu falar dos bandeirantes:

#### **Quartzo róseo**

À noite quero partir  
Um bandeirante  
À procura do ouro dos pores-do-sol  
À procura do raio de luz verde  
Que antecede a escuridão.  
Quero trazer para casa  
Peles de cobra-coral  
Também uma arvorezinha cheia de papagaios  
Para plantá-la entre mesa e cama  
Também quatro folhas onduladas de quartzo  
Um cálice  
A rosa das rosas

(Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. Kaschnitz 1973, p. 23).

E como o Brasil lidou e lida como assunto?

O problema coloca-se com a independência do país em 1822. No concerto internacional, o Brasil precisa ter um rosto, uma identidade, uma imagem sua. Quais são os traços identitários positivos do Brasil? As paisagens exuberantes e belas, já apreciadas pelos viajantes, e os índios, que haviam deixado os europeus extasiados. Faltava agora imprimir essas imagens numa literatura própria. Estrangeiros franceses (Ferdinand Denis) e portugueses (Garrett e Herculano) correm em auxílio. E, em 1865, o brasileiro José de Alencar tece a primeira autoimagem nacional paradigmática do Brasil em *Iracema*: uma paisagem tropical paradisíaca a envolver um híbrido étnico de português e índia – o mito fundador da nação. Com o tempo, essa autoimagem vai-se alargando e complexificando. Em tempos recentes, José Aderaldo Castello em sua *A literatura brasileira* distingue três vertentes nas tentativas literárias de enformar o Brasil em imagens identitárias: a vertente rural, a vertente urbana, a vertente histórica. Porém, para além dessa segmentação, há obras, não tantas, em que o Brasil surge como um caleidoscópio

de facetas, dando forma a um todo altamente diversificado – a um só tempo rural, urbano e histórico –, um rosto mais parecido com a realidade do país.

Mário de Andrade em *Macunaíma* talvez tenha sido o primeiro a preocupar-se com a configuração desse todo caleidoscópico. Darcy Ribeiro também viu o Brasil dessa perspectiva holística. Veja-se a ilustração que segue, extraída do seu romance *Maíra*:

Aqueles meses de convívio inelutável da maloca quase me enlouqueceram. Só na prisão das quatro paredes me senti assim contido e constrangido. Condiçionados a viver em casas com muros e portas para nos isolar, para nos esconder, não suportamos aquela comunicação índia sem fim, de dia e de noite, vivendo sempre uma vida totalmente comungante. Eu às vezes fugia para me procurar pelos matos. (Ribeiro 1996, p. 205).

### **Leituras recomendadas:**

Holanda, Sérgio Buarque de. *Visões do paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

Ribeiro de Sousa, Celeste. Retratos do Brasil. *Heteroimagens literárias alemãs*. São Paulo: Arte & Cultura, 1996.

### **Outras sugestões:**

Andrade, Mário. *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

Castello, José Aderaldo. *A literatura brasileira*. Origens e unidade. São Paulo: Edusp, 1999, 2 vols.

Döblin, Alfred. *Amazonas*. Olten und Freiburg in Breisgau Walter, 1963.

Döblin, Alfred. *O tigre azul*. Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. Londrina/São Paulo: Aetia, 2022.

Kaschnitz, Marie Luise. *Ein Wort weiter*. Frankfurt a. M. Suhrkamp, 1973.

Leite, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Pioneira, 1969.

Ribeiro, Darcy. *Maíra. Um romance dos índios e da Amazônia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Ribeiro de Sousa, Celeste. Uma fenomenologia da desespiritualização (Robert Menasse). In: Bolle, Willi & Kupfer, Eckhard (orgs.). *Relações entre Brasil e Alemanha na época contemporânea*. Santos: Editora Brasileira de Arte e cultura, 2015, p. 89 e 91.

## O Brasil no espelho da literatura de imigrantes de língua alemã

Todos sabem: o Brasil é um país de imigrantes. Só os indígenas são autóctones. E, ainda assim, há controvérsias discutidas no âmbito da arqueologia. O fóssil humano Luzia aponta em outra direção e há descobertas arqueológicas mais recentes.

Dentre os imigrantes que vieram habitar o solo brasileiro encontram-se europeus (sobretudo, portugueses, espanhóis, alemães e italianos), africanos e asiáticos (sobretudo japoneses e coreanos). Muitos chegam a ocupar cargos no governo brasileiro, como é o caso notório de Karl von Koseritz. Essas comunidades étnicas aqui no Brasil desenvolveram comunicação oral e escrita em suas línguas maternas. Vou restringir-me ao caso alemão, pois é o que conheço.

Os imigrantes alemães e, depois, seus descendentes criaram uma respeitável rede de comunicação em língua alemã entre os vários grupos estabelecidos no país. Da imprensa escrita, além dos jornais, os *Kalender* (Anuários) são de especial importância para a construção de imagens literárias do Brasil, porque neles também são veiculados textos poéticos. Sua temática, na grande maioria dos casos, recai sobre o país de adoção desses imigrantes, que, posteriormente, também é pátria de suas proles. Temas como a dualidade identitária desses indivíduos e também de seus descendentes são trabalhados das mais diversas perspectivas: o Brasil visto como falsa e verdadeira terra prometida; o Natal brasileiro comparado ao Natal alemão; a idealização dos antepassados alemães; o amor dentro do mesmo grupo étnico ou entre diferentes comunidades (alemães imigrados, alemães/brasileiros, brasileiros, etc.); a paisagem; a colonização e o povoamento das terras do Brasil; o folclore brasileiro; a participação em guerras/levantes brasileiros. Dois exemplos:

Lá fora a tempestade rugia e o minuano atirava a chuva gelada contra as janelas da casa de Schulze. Ele tinha fechado a loja, não só por causa do tempo ruim, mas também porque uma corja perigosa andava pelas redondezas e porque corriam boatos sobre a presença do *Menino diabo*, aquele ladrão ousado dos tempos da Revolução.

Era pelas sete horas da noite, já havia escurecido havia uma hora e meia, pois estava-se no mês de junho, quando os dias são curtos e as noites infinitamente longas. Se lá fora havia desassossego, tanto mais confortável era estar na sala do velho Guilherme Schulze. Chamavam-no de velho por causa dos cabelos totalmente grisalhos, embora tivesse apenas quarenta e dois anos. A grande sala oferecia quase um conforto urbano e nem sequer ali faltava o, à época, moderno fogão de ferro, que espalhava o calor pela casa. (Trad. Alceu Gregory. Koseritz 1875, p. 34).

Agora soam sons estranhos de árvore para árvore e abalam o seu ser num medo súbito. Tremem numa dor surda e numa raiva impotente. O que escutam é o cântico de guerra da sua destruição.

A floresta suspende a respiração e fica à escuta.

Agora corre um segredar de tronco a tronco. Terá sido a peroba, velha de muitos séculos, que deu a ordem?

Até mesmo os pérfidos cipós sussurram àqueles de que se alimentam e folhas em queda passam notícia às ervas e às samambaias: Queremos vingança! Não há-de ser impunemente que destroem o nosso esplendor. E uma árvore esgalhada e retorcida, que goza de reduzida reputação entre as suas companheiras, tem um riso pérfido e escarinho: "Eu vou executar a vingança." (Trad. Maria Antônio Hörster. Zwanziger 2000, p. 33).

Há ainda a considerar as inúmeras traduções de obras literárias brasileiras canônicas para a língua alemã realizadas por esses imigrantes ou seus descendentes, numa tentativa de conhecimento do outro, quer dizer, do país de adoção, uma seara ainda à espera de pesquisadores interessados.

Aliás, já é tempo de as histórias da literatura brasileira abrirem um capítulo para esse fenômeno das literaturas das imigrações tão marcadamente brasileiro.

### **Leituras recomendadas:**

Ribeiro de Sousa, Celeste. Literatura brasileira de expressão alemã. In: *Sibila*. Revista de poesia e crítica literária. São Paulo, 12 dez. 2009. On line.

Seyferth, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

### **Outras sugestões:**

Fleischer, Marion. *A poesia alemã no Brasil*. Tendências e situação atual. São Paulo: FFCL-USP, Boletim n° 311, 1967.

Freitas, Ingrid Assmann. *A máscara cai. Wolfgang Ammon no contexto da literatura teuto-brasileira*. São Paulo: Arte & Cultura, 1995.

Huber, Valburga. *Saudade e esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau: editora da FURB, 1993.

Huber, Valburga. *A ponte edênica. Da literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer*. São Paulo Annablume, 2009.

Koseritz, Carl von. *Die Sühne. Erzählung aus der Colonie (A expiação. Um conto da colônia)*. In: *Koseritz' Deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul*. Porto Alegre Walther Kühn, 1875, p. 33 63. Também em *Carl von Koseritz (1830-1890): vida e obra*. On line.

Ribeiro de Sousa, Celeste. *Da inesperada potencialidade da literatura brasileira de expressão alemã*. In: *Uphoff, Dörthe et alii. 75 anos de alemão na USP. Reflexões sobre uma germanística brasileira*. São Paulo: Humanitas, 2015. On line.

Ribeiro de Sousa, Celeste. A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica. In: *Pandaemonium Germanicum*. São Paulo, v. 19, n.28, out. 2016, p. 45-73. On line.

Ribeiro de Sousa, Celeste. *A narrativa literária no Anuário do Correio-Serrano após 1948: temas*. São Paulo FFLCH USP, 1980.

Zwanziger, Iris. Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik. Trad. Maria Antônia Hörster. In: Zwanziger, Iris. *Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 31-34. Também em *Hilda Siri (1918-2007): vida e obra*. On line.

## O Brasil no espelho da literatura do exílio de língua alemã

Quando se fala de exílio de língua alemã no Brasil, o nome que logo brilha no horizonte é o de Stefan Zweig, aquele escritor austríaco com perfil de dândi, que foi recebido por três vezes no Brasil para dar palestras entre 1940 e 1941, vindo de Nova York, e que escreveu um livro altamente elogioso a respeito do nosso país, intitulado *Brasil, um país do futuro* (1941). Aquele que se exilou em Petrópolis e, depois, lá se suicidou.

E, no entanto, há tantos outros exilados de língua alemã, que aqui encontraram refúgio e igualmente bem disseram do Brasil.

Há exilados políticos de língua alemã no Brasil já no século XIX. Um caso importante, mas pouco conhecido, é o de Julia Engell-Günther, que se tornou escritora.

Contudo, a maioria dos autores de língua alemã exilados no Brasil são comunistas e/ou judeus e para cá vieram, fugindo ao regime nazista de Adolf Hitler (1933-1945), não porque tivessem escolhido o país, mas porque a sorte lhes abriu as portas aqui. Getúlio Vargas governou o Brasil com todas as polêmicas políticas que o envolveram. É de se esperar que a marca dos textos literários produzidos por esses exilados seja a resistência a um regime anti-intelectual, anti-libertário, contrário às liberdades individuais, ou seja, a resistência ao nacional-socialismo alemão. Entretanto, nesses textos também despontam imagens denunciadoras de brasileiros de pendores nazistas em meio a paisagens belamente configuradas e a espaços urbanos degradados, como se pode observar em alguns livros de Ulrich Becher sobre o Brasil.

A seguir, uma pequena ilustração da peça de Ulrich Becher – Samba –, mais precisamente, de um trecho da fala de um delegado de polícia brasileiro – Heredia –, que arranha o alemão, com um judeu refugiado austríaco na imaginária Ibarahy-na-Serra:

HEREDIA [em português]: Muito rebelde, muito rebelde. [Em alemão macarrônico]: Agora dou-lhe abrigo, meu amiguinho rebelde. Vosmecê vem da Europa assim direto pra Ibarahy-na-Serra e,

quando a gente põe samba pra tocar, aí vem vosmecê e grita: parem com o barulho e quer negar o carnaval.

[...]

HEREDIA [em português]: Nós, brasileiros, gostamos do barulho, está compreendendo, ó Senhor? [Em alemão macarrônico]: Nós a-m-a-m-o-s barulho, música, cantoria, clarinete, tambor, violão, tamborim, samba. S-a-m-b-a! Samba, Senhor. Nós adoramos isso. E, se o Senhor não gosta, vá-se embora para a Europa.

[...]

HEREDIA [em alemão macarrônico]: mas o que eu não gosto é descortesia. Berros, isso é perigoso, é um dois três e vosmecê tem uma faca enterrada na barriga e a polícia não vai ajudar...

(Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. Becher 1957, p. 33).

Há aqueles refugiados que, à semelhança de Willy Keller, se engajam com o teatro, em particular com o teatro do negro. Trata-se de obras pouco conhecidas, porque normalmente publicadas em língua alemã em editoras não brasileiras. Até hoje, com pouquíssimas exceções, aguardam tradução.

### **Leituras recomendadas:**

Dines, Alberto. Morte no paraíso. *A tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

Kestler, Izabela. Exílio e literatura. *Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. Trad. Karola Zimber. São Paulo: Edusp, 2003.

### **Outras sugestões:**

Becher, Ulrich. Samba. In: Becher, Ulrich. *Spiele der Zeit*. Hamburg: Rowohlt, 1957. Também em *Ulrich Becher (1910-1990): vida e obra*. On line.

Dijn, Rosine de. *O navio do destino*. Trad. Kristina Michahelles e Marina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Eckl, Marlen. *“Das Paradies ist überall verloren”*. *Das Brasilienbild von Flüchtlingen des Nationalsozialismus*. Frankfurt a. M.: Vervuert, 2010.

Eckl, Marlen. O exílio no Brasil ou “a Europa no meio do mato”: desencontros entre Stefan Zweig e Ulrich Becher. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)* nº 53, São Paulo, 21 nov. 2011. On line.

Kestler, Izabela. A literatura em língua alemã e o período do exílio (1933-1945): a produção literária, a experiência do exílio e a presença de exilados de fala alemã no Brasil. In: *Itinerários*. Araraquara, 23 (115-135), 2005. On line.

Zimber, Karola. *Willy Keller (1900-1979): vida e obra*. On line.

## O Brasil no espelho da literatura de viagens de língua alemã

Há vários tipos de viajantes que percorrem o Brasil desde sua descoberta. Os viajantes de notório saber chegam ao nosso país com a princesa Leopoldine, quando esta se desloca da Áustria ao Brasil para desposar o príncipe herdeiro, Pedro. Um desses viajantes é Carl Friedrich Philipp von Martius. E quem viaja de carona na leitura das cartas e das anotações de Martius (e Humboldt) é Goethe. Martius, além de botânico até hoje reconhecido, também escreve um romance – *Frey Apollonio*. Um romance do Brasil. De uma de suas obras – *Viagem pelo Brasil 1817-1820* –, extraímos o seguinte trecho:

Esta lenda foi-me tantas vezes narrada, quanto a das Amazonas, e Monteiro menciona mesmo o testemunho, sob juramento, de um missionário, que, no ano de 1752, vira um índio das matas do Papurá que tinha um rabo comprido de cinco polegadas, sem pelos. O devoto padre acrescentara haverem-lhe assegurado que essa cauda crescia depressa e era preciso, por isso, apará-la de quando em quando. O engano fora motivado, neste caso, provavelmente pelo cinto de casca de árvore, que costumam usar diversas nações no alto Japurá, como por exemplo, os miranhas. De resto, outra singular notícia, além da lenda dos índios de rabo, coloca ainda outros prodígios naturais, justamente naquelas regiões entre o Alto Purus e o Juruá. Contam que ali existem os cauanãs, tribos de anões e segundo outras notícias, de gigantes com 16 palmos de altura. Assim como os tamanacos colocam nas margens do Rio Cuchiueno as amazonas e o único casal de antepassados que escapou ao dilúvio, também os índios brasileiros situam a maioria das suas lendas nas nascentes do Purus e do Juruá, e, daí, para o sul, nas bacias desconhecidas do Beni e do Madeira. Tão generalizadas como essas fábulas e outras semelhantes, entre quase todas as tribos indígenas do Brasil, correm as idéias sombrias de espectros e de demônios fantásticos. São elas uma das mais importantes provas de um estado primitivo desses povos, quando na verdade não se acharam em grau mais alto de civilização, mas vivendo mais próximos uns dos outros, podiam formar conceitos tão idênticos, como os que atualmente vemos espalhados de modo surpreendente em todo o Brasil. (Spix & Martius 1981, vol. 3, p. 144).

Pelos textos e pelas imagens do Brasil que os viajantes nos deixaram, é possível acompanhar as transformações sofridas pelo país desde 1500 – ano que marca o começo de sua visibilidade para os olhos do Ocidente.

### Leituras recomendadas:

Lisboa, Karen M. *Mundo novo, mesmo mundo. Viajantes de língua alemã no Brasil (1893-1942)*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2011.

Bolle, Willi & Kupfer, Eckhard (orgs.). *Cinco séculos de relações brasileiras e alemãs*. São Paulo: Editora Brasileira de Arte e cultura, 2013.

**Outras sugestões:**

Lisboa, Karen M. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na "Viagem pelo Brasil (1817-1820)"*. São Paulo: Hucitec, 1997.

Martius, Carl F. Ph. *Frey Apollonio. Um romance do Brasil*. Trad. Erwin Theodor. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

Spix & Martius. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo e Belo Horizonte: EDUSP e Itatiaia, 1981, 3 vols.

## 4. A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica\*

### O “estado da arte”

Trata este texto de uma literatura que designo de “literatura brasileira de expressão alemã”. Como classificar a literatura que os imigrantes de língua alemã publicam no Brasil sobre o Brasil e sobre outros vários temas? Como classificar a literatura que seus descendentes, já brasileiros, continuam a publicar em língua alemã e, às vezes, em português sobre esses mesmos temas? Durante muito tempo, essa literatura foi chamada literatura teuto-brasileira. Porém, o adjetivo “teuto” ou “teutônico” remete para os povos germânicos da antiguidade longínqua, emigrados da Jutlândia e, durante gerações, espalhados pela Europa, onde fundaram vários reinos, um deles o dos francos, assimilado pela França, outro o dos anglos, aglutinado ao Reino Unido em eras remotas, para não falar dos visigodos, que se assentaram na Península Ibérica. Além de “teuto” ser um termo não familiar para brasileiros, seu significado não faz jus à realidade do fenômeno produzido pelos imigrantes de língua alemã e seus descendentes a partir do século XIX no Brasil.

Sem fugir à controvérsia dos nacionalismos associados à literatura, proponho para essas produções literárias a designação de “literatura brasileira de expressão alemã”, porque me parece a mais próxima de um perfil adequado ao assunto em discussão. Afinal, os temas trabalhados nessa produção cultural dizem respeito em sua maioria ao Brasil; a grande maioria dos autores ou é imigrante que aqui fixou residência e aqui morreu, ou é brasileira já nascida no país. Apenas a língua empregada é o alemão e, em alguns casos, também o português. Ao colocar essa produção no âmbito geral da literatura brasileira, atraio o interesse dos leitores brasileiros e, ao particularizá-la com o adjunto “de expressão alemã”, aponto para o fato de ser o Brasil um país de imigrantes das mais variadas procedências, que, de fato, é.

No século XIX e posteriormente, enquanto vão sendo publicadas as obras poéticas canônicas que hoje dão forma à literatura brasileira, muitas outras também vão surgindo e restando desconhecidas.

No grupo das que vão restando desconhecidas, destaco aquelas escritas em língua alemã, por vezes em português, registrando um Brasil de perspectivas peculiares, que vão aparecendo e circulando dentro da comunidade de idioma alemão estabelecida no Brasil, uma comunidade, que, oficialmente, é fundada

---

\*Nota: Este texto foi originalmente publicado em *Pandaemonium Germanicum*. Revista de Estudos Germânicos. São Paulo, v. 19, n. 28, set.-out. 2016, p. 45-73. ISSN 1982-8837. On line.

em 25 de julho de 1824, dia em que um grupo de 43 imigrantes chega ao país e desembarca no antigo Porto das Telhas (hoje São Leopoldo) no Rio Grande do Sul.

Percebi ao longo dos anos que, no Brasil, ao lado da literatura canônica dos países de idioma alemão, tanto a literatura de viagens quanto a literatura do exílio têm atraído cada vez mais pesquisadores, enquanto a literatura da imigração de língua alemã, até há pouco tempo chamada literatura “teuto-brasileira”, sofre uma espécie de sutil, elegante e persistente rejeição, em particular acadêmica. Tenho tentado identificar as causas dessa sutil, elegante e persistente rejeição e, até agora, consegui distinguir algumas.

A mais imediata é a mais óbvia: à exceção das comunidades que cultivam o alemão como a língua materna de seus antepassados, muito poucos no Brasil leem este idioma. A barreira da língua impediu e impede a divulgação ampla de tais textos. Outras razões são verbalizadas por colegas da Academia: trata-se de uma literatura “de almanaque”, uma literatura irrelevante, porque supostamente escrita por gente sem instrução, camponeses, e, assim, sem valor poético. Trata-se de uma literatura ensimesmada, datada, pertencente ao passado, anacrônica. É uma produção ilhada, circunscrita a uma colônia de imigrantes na zona rural brasileira dos séculos passados, envolvida com temas domésticos, menores. De fato, os estudos críticos sobre esta literatura, publicados até agora, se não ajudam a criar essa resistência, não contribuem para desfazê-la, ora porque se baseiam em teorias literárias passadas, marcadas pelo Impressionismo, pela Estilística, pelo *New Criticism*, pelo Formalismo Russo e pelo Estruturalismo, ora porque examinam um corpus, um recorte, uma amostragem muito pequena. Afinal, é de suma importância lembrar o fato de não se conhecer o universo desse fenômeno cultural: o número total dos autores e o número de suas obras é ignorado. Mas todas estas observações são passíveis de correção e, sobretudo, de clareamento: basta pesquisar, analisar e publicar. Porque esta literatura tem, sim, valor poético, embora haja obras de todas as potenciações de significado. Também não se trata de uma produção restrita ao passado, pois continua sendo produzida, embora com bem menos intensidade. Não é igualmente uma produção “ilhada” na zona rural brasileira, porque, a título de exemplos de publicações recentes, que veiculavam textos dessa literatura, há a considerar o jornal *Brasil-Post* e o jornal *Deutsche Zeitung* ou *Deutsche Nachrichten*, que até há pouquíssimo tempo davam a conhecer em língua alemã parte dessa produção literária a todo país. Além disso, existem livros também recentes publicados em português por descendentes de imigrantes de língua alemã, que continuam a tematizar a imigração de seus antepassados, como é o caso de Liti Belinha Rheinheimer, a qual entre 2006 e 2011 publicou a trilogia *O campanário de tempo*.<sup>6</sup>

Assim, as causas mais fundas da sutil, elegante e persistente rejeição a esta literatura devem talvez ser procuradas na história e no imaginário tanto de brasileiros quanto de estudiosos de língua alemã.

---

6 A trilogia *O campanário do tempo* encontra-se no e-book *Liti Belinha Rheinheimer (\*1941): vida e obra*.

Começamos lá atrás no tempo do imperador Pedro I, que incentivava a imigração de gente de fala alemã porque precisa de homens treinados para o exército da jovem nação, para o povoamento de regiões de fronteiras vulneráveis, particularmente no sul do país, e também para aumentar o branqueamento da população brasileira. A integração desses imigrantes à jovem nação não é uma tarefa fácil, não só porque as promessas de paraíso feitas aos imigrantes não se concretizam e os imigrantes enfrentam vida dura no meio de florestas, mas também, conforme o historiador da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Marcos Justo Tramontini, no artigo "A escravidão na colônia alemã (São Leopoldo – primeira metade do século XIX)", porque os brasileiros donos do poder local não permitem essa integração, receosos da grande capacidade de articulação social e da boa instrução que esses imigrantes mostram ter nas colônias. Representam, portanto, uma ameaça ao *status quo* político da época.

Por causa dessa desconfiança teria havido todo um movimento de não aceitação dos imigrantes em geral e dos de fala alemã, em particular, porque estes, além disso, falam uma língua absolutamente incompreensível. Podem-se levantar aqui três episódios ilustrativos dessa presença de língua alemã "incômoda", que merecem destaque: a ação ou inação dos imigrantes alemães e eventualmente de seus descendentes na Farroupilha (1835–1845) e a conseqüente criação da República Rio-Grandense (1836–1845) e, depois, o comparecimento dos mercenários de língua alemã, os chamados Brummer, na Guerra contra Oribe e Rosas, em 1851, como, por exemplo, Karl von Koseritz, o barão von Kahlden, Wilhelm Ter Brüggem, Friedrich Hänsel, Herrmann Rudolf Wendroth, Franz Lothar de la Rue, Carl Otto Brinckmann, Carlos Jansen, Friedrich Adolf Lange, entre outros. Muitos desses mercenários acabam por ficar no país e são assimilados pelas colônias, vindo posteriormente também a tomar parte na Guerra do Paraguai entre 1864–1870 e mesmo a ocupar cargos políticos no Império.

Quarenta e quatro anos depois, durante a 1ª Guerra, os alemães e seus descendentes no Brasil voltam a ser alvo de rejeição. Se o Brasil de 1914, na época governado pelo presidente Venceslau Brás, no princípio, não participa da Primeira Grande Guerra, tendo declarado oficialmente em 4 de agosto desse mesmo ano sua neutralidade, nem por isso sai do conflito ileso: um navio brasileiro, o "Rio Branco", é afundado por um submarino alemão em 3 de maio de 1916, fato que gera comoção nacional. As relações entre o Brasil e o Reich ficam estremecidas. No dia 5 de abril de 1917, outro barco brasileiro, o "Paraná", um dos maiores da marinha mercante, é também torpedeado por um submarino alemão em águas francesas e três brasileiros morrem. Em setembro desse mesmo ano, também o encouraçado "Macau" é atacado. Indignados, os brasileiros levantam-se em manifestações, pedindo do governo uma resposta à altura. O ministro das relações exteriores, Lauro Müller, de origem alemã e favorável à neutralidade brasileira, é obrigado a renunciar. Em Porto Alegre, ocorrem manifestações mais belicosas, que atacam e depredam estabelecimentos comerciais pertencentes a alemães ou

seus descendentes, como, por exemplo, o Hotel Schmidt, a Sociedade Germânia, o clube "Turnerbund" e o jornal *Deutsche Zeitung*. Pressionado, o governo brasileiro declara guerra ao Reich em outubro de 1917 e usa esta circunstância para reprimir com violência os opositores, declarando estado de sítio. Mesmo assim, em 1 de novembro de 1917, é a vez de Petrópolis, onde o restaurante Brahma é totalmente destruído e a "Gesellschaft Germania", a Escola Alemã, a empresa Arp e a sede do *Diário Alemão* são depredados.

Vinte e um anos depois, em 1938, o chamado "perigo alemão", ou seja, a presença da ideologia nazista nas colônias de idioma alemão, assusta o governo de Getúlio Vargas e, por consequência, as escolas alemãs são fechadas e depois, em 1939, o uso do idioma é proibido e os alemães e seus descendentes no Brasil voltam a ser rejeitados por toda a nação brasileira.

Tais situações históricas foram captadas por muitos, entre eles por um dos incentivadores da literatura produzida nas colônias de língua alemã, Ernesto Niemeyer, que mais adiante haveremos de comentar. Às palavras tristes deste crítico, refere-se Juanita Schmalenberg Bezner (1964) no ensaio "Ernesto Niemeyer. Ein Blatt zu seinem Gedächtnis" (Ernesto Niemeyer. Uma página em sua memória). Diz a escritora: "Ninguém apreciava mais que ele o intercâmbio cultural entre o Brasil e Alemanha, mas nos anos pós-guerra, prenhes de ódio, quem se incomodava com obras do espírito e da paz?"<sup>7</sup>. Tais situações históricas são tão fortes que ainda repercutem em 1988. Neste ano, o hoje respeitado escritor austríaco Robert Menasse lança em Viena o romance *Sinnliche Gewißheit* (Certeza sensível). Entre os vários pontos importantes da temática tratada, ressalta a imagem negativa que o autor tece dos imigrantes de língua alemã em São Paulo. Como se sabe, os textos literários são eficazes formadores de opinião de longo prazo e a aquisição do conhecimento repousa sobre um princípio conhecido como "generalização". O que se escreve no livro de Menasse e, eventualmente em outros, sobre os imigrantes de língua alemã em São Paulo acaba por projetar-se sobre todos os imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil.

Não está aqui em causa nenhuma defesa camuflada de censura. A literatura deve manter-se terreno livre, que sempre foi. Ao contrário, o que aqui se defende é o exame competente, livre de todos e quaisquer preconceitos, das produções desses imigrantes e de seus descendentes no Brasil, pois elas são uma parte da cultura brasileira que merece ser iluminada. Por isso, insisto na divulgação e no estudo dessa literatura e ajo animada pelas palavras de Boris Fausto, em sua introdução ao livro *Fazer a América*, onde declara (1999, p.11) que o interesse tardio do Brasil pelas questões da imigração só agora começa a despertar, porque em primeiro plano apareceram o problema do negro e das migrações internas para investigar. Também me animam, no plano dos estudos literários, os horizontes abertos pelos

---

7 Trad. de Celeste Ribeiro de Sousa. "Der Austausch von brasilianischen und deutschen Kulturgütern lag keinem mehr denn ihm am Herzen, aber wer fragte schon in den hassgeschwängerten Nachkriegsjahren nach den Werken des Geistes und des Friedens?" (Bezner 1964, p. 89).

estudos culturais, que admitem como dignos de estudo não apenas os textos reconhecidamente canônicos, mas também todos os não canônicos, ou seja, todos os textos que se encaixam na escala, que vai “do grau zero da escritura” (Roland Barthes), quero dizer, da escrita “monovalente”, segundo as estritas normas da gramática, que traduziriam a realidade em primeira instância, à escrita polivalente, que subverte em diversos graus as regras gramaticais, criando multiplicidade de significados (Ezra Pound). E também me dão estímulo as posições de Wander de Melo Miranda, sobretudo, em *Nações literárias* (2010): em culturas heterogêneas, como a brasileira, é preciso forçar a abertura do cânone rígido e unívoco.

Como plataforma para o desenvolvimento de outras pesquisas de reavaliação da produção literária em pauta foi montado em 2006 o projeto interuniversitário “Literatura brasileira de expressão alemã” – LIBEA, que se encontra em progresso. On line.

### **Os críticos alemães**

Se nos voltarmos para os principais estudos críticos, publicados sobre a literatura escrita por imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil, encontramos os seguintes nomes, pela ordem cronológica da publicação de seus textos: Oscar Canstatt, Ernst/Ernesto Niemeyer, Gottfried Fittbogen, Wilhelm Schneider, Manfred Kuder, Emílio Willems, Werner Aulich, Erich Fausel, Walter Koch, Marion Fleischer, Carlos Fouquet, Celeste Ribeiro de Sousa, Valburga Huber, Ingrid Assmann (de Freitas), Imgart Grützmann (Bonow) e Gerson Roberto Neumann. Podemos distinguir dois grupos principais: um de alemães europeus que viajam em determinado período ao Brasil e depois retornam à Alemanha ou a outros países, isto é, não fixam residência nem morrem no Brasil, e outro formado por descendentes de alemães, nascidos no Brasil, e por uma estudiosa, que, embora de outra nacionalidade, se interessa pelo assunto. No primeiro grupo, enquadram-se: Oscar Canstatt, Gottfried Fittbogen, Wilhelm Schneider, Manfred Kuder, Emílio Willems, Werner Aulich e Erich Fausel. No segundo grupo, encaixam-se Ernst/Ernesto Niemeyer, Walter Koch, Marion Fleischer, Carlos Fouquet, Celeste Ribeiro de Sousa, Valburga Huber, Ingrid Assmann (de Freitas), Imgart Grützmann (Bonow) e Gerson R. Neumann.

Em 1902, o alemão Oscar Canstatt (1842–1912) faz publicar na Alemanha o primeiro texto crítico que se conhece sobre o assunto: *Kritisches Repertorium der Deutsch-Brasilianischen Literatur*, traduzido para o português do Brasil em 1967 como *Repertório crítico da literatura teuto-brasileira*. Canstatt emigra para o Brasil em 1868, volta à Europa em 1871, retorna ao Brasil em 1874 e morre na Alemanha em 1912. Suas experiências dão origem a vários artigos relativos ao Brasil e aos imigrantes de língua alemã aqui estabelecidos, todos publicados na Alemanha. O livro *Kritisches Repertorium der Deutsch-Brasilianischen Literatur* é, sobretudo, um “dar a conhecer”, uma compilação minuciosa de todas as obras publicadas em

língua alemã sobre o Brasil desde a Descoberta até a data da publicação, 1902: as primeiras narrativas, os textos de propaganda edulcorada das terras brasileiras e das colônias, os textos históricos sobre a vida nas colônias e sobre os maus tratos sofridos pelos colonos, os textos que desmentem esses maus tratos, as obras produzidas por viajantes, os textos sobre as guerras brasileiras (a Guerra do Prata, a Guerra do Uruguai e a Guerra do Paraguai). O livro também se manifesta sobre os textos que comentam as missões evangelizadoras no país. Dá também notícia do aparecimento dos primeiros jornais como o *Deutsche Zeitung* (“Jornal alemão”), editado por Karl von Koseritz; dos primeiros *Kalender* (“Anuários”) nas colônias, tendo sido o primeiro da série, segundo Canstatt, o *Santa Catarinaer Volkskalender* (“Anuário popular de Santa Catarina”), de 1864, ainda no reinado do imperador D. Pedro II. Conforme o estudioso, tanto os jornais quanto os *Kalender* são os veículos *par excellence* da beletrística teuto-brasileira.

Em 1929, Gottfried Fittbogen (1878–1941), teólogo e germanista alemão, no ensaio *Die Dichtung der Auslandsdeutschen* (A literatura dos alemães no estrangeiro), assim se refere às produções literárias dos imigrantes de língua alemã no Brasil e, eventualmente, de seus descendentes:

Para o total conhecimento da “existência” de nossos compatriotas no estrangeiro é também necessário levar em consideração a literatura que eles produziram como a mais pura expressão de sua vida intelectual. Porém, não nos podemos ancorar apenas e em primeira linha na dimensão estética; ao contrário, precisamos usar grandezas biológicas: para nós, essa literatura é uma manifestação do “ser aqui e agora” lá existente.

Tomada em absoluto, a literatura dos vários grupos de alemães no estrangeiro não ocupa nenhuma outra posição diferente da literatura produzida por grupos semelhantes de alemães na pátria. Trata-se de uma literatura que denominamos de raiz ou literatura regional. Ela pertence aos estratos da grande literatura alemã e tem, na história geral da literatura alemã, o seu lugar, ou se torna exceção, quando a produção de um de seus escritores se eleva acima desses estratos. Em consequência da posição periférica desses grupos, adquire, todavia, um significado elevado: é a expressão da nacionalidade localista (de origem) e está a serviço da autopreservação.<sup>8</sup>

---

8 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. “Zur vollen Kenntnis des Daseins unserer Volksgenossen im Ausland gehört auch die Beachtung der Dichtung, die sie hervorgebracht haben, als des reinsten Ausdrucks ihres geistigen Lebens. Doch dürfen wir an sie nicht allein und nicht in erster Linie den ästhetischen Maßstab anlegen, sondern wir müssen uns zunächst des biologischen bedienen: sie ist uns eine Kundgebung des dort vorhandenen Seins. Absolut genommen hat die Dichtung der verschiedenen auslandsdeutschen Gruppen keine andere Stellung als die Dichtung entsprechender binnendeutscher Gruppen, die wir Stammes- oder Landschaftsdichtung nennen. Sie gehört zum Unterholz der großen deutschen Dichtung und hat in der Literaturgeschichte der gesamtdeutschen Dichtung seine Stelle oder doch nur ausnahmsweise, wenn einmal der Wuchs eines ihrer Dichter sich über das Unterholz erhebt. Infolge der peripherischen Lage dieser Gruppen kommt ihr jedoch eine erhöhte Bedeutung zu: als Äußerung des bodenstämmigen Volkstums (Stammestums) und im Dienst der Selbsterhaltung.” (Fittbogen 1929, p. 826).

Em 1933, quatro anos depois, o mesmo Fittbogen volta ao assunto no artigo “Deutsche Dichtung in Brasilien” (Literatura alemã no Brasil). Nesse texto, relaciona a literatura dos imigrantes de língua alemã, produzida e enraizada em solo brasileiro, com as questões práticas da vida cotidiana nas colônias. Distingue essa literatura daquela produzida por imigrantes que retornam à Europa, que não estabelecem raízes no Brasil, autores como Dranmor, pseudônimo de Ferdinand Schmidt, ou Wilhelm Schweitzer, Alfred Funke, Therese Stutzer, Marie Kahle ou ainda os viajantes Friedrich Gerstäcker e Hans Friedrich Blunck. Autores teuto-brasileiros seriam apenas aqueles que permanecem no Brasil ou, de modo mais exato, aqueles que já nascem aqui, os quais, no entanto, são ainda pouquíssimos. Dito de outro modo: no grupo de autores teuto-brasileiros, Fittbogen distingue os aclimatizados e os natos, e essa categorização não é apenas formal. Os primeiros passam a infância e a juventude na Alemanha, ali fazem sua formação. A vivência brasileira já os pega adultos, não lhes alcançando as raízes. Na tentativa de projetar clareza sobre o fenômeno investigado, o crítico procede ainda a outro desmembramento: como os assentamentos das colônias no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina se deram em circunstâncias diferentes, é necessário separar também os escritores dos dois Estados, não levando em consideração os escritores dos demais Estados por serem em número irrelevante. Santa Catarina, ao contrário do Rio Grande do Sul, teria sido um Estado bem menos povoado, a colonização teria começado ali mais tarde, a partir de 1850, embora o estabelecimento de escolas e o acesso à educação formal tenha sido mais intenso em Santa Catarina do que no Rio Grande do Sul. Considera Fittbogen que só é possível escrever literatura no seio de uma grande comunidade. Portanto, o levantamento de obras e autores deverá começar pelo Rio Grande do Sul. Contudo, o levantamento levado a efeito pelo estudioso incorre em várias exclusões: são considerados autores apenas aqueles que tenham obras publicadas por editoras; também são excluídos aqueles que publicaram só em jornais, revistas ou *Kalender*, como é o caso de José Deeke. Do mesmo modo, ficam excluídas as traduções do português para o alemão. Posto isto, são enumerados e têm a temática de suas obras comentada primeiro os autores rio-grandenses:

Cyklop, pseudônimo de Alfred Wiedemann, Wilhelm Süffert, Wilhelm Rotermund, Arno Philipp, Karl Heinrich Oberacker, Otto Meyer, Ambros Schupp e Carl Friedrich Niederhut. Depois, os catarinenses: Georg Knoll, Wolfgang Ammon e Ernesto Niemeyer. Avalia, então, Fittbogen que a literatura de língua alemã produzida tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina não é uma literatura determinada por padrões artísticos ou estéticos; é um conjunto de textos que simplesmente retratam, por observação, os movimentos da vida nas colônias, sem que ao camponês seja dada voz. São aqueles que testemunham sua labuta, comerciantes, jornalistas, professores, pastores – a *intelligentsia* das colônias – que o representam de perspectivas diferenciadas.

Em 1936, Wilhelm Schneider (1885–1979), um germanista da Universidade de Bonn, faz publicar em Berlim o livro *Die auslanddeutsche Dichtung unserer Zeit*

(A literatura alemã no estrangeiro de nossa época). Há no capítulo I algumas observações que, à partida, merecem registro. Assim começa a obra:

Este livro deve a sua gênese a uma mudança da opinião pública sobre a germanidade no estrangeiro, uma opinião que foi trabalhada nos tempos da Grande Guerra, que foi angariando sempre mais e mais força e clareza nos tempos do pós-guerra e que, na Alemanha nacional-socialista, quase produziu um movimento popular. [...] A concepção oficial de germanidade no estrangeiro começou a solapar uma consciência popular supranacional. Depois da derrocada, seguiu-se um processo de autoconhecimento do povo alemão e, para a aferição do grau de pertença de um povo, foram reconhecidas como medidas corretas ter o mesmo sangue, a mesma língua, a mesma religião, os mesmos costumes, as mesmas tradições e a mesma arte. [...] O sentimento nacional fortaleceu-se, porque fora maltratado pelos tratados de paz, e para a nova consciência popular, que não se detinha diante de fronteiras políticas, os alemães no estrangeiro tornaram-se irmãos necessitados de ajuda, que poderíamos orientar com prazer e abnegação, irmãos de grande valor para a pátria mãe, que conhecíamos e reconhecíamos.<sup>9</sup>

Em suas observações relativas à literatura de língua alemã produzida no Brasil, Schneider coloca a pergunta: se a literatura alemã não nega lugar a escritores suíços ou austríacos, por que o negaria aos alemães que vivem em outros países e escrevem com verdadeira força criativa? E mais ainda: por que a avaliação estética deveria ser a única capaz de aferir o valor de uma obra?

Para dar resposta a estas perguntas, Schneider retoma Fittbogen e Joseph Nadler (1884–1963), este último um germanista também nacional-socialista, o primeiro a incluir na história da literatura alemã as produções literárias populares. Mas, apesar de Schneider reconhecer a importância da literatura criada por alemães no estrangeiro, não consegue oferecer-lhe um lugar idêntico àquele que os alemães do *Reich* nela ocupam. Entre as razões que justificariam essa diferenciação estariam, segundo Schneider, o baixo valor poético dos textos, a difícil penetração em território alemão desses escritos, publicados por editoras não alemãs, e a não aceitação desses textos por parte dos editores, uma recusa baseada não em critérios valorativos, mas em uma atitude negativa automatizada, popular e oficial, em relação aos emigrados. Na parte do livro dedicada com exclusividade à literatura alemã na América do Sul, o Brasil é particularizado por ter, “compa-

---

9 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. “Dieses Buch verdankt sein Entstehen einer Wandlung der öffentlichen Meinung über das Auslandsdeutschum, die durch den Weltkrieg vorbereitet wurde, in der Nachkriegszeit sich immer kraftvoller und deutlicher vollzog und im nationalsozialistischen Deutschland fast eine Volksbewegung hervorgebracht hat. [...] Die staatliche Auffassung des Auslandsdeutschums begann, einem überstaatlichen Volksbewußtsein zu weichen. Auf den Zusammenbruch folgte eine Selbstbesinnung des deutschen Volkes, und man erkannte als die wahren Maßstäbe für die Beurteilung der Zusammengehörigkeit eines Volkes das gleiche Blut, die gleiche Sprache, Religion, Sitte, das gleiche Brauchtum und die gleiche Kunst. [...] Das Nationalgefühl erstarkte, weil es durch die Friedensverträge mißhandelt worden war, und für das neue Volksbewußtsein, das an den politischen Grenzen nicht Halt machte, wurden die Auslandsdeutschen hilfsbedürftige Brüder, die man freudig und pflichteifrig betreute und deren hohen Wert für das Mutterland man erkannte und anerkannte”. (Schneider 1936, p. 5–6).

rativamente, a escrita mais rica," (*"das verhältnismäßig reichste Schriftum"*) (Schneider 1936: 304). Neste âmbito, são enumerados vários poetas e prosadores com dados biográficos e características temáticas das respectivas obras. Entre eles: Georg Knoll, Ernesto Niemeyer, Otto Meyer, Wolfgang Ammon, Arno Philipp, Alfred Wiedemann e Franz Donat.

Em 1937, outro professor da Universidade de Bonn, Manfred Kuder (1911–2008) publica o livro *Die deutschbrasilianische Literatur und die Bodenständigegefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien* ("A literatura alemã-brasileira e o sentimento de pertença do grupo alemão no Brasil"). Nesta publicação, o crítico começa por mencionar as fontes de onde bebeu informações. Entre elas, Niemeyer (brasileiro, tratado no próximo capítulo), Fittbogen e Schneider. Divide o seu livro em duas partes principais. A primeira parte é subdividida em onze capítulos, a saber: "Os *Kalender* teuto-brasileiros", "A história das tendências ideológicas, religiosas e pedagógicas", "As narrativas de colônia", "As narrativas de imigração", "As narrativas de memórias", "As narrativas históricas", "As crônicas", "As biografias e as narrativas de viagens", "As narrativas de aventuras", "Ensaio sobre a configuração poética", "A lírica", "O teatro" e "Panorama histórico". Há um capítulo intermediário, dedicado ao enquadramento social dos autores. A segunda parte é subdividida nos seguintes sete capítulos: "Natureza e indivíduos na nova pátria", "O luso-brasileiro", "O filho do imigrante", "A mulher alemã", "O teuto-brasileiro", "O imigrante", "A posição frente à velha pátria". A conclusão é intitulada "O localismo do grupo alemão no Brasil no espelho da literatura". Os títulos dos capítulos, per se, já ilustram a diversidade das produções e a análise detalhada que Kuder desenvolve. Ao lado dos jornais, os vários *Kalender* teuto-brasileiros (católicos, luteranos, liberais, conservadores), que são discriminados e analisados por Kuder, constituem importante veículo de comunicação nas colônias. Neles é publicada grande parte da produção literária da colônia. No desenrolar do texto, vários nomes são citados juntamente com suas obras e os resumos correspondentes, com comentários sobre não apenas o conteúdo, mas também sobre a forma poética. Trata-se de nomes como Guilherme Ahrons, Aldinger, Wolfgang Ammon, P. Amstad, Arno Philipp, Wilhelm Brepohl, Dahlmann, José Deeke, Doss, Dranmor (Ferdinand von Schmid), Otto Fenselau, Helga Gronau, Gertrud Groß-Hering, Hirt, Maria Kahle, Georg Knoll, Karl von Koseritz, Ludwig Kruse, Luiz Meisinger, Otto Meyer, Wilhelm Rotermund, Schlabit, Ambros Schupp, Wilhelm Schweitzer, A. W. Sellin, Therese Stutzer, Wilhelm Süffert, Alfred Wiedemann, Gisela Wolf, Wilhelm Wustrow. No teatro, os nomes citados são: Werner Burckas, Hellmut Culmann, Marie Faulhaber, Carl Niederhut, F. W. Richter, Klara Sauer-Geilenberg, Rudolf Schäfer, Carlos Schüler, Ambros Schupp, Margret Sprute-Wäldin, Albert Wieck. Quando avalia a realização poética dos textos, Kuder pondera que o interesse dos escritores pelos conteúdos sempre ultrapassa o cuidado com a forma, de modo que esta sempre fica deficiente, irrealizada. O escritor que mais mostraria preocupação com o quesito formal, seria, segundo ele, Niemeyer, mas Niemeyer, na qualidade de filho de dirigente de colônia, não consegue ultrapassar a perspectiva local. No trabalho de avaliação, Kuder opera, assim sem concessões, com as balizas usadas

por Goethe para definir “Weltliteratur” (literatura universal): forma elaborada e conteúdo de alcance global.

Em 1946, Emílio Willems (1905–1997), sociólogo alemão, professor da FFLCH da USP, publica em São Paulo o livro *Assimilação e populações marginais no Brasil*. Afirma peremptoriamente, num diminuto capítulo acerca da literatura produzida nas colônias teutas, o seguinte:

O romance, a novela, a poesia e o teatro, criados por imigrantes alemães e seus descendentes próximos, encontraram a reprovação estética quase unânime dos poucos críticos alemães que tomaram conhecimento desse ramo americano de literatura germânica. É uma literatura, sobretudo, de almanaque e jornal, escrita por diletantes e destinada ao “consumo” de leitores, cuja maioria, apenas alfabetizada, não é capaz de elevar-se acima do nível mais rudimentar. (Willems 1946, p. 545).

Reporta-se o crítico a Manfred Kuder e a Ernesto Niemeyer. Assinala escritores já anteriormente citados. Ressalta a dificuldade de publicação e a instabilidade da imprensa bem como a baixa periodicidade dos jornais e *Kalender*. Não há, porém, em suas palavras vislumbres de real crítica literária. Simplesmente corrobora e radicaliza opiniões de seus antecessores e, ao acrescentar que se trata de uma literatura de almanaque e jornal, recordando talvez as *Kalendergeschichten* dos séculos XVII e XVIII, estabelece um preconceito, esquecendo-se de que Johann Peter Hebel (1760–1826) escreveu narrativas de almanaque hoje canônicas.

Em 1956, Werner Aulich (1906–1972), filósofo alemão, com estadia no Brasil em 1939, publica o texto “Vom Pathos der Auswanderer” (Do pathos do emigrante). Werner Aulich consegue isolar, a partir de um determinado *corpus*, o *Leimotiv* dessa literatura: a imigração, configurada nos mais diversos matizes, uma temática compartilhada pelo público leitor, isto é, pela comunidade de língua alemã, já que a experiência da imigração está impregnada tanto nos imigrantes quanto em seus descendentes, fato que, aliás, segundo ele, impede esses textos literários de atingir os leitores alemães. Refere-se ele ao fato de que tais escritores nunca fizeram escola, nem tampouco os editores conseguiram auferir lucro com suas publicações. Trata-se, por isso, segundo ele, de uma literatura já em parte morta ou a caminho do esquecimento, embora sempre apareçam novas narrativas e *Lieder*. Prevê o autor que, com o tempo, essa temática deixe de fazer sentido e caminhe para o olvido junto com a correspondente literatura. Aulich concorda com as conclusões de Schneider e Kuder, ao afirmar que o melhor escritor teuto-brasileiro não atinge senão a média dos autores europeus. Afirma Aulich que, para avaliar com justeza a literatura teuto-brasileira, seria preciso entrar na pele de um teuto-brasileiro.

Em 1957, o escritor e crítico Erich Fausel (1904–1963), professor da Universidade de Tübingen, emigrado para o Brasil e, em 1937, professor do Ginásio Sinodal em São Leopoldo, num artigo intitulado *Deutsche Stimmen in der Rio-Grandenser*

*Literatur* (Vozes alemãs na literatura rio-grandense), chama a atenção para o fato de os imigrantes, em sua grande maioria, não possuírem grande bagagem literária, apenas o conhecimento da *Bíblia* e do *Livro dos Cânticos*. No Brasil, ao chegarem, também não encontram condições que estimulem a sua criação poética. Da mesma forma, à época da chegada dos primeiros grupos de imigrantes de língua alemã, a literatura brasileira, segundo ele, inexistia. E, logo, declara: “Nem anteriormente nem hoje podemos avaliar os resultados dessa produção textual com critérios rigorosamente estéticos ou literários; nunca ultrapassaram a modesta mediania da literatura de entretenimento caseiro”.<sup>10</sup> Para concluir, responde à seguinte pergunta: por que nunca surgiu um grande escritor nesse grupo étnico. Explica ele:

A imigração e a colonização como um todo ocorreu de maneira caótica, individualista, e a massa dos imigrados não tinha grandes pretensões culturais. A falta de escolas próprias mais graduadas entravou um desenvolvimento intelectual mais elevado, a luta dura pela sobrevivência sugou sem trégua todas as energias, a convivência ao estilo burguês rural e colonizador não permitiram o afloramento de um grande rebento próprio.<sup>11</sup>

Esquece-se o crítico de problematizar, por exemplo, os casos de Raul Bopp (1898–1984) e de Augusto Meyer (1902–1970), nesse tempo, já escritores canônicos da literatura brasileira.

A propósito de Fausel e de suas palestras no Brasil, manifesta-se em 1959 a escritora Hilda Siri, que trabalhou longos anos na redação do *Serra-Post Kalender*, num muito interessante ensaio intitulado “Bodenständiges Schrifttum. Betrachtungen einer Dichterin” (Letras localistas. Considerações de uma poetisa). Diz ela:

Quem hoje quiser ver o seu trabalho literário impresso – e qual escritor não gostaria de vê-lo? – precisa escrever exatamente o que os senhores editores ou as instituições fomentadoras da cultura germânica (*Deutschtum*) desejam do escritor. O mais fácil de publicar ainda são os “poemas e histórias *localistas*”, que se referem à imigração e ao destino dos imigrantes. A palavra *localista* me persegue durante os sonhos e também, mesmo em jejum, me causa ânsias. A meu ver, essa é uma palavra destinada a enrijecer e sufocar a verdadeira inspiração poética. Mas o que a maioria das pessoas entende por *localista*? Elas entendem um passado de aproximadamente trinta anos atrás, um período, em que aqui a cultura germânica (*Deutschtum*) se encontrava em pleno esplendor. E, às vezes, elas entendem por *localista* uma

---

10 Trad. de Celeste Ribeiro de Sousa. “Weder früher noch heute dürfen wir die Erzeugnisse dieses Schrifttums mit streng literarischen oder ästhetischen Maßstäben messen, über das bescheidene Mittelmaß hausbackener Unterhaltungsliteratur sind sie nie hinausgekommen”. (Fausel 1957, p. 83).

11 Trad. de Celeste Ribeiro de Sousa. “Die ganze Einwanderung und Kolonisierung verlief chaotisch, individualistisch, und die Masse der Eingewanderten brachte keine grossen Kulturansprüche mit. Der Mangel eigener höherer Schulen hemmte geistige Höherentwicklung, der harte Lebenskampf sog viele Kräfte restlos auf, der spießbürgerliche und kolonistische Geselligkeitsstil liessen keinen starken Eigenwuchs aufkommen.” (Fausel 1957, p. 88).

ilusão, que nem corresponde a esse passado, nem possui atualidade. Para muitos, *localista* equivale ao nome coletivo, que dá conta da luta dos primeiros imigrantes contra as adversidades da floresta virgem, do fatalismo das mulheres imigrantes, da ambição dos jovens por trabalhos intelectuais, das aventuras de mascates... numa palavra: feroeste como epopeia. Parece um milagre que, ainda assim, bons poemas e contos, até mesmo romances, tenham sido produzidos. [...]

Nas gavetas de meus colegas de trabalho encontram-se diversas pastas com as seguintes inscrições: histórias de jornal e artigos, poemas em comemoração ao dia 25 de julho, dia das Mães, Natal e Páscoa, histórias e poemas de anuário, traduções, etc. Bem mais embaixo, há uma pasta arrumadinha sem nenhuma inscrição. Ai, nessa pasta, estão guardados os poemas, os contos e as histórias, que não possuem qualquer perspectiva de publicação. Frequentemente, são trabalhos menores e maiores, valiosos, para os quais não se encontra editor e para os quais nem se dispõe de dinheiro suficiente para imprimi-los em editora privada.

Alguém no Brasil, que procure pela autêntica literatura brasileira em língua alemã, não a encontrará nos jornais e anuários, mas certamente nessas pastas sem inscrições.<sup>12</sup>

Tais palavras fazem supor a existência de uma autocensura induzida muito provavelmente pelas circunstâncias históricas abordadas no começo deste texto, o que torna ainda mais premente fazer um levantamento exaustivo das produções literárias em pauta, comparando as épocas em que foram publicadas.

Em 1963, Manfred Kuder retoma o tema em um artigo, intitulado “Die deutsch-brasilianische Literatur” (A literatura alemã-brasileira). Comenta os trabalhos de seus

---

12 Trad. de Luana de Camargo. “Wer heute seine schriftstellerische Arbeit gedruckt sehen will (und welcher Schreibende möchte das nicht?), muss das schreiben, was die Herren Verleger oder die das Deutschtum pflegenden Institutionen gerade von ihm wünschen. Am leichtesten sind noch die “bodenständigen Gedichte und Geschichten”, die sich auf die Einwanderung und die Einwanderer- Schicksale beziehen, unterzubringen. Das Wort bodenständig verfolgt mich in meine Träume und verursacht mir auch bei nüchternem Magen Alldruck. Es ist m. E. ein Wort, das geprägt wurde, um die wahre dichterische Eingebung zu verkrampfen und zu ersticken. Was aber versteht die Allgemeinheit unter Bodenständigkeit? Sie versteht darunter eine fast dreissig Jahre zurückliegende Vergangenheit, eine Zeit, in der das Deutschtum hier in höchster Blüte stand und manchmal sogar einen illusorischen Zustand, der weder dieser Vergangenheit entspricht noch irgendeine Gegenwärtlichkeit besitzt. Für viele ist Bodenständigkeit der Sammelbegriff für den Kampf der ersten Einwanderer gegen die Widerwärtigkeiten des Urwaldes, die Schicksalsergebenheit der Einwandererfrau, das Streben der Jugend nach intellektuellen Berufen, Musterreiterabenteuer, kurzum: Wildwest als Heldenepos. Dass trotzdem noch gute Gedichte und Erzählungen, ja selbst Romane entstanden sind, wirkt wie ein Wunder. [...] In den Arbeitsfächern meiner Kolleginnen und Kollegen werden verschiedene Mappen liegen mit folgenden Aufschriften: Zeitungsgeschichten und Artikel, Gedichte zum 25. Juli, zum Muttertag, für Weihnachten und Ostern, Kalendergeschichten und -gedichte, Uebersetzungen [sic] usw. Ganz zu unterst liegt eine saubere Mappe ohne Aufschrift. Darin sind die Gedichte, Erzählungen und Romane verwahrt, für die keine Aussicht zur Veröffentlichung besteht. Es sind oftmals wertvolle kleinere und grössere Arbeiten, für die sich kein Verleger findet und für die im Eigenverlag drucken zu lassen das Geld nicht reicht. Sucht jemand in Brasilien wahre brasilianische Literatur in deutscher Sprache, so wird er sie nicht in den Zeitungen und Kalender finden, sondern eben in diesen unbeschrifteten Mappen”. (Siri 1959, p. 1).

predecessores Erich Fausel e Werner Aulich e também um prefácio do brasileiro Carlos Fouquet, que apreciaremos em seguida, e parte da constatação de que o conteúdo do seu livro sobre literatura alemã-brasileira, de 1937, atrás referido, ainda é válido. Ressalta que os autores não são camponeses, mas pastores, médicos, professores, jornalistas, agrimensores, comerciantes, pessoas donas de maior cultura, que têm oportunidade de conviver com os colonos, observar-lhes a vida, ouvir suas histórias e registrar, então, suas impressões em forma literária ou em outros tipos de discurso. Kuder retoma o fio cronológico das ondas de imigração e seus contextos e estabelece duas grandes fases em que insere diversos autores, cujos nomes e obras declina com os respectivos comentários. Depois de cem anos, segundo observa, essa literatura já atingiu seu ápice e começa a definhar, não querendo isto dizer que melhores obras não venham ainda a aparecer. As razões para esse declínio estariam ligadas à contração do círculo de leitores, constituído por emigrantes de língua alemã e seus descendentes, ainda cultivadores da língua arcaizada e sujeitada a hibridização. As obras de autores imigrantes – impressas na Alemanha – constituiriam casos isolados e não representariam a literatura alemã-brasileira. Além do mais, apenas uma ínfima parcela das publicações teria atingido algum valor estético. Essa literatura teria tão somente um significado sociológico para as pessoas que compartilham a experiência da imigração, marcada por profunda cisão na trajetória existencial e/ou profissional, pela separação do entorno natal e de suas leis, pelo novo começo em outra terra de civilização mais pobre, pelo eventual sentimento da impossibilidade de retorno, pela necessidade de adaptação ao primevo, pelo orgulho do sucesso, quando obtido.

## Os críticos brasileiros

Em 1917, Ernst/Ernesto Niemeyer (1863–1950), nascido em Joinville, Santa Catarina, filho de um cônsul alemão e diretor da colônia Dona Francisca, exorta os membros das colônias a escreverem narrativas e poesia num artigo de cinco páginas, intitulado “Teutonen–Literatur”<sup>13</sup>. Começa por levantar a pergunta: “Gibt es schon eine teutobrasilianische Literatur?” (Já existe uma literatura teuto–brasileira?) e afirma que, para alguns, já há, sim, uma literatura teuto–brasileira. Ele mesmo afirma que, tendo a comunidade teuto–brasileira sua própria vida na nova pátria, tem de ostentar também sua própria literatura: uma literatura que seja a expressão genuína da vida dessa comunidade, portanto, uma literatura que dê forma à experiência de ser–se a um só tempo alemão e brasileiro, uma literatura que cultive, de preferência, “Lieder”, a forma mais adequada à tradução da essência da beleza. E, para isso, não basta apenas saber alemão, é preciso ser culto, saber trabalhar a língua de maneira genial, pois apenas dessa forma se estimula e desenvolve a sensibilidade nos leitores da comunidade.

Em 1963, sai publicado nas Atas do I Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros em Porto Alegre, um texto de Walter Koch (1925 – 2008), professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulado “O Brasil, sua terra e sua gente nos contos do Koseritz’ Deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul 1874–1890”. Sem se comprometer com o valor poético das narrativas, Koch faz, no entanto, observações textuais importantes, porque até então inéditas e porque subordinadas a um recorte preciso. Chama a atenção para o objetivo do *Koseritz’ Kalender*, declarando ter atuado o Anuário, enquanto dirigido por Karl von Koseritz em seus primeiros dezesseis números, como banco de memórias da etnia para as futuras gerações. Informa também que cada *Kalender* contém, além de ensaios, um ou dois contos de enredo, cuja ação se passa nas “picadas” ou fazendas, contos esses prenhes de generalizações, descrições de cunho romântico, personagens tipificadas, informações sobre a terra e a gente brasileira, “esses loiros e robustos filhos da colônia alemã que crescem saudáveis no clima ameno do sul...” (Koch 1963: 203). Focam essas narrativas também os escravos, os lusos, os alemães, traçando-lhes perfis, cujo objetivo é abrir caminho para o entendimento mútuo entre os vários grupos étnicos presentes na nação brasileira.

Em 1967, Marion Fleischer (1938–2009), professora titular de Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo, com a publicação de *A poesia alemã no Brasil*, sua tese de Doutorado, torna-se a primeira estudiosa a abordar na Academia brasileira este fenômeno literário a partir do chamado *close reading*. Para isso, estabelece um recorte, cujos parâmetros assentam num determinado período, denominado de “atual” e no gênero lírico – ou seja, a crítica elege o Pós-Segunda-Guerra (período sobre o qual ainda nada se dissera) e a poesia. Apoia-se nas declarações de dois críticos anteriores, Werner Aulich e Manfred Kuder. De Werner Aulich, escolhe para sustentar seus argumentos, a afirmação de que

[...] sem dúvida é possível afirmar que mesmo o melhor poeta teuto-brasileiro não atinge, no que diz respeito à concepção estilística e à estruturação temática, senão a média de autores europeus. Mas da mesma forma pode afirmar-se que esses dois valores distintos devem ser medidos de duas maneiras, sendo necessário chegar a critérios diferentes para avaliar com justiça um fenômeno recente, único e isolado. (Fleischer 1967, p. 7).

De Manfred Kuder, escolhe o diagnóstico de que a literatura teuto-brasileira não vai além do “emprego daquela forma que os poetas conheciam anteriormente à sua emigração da Alemanha, enquanto o conteúdo é condicionado, especificamente, pelas novas condições prevalecentes nas colônias alemãs”. (Fleischer 1967, p. 8).

Procura, portanto, a autora chegar aos “critérios diferentes para avaliar com justiça um fenômeno recente, único e isolado” (Fleischer 1967: 8), através da análise de poemas selecionados dos seguintes sete escritores: B. A. Aust, Carl Fried, Luise Bresslau-Hoff, Dora Hamann, Gustav Friedrich Körber, Juanita Schmalenberg e Ricardo Sanders, cujas poesias transcreve ao final do livro.

A partir da análise de alguns poemas, traça conclusões para toda a poesia teuto-brasileira, generalizando essas conclusões para toda a literatura escrita em língua alemã no Brasil:

Destaca-se [a poesia teuto-brasileira], inicialmente como fenômeno extremamente heterogêneo, a apresentar notável variedade, tanto no que respeita aos temas, como no que concerne à linguagem e aos aspectos formais. Nela inexistem movimentos claramente delineados; os escritores teuto-brasileiros distinguem-se, principalmente, por acentuado individualismo, a cercear a repercussão de suas produções, que raramente lograram despertar interesse além dos estreitos limites nos quais nasceram. Deve-se tal fato a duas razões; em primeiro lugar, não possui a literatura alemã, escrita no Brasil, centros intelectuais dos quais pudessem surgir personalidades que, plasmadas por uma mesma formação e animadas por um mesmo espírito orientador, viessem, conjuntamente, a dar o impulso para determinado movimento. Isoladamente destacam-se poetas de verdadeiro valor, cada um deles, porém, trilhando sozinho o seu caminho.

Um segundo fator, a determinar a fraca projeção da maioria das obras teuto-brasileiras, resulta das próprias características formais destas produções; todas elas são marcadas por pronunciada tendência conservadora, a motivar um apego inoportuno a formas estilísticas superadas, herdadas do país de origem dos autores. Assim, mesmo os mais destacados talentos falharam em encontrar um estilo próprio, típico, que desse à poesia alemã no Brasil, vista no seu conjunto, cunho característico. (Fleischer 1967, p. 133).

Em 1974, Carlos Fouquet (1897-1980) publica o livro *Der Deutsche Einwanderer und seine Nachkommen in Brasilien - 1808 -1824 - 1974*, traduzido para o português neste mesmo ano com o título *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil 1808 - 1824 - 1974*, em que faz um balanço do fenômeno da imigração de língua alemã no Brasil. No capítulo dedicado às produções literárias dos imigrantes de língua alemã e seus descendentes, Fouquet observa que um dos grandes obstáculos ao desenvolvimento da literatura teuto-brasileira é o fato de não ter havido uma interação mais produtiva entre escritor e leitor, pois o círculo de leituras era muito fechado, por causa da língua alemã, e, portanto, não oferecia espaço para críticas, que pudessem ajudar a desenhar outros caminhos, mesmo havendo editores preocupados em divulgar e estimular tal literatura, como Wilhelm Rotermund, em São Leopoldo, Arthur Koehler, em Santa Catarina, Arno Philipp, em Porto Alegre. Aponta o estudioso, sem maiores detalhes, os três "temas eternos", presentes em tal produção literária: "Deus", "a natureza" e o "amor", seguidos de outros também recorrentes: "despedida da pátria", "viagem ao desconhecido", "formação de uma nova identidade", "orgulho das próprias realizações", "saudades", "louvor ao Brasil", além das traduções de obras da literatura brasileira. Nota também que, entre as vozes poéticas, não há a de colonos nem de operários.

Em 1980, sai publicado o livro de Celeste Ribeiro de Sousa (\*1948). Trata-se de uma Dissertação de Mestrado orientada por Marion Fleischer na Universidade de São Paulo. Aborda-se aqui um *corpus* formado pela prosa literária veiculada especifi-

camente no *Serra-Post Kalender*, de 1948 a 1973, portanto, os últimos 25 anos de sua existência, ou seja, o Pós-Guerra. Entre todos os *Kalender*, o *Serra-Post* é o mais longo e regular. É uma época em que, no Brasil, especificamente na USP, a influência do Formalismo Russo e do Estruturalismo francês é avassaladora. Apoiada em Gérard Genette na análise da ação narrativa e em Dionýz Durišin na criação de uma tipologia, a crítica dá forma ao corpus, que analisa comparativamente. São escolhidas 35 narrativas de 16 autores: Alfred Reitz, Ameli Reichardt, Charlotte Wollermann Fischer, Elly Herkenhoff, Emmy Jagow-Zieseniss, Gertrud Grimm, Hermann Heland, Hilda Siri, Juanita Schmalenberg Bezner, Johann Dahlke, Luiz Kuchenbecker, Margret Kuhlmann, Martin Fischer, Matthaues Braun, Otto Grellert, e Ricardo Sanders. A tipologia dá origem ao título dos capítulos: “Desilusão do imigrante ante a terra prometida”; “Vida na nova pátria”; “Terra natal”; “Idealização dos antepassados”; “Amor”; “Terras brasileiras”; “Folclore brasileiro”; “Participação dos colonos na história do Brasil”. Na conclusão, a heterogeneidade é uma marca que acompanha as narrativas examinadas. Há escritores donos de farta produção; há autores de um só texto. Há textos formalmente simplérrimos e outros mais elaborados. Uma citação de Kenneth Burke, retirada de seu livro *A teoria da forma literária*, que curiosamente já aparece esboçada em Manfred Kuder, encerra a questão:

Na medida em que os pormenores, numa obra, sejam oferecidos, não por sua conexão com a tarefa de moldar e atender às expectativas do leitor, mas porque tais pormenores são interessantes por si mesmos, o atrativo da forma se coloca atrás do atrativo da informação. A atrofia da forma segue-se à hipertrofia da informação. (Ribeiro de Sousa 1980, p. 97).

No corpus, predomina a hipertrofia da informação, mas algumas narrativas atingem níveis de construção consideráveis, como é o caso de *Müllers Lena* (A Lena do moleiro)<sup>14</sup>, de Matthaues Braun, ou *Die alte Truhe* (O velho baú)<sup>15</sup>, de Hilda Siri.

Em 1981, Marion Fleischer, respondendo a um convite de Alexander Ritter à então cadeira de alemão da FFLCH da USP para colaborar com um artigo seu sobre a literatura dos imigrantes de língua alemã no Brasil, decidiu ela mesma elaborar uma antologia de textos produzidos por esses mesmos imigrantes e seus descendentes com a colaboração de Celeste Ribeiro de Sousa na parte relativa à prosa e ao glossário. A essa antologia deu o título de *Elos e anelos. Da literatura em língua alemã no Brasil*. Consta a antologia de uma introdução bilíngue, que logo no começo frisa o recorte da seleção de textos (poesia e prosa) a partir de 1945. São selecionadas produções dos seguintes autores: Alexander Lenard, Alfred Reitz, Benno Aust, Carl Fried, Carlos Fouquet, Carlos Hunsche, Charlotte Wollermann Fischer, Dora Hamann, Elly Herkenhoff, Erich Fausel, Erich Quast, Erwin Rheinhold Bock, Friedrich Kiefer, Gustav F. Körber, Hilda Siri, Joseph Kissner, Juanita Schmalenberg Bezner, Karin Sigrid, Luise Bresslau-Hoff, Margret Kuhlmann, Otto Grellert,

---

14 E-book *Matthaues Braun (1872- 1954): vida e obra*.

15 E-book *Hilda Siri (1918-2007): vida e obra*.

Rudolf Hirschfeld e Ricardo Sanders. Salienta Fleischer as dificuldades de acesso a esses textos e enfatiza a sua peculiaridade, afirmando:

Percebe-se de imediato, que a produção literária teuto-brasileira se distingue acentuadamente das literaturas brasileira e alemã contemporâneas; comprometida com cânones estilísticos tradicionais, em detrimento de processos artísticos renovadores, essa literatura caracteriza-se por uma visão de mundo bastante estática, pouco propensa a reflexões sobre a realidade subjetiva e objetiva em que vive o homem moderno. Poder-se-ia ponderar que a modernidade de uma literatura não se mede necessariamente pela sua adesão a correntes de vanguarda, mas que, pelo contrário, as opções estilísticas do passado são passíveis de uma renovação permanente através da arte da palavra. O argumento é válido, sem dúvida – enquanto essa retomada se revelar suficientemente dinâmica para impulsionar a criatividade artística viva. No caso da literatura escrita em língua alemã no Brasil, porém, isso nem sempre se verifica, sendo muito frequentes os momentos em que a expressão poética se apresenta estagnada, quando não se exaure em pretensões estetizantes, decalcadas sobre moldes pseudo-românticos.

Considerações dessa natureza facilmente dão ensejo a generalizações apressadas; estas, entretanto, viriam a prejudicar a avaliação justa de diversas manifestações literárias, superiores em termos de maturidade e adequação artística, que se destacam da média das produções. (Fleischer 1981, p. 21- 22).

Refere-se a estudiosa, muito bem, à tendência da crítica literária à época, regida quase estritamente pelo Formalismo Russo e pelo Estruturalismo, em que o conceito “literaridade” validava o que era e o que não era literatura. Volta a citar Werner Aulich, atrás mencionado, traz à baila a contribuição de Karl Fouquet no livro *O imigrante alemão* para contextualizar essa literatura, cita o ensaio de Egon Schaden “O teuto-brasileiro – um problema”, que explica o isolamento das famílias e mesmo das comunidades de fala alemã, não só em relação à Alemanha mas também em relação ao Brasil, a partir de duas observações: os imigrantes de fala alemã foram assentados em regiões de florestas, há pouco desbravadas, enquanto os luso-brasileiros viviam no planalto ou no litoral, o que os obrigou a desenvolver valores próprios durante os mais de 130 anos (na cultura, no uso da língua, na técnica agrícola, nas instituições sociais). Também favoreceu esse isolamento o fato de terem as autoridades brasileiras, no intuito de apressar a aculturação, tomado medidas consideradas exageradamente severas, que levaram a sentimentos xenófobos, traduzindo atitudes defensivas. A aceitação plena de todos os cidadãos no Brasil, explica Fleischer, só ocorreu em 1946, quando se suprimiram em grande parte as diferenças entre brasileiros natos e naturalizados. Cita Martin Fischer no ensaio “O problema da conservação da cultura alemã” para explicar a hibridização dessa cultura isolada: “Assim, a isolação dos imigrantes alemães ensejou aquela cultura *sui generis*, de cujo húmus se originou a literatura teuto-brasileira” (Fleischer 1981, p. 26). Menciona a crítica o papel dos *Kalender* na veiculação dessa literatura, não desprezando os jornais e as poucas brochuras.

Em 1993, vem a lume o livro de Valburga Huber (\*1948), *Saudade e esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*, produto de seu Mestrado, defendido em 1979 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a orientação de Afrânio Coutinho. O corpus recorta dentro da literatura da imigração de língua alemã no Brasil, segundo a autora, os escritores e as obras mais representativos do Vale do Itajaí em Santa Catarina, dos primórdios à Segunda Grande Guerra. São, assim, estudados romances de Gertrud Gross-Hering e de Emma Deeke e contos de Therese Stutzer e José Deeke. Valburga Huber desenvolve um trabalho também a partir das teses de Fausel e Aulich, retoma Marion Fleischer, para, depois de opor esta literatura tanto à alemã quanto à brasileira, concluir igualmente que se trata de um fenômeno cultural isolado, anacrônico e epigonal, de uma literatura menor a representar um homem dividido entre passado e presente, entre Europa e América, entre a saudade e a esperança. Diz a estudiosa:

O distanciamento desta literatura da alemã é ditado, pois, pelo “pathos” da emigração – experiência existencial única e insubstituível, que dá conteúdo e forma a esta literatura. Ela só pode ser compreendida e avaliada adequadamente pelos que passam por esta experiência, que estão direta ou indiretamente ligados a ela e ainda pelos que possuem uma sensibilidade capaz de captar o universal no regional e sentir nos acontecimentos de determinada época e espaço, problemas filosóficos essenciais do ser humano.

A função principal da literatura escrita é a perpetuação da cultura do grupo. (Huber 1993, p. 155).

Tal conclusão equivale a uma sentença de morte, de vez que o grupo com o correr dos anos há de se abrir mais e mais para a cultura brasileira. Não restarão críticos capazes de recuperar essa literatura, como se ela por si só não fosse capaz de despertar no seu leitor, qualquer que ele seja, justamente as experiências da emigração, num movimento reverso. Não é para isso preciso um leitor de singular sensibilidade, capaz de captar o universal no regional, até porque grande parte das produções literárias produzidas pelos imigrantes de fala alemã e seus descendentes não possui estatura de universalidade. Resta-lhe o valor histórico.

Em 1995, surge publicado o livro de Ingrid Assmann (de Freitas), *A máscara cai. Wolfgang Ammon no contexto da literatura teuto-brasileira*, também um produto de seu Mestrado, defendido em 1989, na Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis, com a orientação Mário Mascherpe. É este livro uma monografia a respeito da obra de Wolfgang Ammon, escolhido como expoente da literatura teuto-brasileira, a qual leva os estudos críticos desta matéria a um outro nível de aprofundamento. À apresentação de sua biobibliografia e à reapresentação das teses de Marion Fleischer extraídas de Kuder e Fausel, e mais uma vez à contextualização do autor no seio das colônias, segue-se a análise de textos selecionados, a saber: o romance *Hansel Glückspilz* (Joãozinho felizardo)<sup>16</sup> e os contos da antologia *Die ersten Jahren als Kolonist* (Os primeiros anos como colono). Da análise, sobressaem

---

16 E-book Wolfgang Ammon (1869-1938): vida e obra.

dois temas: considerações sobre a linguagem, que se afasta do alemão europeu e incorpora palavras do português, e a questão racial, incluindo as relações com o negro e o índio. Diz a autora, depois de resumir a obra,

que *Hansel Glückspilz* [é] uma narrativa de aventuras e que o motivo que sustenta todo o texto é a procura da felicidade e da boa sorte. [...] A narrativa está envolvida por uma paisagem real e suave. Aí, as peripécias vivenciadas pelo herói aproximam a terra natal dos filhos de imigrantes alemães, apresentam-lhes as belezas e características do sul brasileiro, não de maneira acadêmica, mas através de uma narrativa cativante. (Freitas 1995, p. 83).

Em *Die ersten Jahren als Kolonist*, Ammon contesta, conforme a autora, “a emigração irrefletida, leviana. Através da narrativa, tenta fazer com que as pessoas que querem emigrar reflitam intensamente, pesem os prós e contras [desse] ano decisivo para suas vidas e a vida futura de seus filhos.” (Freitas 1995: 93).

A respeito do conto *Familie Rottorf im Urwalde* (A família Rottorf na floresta), por exemplo, após o resumo da narrativa, conclui a investigadora que “os polos se opõem ou se completam, pois todos os valores são muito relativos, e que o romantismo e as ilusões dão colorido e alegria à vida. [...] a liberdade tão desejada pode se concretizar desde que se acatem seus preceitos e que se saiba, antes de tudo, interpretá-la e respeitá-la”. (Freitas 1995: 101).

Na conclusão geral, há muitos pontos retomados da conclusão de Huber, como por exemplo, há elementos poéticos nas narrativas produzidas; não se pode comparar esta literatura à alemã, embora ela possa fazer lembrar o Romantismo e o Realismo; os heróis são seres divididos entre o passado e o futuro, a saudade e a esperança. Num esquema final de oposições na obra de Ammon, há uma seta que aponta para o desmascaramento de ilusões e imagens preconcebidas – daí o título *A máscara cai*.

Embora não publicado, o Doutorado de Assmann de Freitas, *A (re)construção do retrato do Brasil: estudo das imagens na literatura dos imigrantes alemães*, defendido em 1997, também na UNESP de Assis, retoma o mesmo assunto, mas agora numa abrangência bem maior, e dando prosseguimento a um outro olhar, apresentado como tese de Doutorado, em 1988, e publicado em 1996 como *Retratos do Brasil: heteroimagens literárias alemãs*, de Celeste Ribeiro de Sousa. O avanço é pequeno.

Em 1991, Imgard Grützmann (Bonow), desenvolve na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com orientação de Maria Eunice Moreira, um Mestrado, não publicado, na trilha de Marion Fleischer sobre literatura teuto-brasileira com o título *Onde o sabiá canta e a palmeira farfalha: a poesia em língua alemã nos anuários sul-rio-grandenses (1874-1941)*, e, em 1999, realizou na mesma universidade com a mesma orientadora um Doutorado, também não publicado, a que deu o título

*A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul.* Nessa investigação, a autora elege certas realizações literárias que dão forma ao conceito de “germanismo” e examina-lhes a construção.

Em 2000, Gerson Roberto Neumann (\*1972) defende sua Dissertação de Mestrado, ainda não publicada, sobre a obra de dois imigrantes de língua alemã: Wilhelm Rotermund e Balduino Rambo. Seu título *A Muttersprache (língua materna) na obra de Wilhelm Rotermund und Balduino Rambo e a construção de uma identidade cultural híbrida no Brasil* já aponta para o assunto em discussão: a manutenção de uma identidade nacional e também cultural fora do seu meio, através da preservação da *Muttersprache* (língua materna).

Em 2009, surge no mercado outro livro de Valburga Huber, *A ponte edênica. Da literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer*, produto de seu Doutorado, defendido em 2000, na Universidade de São Paulo com a orientação de Celeste Ribeiro de Sousa. Como o título indica, Valburga Huber persegue o fio da literatura teuto-brasileira para mostrar como ele deságua na literatura brasileira canônica com Raul Bopp e Augusto Meyer, cujas obras são analisadas dessa perspectiva, isto é, mostrando como as imagens do Brasil tecidas por alemães no século XVI, herdadas e cultivadas pelos imigrantes e por seus primeiros descendentes no Brasil, são perceptíveis nos textos dos descendentes, que já escrevem em português, e contam como escritores brasileiros canônicos. Uma linha de pesquisa que dá o seu pontapé inicial e merece mais investigações, pois dentro desse grupo podem ser nomeados outros autores, alguns premiados, como Adolf Boos, Ana Rüsche, Charles Kiefer, Ivan Seibel, Lausimar Laus, Lya Luft, Rui Nedel, Sigrid Renaux, Urda Klüger.

A partir de 2006, quando o e-book *Alfred Reitz: autor e obra* é colocado on line, começa a ser montado sobre o assunto em pauta um grande projeto interuniversitário de pesquisa coletiva, tendo como objetivo precípua o levantamento exaustivo da produção literária dos imigrantes de língua alemã no Brasil e seus descendentes (bem como as produções de exilados e viajantes de língua alemã). Em outras palavras, dá-se início à formação de um banco de dados, sob a coordenação de Celeste Ribeiro de Sousa, com o título “Literatura brasileira de expressão alemã” – LIBEA, on line no site do Instituto Martius-Staden. Já se encontram prontos alguns e-books que compõem a coleção “Literatura brasileira de expressão alemã” – LIBEA. Entre eles: *Anna Brockes: vida e obra; Hilda Siri: vida e obra; Juanita Schmalenberg Bezner: vida e obra; Robert Weber: vida e obra; Charlotte Wollermann Fischer: vida e obra; Matthaeus Braun: vida e obra; Alfred Reitz: vida e obra; Gertrud Grimm: vida e obra; Elly Herkenhoff: vida e obra.*

O trabalho a respeito de vários outros autores está em processo, mas também pode ser acessado no mesmo endereço; trata-se de autores como Carlos Fouquet, Georg Knoll, (Karl) Luiz Kuchenbecker, Karl Naschold, Karl von Koseritz, Liti Belinha

Rheinheimer, Margret Kuhlmann, Otto Fenselau, Otto Grellert, Wilhelm Rotermund, Wilhelm Wustrow, Wolfgang Ammon. No caso dos exilados estão em processo também on line: José Antonio Benton, Julia Engell-Günther, Richard Katz, Ulrich Becher, Willy Keller. No caso dos viajantes, Friedrich Gerstäcker, Heinrich Eduard Jakob, Maria Kahle.

## Arremate

De Oscar Canstatt (1902) aos dias de hoje, a apreciação crítica da literatura *stricto sensu* da imigração de língua alemã no Brasil não conseguiu ultrapassar as barreiras do cânone literário, tanto do alemão quanto do brasileiro, ora porque é considerada uma literatura localista (Fittbogen, Kuder), ora porque suas produções não passam do nível estético mediano (Fausel), ora porque é uma literatura incompatível com o cânone alemão, apesar de sua força criativa (Schneider), ora porque seus escritores não formaram uma escola e não conseguiram editoras para suas publicações (Aulich), ora porque é mesmo irrelevante (Willems). Todos os críticos que vieram depois tomaram embalo nessas afirmações, repetindo nomes, subtraindo alguns e acrescentando outros, porque o tempo foi avançando e a produção também. Contudo, o universo dessa produção literária, se a princípio estava claro, com o tempo, deixou de ser tangível e, nos dias de hoje, é absolutamente desconhecido.

O projeto “Literatura brasileira de expressão alemã”, iniciado em 2006, convida a um trabalho conjunto, justamente para que a produção literária da imigração de língua alemã no Brasil *in totum* possa ser delineada e para que os limites avaliativos possam ser contornados e abertos a novos horizontes, os quais ofereçam espaço para essa literatura se mostrar em toda a sua extensão. Faço minhas as já famosas palavras de Tzvetan Todorov: “Quem ousaria hoje decidir entre o que é literatura e o que não é, diante da irreduzível variedade de escritos que se lhe costuma incorporar, sob perspectivas infinitamente diferentes?” (Todorov 1988: 11).

Retomando o que foi dito no começo, animam-nos as palavras de Boris Fausto, de Wander de Melo Miranda e os horizontes abertos pelos estudos culturais. Se Ezra Pound declarou que “great literature is simply language charged with meaning to the utmost possible degree”, e Roland Barthes criou o conceito “grau zero da escritura”, a construção de uma escala valorativa entre as duas posições viabiliza posicionar poeticamente os textos da literatura produzidos, sobretudo, pela nação de imigrantes de língua alemã e seus descendentes em alguns lugares dessa escala. Também se reputa a premissa de que os movimentos da contra-cultura e dos estudos culturais abriram espaço para a apreciação dessa produção poética, a partir de outras concepções. Trata-se, nesse caso, de uma literatura produzida por imigrantes e seus descendentes (ou por exilados e viajantes), uma literatura de minorias, que pode ser considerada como um novo objeto (ramo, vertente) da

Literatura Comparada. Assim, torna-se passível de ser examinada, para além da abordagem estritamente poética, à luz das teorias contemporâneas da cultura, explorando conceitos como “pós-colonialismo”, “contra-colonialismo”, “diáspora”, “multi, trans e crossculturalism”, “multidisciplinaridade”, “hibridismo”, “alteridade”, “formações identitárias”, “memorialismo”, “imagologia”.

Particularizando: que textos poéticos da literatura brasileira de expressão alemã mereceriam entrar no cânone brasileiro? Quantos e quais autores e obras da literatura brasileira foram traduzidos e publicados em alemão para as colônias? O que está envolvido nesse fenômeno? Como foram vistas as guerras e revoluções brasileiras pelos olhos dos alemães e seus descendentes no Brasil? Que companhias teatrais alemãs e que peças foram representadas no seio das colônias? Como isso se pode relacionar com o teatro brasileiro? Sabe-se que Willy Keller, por exemplo, foi muito atuante junto ao teatro do negro. Como se compunham as bibliotecas dos imigrantes e seus descendentes, mencionadas nos textos literários? Que obras da literatura alemã eram veiculadas nas colônias e o que isso representava? Comparando os textos literários publicados e veiculados nas colônias, antes da 1ª Guerra Mundial, antes da 2ª Guerra Mundial e depois de 1945, o que se poderia observar? Quando se escreverá uma história da literatura brasileira de expressão alemã?

Tecer juízos de valor sobre esta literatura exige mais estudos críticos, que iluminem ângulos recônditos dessa produção. É preciso trabalhar no assunto de modo sistematizado.

### **Fontes bibliográficas**

Aulich, W. Vom Pathos der Auswanderer. In: *Staden Jahrbuch*, São Paulo, 1966.

Barthes, R. *O grau zero da escritura*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Bezner, J. S. Ernesto Niemeyer. Ein Blatt zu seinem Gedächtnis. In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí: Ulrich Löw, 1964, p. 89–90.

Bonow, I. G. *Onde o sabiá canta e a palmeira farfalha. A poesia em língua alemã publicada nos anuários sul-riograndenses (1874–1941)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUC-RS, Instituto de Letras e Artes, 1991.

Canstatt, O. *Kritisches Repertorium der Deutsch-Brasilianischen Literatur*. Berlin: Dietrich Reimer, 1902.

Canstatt, O. *Crítico da literatura teuto-brasileira*. Trad. Eduardo de Lima Castro. Rio de Janeiro: Presença, 1967.

Fausel, E. Literatura rio-grandense em língua alemã. In: *Enciclopédia Rio-Grandense*. Porto Alegre: Regional, 1956.

Fausel, E. Deutsche Stimmen in der rio-grandenser Literatur (Vozes alemãs na literatura rio-grandense). In: *Intercâmbio* 15, Rio de Janeiro, cadernos 4/6, 1957, p. 82-88.

Fausto, B. *Fazer a América*. São Paulo: Memorial/EDUSP, 1999.

Fittbogen, G. Deutsche Dichtung in Brasilien (Literatura alemã no Brasil) In: *Der Auslandsdeutsche*, Nr. 12, Jg. 16, Berlin, 1933, p. 304-309.

Fleischer, M. *A poesia alemã no Brasil. Tendências e situação atual*. São Paulo: FFLCH-USP, boletim nº 311, 1967.

Fleischer, M. com colaboração de Celeste Ribeiro de Sousa. *Elos e anelos*. São Paulo: Centro de Germanística da USP, 1981.

Fouquet, C. *Der deutsche Einwanderer und seine Nachkommen in Brasilien 1808-1824-1974*. São Paulo, Porto Alegre: Instituto Hans Staden e Federação dos Centros Culturais "25 de Junho", 1974.

Fouquet, C. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808-1824-1974*. Trad. Guido F. J. Pabst. São Paulo, Porto Alegre: Instituto Hans Staden e Federação dos Centros Culturais "25 de Junho", 1974.

Freitas, I. A. *A máscara cai*. Wolfgang Ammon no contexto da literatura teuto-brasileira. São Paulo: Arte & Cultura, 1995.

Freitas, I. A. *A (re)construção do retrato do Brasil*. Tese de Doutorado. Assis: UNESP, 1997.

Grützmann, I. *A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

Grützmann, I. Práticas de leitura no Paraná: os almanaques em língua alemã (1895-1934). In: *Martius-Staden Jahrbuch* 52 (61-90), 2000.

Grützmann, I. O carvalho entre palmeiras: representações e estratégias identitárias no germanismo. In: *História-Unisinos* 8 (115-169), 2003.

Grützmann, I. O almanaque (Kalender) na imigração alemã na Argentina, no Brasil e no Chile. In: Dreher, Martin N.; Rambo, Arthur B.; Tramontini, Marcos J. (Org.).

*Imigração & Imprensa XV* Simpósio de História da Imigração e Colonização. Porto Alegre: EST Edições, 2004, p. 48–90.

Huber, V. *Saudade e esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau: Ed. da FURB, 1993.

Huber, V. *A ponte edênica: da literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer*. São Paulo: Annablume, 2009.

Koch, W. *Der Kolonist im Spiegel der Erzählungen des Koseritz' Kalenders*. Versuch einer Deutung. Porto Alegre: Meridional "Emma", 1964.

Koch, W. O Brasil, sua terra e sua gente nos contos do Koseritz' Deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul (1874–1890). In: *I Colóquio de Estudos teuto-brasileiros*. Porto Alegre, 1963.

Kuder, M. *Die deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien*. Berlin: Ferdinand Dümmler, 1937.

Kunzler, E.; Grützmann, I. Fora do cânone, dentro da cultura: relações transtextuais e a construção de identidades e diferenças na literatura de expressão alemã no Brasil em almanaques (1874–1941). On line.

Menasse, R. *Sinnliche Gewißheit*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1996.

Menasse, R. *Certeza sensível*. Trad. Lori Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1991. Miranda, W. M. *Nações literárias*. São Paulo: Ateliê, 2010.

Neumann, R. G. *A Muttersprache (língua materna) na obra de Wilhelm Rotermund und Balduino Rambo e a construção de uma identidade cultural híbrida no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

Pound, E. How to read. In: *Literary essays of Ezra Pound*. New York: A New Directions Book, 1968.

Ribeiro de Sousa, C. Uma fenomenologia da desespirtualização (Robert Menasse). In: Bolle, Willi; Kupfer, Eckhard (orgs.). *Relações entre Brasil e Alemanha na época contemporânea*. Santos: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2015, p. 89 e 91.

Ribeiro de Sousa, C. Uma narrativa safa em época de censura. Da literatura brasileira de expressão alemã. In: *Sibila*. Revista de poesia e crítica literária. Cotia: 2013. On line.

Ribeiro de Sousa, C. Literatura brasileira de expressão alemã. In: *Sibila*. Revista de poesia e crítica literária. Cotia: 2009. On line.

Ribeiro de Sousa, C. Die deutschsprachige brasilianische Literatur. Brazilianische postkoloniale Literatur? Deutsche koloniale Literatur? In: *Tópicos. Deutsch-brasilianische Gesellschaft E.V. Sociedade Brasil-Alemanha*. 49. Jahrgang. Nr. 3, 2010, p. 50-51.

Ribeiro de Sousa, C. Literatura de minorias: Klaus Krott vira estancieiro. In: Nitrini, Sandra et alii. *Tessituras, Interações, Convergências*. Anais do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada. São Paulo, ABRALIC, 2008. On line.

Ribeiro de Sousa, C. Lições de ética no canto do bem-te-vi. Da literatura da imigração alemã no Brasil ou da literatura pós-colonial brasileira. In: Nitrini, Sandra et alii. *Literaturas, Artes e Saberes Anais do Encontro Regional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. São Paulo, ABRALIC, 2007.

Ribeiro de Sousa, C. (coord.). Projeto LIBEA - "Literatura brasileira de expressão alemã". On line.

Ribeiro de Sousa, C. *A narrativa literária no Anuário do Correio Serrano após 1948: temas*. São Paulo: FFLCH/USP, 1980.

Schneider, W. *Die auslanddeutsche Dichtung unserer Zeit*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1936.

Siri, H. Bodenständiges Schrifttum. Betrachtungen einer Dichterin. (Letras localistas. Considerações de uma poetisa). In: *Brasil-Post*, São Paulo, 24.10. 1959, p. 1.

Todorov, T. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes 1988.

Tramontini, M. J. *A escravidão na colônia (São Leopoldo - primeira metade do século XIX)*. On line.

Willems, E. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

Zwanziger, I. (Hilda Siri). Kleinigkeiten. In: *Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas: edição da autora, 2000, p. 141-143.

## 5. A parte alemã da literatura brasileira: ontem e hoje\*

Chamo de parte alemã da literatura brasileira a produção literária produzida no Brasil pelos imigrantes de língua alemã e seus descendentes. Os porquês dessa designação encontram-se detalhadamente explicados e justificados no artigo “A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica” (*Pandaemonium Germanicum*, disponível na internet). Não vou tratar deles aqui. Mas gostaria de dizer que, neste campo, mais de 200 autores já foram levantados. Desses cerca de 200, 23 escritores já foram objeto de investigação e os resultados encontram-se on line sob a designação “Literatura brasileira de expressão alemã – LIBEA”. Os demais aguardam pesquisa. Uma contextualização ampla desse macroprojeto LIBEA pode ser encontrada no *Guia Bibliográfico da FFLCH* on line sob a rubrica “Brasil–Países de Língua Alemã: Relações Literárias”.

De fato, a grande maioria dos textos dessa literatura está registrada em língua alemã, por vezes em escrita gótica, difícil de ler nos dias de hoje, e esse duplo estranhamento linguístico determina a escassez de pesquisadores interessados. Além disso, esses textos encontram-se guardados no escuro de inúmeros arquivos espalhados sobretudo pelo sul do Brasil, quer dizer, fora do alcance da grande maioria dos leitores brasileiros. O maior desses arquivos encontra-se em São Paulo – está no Instituto Martius–Staden.

Tomando o Brasil por inteiro, não são todos a saberem que existiram pessoas de língua alemã em território brasileiro desde muito cedo. Por isso, pelo ainda persistente quase desconhecimento do patrimônio literário em tela, penso que vale a pena retomar o assunto desde o começo e peço um pouco de paciência àqueles para quem isso já é maçante. Exemplos de alemães que estiveram no Brasil: Hans Staden em 1550; a família Lins, que se estabeleceu num engenho de açúcar em Pernambuco, também em 1550; Maurício de Nassau, governador do Recife holandês, junto com seu general Siegmund von Schkoppe, o naturalista Georg Markgraf e o soldado desenhador de animais Zacharias Wagner em 1637. Os jesuítas Johann Philipp Betendorf e Anton Sepp Rechegg, chegados em 1669. No final do século XVIII, outros alemães arribam ao Brasil, incorporados às forças portuguesas defensoras das fronteiras da colônia, entre eles, estão Johann Anton Böhm, Wilhelm Ludwig Freiherr von Eschwege, Johann Karl August von Oeynhausens–Gravenburg, a quem D. Pedro I dará o título de Marquês de Aracati. Em 1816,

---

\* Nota: Este texto foi originalmente falado no webinar “Preservação da memória literária do Brasil de língua alemã” no Instituto de Estudos Avançados da USP em 26/10/2020; depois publicado em: Félix, José Luís (org.). *Contos de imigrantes alemães*. Bauru/SP: Gradus, 2022, p. 23–43. ISBN 9786588496947.

a corte de D. João VI no Brasil haverá de desfrutar da presença do compositor e pianista Sigismund von Neukomm, aluno de Haydn. Depois, em 1817, vem todo o séquito da princesa Leopoldine, arquiduquesa da Áustria. Figuras importantes como o zoólogo Johann Baptist Spix e o botânico Karl Friedrich Philipp von Martius realizam vários estudos da flora, da fauna e das gentes brasileiras. A primeira leva de camponeses imigrantes de língua alemã chega à Bahia em 1818. Todavia, o povoamento e a defesa das fronteiras da jovem nação, tornada independente em 1822, vão exigindo mais gente. O jovem imperador Pedro I dá continuidade ao trabalho iniciado por seu pai e incumbe o major alemão Georg Anton von Schäffer de atrair mais pessoas para viver no Brasil. Tinha o imperador em mente três objetivos: 1. formar um exército brasileiro numeroso e bem treinado através da arregimentação de estrangeiros mercenários (os chamados “Brummer”); 2. povoar as imensas terras do império e 3. branquear a população com o aumento dos indivíduos de pele branca. É o tempo da implementação das colônias.

De fato, o major Schäffer consegue atrair muita gente. Dada a miséria na Europa, provocada e deixada pelas guerras napoleônicas e outras, levadas de camponeses emigram em busca de um pedaço de terra para cultivar e alimentar os filhos. Essas levadas aumentarão por causa das dificuldades econômicas advindas da derrota da Alemanha na Primeira Grande Guerra e, depois, por causa da ascensão do nazismo e da perseguição a judeus, comunistas, religiosos, artistas e outras minorias. Mais recentemente, gente de idioma alemão tem vindo trabalhar em empresas de origem de alemã com filiais no Brasil e acaba por ficar. As viagens de navio e de avião, com o tempo, ficam cada vez mais acessíveis e tornam-se grandes aliadas desses movimentos. Os relatos dessas viagens, desde os primórdios, aparecem publicados na Europa. É o caso da célebre experiência de Hans Staden, o qual quase chegou a experimentar a panela dos índios e conseguiu escapar. Igualmente os relatos das viagens de Spix e Martius vêm a ser publicados entre 1823 e 1831, viagens essas recentemente refeitas e colocadas on line por Willi Bolle e Eckhard Kupfer.

Também é o caso do relato do escritor romântico Adelbert von Chamisso *Viagem à volta do mundo (Reise um die Welt)*, de 1836. Outras muitas viagens serão de igual modo registradas em relatos e em obras poéticas como nos poemas e na prosa de Marie Luise Kaschnitz. Sobre este assunto pode-se ler o livro *Retratos do Brasil. Heteroimagens literárias alemãs*.

Em paralelo, as colônias formadas pelos imigrantes de língua alemã no país, depois da construção dos meios de subsistência física, passam a exigir não só colonos, mas diretores, médicos, mestres-escola, pastores, empresários, jornalistas, e logo começam a preocupar-se com a manutenção de laços de pertença, quer dizer, com fundação de igrejas, de escolas, de clubes, de jornais, de anuários.

Os jornais e os anuários, para além das notícias sobre a vida prática nas mencionadas colônias, investem também em cultura e, neste campo, abrem espaço

para a poesia e para a narrativa. Percebem seus diretores a função insubstituível da literatura na aquisição e manutenção do conhecimento, no equilíbrio social e psíquico dos colonos, quase todos eles alfabetizados. Os textos literários funcionam como espelhos em que o grupo se vê refletido e se reconhece como grupo, o que oferece coesão e segurança. No começo, eram textos provenientes da literatura canônica de língua alemã, também de literatura brasileira traduzida para o alemão (assunto por pesquisar). Leia-se sobre isso “Da potencialidade da literatura brasileira de expressão alemã”, no livro *75 anos de alemão na USP*, on line. Depois, os próprios imigrantes começam a produzir sua literatura e a publicá-la nos jornais e nos anuários. Também criam obras extensas, publicadas em brochuras nas editoras associadas com a impressão dos jornais. O teatro não falta. Esses textos merecem atenção tanto pelas imagens, que traduzem o desenvolvimento do Brasil visto de uma perspectiva *sui generis*, quanto pela realização estética que alguns alcançam. Registram eles as vozes de todos aqueles que tomaram parte na defesa das fronteiras do Brasil, no povoamento do país, na conquista de terra agriculturável à floresta, na paulatina urbanização dos primeiros assentamentos com estabelecimentos de comércio. Registram também as vozes dos colonos desiludidos com as condições inóspitas encontradas, longe das promessas feitas, as vozes dos colonos vitoriosos apesar de todas as dificuldades, as vozes dos choques com a cultura brasileira e sua assimilação. O legado literário dos imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil constitui um subsídio relevante para a história da construção do país, que continua a aguardar pesquisa. No livro *Desafios críticos. Literaturas estrangeiras em pauta* de Lyslei Nascimento e Neide Nagaie, há uma parte intitulada “Forçando as fronteiras artificiais do cânone: o caso da literatura brasileira de expressão alemã” em que se defende a inclusão, na história da literatura brasileira, de um capítulo sobre a literatura dos imigrantes no Brasil.

Por que os textos literários são importantes para a coesão social e equilíbrio psíquico, neste caso, dos imigrantes? Porque, em primeiro lugar os textos literários são arquivos da memória do passado próximo e do passado remoto, onde se encontram fincadas as raízes, que lhes asseguram o prumo, que lhes escoram a existência. Trata-se do passado europeu, que tem laços com o presente ainda não muito bem definido, e ajuda a projetar rumos para o futuro, que comporta uma outra realidade – a brasileira –, que é preciso conhecer. Em segundo lugar, os textos literários promovem, de um modo peculiar, o conhecimento, isto é, têm a ambição de captar a realidade caleidoscópica como um todo e, para isso, criam um mundo narrado, poetizado, teatralizado, que lhe serve de espelho. Literatos não titubeiam em trazer para dentro do texto o mundo das emoções contraditórias de um amplo espectro de existências humanas, despertando no leitor projeções, profundas e regeneradoras empatias, assim como brutais rejeições. É essa interatividade do texto com o leitor que promove um modo mais fácil de adquirir conhecimento, porque este é vivenciado, ainda que indiretamente. Santo Agostinho mostrou em *Confissões* – livro X – que a memória só guarda o

que foi vivido com emoção<sup>17</sup>. Não por outro motivo Antonio Candido afirmou em “A literatura e a formação do homem” que “a literatura é uma força civilizadora” (1972:805/806). Também em *Vários escritos*, afirma ele:

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. [...] Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. (CANDIDO 1995, p. 243).

Tal como Antonio Candido, também Richard Rorty, filósofo pragmatista, se debruça sobre as funções sociais da literatura, um assunto comentado no youtube por Aurora Bernardini em “Literatura, humanidades e outras artes – *Literatura como redenção*”.

Porque o ser humano tende, pelo chamado “viés de confirmação”, a procurar e a ler apenas as informações que confirmem seu repertório de saber e a repelir tudo o que o contradiga, a Literatura deveria fazer parte da grade curricular de todos os cursos universitários, pois só a leitura de bons textos, aqueles que vão além do senso comum e não se limitam a reproduzir o status quo ou a *doxa*, conduz ao amplo contato, ainda que indireto, com a imensa diversidade que caracteriza o nosso planeta e à reflexão sobre o significado dessa tão grande diversidade em todos os planos da existência. A Literatura promove a compreensão e necessária aceitação de todas as diferenças inatas à existência terrestre, ao trazê-las à luz, para que sejam discutidas, analisadas e apreendidas; promove, portanto, a tolerância e, com ela, a solidariedade. O avanço da tecnologia não pode perder de vista o bem-estar de todos os seres que devem ser seus beneficiários. A História mostra-nos que tecnologia sem reflexão humanística abre caminho à barbárie, ao sofrimento e à morte. E isso, os imigrantes de língua alemã no Brasil sabiam! Entre os primeiros imigrantes de idioma alemão a fundar um jornal e um anuário, e também a escrever literatura está Karl Koseritz, um “Brummer”, um mercenário chegado ao Brasil em 1851 com 21 anos. Koseritz chegou a ser membro do Partido Liberal Brasileiro. Como representante da região colonial rio-grandense, integrou a Assembleia Provincial. A obra de Koseritz ainda tem pouca coisa traduzida para o português, mas a narrativa *A expiação* (Die Sühne), de 1875, já pode ser acessada no e-book *Karl von Koseritz (1830–1890): vida e obra*. Trata-se de um texto com traços biográficos a dar conta, em torno de uma espinha dorsal tecida por casos de amor, da situação econômica na Alemanha da época e das razões da emigração, dos processos de povoamento e da substituição da mão de obra escrava no país, do descompromisso de muitos imigrantes com a guerra civil dos Farrapos ou Farroupilha (1835– 1845) e da participação de imigrantes na Guerra do Prata, em que o país é retratado não só como um refúgio de maus-caracteres mas também como um lugar de regeneração moral. Sobre Koseritz há produção

---

17 Santo Agostinho. *Confissões*. Livro X. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril (Coleção Pensadores), 1973, p. 195–229.

crítica significativa que também está on line no e-book mencionado. De espírito liberal, Koseritz manteve uma acirrada polêmica com o protestante Wilhelm Rotermond. De Rotermond também já há textos traduzidos, por exemplo, *Wie einer durch einen Cipo festgehalten wurde* (preso a um cipó), de 1881.

Wilhelm Wustrow, outro autor imigrante, chega ao Brasil em 1886 com 32 anos e estabelece-se em São Lourenço do Sul (RGS). Vem exercer as funções de pastor e mestre-escola porque nessa época, no Brasil, ainda não há educandários públicos regulares para todos. São os alemães aqui residentes que cuidam da criação e manutenção de escolas para suas crianças e, aí, o ensino é ministrado em língua alemã, segundo padrões que remetem ao Reich. Muitos dos mestres são pastores vindos da Alemanha para amparar a *Kultur* alemã além-mar dentro da ideologia da identidade étnica (*Deutschtum*) e do pangermanismo, que é um grande laço de pertença.

A obra de Wustrow oferece textos encantadores sobre o Brasil e alguns já estão disponíveis no e-book em construção *Wilhelm Wustrow (1854-1941): vida e obra*. Entre suas narrativas, destaco uma intitulada *Eine Ente*, literalmente, *Um pato* (1910). Mas, aqui, a palavra corresponde no jargão jornalístico a uma “barriga”, que vem a ser uma matéria com informações falsas ou erradas, *fake news*, nas palavras de hoje. No decorrer da leitura, que não deixa de contemplar a jocosidade, o leitor é obrigado a entender as diferenças entre fato, realidade, relato, ficção e metaficção. E isto já em 1910!<sup>18</sup>

Gertrud Gross-Hering é também uma autora pertencente ao grupo étnico de fala alemã no Brasil. Gross-Hering chega ao Brasil em 1879 sem ainda ter completado um ano de idade. É filha do patriarca da indústria têxtil fabricante das camisetas “Hering” que qualquer brasileiro conhece. Talvez seja a escritora que mais romances escreveu. Alguns deles ultrapassam as duzentas e mesmo trezentas páginas. Algumas de suas obras já estão acessíveis no e-book *Gertrud Gross-Hering (1879-1968): vida e obra*. No geral, seus livros, têm como pano de fundo a época em torno das duas Grandes Guerras tanto na Alemanha como no Brasil. A escritora é uma engenhosa arquiteta de enredos, constrói tramas complexas que prendem a curiosidade do leitor. Insere em seus textos reflexões femininas já com um quê de feminismo sobre as condições existenciais das mulheres: submissão a normas educacionais arcaicas, enfrentamento do patriarcalismo, do machismo, muitas vezes entrelaçados com alcoolismo e jogo. É o caso da tetralogia *Destinos de mulheres (Frauensicksale)* também já traduzida e on line no e-book citado. Em todos os seus textos, são vívidas as descrições minuciosas da paisagem física e social nas colônias alemãs em torno da hoje cidade de Blumenau.

---

18 Análise integral em: Ribeiro-de-Sousa, Celeste. A metaficção no arquivo literário de Wilhelm Wustrow: entre fatos e fake news. In: Maia, Claudia & Nagae, Neide (orgs.). *Coleção e arquivo. Memória e tradição*. São Paulo: FFLCH-USP, 2021, p. 213-230. On line.

Gross-Hering é uma rara escritora a atrever-se a tematizar o nazismo, olhando-o de múltiplas perspectivas: através de personagens ingênuas, que nele só percebem o cultivo de virtudes como o respeito, a disciplina e a solidariedade, através de entusiastas do Führer, visto como único salvador da República de Weimar na bancarrota, e através de figuras, que expressam grandes ressalvas e mesmo desaprovação a essas novidades políticas.

No caso da primeira perspectiva, aquela da ingenuidade, a narrativa *Ein guter Kern* (De boa cepa), já traduzida, é uma boa ilustração. Problematiza a identidade do ser alemão e brasileiro ao mesmo tempo, assim como a simpatia pelas virtudes observadas na juventude hitlerista alemã em contraposição a uma certa tibieza comportamental brasileira.<sup>19</sup>

A segunda e a terceira perspectivas mencionadas, a do entusiasmo com o nazismo e a das ressalvas e mesmo condenação a esse movimento estão ilustradas, por exemplo, no romance de 275 páginas *Und dann kam die Lösung* (E aí veio a solução), publicado em Blumenau em 1956, e num exemplar de 357 folhas datilografadas intitulado *Der Ruf über's Meer* (O chamado d'além mar), sem data, mas com dedicatória da própria autora, e que permaneceu inédito.

Aliás, já em 1924, portanto, depois da Primeira Guerra Mundial, Robert Weber publicara uma engenhosa narrativa com o título *Ein Weihnachtsmärchen* (Um conto de Natal) para atacar o Tratado de Versailles e driblar a censura imposta pelo governo brasileiro da época – Artur Bernardes. Tanto a narrativa quanto sua tradução estão no e-book *Robert Weber (1895-1975): vida e obra*, e uma análise mais extensa do assunto também existe<sup>20</sup>.

Hilda Siri, pseudônimo de Hilda Iris Gressler (Zwanziger), já nasce no Brasil, em Ijuí, em 1918, mas é como se tivesse nascido na Alemanha. Tudo à sua volta preserva a velha pátria. Ela mesma casa com um alemão, Marquard Siegfried Zwanziger, filho natural do escritor expressionista Walter Hasenclever (1890-1940). Numa pequena autobiografia guardada no seu espólio e a mim cedida em cópia pelo filho Marcus Zwanziger, confessa que se descobriu brasileira de supetão, da noite para o dia, mais exatamente no dia 25 de agosto de 1939 por obra de decreto-lei 1.545, promulgado por Getúlio Vargas, que proibia falar alemão em público – um crime idiomático. Foram dias muito difíceis. (Sobre o assunto, vale a pena ver no youtube o documentário “Filhos da Alemanha no Brasil”).

---

19 Análise integral em: Ribeiro de Sousa, Celeste. Gertrud Gross-Hering e o hibridismo em “Ein guter Kern”. Uma boa narrativa da realidade brasileira. In: Emmel, Ina; Blume, Rosvitha; Heidermann, Werner (orgs.). *Anais do 2º Congresso da Associação Brasileira de Estudos Germanísticos* (ABEG). Florianópolis: UFSC, 2017, p. 48-59. On line.

20 Ribeiro de Sousa, Celeste. Robert Weber entre a Alemanha e o Brasil. In: *Anais do 1º Congresso da Associação Brasileira de Estudos Germanísticos* (ABEG). São Paulo: ABEG, p. 28-32. On line.

Num de seus ensaios, intitulado *Bodenständiges Schrifttum. Betrachtungen einer Dichterin*. (Letras localistas. Considerações de uma poetisa), de 1959, acessível em alemão e em português no e-book *Hilda Siri (1918–2007): vida e obra*, a escritora reflete sobre a natureza da literatura “teuto-brasileira” e, nele, evidencia as circunstâncias e as condições de vida das comunidades teuto-brasileiras, quer geográficas, quer sociais e culturais, sobretudo depois da campanha de nacionalização imposta por Getúlio Vargas entre 1938/39, para explicar a falta de expoentes literários nessas comunidades, aludindo a um certo “dirigismo” no âmbito das editoras, que facilitavam e incentivavam a publicação, sobretudo, de memórias.

A narrativa *Die alte Truhe* (O velho baú), de 1952, de cunho autobiográfico e memorialista, uma narrativa bastante elaborada do ponto de vista formal, é uma das melhores da autora. Trata-se de um texto, originalmente assinado com o pseudônimo Valdívia, distinguido com o segundo prêmio no âmbito de um certame instituído pela Editora Ulrich Löw. O baú funciona como mola propulsora do desenvolvimento da ação formatada em *flashbacks*, dando expressão a um tempo íntimo, ancorado no objeto que literalmente carrega o passado e o presente, e vai pondo a nu informações sobre a vida heroica de quatro gerações de antepassados. É evidente a exaltação dos antepassados pelo trabalho e sacrifícios que fizeram em prol de seus descendentes, e também em favor da nova pátria onde se fixaram e viveram. A veneração do eu-narrador chega ao auge no final da narrativa, que se concentra novamente no baú. Como curiosidade, acrescento que este baú existe e está exposto no museu de Ijuí. Seu conto *Die Rache des Urwalds* (A vingança da floresta virgem), de 1955, narra da perspectiva íntima da mulher forte, de modo conciso, intenso e trágico, o dia-a-dia de uma família imigrante. Num certo dia de labuta contra a floresta, na conquista do seu solo fértil, a luta é ganha pelas árvores; sobra à personagem-narradora perceber a própria morte, sua derrota, sua exclusão daquelas terras brasileiras que não a aceitaram.

Em paralelo aos que escreviam em alemão, dois descendentes de alemães escreviam apenas em português e fazem hoje parte do cânone literário brasileiro. São eles Raul Bopp (1898–1984) e Augusto Meyer (1902–1970), estudados por Valburga Huber em seu doutorado intitulado *A ponte edênica. Da literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer*, de 2009.

Esta produção literária levada a cabo por imigrantes de língua alemã no Brasil e seus descendentes, todavia, não é um fenômeno do passado. Esta produção literária continua no presente, embora, claro, em circunstâncias absolutamente outras, e nela podem-se distinguir três grupos: 1. o grupo que continua a escrever e a publicar em alemão, 2. o grupo que escreve e publica tanto em alemão quanto em português e 3. o grupo que só o faz em português.

Começamos pelo o grupo que só escreve e publica em português. São autores reconhecidos pela crítica, alguns deles premiados. Deste grupo fazem parte

nomes como: Adolf Boos, Ana Rüsche, Charles Kiefer, Ivan Seibel, Lausimar Laus, Lya Luft, Rui Nedel, Sigrid Renaux, Urda Klüger. Aqui, a título de ilustração, destaco Ana Rüsche e Sigrid Renaux, que escrevem poemas.

Abaixo, um poema de Ana Rüsche, que tem Mestrado em Direito e doutorado em Literatura de Língua Inglesa, é dona de um blog, e é uma escritora extremamente criativa, premiada e traduzida. Seu nome ficou entre os finalistas do Prêmio Jabuti 2019. Ana Rüsche é neta de alemães. O poema, de 2010, intitula-se “*Testemunha nº 4*”, é todo escrito em minúsculas, apesar dos pontos finais, extraído do livro *Nós que adoramos um documentário*, de 2010. Nele, salta aos olhos a potência irradiadora do estranhamento, do exílio do imigrante em todos os níveis.

#### **Testemunha nº 4**

essa nunca fui eu, ana. mas sempre quis.  
a menina dos olhos amendoados também não tirava a camiseta.  
a outra-menina caminhava miúda, fingindo conchinhas imaginárias  
na faixa molhada, escura. os meninos idiotas já gritavam japonesa  
nadadora  
nada de peito, nada de bunda, era nem era nada daquilo, mas não  
sabia  
queria é ter logo 60 anos e ser a mulher que anda com a mão pra  
trás.  
minha avó só fala num português errado e faz bolinho de chuva  
ela tá chamando. era bolinho de arroz, mas esqueci. vou fingir  
63 anos, ando com a mão pra trás e não entendo  
nenhuma palavra de português, nada.

Sigrid Renaux é outra poetisa que se encaixa nesse grupo. Hoje aposentada, foi professora titular de Literatura de Língua Inglesa da Universidade Federal do Paraná. É descendente de um “*Brummer*” (militar alemão), condecorado por D. Pedro II. Aqui um de seus poemas imagéticos, extraído do livro *Azuis*, de 2006, que nos coloca pequeninos isolados no cosmo, assim:

Na transparência da noite  
A lua nos vê  
Pálidos extasiados Incrivelmente  
Azuis.

Ou ainda em outro livro, intitulado *Entreverdes*, de 2013, Sigrid configura a natureza morta, espelhando em alegoria a vida dos humanos, automatizada e sempre em movimento.

Dormindo ao sol  
Ceifados  
Enfileirados  
Os rolos de feno ignoram  
A partida

No entanto, em paralelo a esse grupo, persiste um outro, ainda apegado às experiências da imigração. Destaco aqui Liti Belinha Rheinheimer. Liti Belinha Rheinheimer, é uma escritora premiada, descendente de alemães, que escreve em alemão e também em português. Liti Belinha é professora aposentada e membro da Academia Literária do Vale do Rio dos Sinos (ALVALES). Sua produção literária pode ser apreciada no e-book *Liti Belinha Rheinheimer (\*1941): vida e obra*. A trilogia intitulada *O campanário do tempo*, publicada entre 2006 e 2011 (on line no e-book citado), chama a atenção, porque lembra *O Tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, ao dar forma à epopeia de uma família de imigrantes alemães do século XIX ao século XX. Contudo, ilustro aqui seu trabalho literário com um poema escrito em alemão, publicado em 1994 "*Freundschaft mit Wurzeln...*" (Amizade com raízes...). O título é comprido, o poema também, a mostrar o tamanho das raízes a que dá forma. Este poema tem a particularidade de em quase todos os últimos versos de cada estrofe apresentar uma citação, que remete a outro poema musicado, ou canção popular, verdadeiros links, que uma vez clicados, abrem os horizontes para mundos remotos e presentes, altamente afetivos, alegres ou melancólicos. Vale a pena ouvir os refrões do poema "*Amizade com raízes...*" (alemão e português) no e-book *Liti Belinha Rheinheimer (\*1941): vida e obra*, um poema que não deixa morrer a saga da (e)imigração dos indivíduos de língua alemã, um poema que mantém vivas as mais profundas raízes dessa gente, que vive em terras brasileiras, e que também, no fundo, ancoram o país numa enorme tensão identitária.

E, para terminar, apresento um representante do grupo, que só escreve em alemão – Eckhard Ernst Kupfer –, um imigrante alemão de Stuttgart, nascido em 1942. Formado em Letras e Filosofia, cursou também Comércio Exterior e Logística. Trabalhou na Alemanha e nos USA. Mudou-se para o Brasil em 1977, para a cidade de São Paulo, onde fixou residência. Aqui, hoje, atua em diversas áreas: como jornalista independente, colabora regularmente com o site *Brasil Alemanha*. Foi durante quinze anos diretor do Instituto Martius-Staden, tendo sido durante esse tempo o editor do *Martius-Staden Jahrbuch*. Sua última publicação leva o título bilíngue Sobre viver *Über leben*, publicado no começo de 2019 e que também está on line no e-book *Eckhard Ernst Kupfer (\*1942): vida e obra*. O poema, intitulado "Perspectivas", traduzido por Cide Piquet, ilustra o desconforto da desterritorialização, do exílio linguístico e, ao mesmo tempo, a esperança num mundo além do horizonte familiar.

#### **Perspectivas**

Lançar raízes num país distante  
assumir as consequências  
ainda desconhecidas  
Plantar árvores  
em terra nova  
na esperança de que brote  
alguma coisa grandiosa  
Semear em solo seco  
sem água ou irrigação  
esperar que não seja em vão

e a colheita, uma ilusão  
Construir o futuro  
sobre terreno incerto  
viver com o risco  
de que vire um deserto  
Este porém é o atrativo:  
o novo  
o desconhecido sem limites ou fronteiras  
que abre perspectivas  
para uma vida inteira

O poema de Eckhard Kupfer põe em evidência o estar-entre-mundos, entre-espaços, entre-tempos, um estar acima ou à margem dos mundos, dos espaços e dos tempos dos outros. Dá forma ao "Dasein" de todos os e(i)migrantes.

## 6. Literatura brasileira de expressão alemã O projeto LIBEA\*

Em pauta está a produção literária de uma minoria ciosa de sua identidade singular, composta de imigrantes de língua alemã e seus descendentes, cujos antepassados chegaram ao Brasil a partir de 1824 (este é o marco oficial) e que segregaram, e foram segregados, pela população local e nacional, a qual, por sua vez, é pós-colonizada.

O Brasil tornou-se um país independente em 1822. Segundo os critérios da nacionalidade brasileira, o *jus solis*, trata-se de textos escritos por imigrantes de língua alemã e por brasileiros, já que a maioria desses autores nasce já no Brasil, enquanto, segundo os critérios da nacionalidade alemã, o *jus sanguinis*, se trata de textos escritos por alemães. Em qualquer dos casos, essa literatura é portadora de uma perspectiva poética dita marginal.

Os textos literários produzidos e publicados por esses imigrantes de língua alemã e seus descendentes pertencem a um universo de autores e obras inteiramente desconhecidos, apesar de alguns trabalhos críticos existentes, de incidência muito pontual. Esses trabalhos dão a conhecer uma literatura *sui generis*. Werner Aulich, em 1965, secundado por Marion Fleischer, em 1967, diz: "Sem dúvida é possível afirmar que mesmo o melhor poeta teuto-brasileiro não atinge, no que respeito à concepção estilística, à consciência linguística e à estruturação temática, senão a média de autores europeus. Mas da mesma forma pode afirmar-se que esses dois valores distintos devem ser medidos de duas maneiras, sendo necessário chegar a critérios diferentes para avaliar com justiça um fenômeno recente, único e isolado" (Aulich, 1956, p. 206). Marion Fleischer corrobora a opinião de Manfred Kuder que, em artigo de 1963, delinea alguns traços típicos dessa literatura, dizendo que é usual o "emprego daquela forma que os poetas conheciam anteriormente à sua emigração da Alemanha, enquanto o conteúdo é condicionado, especificamente, pelas novas condições prevaletentes nas colônias alemãs" (Kuder, 1963, p. 298). Também eu reconhecia, em 1980, sob os influxos do Formalismo Russo e do livro de Kenneth Burke *Teoria da forma literária* que, "na medida em que os pormenores numa obra sejam oferecidos, não por sua conexão com a tarefa de moldar e atender às expectativas do leitor, mas porque tais pormenores são interessantes por si mesmos, o atrativo da forma se coloca atrás do atrativo da informação. A atrofia da forma segue-se à hipertrofia da informação" (Burke, 1969, pp. 145-146). Isto significa um enfraquecimento da potenciação poética.

---

\*Nota: Este texto foi originalmente publicado na *Revista Sibila*, Ano 9, 18 de dezembro de 2009. ISSN 1806-289X.

Esses textos, porém, podem ser relidos à luz de teorias surgidas posteriormente e que atendem pela designação geral de pós-colonialistas e contracolonialistas. Conceitos como hibridismo, miscigenação, resistência, centro, periferia, margem, são aqui passíveis de aplicação e também de relativização. Leva-se em conta neste caso o pós-colonialismo no sentido temporal. Essa literatura, até onde se sabe de acentuado teor memorialístico, é iniciada em um Brasil recém-independente (1822) e constitui um testemunho, em língua alemã, de um Brasil pós-colonial. Levando-se em consideração as palavras de Boaventura de Sousa Santos acerca do relativo pouco conhecimento existente sobre o colonialismo/pós-colonialismo português, parece-me de relevância levar a cabo este projeto, que fornecerá elementos que contribuirão para o alargamento e aprofundamento de tal repertório. E também não se deve perder de vista que tal pesquisa enriquecerá a investigação do “colonialismo” alemão no Brasil. Lembremo-nos do conceito de pangermanismo, cultivado com entusiasmo à época de Bismarck e de Hitler.

No âmbito das relações literárias Brasil-Alemanha vistas da perspectiva imagológica, por exemplo, conhecem-se imagens do Brasil veiculadas na literatura de língua alemã, conhecem-se imagens dos alemães configuradas na literatura brasileira, mas ignoram-se as imagens de brasileiros e de Brasil (ou de Portugal) consubstanciadas na literatura produzida pelos imigrantes de língua alemã e seus descendentes, talvez por estar esta fora do alcance do grande público brasileiro, por conta da barreira da língua e do desconhecimento do acervo. Há textos, poucos, veiculados em língua portuguesa, que igualmente merecem pesquisa.

Embora os produtores desse tipo de literatura estejam, desde o começo, voltados para um público leitor conhecedor do alemão, é errôneo pensar que seus textos só alcançavam as colônias alemãs na zona rural brasileira. Não só se encontram textos literários nos inúmeros Anuários de perfil rural, que, no entanto, também alcançam as comunidades de língua alemã no Chile e na Argentina, mas esses textos também se publicam em brochuras e em vários jornais, alguns dos quais chegam até os dias de hoje (2009), circulando em língua alemã por todo o país, como é o caso do *Brasil-Post*, um jornal brasileiro que também chega à Alemanha, à Áustria, à Suíça, à Namíbia, aos Estados Unidos, ao Canadá, à Austrália e aos demais países da América Latina. No exemplar de 30 de janeiro de 2009, à página 10, há, por exemplo, um poema de Waldtraut Blass, residente em Presidente Getúlio, cidade de Santa Catarina, intitulado “Eines der sieben neuen Weltwunder”, poema constituído por um terceto e 18 quadras sobre a estátua do Cristo Redentor. Em 2000, sai a segunda edição da obra coligida de Hilda Siri, que logo se esgota. O *Anuário do Correio-Serrano (Serra-Post-Kalender)* circula a última vez em 1974. E existem publicações independentes, como a de Eckhard Kupfer, por exemplo. Veja-se o e-book *Eckhard Kupfer (\*1942): vida e obra*. Portanto, a rigor, a literatura produzida por imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil é um fenômeno ainda perto de nós, tendo o ápice dessa produção se prolongado à década de 1970. Ora, se se levar em conta, por motivos diversos, o seu desconhecimento pelo grande público de língua portuguesa, e mesmo pelo europeu

de língua alemã, quase poderíamos afirmar que se trata de narrativas/poesias, de histórias submersas, irrelevantes. Trata-se, portanto, de um conhecimento, como quer Edward Said, que preenche vazios e omissões referentes às resistências (outrora) existentes em relação à construção de um conceito oficial de uma nação brasileira una e coesa, o que empresta a essa produção literária, dependendo da perspectiva da análise e das premissas teóricas, um duplo estatuto/status tanto de literatura pós-colonial brasileira como de literatura colonial de língua alemã. Essa literatura pode, então, como se disse, ser avaliada, hoje, de outros vieses, podendo os estereótipos e preconceitos que a cercam ser desconstruídos, a saber, que não se trata de uma literatura produzida por camponeses, mas por professores, médicos, jornalistas, comerciantes, donas de casa; que não é uma literatura sem valor estético de espécie alguma, pois há textos de considerável potenciação poética; que não é um fenômeno temporalmente datado, nem do ponto de vista da produção, nem do da recepção, porque ainda hoje é produzida e lida.

Em face deste estado de coisas, lancei em março de 2006 o projeto (interuniversitário e aberto) LIBEA – “Literatura brasileira de expressão alemã” on line. Este projeto tem o apoio do Instituto Martius–Staden de São Paulo e foi apresentado em 29 de agosto de 2008 em um ciclo de conferências organizado pelo politólogo Rainer Schmidt, na época ocupante da Cátedra Martius na Universidade de São Paulo, e em 14 de setembro de 2009 em uma conferência na Universidade de Coimbra. O projeto propõe:

1. recuperar o acervo dessa produção literária à exaustão (autores e obras) e centrá-lo como polo de referência, para amenizar/evitar a duplicação de pesquisas sobre um mesmo tema e a repetida reconstrução de contextos histórico-culturais;
2. ler essa produção à luz de outras correntes teóricas. No momento, proponho as correntes/teorias pós-coloniais voltadas para as nuances do caso português/brasileiro, não deixando de lado, no entanto, a análise de sua qualidade poética, nem a exploração de outros temas;
3. elaborar uma história da “literatura brasileira de expressão alemã”.

O locus de onde falo é um entre-espaço tenso no cruzamento entre filologia e literatura comparada, entre a germanística intercultural de Wierlacher, em que a cultura alemã é ponto de referência, e a literatura comparada, em particular da imagologia literária, que pressupõe um ponto de vista supranacional, isto é, acima das nacionalidades, como defende Hugo Dyserinck.

O projeto “Literatura brasileira de expressão alemã” – LIBEA – alocado no site do Instituto Martius–Staden, foi pensado em três partes: Uma primeira parte, constituída de uma introdução geral, contextualizando o assunto na história brasileira e na história alemã, de uma apresentação das teorias que norteiam o projeto e

lhes dão suporte, e de uma relação bibliográfica que também ampara o projeto. Uma segunda parte, que se propõe recuperar todos os autores, imigrantes e seus descendentes, e suas obras produzidas em língua alemã (com traduções) e eventualmente portuguesa, com dois anexos: um reservado aos exilados e outro aos viajantes, para que se possa, um dia, ter uma visão mais abrangente e, simultaneamente, focada das relações literárias entre o Brasil e a Alemanha. Esta segunda parte é constituída por micro projetos. Para recuperar a obra de cada autor, concebeu-se a seguinte estrutura: uma página digital em português, dedicada a dados biobibliográficos de cada escritor; uma página digital para cada texto original (narrativa, poema, tradução, ensaio), em alemão moderno (muitos dos textos estão escritos em gótico), com a respectiva fonte; uma página digital para a respectiva tradução; uma página digital para a apresentação em português dos resumos comentados, para que o leitor brasileiro possa ter uma ideia do que se trata, enquanto não houver tradução para todas as obras; uma página digital para a coleta de toda a bibliografia crítica já existente sobre o autor e sua obra. Já se encontram on line as obras (ou parte delas) de autores como Alfred Reitz, Elly Herkenhoff, Georg Knoll, Gertrud Grimm, Hilda Siri, Karl von Koseritz, Robert Weber e Wilhelm Rotermund e outros. No anexo dedicado aos exilados, já lá estão Ulrich Becher, Richard Katz e Julia Engell-Günther. No espaço reservado aos viajantes, nomes como Friedrich Gerstäcker, Heinrich Eduard Jacob, Maria Kahle também podem ser acessados.

Uma terceira parte contempla a fortuna crítica já existente acerca do macro projeto. Estudos críticos já realizados desenharam tipologias possíveis para algumas dessas produções, como por exemplo: decepção dos imigrantes na terra prometida, terras brasileiras, idealização dos antepassados e da pátria, folclore brasileiro, participação nas guerras e nas revoluções brasileiras, amor. Tais estudos estão elencados nas fontes bibliográficas tanto do macro projeto quanto dos micro projetos.

Ao final, o conjunto do material sistematicamente organizado pressupõe a redação de uma história da literatura brasileira de expressão alemã ou da literatura da imigração alemã no Brasil, o que abrirá espaço para poder ser considerado na história da literatura brasileira.

O projeto LIBEA (literatura brasileira de expressão alemã) teve início em 2006, mas não tem uma data precisa para terminar. Seu desenvolvimento depende do interesse de pesquisadores!

## 7. A “Carta” de Pero Vaz de Caminha e “New zeutung ausz presillandt”\*

Tanto a “Carta” de Pero Vaz de Caminha quanto a “New zeutung ausz presillandt” (“Nova gazeta da terra do Brasil”, na tradução de Clemente Brandenburger – on line –, constituem documentos primeiros, que registram fatos atinentes à realidade brasileira; o primeiro escrito por um português em 1500, o segundo redigido por um alemão anônimo muito provavelmente em 1515, tal como está registrado no manuscrito, preservado um exemplar na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro.

É sabido que Pero Vaz de Caminha era o escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral quando este, partindo de Lisboa, pretendia dirigir-se à Índia. É a Pero Vaz de Caminha que, portanto, cabe a tarefa de registrar os fatos relativos ao descobrimento das novas terras do Brasil em 22 de abril de 1500 e informar o rei de Portugal acerca da descoberta e da nova paisagem. Assim, nasce a célebre “Carta”, acima referida, mas impressa apenas no ano de 1817 por razões políticas, pois era preciso guardar segredo do achado para não atijar a cobiça das outras nações, objetivo não alcançado, como se verá. A “Carta” é levada ao rei D. Manuel I por Gaspar de Lemos, comandante da nau de víveres da frota, enviado de volta ao reino com essa missão específica.

Outros textos em língua portuguesa, crônicas e tratados sobre as terras do Brasil surgirão mais tarde. Entre eles, como é de conhecimento geral, estão, por exemplo, *Tratado da terra do Brasil*, escrito por Pero Magalhães Gandavo em 1570, mas também publicado mais tarde, pelas mesmas razões mencionadas acima. Em 1576, o mesmo autor compõe a *História da província Santa Cruz*, a que vulgarmente chamamos Brasil. Em 1557, Manuel da Nóbrega, jesuíta, escreve *O diálogo sobre a conversão do gentio*, obra impressa também mais tarde, em 1880, pelas mesmas razões.

Nesse mesmo ano de 1557, apesar das tentativas portuguesas em manter o segredo referido, o alemão Hans Staden dá a conhecer, na cidade de Marburg, seu livro com um título bem comprido e traduzido para o português por Guiomar de Carvalho Franco simplesmente como *Duas viagens ao Brasil*. Em 1558, Jean de Léry, francês, edita sua *Viagem à terra do Brasil*. Em 1587, o português Gabriel Soares de Sousa escreve o *Tratado descritivo do Brasil*, embora o texto só venha a ser publicado por volta de 1839, data em que foi encontrado. E, em 1623 e 1625, o jesuíta português Fernão Cardim publica *Do clima e terra do Brasil e Do princípio e origem dos índios do Brasil*, curiosamente em língua inglesa, pois fora

---

\*Nota: Texto escrito nos anos 80 e não publicado.

aprisionado em 1601 pelo corsário inglês Francis Cook. Todos estes títulos são hoje bastante conhecidos.

Surpreendente é o fato de já em 1515, portanto, antes mesmo do texto de Hans Staden, circularem na Alemanha notícias sobre o Brasil, notícias que foram editadas e reeditadas com o título “New zeutung ausz presillandt” (Nova gazeta da terra do Brasil). Convém lembrar juntamente com Hedwig Kux que a palavra “Zeytung” à época significava além de gazeta ou jornal também notícia. Desta forma, o título poderia igualmente corresponder em português a “Nova notícia a respeito da terra do Brasil”, o que, nesse caso, faz supor que haveria outras notícias anteriores. Sabe-se que este texto foi redigido na ilha da Madeira por um representante da firma alemã pertencente à família Fugger e remetido à matriz em Augsburg, em cujo arquivo foi achado. Os Fugger eram uma importante família alemã de banqueiros e mercadores, que financiava, entre outros, o rei Carlos V em suas campanhas militares e viagens. A “firma” dos Fugger atuava também em Portugal, financiando o transporte das riquezas oriundas das chamadas “terras fabulosas”.

Esse texto alemão torna-se público em 1515 na forma de “boletim informativo”, o antecessor do jornal, e torna-se, pelo que se sabe até hoje, o primeiro documento escrito em língua alemã a oferecer notícias das terras brasílicas. Obtém, com o correr do tempo várias reimpressões com algumas alterações de texto e de título. Um desses títulos é, por exemplo, “Copia der Newen Zeytung auß Presillg Landt”.

A celeridade com que o conteúdo desse “boletim” foi difundido já atesta o interesse e a curiosidade manifestada pelas gentes de fala alemã em relação às terras do Brasil. Essa curiosidade não tinha, porém, conexão explícita com as notícias contidas na “Carta” de Pero Vaz de Caminha, que, apesar de relegadas ao segredo na Torre do Tombo, certamente devem ter sido comentadas de uma ou de outra forma para além dos limites do palácio real português e se encontrado com outras notícias, que circulavam pelo resto da Europa, reais ou fantasiosas, ou as duas coisas entrelaçadas. Afinal, na caravela de Pedro Álvares Cabral havia mais gente a compartilhar a experiência fantástica.

Considerando-se a data da escritura da “Carta” de Pero Vaz de Caminha – 1500 – como ponto de referência para uma apreciação do conteúdo do “boletim” do representante dos Fugger – 1515 –, ver-se-á que entre os textos há divergências e convergências. No entanto, as divergências mostram em que medida a fantasia do europeu se intermeia à objetividade esperada de um relato.

Na “Carta” de Pero Vaz de Caminha é patente o impacto da descoberta de novas realidades: a terra tropical e os nativos. O espanto dos portugueses está implícito na observação e descrição pormenorizada da figura dos gentios de rosto pardo, nus e pintados:

mancebos e de bons corpos [...]. A feição deles é serem pardos, quase avermelhados, de rostos regulares e narizes bem feitos; andam nus sem nenhuma cobertura, nem se importam de cobrir nenhuma coisa, nem de mostrar suas vergonhas. E sobre isto são tão inocentes, como em mostrar o rosto. Trazem [...] os beiços de baixo furados e, cada um, metidos neles ossos de osso mesmo, brancos, medindo uma mão travessa e da grossura de um fuso de algodão e agudo na ponta, como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo. (Caminha, *Carta*, p. 87, 88, adaptado à grafia atual).

Os cocares de penas coloridas são igualmente objeto de minuciosa descrição, bem como as pinturas de seus corpos. Suas casas, sua comida, seus costumes, são detalhadamente relatados. Embora os portugueses tenham perguntado aos indígenas sobre a existência de ouro, prata ou qualquer outro metal naquelas terras, não recebem resposta positiva, fato que corrobora a sua opinião, uma vez que eles próprios não tinham visto nada passível de alimentar tal crença. Porém, a terra possui imensos arvoredos, de onde é possível retirar excelentes palmitos e frutos, é “em si muito boa de ares, tão frios e temperados, como os de Entre-Douro e Minho [...]”. As águas são muitas e infundas. De tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem”. (Id, *ibid*, p. 110). Mas o melhor fruto que se poderá plantar nessa terra, parece ser a Pero Vaz de Caminha a evangelização daquela gente: “e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar” (loc. cit.). Refere-se o autor de a “Carta” à cristianização dos silvícolas brasileiros. Para Pero Vaz de Caminha, a terra presta-se à exploração dos produtos naturais e seus habitantes à catequese, pensando talvez já na possível utilização dos gentios na qualidade de mão de obra escrava, como afirma Almeida Prado na apresentação da obra citada.

O representante dos Fugger na ilha da Madeira não é uma testemunha ocular da realidade brasileira. Ele limita-se a escrever sobre o que observara num navio de bandeira portuguesa e ouvira nas conversas da tripulação, constituída por exploradores portugueses. O navio era comandado por D. Nuno, que, voltando do Brasil, ali atracara para abastecer-se de provisões frescas. A região observada por essa tripulação não corresponde àquela avistada por Pero Vaz de Caminha. Situa-se bem mais a sul. Embora as coordenadas sejam fornecidas ao leitor, não conduzem, todavia, a uma leitura inequívoca da posição geográfica do local, impossibilitando a localização exata. Sabem os exploradores ouvidos, através de informações a eles fornecidas pelos nativos da região que, nas terras interioranas, há montanhas, onde a neve não desaparece, numa lacônica alusão à Cordilheira dos Andes.

As informações contidas no texto alemão, versando sobre a terra brasileira, dão conta de muitos rios e portos; a terra produz muitos frutos bons, mas diferentes dos da Europa; ali há mel e cera, uma espécie de borracha, muitos pássaros e peixes. Estas informações são idênticas às que Pero Vaz de Caminha fornece em sua “Carta”.

Enquanto Caminha se manifesta sobre a possibilidade da exploração das dádivas naturais da terra brasilica, o espanto do alemão, contudo, não se origina, como o de Caminha, das belezas da terra, mas sim da visão de algumas peles de animais selvagens, que o navio transporta. Embora em sua carga predominem o pau-brasil e os escravos, as peles encantam o alemão, que fica sabendo do carregamento de um outro navio, próximo a este, igualmente constituído predominantemente de peles. São couros de leão, de leopardo, de lince, de lontra, castor e outros bichos não conhecidos. O grande número de peles de animais aquáticos é, para o autor do boletim prova evidente da existência da grande quantidade de rios no Brasil. Observa-se, no entanto, que a fantasia está embrenhada na objetividade do relato, pois nunca existiram em território americano quer leões quer leopardos. Estes animais são típicos da África e da Ásia. A onça pintada talvez possa ter sido confundida com um leopardo, mas a presença de leões confirma a imaginação fantasiosa do alemão (e do europeu em geral) no que diz respeito à configuração do espaço sul-americano. O autor do boletim demora-se na apreciação das peles e na reprodução das falas dos marujos, que contam de suas experiências sul-americanas.

Caminha envolve-se também na observação dos nativos, na tradução do próprio espanto ante aquelas gentes tão singulares e no espanto dos nativos ante a visão dos portugueses, nas tentativas de comunicação.

No texto alemão consta que os indígenas são aguerridos, guerreiam-se com frequência entre si. No entanto, não são canibais, nem se devoram uns aos outros, quando prisioneiros de guerra, pois não têm esse costume. Pelo que o autor ouviu dizer, formam grupos livres, sem lei nem rei. Os mais velhos são venerados e obedecidos. Constituem os aborígenes, no entanto, um povo único, embora falem línguas diversas. Entre outras informações contidas no texto alemão, consta que os aborígenes eram visitados por homens de barba ruiva, identificados pelos lusitanos como chineses que se dirigiam para Malaca (cidade da Malásia), fato que constitui um sinal para os homens da época, de que naquelas terras americanas deveriam existir as fontes da prata, do ouro e cobre ostentados e apreciados na citada península asiática. O próprio piloto do navio julgava ter achado a "ponta" do Brasil e encontrar-se a 600 milhas de Malaca, que poderia também ser atingida por terra, segundo acreditava. O fato de se supor possível atingir a Ásia, atravessando o continente americano, deve ter aberto a possibilidade de se interpretarem determinadas marcas nas rochas do território brasileiro como sinais de pegadas deixadas por São Tomé, apóstolo das Índias, durante seu trabalho de evangelização junto aos povos locais. Da mesma forma, os portugueses interpretam o que os nativos lhes comunicam acerca das cruzes espalhadas ao longo do caminho: seriam vestígios da passagem do santo, a quem os indígenas chamavam de pequeno deus. É a primeira vez que a lenda de Sumé (São Tomé) referida a terras brasileiras é mencionada em documento escrito, como afirma Sérgio Buarque de Hollanda em seu livro *Visão do paraíso*.

Verifica-se, neste passo, que a América do Sul, no conceito europeu, ainda não existe como um novo continente independente e livre das associações com a Ásia, originadas no engano de Colombo, relativo à sua viagem à Índia pela rota ocidental e não corrigido pela cartografia da época.

Outras notícias, trazidas pelos portugueses, que por sua vez dizem tê-las recebido dos nativos, são registradas no boletim: a existência de um povo que habitava nas montanhas e era possuidor de muito ouro, usando-o em armaduras e elmos. Esta passagem revela o desvio geográfico ocorrido com o mito do Eldorado, originariamente surgido no Peru, para terras "brasileiras". A História confirma que o ouro brasileiro só seria descoberto bem mais tarde. Dizem ainda os portugueses ter ouvido falar que os habitantes daquelas paragens viviam até os 140 anos. Tal informação remete-nos imediatamente aos mitos clássicos antigos, revividos e vitalizados à época da conquista do Peru, tal como a fonte da juventude. Tais mitos depois de terem sido associados às conquistas espanholas na América do Sul manifestam-se agora igualmente em ligação com as terras "brasileiras" logo após sua descoberta.

O boletim do representante dos Fugger, pelas razões acima expostas, constitui também o primeiro documento escrito em língua alemã a assinalar o deslocamento das fantasias europeias relativas à Ásia e mais tarde ao Peru para as terras do sul da América.

### **Fontes bibliográficas**

Autor desconhecido. *Nova gazeta da terra do Brasil*. Trad. Clemente Brandenburger. São Paulo/Rio de Janeiro/Santos: Livraria Edanee, 1922. On line.

Caminha, Pero Vaz de. *Carta*. São Paulo: Agir, 1977.

Kux, Hedwig. New Zeitung ausz Presillandt 1515. Das älteste Dokument über Brasilien in deutscher Sprache. In: *Revista do Departamento de Letras Germânicas da Faculdade de Letras da UFMG*. Belo Horizonte, ano III: 83-96, dez. 1982.

Vogt, Carlos e Lemos, José Augusto Guimarães de. *Cronistas e viajantes*. São Paulo: Abril, 1982.

Hollanda, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1959.

## 8. Imagens literárias do Brasil\*

Nas narrativas publicadas após 1948 no Serra-Post Kalender (Anuário do Correio Serrano), em Ijuí – Rio Grande do Sul, encontramos os mais variados assuntos. Percebemos, no entanto, uma recorrência acentuada de temas que remetem ao problema da aculturação dos indivíduos de origem alemã, vindos para o Brasil em épocas diferentes. As imagens que veiculam a nova realidade, constituída por clima tropical, terras difíceis de cuidar, isolamento geográfico, estão vinculadas a um Brasil antigo, da época da chegada das grandes levas de imigrantes de cultura alemã.

As imagens do país são delineadas da perspectiva das personagens-imigrantes, que ora vivem na selva, ora moram na roça, na cidadezinha do interior ou na cidade grande. Apresentam-se configuradas em formas ora primitivas e rudes, ora belas e paradisíacas. Este jogo de oposições não traduz, no entanto, posições maniqueístas frente à nova realidade, mas sensações e impressões que, geralmente, são constituídas por um misto de deslumbramento e desagrado, ao primeiro contato com o desconhecido, e que, depois, com o tempo e o hábito, se distendem ao extremo oposto do louvor e do bem-querer.

Exemplo de um primeiro contato da personagem-imigrante com a floresta virgem é-nos apresentado na narrativa *Die alte Truhe* (O velho baú), de Hilda Siri:

Viajaste com os imigrantes no ano de 1854 num pequeno vapor de rodas Jacuí acima. Foi uma viagem através de um jardim estranho e selvagem. A folhagem das árvores e os cipós floridos pendiam e entravam pelo rio adentro em ambas as margens, pássaros e borboletas exóticos volteavam sobre a água, às florestas sucediam-se prados viçosos, onde gado selvagem pastava. O silêncio sem fim era quebrado pelos guinchos dos macacos, pelo miado dos gatos selvagens e por outros ruídos inexplicáveis e inauditos. Do rio Pardo, a viagem continuou a pé até Dona Josepha, a nova área destinada à colonização.<sup>21</sup>

Em outra narrativa *Die Rache des Urwalds* (A vingança da floresta virgem), da mesma autora, a floresta apresenta-se como fonte vital e como ameaça constante à vida

---

Nota: Este texto foi originalmente publicado na Revista *Humboldt* 45. Hamburg, 1982, p. 62-63.

21 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. "Du fuhrst mit den Einwanderern im Jahre 1854 auf Einen kleinen Raddampfer den Jacuí hinauf. Es war eine Fahrt durch einen fremde, wilden Garten. An beiden Ufern hing das Laub der Bäume und die blühenden Schlingpflanzen bis in den Fluss hinunter, seltsame Vögel und Schmetterlinge tummelten sich über dem Wasser, saftige Wiesen lösten die Wälder ab, auf denen wildes Vieh graste. Die unendliche Stille wurde vom Brüllen der Affen, vom Miauen der Tigerkatzen und von anderen unerklärlichen, nievernommenen Lauten unterbrochen. Von Rio Pardo aus gung die Reise zu Fluss weiter bis nach Dona Josepha, dem neuvermessenen Siedlungsgebiet." (Siri, 1952, p. 84-85).

dos colonos que vivem da extração da madeira, e, assim perturbam a intimidade da natureza, recriada através de onomatopeias e de grande número de adjetivos:

Normalmente, elas [as árvores] ficavam escutando o rumorejar das copas das árvores, o sussurrar e o cair das folhas, o estalido dos ramos, o impacto de um tronco putrefato no solo, a gritaria dos macacos, o estridular e zumbir dos insetos, o rastejar de uma cobra, o chamado dos pássaros, o passo macio de um jaguar e o grito de morte de um animal abatido. Sons primevos, melodias monótonas, ao sol quente do meio-dia uma canção de ninar, ao cair da noite o crescendo de "ouverture", em outros momentos o rugir de uma trovoadas raivosa, de tempestades enfurecidas ou o gotejar uniforme da chuva semanas a fio. [...] Agora, ruídos estranhos ecoam de árvore em árvore e abalam o seu ser num medo súbito. Elas estremecem numa dor surda e em raiva impotente. O que elas ouvem é o canto de batalha de sua aniquilação.<sup>22</sup>

Nesta narrativa, a floresta assume força e vigor humanos. As árvores tornam-se gigantes aos olhos da protagonista que é mãe de numerosa família. Porém, da madeira da floresta depende sua sobrevivência. As árvores revoltam-se contra o atrevimento dos imigrantes em lhes invadir as terras, isto é, sua privacidade, em abatê-las, e reúnem-se para vingar tal ousadia. Mas o que é ousadia para a floresta, é fonte de sustento para os colonos. A selva e o homem tornam-se inimigos. À floresta é atribuída a violência humana, de tal forma que a luta entre ela e os colonos é renhida e amedrontadora. E a floresta, vingativa, prepara o acidente fatal. A mãe é esmagada por um tronco que tomba ao ser abatido, e onze crianças ficam órfãs.

Na narrativa *Kampf und Sieg im Urwald* (Luta e vitória na floresta virgem), de Juanita Schmalenberg-Bezner, a selva é sobretudo obstáculo à comunicação. Tanto a floresta, quanto a casa construída em seu meio, estão à mercê do clima tropical: as tempestades são arrasadoras. Quando isto acontece, a comunicação entre os colonos e o vilarejo mais próximo é interrompida de imediato. As picadas desaparecem, os rios sobem e transbordam, e a chuva pesada dura dias.

Também na obra *Es war vor vierzig Jahren* (Foi há quarenta anos), de Margret Kuhlmann, as intempéries isolam as pessoas que vivem na floresta. Nestas ocasiões, socorrê-las torna-se quase um risco de vida, tal a violência com que se desencadeiam as tempestades:

---

22 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. „Sonst lauschten sie [die Bäume] dem Rauschen der Baumkronen, dem Racheln und Rieseln der Blätter, dem Knacken der Äste, dem Aufprall eines mürben Stammes, dem Brüllen der Affen, dem Zirpen und Summen der Insekten, dem Gleiten einer Schlange, dem Ruf der Vögel, dem sanften Schritt eines Jaguars und dem Todesschrei eines geschlagenen Tieres. Uralte, eintönige Melodien, in der heissen Mittagssonne ein Schlummerlied, beim Anbruch der Nacht eine anschwellende Ouvertüre, dann wieder das Brausen eines tobenden Gewitters, rasender Stürme oder wochenlang das gleichmässige Tropfen des Regens. [...] Jetzt klingen fremde Klänge von Baum zu Baum und erschüttern ihr Wesen in jäher Angst. Sie erzittern in dumpfem Weh und machtloser Wut. Was sie wahrnehmen ist der Schlachtgesang ihrer Vernichtung.“ (Siri, 1955, p. 109).

Pensei não estar vendo bem, quando notei a sudoeste uma muralha azul-negra de nuvens levantar-se tão ameaçadoramente como nunca tinha presenciado na minha pátria. Logo soprou um vento impetuoso que enovelava o barro vermelho em espessos véus de pó. Um estrondo de trovão agudo e seco fez tinir as vidraças. [...] O barro ficou liso como gelo. Embora fosse cedo, o dia ficou semi-escuro. [...] Mal me tinha abrigado, já a chuva desabava torrencialmente [...] uma cortina de água caindo já me ocultava a próxima casa. Relâmpagos seguiam-se uns atrás dos outros, num clarão ininterrupto e o trovão ribombava sem descanso.<sup>23</sup>

A floresta pode servir ainda de esconderijo aos jovens colonos nas regiões do sul do país, que fogem ao recrutamento militar. É o caso relatado pela composição *Ein Nachspiel von 1923* (Epílogo), de Johann Dahlke, em que a agitação política é grande e os jovens, temerosos, se escondem na floresta. Lá ninguém se aventura a procurá-los.

Nas casas construídas em clareiras da floresta tudo é feito pelas próprias mãos, desde a alimentação até o vestuário. Junto à casa pode haver chiqueiros, estábulos, colmeias, e, mais adiante, a roça com sementeiras de milho, as árvores de fruto, plantações de tabaco, etc. O ambiente selvagem é dominado, a floresta que cobre as terras é conquistada à custa de muitos sacrifícios, ilustrados pelo seguinte trecho da narrativa *Die alte Truhe*:

Que força de touro devem ter tido meus antepassados, para te poderem carregar, velho baú, cheio de pesados trastes de uma época difícil, através das quase intransitáveis picadas. E tudo tinha de ser carregado, as trouxas, as crianças pequenas; não havia nenhum animal de carga à disposição. E então estavas, velho baú, junto com teus senhores, no meio da floresta virgem, sem abrigo sobre a cabeça, sem fogão, frente a uma natureza inimiga. Apenas machados, facas, foices e ancinhos estavam à disposição e braços fortes e – o fogo. O fogo era o único aliado na luta contra o ambiente selvagem, contra os horrores e os animais selvagens. Tudo parecia desesperador, opressivo, impotente, e apesar disso em muito pouco tempo vocês tinham um telhado sobre a cabeça, embora fosse apenas o de uma cabana. E, já depois de um ano, podiam teus senhores alimentar-se com o produto da primeira colheita. Da luta dos homens lá fora na selva não podes contar nada, pois não os viste. Não viste como as pessoas eram feridas ou atingidas por árvores que caíam; não viste como os macacos se precipitavam sobre a plantação nova e a arrasavam; – não viste a inundação do rio Pardinho, normalmente tão pequeno, que arrastou os poucos haveres de alguns colonos nas suas águas [...] tu viste só as lágrimas de saudade da

---

23 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. "Ich glaubte meinen Augen nicht zu trauen, als ich im Südwesten eine blaue schwarze Wolkenwand so bedrohlich heraufziehen sah, wie ich es in meiner Heimat nie erlebt hatte. Schon erhob sich ein heftiger Wind, der den roten Lehm in dichten Staubschleiern aufwirbelte. Ein scharfer, knallartiger Donnerschlag machte die Fensterscheiben klirren. [...] Der Lehm wurde glatt wie Eis. Trotz der frühen Tageszeit war es inzwischen halb dunkel geworden. [...] Kaum war ich unter Dach, als auch der Regen schon sturzbachähnlich herunterprasselte [...] ein Vorhang von fallendem Wasser verbarg mir schon das nächste Haus. Blitz folgte Blitz in ununterbrochenem Geflacker, und pausenlos rollte der Donner." (Kuhlmann 1953, p. 121-122).

pátria, derramadas por minha bisavó, que acariciava com mãos gastas pelo trabalho os preciosos bens da pátria que tu abrigavas [...]. Tu só viste como os homens à noite voltavam para casa, sofridos e cansados, e tiravam do corpo a roupa encharcada de suor. [...] Tudo era feito em casa: fiava-se, tecia-se, tricotava-se, cozia-se pão, depenavam-se patos e gansos, cujas penas enchiam os espessos acolchoados e as cobertas [...]. A mulher precisava ir à roça para plantar e semear. Ela educava as crianças, e de passagem executava todos os trabalhos da casa, da fazenda e do jardim. Ela alimentava as vacas e as ordenhava; ela ajudava a debulhar os cereais e a descamisar o milho; o mel tinha de ser extraído dos favos, e xaropes e geleias tinham de ser cozinhados.<sup>24</sup>

E as casas multiplicam-se, surge o lugarejo e depois a vila. O ambiente selvagem está transformado, cedeu lugar à civilização.

A cidadezinha do interior aparece muitas vezes como cenário, apresentado em rápidas pinceladas, suficientes, entretanto, para configurá-lo em suas linhas gerais: a presença do largo da igreja como ponto de reunião dos habitantes de alarme, o enfoque das janelas das casinhas à beira da rua e de suas cortinas asseadas, como em *Der Meisterschuss* (O tiro de mestre) de Elly Herkenhoff; a venda, o lugar onde se comercia de tudo, como em *Musterreiter sind da!* (Os mascates chegaram!), ou em *Die alte Truhe*, de Hilda Siri; a estação rodoviária, o pequeno jardim em volta da casa, como em *So ein Schuft!* (Mas que malandro!) de Ricardo Sanders.

Não só a paisagem do interior do Brasil é alvo de interesse das narrativas do *Serra-Post Kalender*, mas também os costumes destas terras novas merecem a

---

24 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. "Was müssen meine Vorfahren für Bärenkräfte besessen haben, dass sie dich, alte schwere Truhe, angefüllt mit dem schweren Krempel einer schwerlebigen Zeit, durch die fast woglosen Pikaden schleppen konnten. Und alles musste geschleppt werden, die Bündel, die kleinen Kinder; kein Maultier stand zu Verfügung. Und dann standest du, alte Truhe, zusammen mit deinen Herren, mitten im Urwald, ohne Dach über dem Kopf, ohne Feuerstatt, einer feindlichen Natur gegenüber. Nur Äxte, Messe, Sichel und Hacken standen zur Verfügung und starke Arme und – das Feuer. Das Feuer war der einzige Verbündete im Kampf gegen die Wildnis, gegen die Schrecken und die wilden Tiere. Alles schien hoffnungslos niederdrückend, überwältigend, und trotzdem hattet ihr nach ganz kurzer Zeit ein Dach über dem Kopf, wenn auch nur das einer Hütte. Und schon nach einem Jahr konnten sich deine Herren von dem Ertrag der ersten Ernte ernähren. Von dem Kampf der Männer draussen in der Wildnis kannst du nichts erzählen, denn du hast ihn nicht gesehen. Du sahst nicht, wie die Menschen von niederstürzenden Bäumen verletzt oder erschlagen wurden; du sahst nicht, wie die Brüllaffen sich über die junge Pflanzung stürzten und sie verheerten; du sahst nicht die Überschwemmung des sonst so kleinen Flüsschens Rio Pardo, das die wenige Habe einiger Siedler in seinen Fluten fortriss [...] du sahst nur die Tränen des Heimwehs meiner Urahne, welche die kostbaren Güter der Heimat, die du bargst, mit den verarbeiteten Händen streichelte [...]. Du sahst nur, wie die Männer abends abgehärmt und müde nach Haus kamen und die schweisstriefende Kleidung vom Körper streften. [...] Alles wurde im Hause gemacht: gesponnen, gewebt, gestrickt, Brot gebacken, Enten und Gänse gerupft, deren Federn die dicken Unter- und Überbetten ausfüllten [...]. Die Frau musste in die Roça zum Pflanzen und Säen. Sie zog die Kinder auf und verrichtete so nebenbei alle Arbeiten im Hause, auf dem Hof und im Garten. Sie fütterte die Kühe und molk sie; sie half das Korn dreschen und den Mais abribbelen; der Honig musste geschleudert und Syrup und Marmeladen eingekocht werden". (Siri 1952, p. 84–88).

atenção dos escritores deste periódico. Por exemplo, a alegria da chegada dos mascates que visitam as vendas e transmitem as últimas notícias da região ou mesmo do país aos habitantes dos lugarejos longínquos, tal como apresentadas na obra *Musterreiter sind da!* Também os costumes em uma fazenda de Minas Gerais se transformam em matéria literária. O conflito da narrativa *Andere Länder, andere Sitten* (Outras terras, outros usos) de Luiz Kuchenbecker é ilustrado pela oposição de interpretações de um mesmo procedimento: o recolher do gado estranho transviado à fazenda dirigida por um imigrante representa para este um ato de boa vizinhança, pois espera que o dono venha buscá-lo. No entanto, o brasileiro, a quem o gado pertence, interpreta a atitude do imigrante como um roubo, envolvendo a polícia para o esclarecimento da situação.

Depois do interior do Brasil, deparamo-nos com a cidade grande, representada em *Unser erster Tag in Brasilien* (Nosso primeiro dia no Brasil), de Luiz Kuchenbecker, e em *Heizer Karl* (O fogueista Carlos), de Hermann Heland. Na primeira narrativa, as personagens-imigrantes desembarcam no Rio de Janeiro, e em *Heizer Karl* em Porto Alegre. A primeira novidade brasileira para os imigrantes, além do movimento da alfândega, é o clima: “Abafamento, calor tremeluzente pesava sobre a estrada, fazia o suor sair-nos dos poros. [...] O sol dardejava, o suor gotejava, tudo em nós tremia de expectativa”.<sup>25</sup>

Antes de estabelecerem contato com outros imigrantes de cultura alemã, a língua portuguesa chama-lhes a atenção de diferentes maneiras. Em *Unser erster Tag in Brasilien*, a língua portuguesa não constitui obstáculo à comunicação. Soa de modo agradável e simpático aos imigrantes recém-chegados. Na narrativa *Heizer Karl*, por sua vez, a língua portuguesa constitui um fator de isolamento, de marginalização, como atesta a seguinte passagem:

Alemães! riam eles. Nós não os entendíamos; sua língua era-nos estranha, estranha como o povo, o país, seus costumes e sua vida. Por fim chegamos à cidade. Ela tornava-nos ainda mais solitários: inscrições incompreensíveis, pessoas incompreensíveis! Nunca me havia sentido tão abandonado como então.<sup>26</sup>

A imagem da cidade grande também impressiona os imigrantes. O casal que desembarca no Rio de Janeiro acha as avenidas bastante grandes e aprecia os pontos turísticos da cidade. Porto Alegre, porém, não é tão atraente aos olhos dos jovens imigrantes: “Carros passavam em alta velocidade, arremessavam-nos no

---

25 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. “Drückende Schwüle, flimmernde Hitze lagerte in der Strasse, trieb uns den Schweiss aus den Poren. [...] Die Sonne stach, der Schweiss perlte, alles na uns zitterte vor Erwartung”. (Heland 1962, p. 138).

26 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. “Alemães! lachten sie. wir verstanden sie nicht; ihre Sprache war uns ja fremd, fremd wie das Volk, das Land, seine Sitten und sein Leben. Endlich kamen wir in die Stadt. Sie machte uns noch einsamer; unverständliche Inschriften, unverständliche Menschen! Nie vorher hatte ich mich so verlassen gefühlt wie damals”. (Heland 1962, loc. cit.).

rosto úmido de suor nuvens de areia e pó, sufocando- nos. Soldados tagarelas, negras descalças, garotos adolescentes passavam batendo os pés e mediam-nos com olhares compreensivos”.<sup>27</sup>

Depois de encontrarem um hotel com proprietários de origem alemã, os jovens experimentam a cachaça brasileira e embriagam-se. A sensação de estranheza caracteriza o primeiro contato destes jovens com o Brasil.

Todas as imagens citadas prendem-se, como vimos, às condições de aculturação, no meio-ambiente brasileiro, por parte do imigrante de língua alemã, ou ao *modus vivendi* dos membros da colônia. O Brasil é apresentado como terra prometida e promissora, um paraíso que pode tornar-se, e em geral se torna, um inferno de trabalhos árduos e sacrifícios constantes, sem contudo deixar de ser amado.

### Fontes bibliográficas

Dahlke, Johann. Ein Nachspiel von 1923. In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí: Löw, 1974/75, p. 205-210. Heland, Hermann. Heizer Karl. In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí: Löw, 1962, p. 138-143.

Kuhlmann, Margret. Es war vor vierzig Jahren. In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí: Löw, 1953, p. 121- 134.

Kuchenbecker, Luiz. Unser erster Tag in Brasilien. In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí: Löw, 1966, p. 89- 94.

Schmalenberg-Bezner, Juanita. Kampf und Sieg im Urwald. In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí: Löw, 1957, p. 157-160.

Siri, Hilda. Die alte Truhe. In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí: Löw, 1952, p. 81-92.

Siri, Hilda. Die Rache des Urwalds. In: *Serra-Post Kalender*. Ijuí: Löw, 1955, p. 107-110.

---

27 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. “Autos jagten vorüber, warfen uns Sand- und Staubwolken ins schweissfeuchte Gesicht, benahmen uns den Atem. Schwatzende Soldaten, barfüssige Negerinnen, halbwüchsige Jungen stampften vorbei und massen uns verständnisvoll mit den Blicken. (Heland 1962, loc. cit.).

## 9. Entre o Brasil e a “Alemanha” voa um bem-te-vi\*

Tema de criações literárias, o pássaro bem-te-vi (*pitangus sulphuratus*) é, neste texto, objeto de investigação a partir de dois poemas escritos por dois imigrantes de língua alemã: August Schnitzler e Wolfgang Ammon, que se estabeleceram no Brasil e transformaram o país em sua pátria de adoção.

O alemão August Schnitzler (1842–1918) chega ao Brasil com 18 anos, em 1860. Seu conterrâneo Wolfgang Ammon, mais novo 27 anos, chega também moço ao país com 17 anos. É no Brasil, portanto, que travam conhecimento com o pássaro bem-te-vi, que, de algum modo, os impressiona e os leva a compor poemas sobre ele.

Consta, conforme Erich Fausel, que os primeiros alemães do Hunsrück, ao chegarem ao Brasil, desconhecendo a língua portuguesa, e ouvindo o surpreendente canto do bem-te-vi, o batizaram de “*’s ist zu viel*” (é de mais), mas ninguém sabe até hoje o que era realmente de mais, se a melodia, se o sol, se a chuva, se a floresta, ou a solidão.

De fato, o bem-te-vi tem seu habitat na América do Sul, atingindo o sul dos USA. Trata-se de um dos pássaros mais populares do Brasil e um dos primeiros a anunciar o amanhecer. Não nos esqueçamos que os pássaros também figuram entre os mensageiros dos deuses. De cor amarelo enxofre no peito e na barriga, o bem-te-vi é assinalado por uma listra branca no alto da cabeça e no pescoço, por cauda preta, bico preto e canto traduzido pela onomatopeia trissilábica bem-te-vi, associada ao sentido da visão, que flagra alguém em descompasso com as normas sociais. No folclore brasileiro é tido como um passarinho malicioso, porque vê o que não deve ser visto. Segundo a lenda, também brasileira, Herodes teria sido avisado da fuga do Menino Jesus para o Egito por um bem-te-vi. (Wikipedia).

Além de se sobressair entre as aves brasileiras, o bem-te-vi, como dissemos, também chamou a atenção dos imigrantes de língua alemã no país, em particular dos escritores August Schnitzler e Wolfgang Ammon, que compuseram poemas com seu nome.

August Schnitzler, ao imigrar para o Brasil, deixou uma Alemanha ainda fragmentada em inúmeros reinos, ducados, cidades-livres, uma Alemanha predominantemente agrária, desiludida e desanimada por não ter sobrepujado o absolutismo ciosamente

---

\* Nota: A primeira parte deste texto, com o título “Lições de ética no canto do bem-te-vi” foi originalmente apresentada no Encontro Regional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), em São Paulo, na FFLCH-USP, no simpósio 34, de 2007, coordenado por Sandra Nitri.

cultivado pelos príncipes e duques, e conseguido implantar em seus territórios as liberdades conquistadas pela Revolução Francesa. Deixou uma Alemanha em que Richard Wagner compunha óperas (*Rienzi* em 1842, *O holandês voador – Der fliegende Holländer* em 1843, *Tannhäuser* em 1845, *Lohengrin* em 1850), Johann Strauss compunha a “Marcha Radetzky” (Radetzky Marsch) em 1848, Gottfried Keller escrevia romances (*O verde Henrique – Der grüne Heinrich* em 1854), Feuerbach fazia filosofia (*Crítica à filosofia hegeliana – Zur Kritik der Hegelschen Philosophie* em 1839). Goethe havia publicado o *Faust II* em 1832. Ao chegar ao Brasil com 17 anos, em 1860, Schnitzler encontra um país no final do Segundo Reinado ainda com problemas de fronteiras por resolver, que haveriam de desencadear a Guerra do Paraguai (1864–1870), um país que concentra a sua economia na cultura do café, um país a braços com a transição de sua mão de obra até então, exclusivamente dependente de trabalho escravo, para as mãos dos imigrantes que continuam a atender à propaganda intencionalmente elaborada para tal fim. A escravatura seria totalmente abolida só em 1888. Em 1857, três anos antes da chegada do poeta aqui tratado, ocorrera a revolta dos colonos suíços, liderados por Thomas Davatz, na fazenda Ibicaba, nos arredores de Limeira (São Paulo) de propriedade do senador Vergueiro, que havia criado um sistema de “colônias de parceria” e fundado uma empresa de transporte para os imigrantes. Era de total responsabilidade dos fazendeiros a importação da mão de obra. Em 1847, o senador havia trazido para o Brasil cerca de 364 famílias de língua alemã para sua própria fazenda. Os colonos, no entanto, queixavam-se de quase todos os itens que regulamentavam sua contratação: das casas de pau a pique, da divisão dos produtos das colheitas das roças, das compras feitas obrigatoriamente no armazém, que os deixava sempre endividados e presos como escravos ao fazendeiro. Por causa de sua liderança na sublevação, Thomas Davatz viu-se obrigado, depois de negociações, a retornar à Suíça, onde vem a escrever e a publicar em 1858 um livro intitulado *O tratamento dos colonos na província de São Paulo no Brasil e sua rebelião contra os opressores* (*Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz St. Paul in Brasilien und deren Erhebung gegen ihre Bedrucker*), traduzido em português em 1941 por Sérgio Buarque de Holanda com o título singelo de *Memórias de um colono no Brasil*, em que descreve minuciosamente o cotidiano dos imigrantes na fazenda. A repercussão nos países de língua alemã não se faz esperar e em 1859, a Prússia proíbe a emigração para o Brasil temporariamente. De seu lado, o governo brasileiro também toma providências. Em 1860, inaugura o que chamou de “imigração subvencionada” em que o governo passa a arcar com as despesas da viagem do imigrante e de sua família e os gastos dos colonos durante um ano ficam a cargo dos fazendeiros. Neste Brasil que acolhe August Schnitzler pontificam os românticos José de Alencar (*O guarani* de 1857, *Lucíola* de 1862) Casimiro de Abreu (*Primaveras* de 1859), Gonçalves Dias (*Canção do exílio* de 1843), Joaquim Manuel de Macedo (*A luneta mágica* de 1869). August Schnitzler aporta no Brasil, especificamente no Estado do Rio Grande do Sul, onde inicia atividades de professor. Em 1870 encontra-se em Gaspar, nos arredores de Blumenau, exercendo a mesma profissão, passando depois também a ensinar em Poço Grande e a seguir em Santa Philomena, onde permanece até sua morte em 1914. É um homem e um professor muito admirado pelo caráter reto,

pela generosidade e pelo trabalho educativo e formador que empreende com dedicação. Durante a vida irá, de alguma forma, entrar em contato com a evolução político-econômico-cultural do país: a guerra do Paraguai (1864-1870), a abolição da escravatura (1888), o crescimento das cidades, o pequeno surto industrial do Barão de Mauá, as obras de Alencar, o surgimento do Realismo/Naturalismo (1881), as obras de Machado de Assis, de Aluizio Azevedo, de Raul Pompéia, a proclamação da República (1889), o surgimento do Simbolismo (1893), as obras de Cruz e Sousa, dos gaúchos Eduardo Guimarães e Alceu Wamosy, o advento do Pré-Modernismo, Os sertões de Euclides da Cunha, as obras de Graça Aranha, de Lima Barreto, de Monteiro Lobato, dos gaúchos Simões Lopes Neto, de Alcides Maya, entre outros.

Consta que, depois que August Schnitzler chega, os colonos voltam a cumprimentar-se em alemão, coisa que já haviam esquecido, o que atesta uma preocupação com a manutenção da identidade étnica e suas tradições culturais, bem como a resistência à hibridização. Em seus muitos poemas Schnitzler canta o amor às tradições, à nova pátria e aos colonos. Consta igualmente que, certo dia, tendo o mosenhor Francisco Xavier Topp recolhido um índio na floresta “o entregou aos cuidados do professor Augusto Schnitzler, que o acolheu em seu internato e lhe ministrou as primeiras letras. De uma feita, um empertigado colono pediu ao professor Schnitzler para lhe mostrar o índio. O mestre para fazer ver ao colono que o índio Francisco Topp não era qualquer bicho de circo, desconversou e não mostrou o menino que, merecia mais respeito. O índio Topp foi enviado à Universidade Gregoriana, em Roma, para se formar na carreira eclesiástica...” (Reitz, Paulino, 1988: 568/569). Augusto Schnitzler falece em 1918 e deixa uma obra literária significativa, mas ainda à espera de um pesquisador disposto a coligi-la.

É do contato com as crianças na escola, com as pessoas de idioma alemão nas colônias e com suas paisagens, que certamente emerge o pássaro bem-te-vi, a inspirar o poema que se segue:

#### **Bem-te-vi**

Als neulich ich im Garten war,  
Da naschte ich ein Pfläumchen;  
Verboten hat's die Mutter zwar:  
Nur eines trug das Bäumchen.  
Da hört ich, wie im Grimme,  
'ne laute Vogelstimme:  
"O kleiner Näscher, bem te vi!"

Ein andres mal, - mein Brüderlein,  
Es wollte nicht parieren,  
Da tat ich auf das Mündelein  
'nen Schlag ihm applizieren.  
Und wieder war zur Stelle  
Der Vogel und rief helle:  
"O zorn'ger Bruder, bem tevi!"

#### **Bem-te-vi**

Há pouco estava no jardim,  
comi uma ameixinha;  
na verdade, mamãe tinha proibido  
Pois a arvorezinha só carregava uma.  
Então ouvi, como com raiva,  
uma voz de passarinha:  
"Ô pequeno guloso, bem-te-vi!"

Uma outra vez, meu Irmãozinho  
não queria parar quieto.  
Aí eu lhe apliquei um tapinha  
sobre a boca.  
E de novo estava a postos  
a ave, que gritou bem claro:  
"Ô irmãozinho irritado, bem-te-vi!"

Es sind noch nicht zwei Wochen her,  
Da kam ich aus der Schule  
Und warf mit einem Steine schwer  
Des Nachbars rote Mule.  
Da schrie der Schwerenröter,  
Als ging's ihm selbst na's Leder:  
"O crimisoso, – bem te vi!"

Und als einmal die Mutter lieb  
Im Bette krank mußst liegen,  
Da schlich ich wie ein Hühnerdieb  
Zum Hof und – ritt die Ziegen.  
Der Vogel kam geflogen  
Und rief recht ungezogen:  
"O – Ziegenreiter. – bem-te-vi!"

Zu lernen war das Pensum noch,  
– Ich wollte Kegel schieben,  
Und denkt euch meine Freude doch,  
Es fielen wirklich sieben.  
Da weckt mich hoch vom Baume  
Der Vogel aus dem Traume:  
"Du fauler Schüler, – bem-te-vi!"

O, Bem-te-vi, du Polizist,  
Du bist mir recht zuwider;  
Wemm du ein richt' ger Vogel bist,  
So sing' auch richt'ge Lieder.  
Erschreck' nicht kleine Knaben,  
Die was begangen haben,  
Mit deinem Rufe: "Bem-te-vi!"

(Apud Steil 2022, p. 15-18)

Não faz nem duas semanas,  
quando eu vinha da escola  
acertei, com pesada pedra,  
a vermelha mula do vizinho.  
Então gritou o maroto,  
como se tivesse atingido a pele dele:  
"Ô criminoso, bem-te-vi!"

E, uma vez, quando a mãe querida  
precisou deitar na cama, doente,  
aí eu me esgueirei, como ladrão de galinha,  
para o terreiro – montei os cabritos.  
O passarinho veio em vôo gritando  
e muito mal-educado:  
"Ô montador de cabritos, bem-te-vi!"

Ainda havia lição para estudar,  
mas eu queria jogar boliche.  
Imaginem minha alegria!  
Cáiram de fato sete paus...  
Então, do alto da árvore,  
ele do sonho me acordou:  
"Ô estudante preguiçoso, bem-te-vi!"

Ô bem-te-vi policial,  
tu és muito antipático;  
se és uma ave verdadeira,  
canta então canções de verdade:  
Não assustes rapazes,  
que fizeram algo de errado,  
com teu chamado: Bem-te-vi!

Trad. Elmar Joenck.

O eu lírico neste poema é uma criança em conflito com o superego imediato: a mãe e a comunidade da colônia. São tratados aqui valores como a obediência, a paciência, a solidariedade e a aplicação nos estudos. A criança surge, num primeiro momento, como uma criatura que, na origem, é, por assim dizer, "bárbara", sapeca, e precisa ser civilizada para se tornar um elemento apto à convivência, à integração social. A criança é configurada como glutona (Näscher) na primeira estrofe, como um irmão furioso (zorniger Bruder) na segunda, como um criminoso na terceira, como um desobediente montador de cabritos (Ziegenreiter) na quarta, como um aluno preguiçoso (fauler Schüler) na quinta e, só na última estrofe, é tratada como um rapazinho (kleiner Knabe).

O passarinho bem-te-vi é o censor das traquinices infantis. Quais são essas traquinices? Comer a ameixa proibida, bater no irmãozinho, agredir a mula ruiva do vizinho, montar os cabritos proibidos, não prestar atenção na lição de casa.

Quais são as normas do contrato social que aí estão implícitas?

A obediência à mãe (aos pais), a solidariedade e a paciência com os irmãos (mais novos), o respeito à comunidade (vizinhos) e à escola ou aos professores.

Contudo, a última estrofe, que fecha o poema, enforma um grito de revolta no apelo da criança, que reclama liberdade diante de tão rígidas normas, ao não identificar a melodia do bem-te-vi com a tradição, ou seja, o pássaro não canta e nem é como as outras aves. Este bem-te-vi é identificado pela criança com um policial, o que lhe nega a natureza de um verdadeiro pássaro. Para sê-lo, ao invés de assustar crianças, ele deveria emitir sons melodiosos!

Com este fecho, o poema põe em foco ou ilustra um processo psicológico, conflituoso, de formação de ego, evocando a expulsão da criança do ambiente do útero, do colo, da proteção, da união/simbiose com a mãe. Mas também uma crítica negativa a uma eventual educação infantil alicerçada em normas muito rígidas.

Do ponto de vista da criança, o bem-te-vi é um pássaro sempre inoportuno, pois impede a satisfação das pulsões da sua libido, por mais inocentes que possam parecer. Entretanto, do ponto de vista da comunidade, representada por seu emissário – o bem-te-vi –, é importante que os valores implícitos no poema sejam reforçados (embora pelo reforço negativo) para que a criança os introjete e os adote como tais.

Como o poeta consegue essa proeza?

As 6 estrofes são construídas em cima de vários paralelismos: número de versos, número de sílabas métricas, rimas, construção sintática.

Cada estrofe, uma septilha, é composta por um quarteto de rima cruzada, uma composição de cariz extremamente popular, formando um bloco de sentido, seguido por um terceto de dois versos de rima emparelhada e um último terminado sempre pela palavra bem-te-vi, que lhe dá o tom de refrão, a acentuar a cadência da poesia, o que, por sua vez, acentua ainda mais o tom popular do poema.

Cada septilha apresenta um período constituído pelos 4 primeiros versos, que dão conta das traquinices da criança, seguido por um segundo período de 3 versos que configura a presença do bem-te-vi, mensageiro das normas a serem aprendidas. O paralelismo sintático é, por sua vez, amparado pela repetição de vocativos e das admoestações, introduzidos por dois pontos no último verso, em que a palavra bem-te-vi está sempre presente. Toda esta estrutura ritmada recebe ainda o aporte fortalecedor de um rico sistema de rimas: cruzada nos 4 primeiros versos, emparelhada no quinto e sexto versos. Também o número de sílabas métricas de cada verso mantém-se entre 8 e 6: o primeiro verso tem 8 sílabas, o segundo 6, o terceiro 8, o quarto 6, o quinto 6, o sexto 6, o sétimo 8.

Estes paralelismos criam um ritmo eufônico, de natureza mnemônica, que facilita a assimilação do texto por qualquer criança leitora ou ouvinte, pois na repetição das estruturas mencionadas sua atenção só é desviada para o surpreendente, i. e. para os erros, para o que não deve ser feito. Trata-se de evidenciar o que é negativo, o que nos conceitos de educação hodierna está completamente posto de lado como inadequado.

Entretanto, em outros níveis do discurso do poema, a ênfase aos deslizos da criança é amenizada. No plano morfológico, por exemplo, há significativa presença de diminutivos, que expressam o carinho e a afeição da criança, sobretudo nas duas primeiras estrofes e na quarta (ameixinha/Pfläumchen, arvorezinha/Bäumchen, irmãozinho/Brüderlein, boquinha/Mündelein, mãe querida/Mutter lieb), criando empatia entre ela e o leitor.

Já o tratamento dado ao bem-te-vi não conhece concessões em todo o poema: ele tem um canto ruidoso e estridente (laut/hell), ele é maroto (Schwerenöter), é mal-educado (ungezogen), ele é um policial (Polizist), ele não é um pássaro de verdade (richtiger Vogel).

Na última estrofe, ou seja, na conclusão, volta-se o feitiço contra o feiticeiro e o censor é alvo de uma censura ao seu método policialesco. Mas, se num primeiro momento, é possível fazer uma leitura psicológica do poema, num segundo passo, também se poderia ler nas entrelinhas uma censura ao autoritarismo da cultura local. Com a ruptura do paralelismo na última estrofe, a admoestação passa à voz da criança. Atrás desta esconde-se o poeta adulto e sua opinião sobre educação – uma opinião revolucionária e inovadora para a época. Deste ponto de vista, o poema como um todo também traz à baila uma discussão extremamente atual sobre os limites e a liberdade necessários à boa formação de uma criança. Trata-se, a meu ver, de um poema extremamente adequado para leitura, análise e interpretação na sala de aula, hoje, quando a tessitura social se apresenta tão esgarçada.

Entretanto, além da mensagem captada em nível psicológico e em nível social (pedagógico), também se pode vislumbrar um nível de crítica cultural, se nos detivermos no fato de o pássaro bem-te-vi, travestido de policial, ser o único elemento do poema a ser mantido em língua portuguesa<sup>28</sup>. Ora o fato de o nome do pássaro ter sido mantido em português pode ser considerado de duas perspectivas: de um lado, como um índice de assimilação cultural; de outro, ao ser configurado através da negatividade, veiculadora de uma oposição entre os colonos, representados pela criança e seu mundo, e o pássaro policial e censor, pode também ser interpretado como um índice de resistência ao estranho: à realidade brasileira, ao povo brasileiro, à cultura nacional, à língua portuguesa do Brasil, denotando um estado de opressão sofrida pelos colonos a serviço dos colonizadores brasileiros; enfim, uma mensagem

---

28 O vocábulo “Mule”, tal como se apresenta, não pertence à língua portuguesa, é uma apropriação da palavra “mula”, em forma germanizada.

de rebeldia diante de um Estado de teorias liberalizantes e práticas colonizadoras, isto é, um país com as “ideias fora do lugar”, lembrando Roberto Schwarz. Este pássaro estranho, cujo nome é sintomaticamente mantido em português, um dos mais populares no país, é uma alegoria do Brasil que é estranho, que censura o menino colono, contra o qual o menino se insurge.

Este poema, uma produção literária de um imigrante de língua alemã, portanto, de um autor da “literatura brasileira de expressão alemã”, ou “literatura da imigração alemã no Brasil” ou ainda “literatura teuto-brasileira”, ou “literatura pós-colonial brasileira”, tem uma dimensão poética, tanto no plano da forma, quanto no alcance do significado, que o poderia alçar à faixa da “alta literatura”, para usar o termo de Leyla Perrone-Moisés.

Wolfgang Ammon (1869–1938), mais novo 27 anos do que Schnitzler, chega ao Brasil em 1886 com 17 anos. Nascido em Neustadt/Eberswalde, perto de Berlim, o poeta emigra para o Brasil em companhia da família, devido à saúde precária do pai<sup>29</sup>. O poema de Ammon não tematiza o bem-te-vi com exclusividade, mas coloca-o em contraponto com o sabiá. Diz o poema:

**Sabiá und Bem-te-vi**

In weißen Dolden hing der Flieder  
Von grüner Epheu-Wand hernieder.  
Der Frühling war es, den ich sah.  
Und aus dem Dunkel der Zypressen  
Klang weich und süß und selbstvergessen  
Das Liebeslied des Sabiä...  
Auf stiller Bank bei roten Rosen  
Sah ich ein Liebespärchen kosen  
Da rief ein Vogel: „Viel zu früh!“  
Er flog zum jungen Paar herunter  
Und wiederholte keck und munter  
Sein warnend, spottend: „Bem-te-vi!“

(Apud Steil 2002, p. 140–141)

**Sabiá e bem-te-vi**

Penduravam os cachos brancos do lilás  
Pelo folhame da parede de hera.  
Foi a primavera que eu vi.  
E do escuro dos ciprestes soava  
Suave e doce e enlevada  
A canção de amor do sabiá...  
Num banco silencioso, junto a rosas vermelhas,  
Vi um casal de namorados trocando carícias,  
Aí silvou um pássaro gritando „muito cedo!“  
Desceu voando até o jovem casalzinho  
Repetindo, destemido e esperto,  
Seu grito de alerta e de zombaria: „bem-te-vi!“

Trad. Rainer Domschke

Este poema, um idílio, é constituído de duas partes principais: uma, relativa à presença do sabiá; outra, referente ao surgimento do bem-te-vi. O sabiá, um pássaro canoro tipicamente brasileiro, é celebrizado na literatura pela beleza do canto mavioso que emite e encontra seus correspondentes europeus no rouxinol e na cotovia.

No poema em pauta, o sabiá aparece inserido numa paisagem que, certamente, pode ser brasileira, mas é, sobretudo, típica da Europa e, portanto, da Alemanha, terra de origem do poeta. Trata-se de um recorte da natureza que evoca um locus amoenus, uma visão idealizada da paisagem em pleno desabrochar primaveril, tingido pelo eterno verde da hera e pelas flores do lilás branco, que são perfumadas. Tudo isso emoldurado pela cor escura, também eternamente verde, dos ciprestes. Este recorte

29 Mais informações disponíveis no e-book *Wolfgang Ammon (1869–1938): vida e obra*.

da natureza, que configura um jardim, é um topos, que carrega o significado do paraíso perdido, no caso do poema, pode apontar para a pátria deixada pelo eu-lírico/poeta alemão. É aqui que o sabiá canta. Mas também poderia ser um rouxinol ou uma cotovia. O fato de ser um sabiá e, portanto, brasileiro, evoca, ainda que indiretamente, a “Canção do exílio” de Gonçalves Dias: “Minha terra tem palmeiras/onde canta o sabiá/as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá...” Colocar um sabiá a cantar numa paisagem europeia, de certa forma, também dá expressão a um sentimento saudoso da origem, a uma certa condição de exílio. O sabiá e o jardim estabelecem, a partir do Brasil, os pontos de afinidade e de distanciamento entre os dois países.

Com a chegada do casal de namorados, porém, entra em cena o bem-te-vi. O par enamorado está envolto em silêncio (apenas os sentimentos e as emoções pulsam) e pelas rosas vermelhas, que irradiam paixão. A atmosfera de amor, criada no campo semântico, apoia-se na regularidade e harmonia da construção da única estrofe de doze versos octossilábicos de rimas interpoladas. Três versos são dedicados à composição da primavera, três versos ao desenho do sabiá, três versos à configuração do casalzinho. É nesta parte do poema, quando a serenidade do idílio e as regras sociais do decoro ameaçam ser quebradas pelo beijo iminente, que toda a atmosfera se rompe com o grito estridente do bem-te-vi, o qual, traduzido para o alemão, assume uma outra forma onomatopaica, bem adequada ao momento: “viel zu früh” = muito cedo.

A esta admoestação, desagregadora do idílio, segue-se a última parte do poema, os últimos quatro versos, em que o bem-te-vi repete o seu grito, obrigando o leitor a sair do devaneio do jardim, alimentado pela melodia do sabiá/rouxinol/cotovia. E neste momento o bem-te-vi com grafia brasileira quebra com seu cantar as colorações utópicas da paisagem criada e traz-nos ao Brasil e a sua cultura, seus costumes e suas regras morais. A esta oposição entre sabiá/rouxinol/sabiá e bem-te-vi pode subjazer a alma do imigrante de língua alemã (talvez de todos os imigrantes), dividida entre a terra de origem e a terra de adoção ou de refúgio.

### **Fontes bibliográficas:**

Fausel, Erich. Bem-te-vi ... 's ist zu viel! In: *Volk und Heimat*. Jahrbuch des Deutschtums in Brasilien. São Paulo, Deutscher Morgen, 1939, p. 203-206.

Joenck, Elmar – *Augusto Schnitzler, o mestre de Santa Filomena*. São José: ed. do autor, 1996.

Schaette, P. Stanislau – August Schnitzler. In: Entres, Gottfried (Ed.) – *Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catarina*. Florianópolis: Livraria Central – Alberto Entres & Irmão, 1929, p. 227-232.

Steil, Marcelo – *Desvendar o tempo. A poesia em língua alemã produzida nas zonas de colonização em Santa Catarina*. Blumenau: HB, 2002.

## 10. Klaus Krott vira estancieiro\*

É de se anotar o papel especial que os imigrantes oferecem ao trabalho comparativo: eles são os indivíduos mais adequados a trabalhar comparações, pois, em tese, são donos do distanciamento a isso necessário: distantes da cultura da origem e distantes da cultura de chegada. São eles os portadores da tão desejada perspectiva “supranacional”, de que fala Hugo Dyserinck, que marca a fronteira entre literatura comparada e filologia nacional. Se a literatura comparada legitima o estudo da literatura das minorias, perguntemos, então, o que as produções literárias dos imigrantes de língua alemã mostram?

De imediato, imagens do espaço físico do Brasil à época da colonização, imagens da cultura dos colonizadores, contrastes com a cultura dos imigrantes de língua alemã, os valores de respeito, de lealdade, de hierarquia, a tendência ou a resistência à miscigenação, etc., o que faz dela, em parte, também uma literatura pós-colonial brasileira; uma literatura pós-colonial brasileira, ainda ignorada pelo grande público, por causa da barreira da língua e que convém, por isso mesmo, pesquisar.

Tomemos a título de exemplo a narrativa, de 1939, publicada no *Kalender* da editora Rotermond, *Wie Klaus Krott zu seiner Stanz kam. Erzählung aus der Campanha*. (Como Klaus Krott se tornou dono de uma estância. Uma história da campanha gaúcha) de Alfred Reitz (1886–1951), imigrado para o Brasil em 1922. Seu texto original e a respectiva tradução, bem como os dados biobibliográficos do autor, já estão no e-book *Alfred Reitz (1886–1951): vida e obra*.

Esta narrativa testemunha e memoriza, no plano da ficção e de uma perspectiva não nacional, os embates culturais da ação colonizadora entre etnias diferentes: a alemã e a brasileira.

A história da narrativa, ao que tudo indica, passa-se pouco depois de 1815, pouco antes da independência do Brasil em 1922, e tem como objetivo reconstruir a história emocional dos primórdios da povoação do sul do Brasil e o faz, lançando mão de um romântico triângulo amoroso entre um herói alemão, um vilão brasileiro e uma donzela teuto-brasileira, com desenlace feliz, através do casamento do alemão com a teuto-brasileira.

Este triângulo amoroso assenta, curiosamente, em panos de fundo espaço-temporais de tonalidades realistas, onde se identifica a teoria de Hypollite Taine (1828–1893): a compreensão do homem à luz do meio-ambiente, da raça e do momento histórico.

---

\* Nota: Este texto foi originalmente apresentado no XI Congresso Internacional da ABRALIC “Tessituras, Interações, Convergências” de 13 a 17 de julho de 2008 na Universidade de São Paulo e publicado nos Anais do mesmo congresso. On line.

O herói, de nome Klaus Krott, é um alemão, ex-voluntário de guerra, feito prisioneiro pelos ingleses, que, ao se ver sem profissão definida depois das lutas e, portanto, sem trabalho, imigra para o Brasil atrás do sonho da aquisição fácil de terras e de gado.

No Brasil, embora sem profissão, depois de algumas dificuldades, consegue emprego, porque aqui há falta de tudo e tudo está por fazer. Como frequentara a escola na Alemanha e era bom em desenho e aritmética, logo se engaja numa tarefa que exige especialistas, raros no país: a agrimensura. Uma vez empregado, a certa altura, precisa interromper temporariamente o trabalho de agrimensor por motivos climáticos. Para ocupar o tempo, de repente livre, este imigrante e aspirante a proprietário também exerce o papel de professor alfabetizador dos seus “colonizadores”, fato *sui generis* na história dos pós-colonialismos.

Falar de pós-colonialismo no Brasil é apontar singularidades desse fenômeno, que se distingue do britânico, considerado canônico, e também do argentino. A história da minoria étnica alemã no Brasil difere daquela existente na Argentina e, segundo percebo, também de todas as outras na América do Sul. Num estudo excelente de Claudia Garnica de Bertona, intitulado “Un caso de literatura de minorías: la literatura en alemán escrita en la Argentina” (Bertona 2007: 79-85), verifica-se que a imigração alemã para a Argentina é mais tardia do que aquela acontecida no Brasil. Além disso, a (quase) totalidade dos imigrantes escritores naquele país é de refugiados do nazismo que se instalam nas cidades. A temática, como se pode prever, é voltada para os problemas do exílio. No Brasil, também há refugiados perseguidos por Hitler que acham acolhimento no nosso país. Izabela Kestler estuda a sua produção literária lato sensu em *Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. Contudo, para além deste fenômeno, no Brasil devem-se considerar também as comunidades de língua alemã estabelecidas no ambiente rural, que, com o tempo, embora resistam, estimulam processos de assimilação, de aculturação e de hibridização ou de mestiçagem, e que produzem toda uma série de publicações igualmente literárias. Ouso dizer que a literatura produzida por esta minoria de língua alemã é literatura brasileira de expressão alemã, considerando as circunstâncias e o ambiente de Deutschbrasilianertum (teuto-brasilidade) em que ela é produzida. Deixando de lado o fato de haver gente germânica no Brasil desde sua descoberta, trago à luz as duas ondas principais de imigração. A primeira onda responde ao pedido de mais habitantes para a colonização do Brasil e para a formação de um exército brasileiro, pedido este formulado pelo imperador Pedro I, casado com uma austríaca e, depois, com uma alemã e continuado por seu filho Pedro II. São estes imigrantes de língua alemã que vão oferecer o substrato às futuras colônias e à formação de uma minoria étnica, que se agrupa e se isola, continuando a falar a língua materna e a cultivar os valores e costumes de seu povo, deixado para trás. Fenômeno ilustrado em sua peculiaridade na mencionada narrativa de Alfred Reitz, publicada em 1939, mas tematizando uma época bem anterior – *Wie Klaus Krott zu seiner Stanz kam. Erzählung aus der Campanha*. (Como Klaus Krott se tornou dono de uma estância.

Uma história da Campanha gaúcha). A segunda onda insinua-se durante e após os anos nazistas, quando esta minoria é confrontada sucessivamente com três fenômenos: o surgimento de divulgadores da ideologia nazista, a chegada de exilados, o acirramento da posse de duas identidades nacionais. Isto significa que, de um lado, todos os imigrantes alemães e seus descendentes continuam a ser, de fato, alemães, pois da perspectiva da Alemanha, é alemão todo o indivíduo nascido de pai e/ou mãe alemães (*jus sanguinis*). Vistas as coisas, assim, a minoria étnica alemã no Brasil é uma extensão da Alemanha em nosso país. É fato, que a partir de 1935, o império de Hitler chega a convocar para o serviço militar na Alemanha descendentes de alemães nascidos no Brasil. De outro lado, porém, esta minoria étnica, ao ter seus descendentes nascidos no Brasil, é pelas leis locais, subordinada ao *jus solis*, e percebida igualmente como brasileira. Desta confrontação de identidades nacionais emerge uma grande tensão, cujo ápice é atingido ao tempo do governo de Getúlio Vargas e do Estado Novo, quando o decreto de 18 de novembro de 1938 proíbe no país a atividade política de estrangeiros e abre o processo de nacionalização das minorias, forçando a sua assimilação, ao proibir o uso da língua alemã em território nacional e ao impor a língua portuguesa a todos os imigrantes. A língua alemã é proibida, sobretudo, nas escolas fundadas nas colônias, e todos passam a ser explicita e oficialmente brasileiros. As relações diplomáticas com a Alemanha ficam estremecidas e ambíguas até serem definitivamente cortadas em janeiro de 1942. Deve-se observar, contudo, que no interior da minoria étnica de língua alemã, nem todos são alemães (há também suíços, austríacos, poloneses) e, mesmo durante o nazismo, nem todos aderem a esta ideologia. Somente uma minoria ruidosa, dentro da minoria, se torna militante. Mas isto também não quer dizer que os outros aceitem os termos criados pelo Estado Novo de “homogeneizar” uma “raça” brasileira. Passada a guerra, entretanto, verifica-se que, pelo menos, a produção de literatura pela minoria étnica de língua alemã volta a ser escrita em alemão.

O que é, de que trata essa literatura produzida por imigrantes de língua alemã no Brasil? Sabe-se que é uma produção vastíssima, que sobre ela há vários trabalhos críticos realizados e em processo, mas não se fez até hoje um levantamento exaustivo de tal fenômeno. É esse o objetivo do projeto de pesquisa LIBEA “Literatura brasileira de expressão alemã”, que aceita iniciações científicas, mestrados e doutorados, ou seja, é objetivo precípua do projeto a recuperação integral deste acervo. A estas observações, também se deve acrescentar uma outra: “Nenhum povo pode viver em harmonia consigo mesmo sem uma imagem positiva de si” (Lourenço 1992: 61). E nenhum povo pode ter uma imagem positiva de si mesmo se não se preocupar e se não se ocupar em conhecer, analisar e avaliar sua(s) imagem(ns). Imagens de um país há várias. A literatura, por exemplo, é uma área cultural em que elas abundam. E, dentro desta área cultural, extensa a perder de vista, há várias subáreas e, dentre as subáreas, escolhi para minhas reflexões imediatas, a chamada literatura de minorias e, ainda dentro desta subárea, recorto os produtos literários produzidos por um grupo de imigrantes de língua alemã Brasil que se estabeleceram no Brasil, oficialmente, a partir de 1824. Legaram-nos, entre outros, uma literatura *sui generis*

já parcialmente estudada, como dissemos, sem contudo se saber ao certo quantos textos autores e quantas obras foram produzidos no total. Em geral, esta literatura não resiste à comparação com o cânone nacional brasileiro, embora haja exceções. Por longo tempo, tais produções literárias padeceram de preconceito, por ser sua carga poética bastante baixa, se considerarmos literatura como Ezra Pound “Great literature is simply language charged with meaning to the utmost possible degree” (Pound 1968: 23). Entretanto, a literatura comparada, no decurso de sua longa trajetória, diante de fenômenos como o feminismo, os novos movimentos de migrantes no mundo, a explosão hodierna “LGBTQIAP+”, trouxe para dentro de suas tarefas estudar também suas produções artístico-literárias. Assim, a literatura da imigração alemã produzida no Brasil torna-se passível de ser analisada à luz de teorias contemporâneas da cultura, privilegiando conceitos como pós-colonialismo, pós-nacionalismo, diáspora, multi, pluri e transculturalismo, contracolonialismo, hibridismo, formações identitárias, alteridade.

A narrativa de Alfred Reitz *Wie Klaus Krott zu seiner Stanz kam. Erzählung aus der Campanha*. (Como Klaus Krott se tornou dono de uma estância. Uma história da Campanha gaúcha), é um texto simples, a ilustrar um processo de imigração, suas dificuldades e acomodações em relação à pressuposta integração étnica. O vilão, o jovem brasileiro Affonso, interessado na donzela teuto-brasileira que, por uma tragédia do destino perdeu os pais e foi criada como filha no seio de sua enorme família comunitária de origem açoriana, é rude, analfabeto, violento, como só pode ser um homem que vive no isolamento da imensidão da Campanha gaúcha, tangendo gado. Movido pelo ciúme, tenta matar o alemão.

A família brasileira, porém, herdeira e cultivadora dos severos valores morais dos portugueses, defende a moça, de nome Inês, e casa-a com Klaus Krott, punindo Affonso.

Inês, ao repudiar Affonso, repudia também o fenômeno de assimilação cultural, voltando-se para a recuperação da língua e da cultura de seus pais. De fato, desta resistência à aculturação fala Giralda Seyferth em *Nacionalismo e identidade étnica*<sup>30</sup>. Por outro lado, também é inequívoca a resistência da família de origem portuguesa/açoriana à miscigenação.

É evidente que a narrativa utiliza-se de dados da história, para lhes acrescentar o calor e a vida que neles se perderam. Começa num lugar chamado Mundo Novo (onde hoje ficam os municípios de Taquaral, Três Coroas e Igrejinha, a cerca de 90 Km de Porto Alegre), um lugar onde, à época, existiam companhias especializadas na medição de terras e de lotes.

---

30 - Seyferth, Giralda - *Nacionalismo e identidade étnica. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

A “Empreza Colonizadora Mundo Novo”, na narrativa, por exemplo, seria uma delas, e fora constituída por grileiros, conceito que o narrador se encarrega de explicar nos detalhes de suborno a autoridades e órgãos públicos. Nela o imigrante alemão Klaus Krott arruma seu primeiro emprego de agrimensor e é vítima dessa fraude. É o subdelegado que o ajuda, levando-o para a propriedade de seu sogro na Coxilha Sant’ana, na divisa com o Uruguai, onde hoje está Santana do Livramento, a 4 dias de viagem em lombo de mula de Mundo Novo. Na Coxilha Sant’ana encontram-se os 40.504 hectares das terras dos Monteiro que o alemão deveria dividir pelas 33 famílias geradas no clã, mediante o recebimento de um lote como pagamento.

Estes elementos narrativos acham correspondência nos fatos históricos. De fato, consta que em 1814, o governo português concedeu uma sesmaria na costa do Rio dos Sinos a Antonio Borges de Almeida Leães. Esta sesmaria passou, então, a ter o nome de Fazenda Mundo Novo e foi vendida pela viúva Libânia Inocência Correa de Leães, em 1845, ao brasileiro Tristão José Monteiro e a seu sócio, o teuto-brasileiro Jorge Eggers. Tristão José Monteiro e Jorge Eggers criaram, então, aqui a colônia de Santa Maria do Mundo Novo, mas Eggers logo vendeu sua parte a Monteiro. Para lá atraíram colonos de São Leopoldo, a quem venderam a maior parte das terras, tendo lá se fixado também alemães vindos diretamente da Alemanha, que deram origem às povoações de Igrejinha, Taquara e Três Coroas. A casa de pedra (Steinhaus), que aparece na narrativa, construída por Monteiro que servia de armazém para abastecer a colônia, ainda lá se encontra.

Quanto ao tempo da narrativa há uma ligeira discrepância. Embora publicada em 1939, ao que parece, o autor levou em conta o ano de 1814, como o da compra feita por Tristão Monteiro, já que o seu protagonista diz ter participado de uma guerra e ter sido feito prisioneiro dos ingleses e isto só pode ter acontecido ao tempo em que Napoleão se pôs a conquistar a Europa, tendo se estabelecido no Sacro Império e acabado com ele, com o apoio de vários senhores alemães, só vindo a ser derrotado pelos ingleses na batalha de Waterloo.

Trata-se de uma narrativa que não resiste a uma análise textual mais exigente. Para tanto, falta-lhe, entre outros, profundidade na construção das personagens. Interessante, no entanto, é verificar que constitui testemunho emocional da resistência dos alemães à cultura brasileira, bem como da resistência dos brasileiros à aceitação de outras culturas, como a alemã, insistindo em seu papel de colonizadores, que por sua vez foram colonizados de vários modos.

### **Fontes bibliográficas:**

Bertona, Claudia Gernica de. Un caso de literatura de minorías: la literatura en alemán escrita en la Argentina. In: *Anuario Argentino de Germanística*, Actas de las XIV Jornadas de la Asociación Argentina de Germanistas, 2007, vol. III, p. 79-85.

Kestler, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. Trad. Karola Zimmer. São Paulo: Edusp, 2003.

Kestler, Izabela Maria Furtado. *Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien*. Frankfurt a. M.; Peter Lang, 1992.

Lourenço, Eduardo. *O labirinto da saudade*. 5ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 61. Pound, Ezra. *Literary Essays*. New York: A New Directions Book, 1968, p. 23.

Seyferth, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

# 11. Uma narrativa safe em época de censura\*

Robert Weber (1895–1975), livreiro (Buchhändler) alemão, nascido em Elberfeld, na Renânia do Norte, viaja ao Brasil em 1914 e, quando se prepara para voltar à Alemanha, fica difícil fazê-lo, porque nesse meio tempo explode a Primeira Grande Guerra. Assim, fica retido em terras brasileiras. Mas, logo em 1915, é contratado como professor pela colônia alemã de Erechim, no Rio Grande do Sul. Em simultâneo, consegue trabalho como escritor e fotógrafo no jornal *Serra-Post* e colabora também no *Kalender der Serra-Post*. Pelo que se conhece, sua primeira publicação data de 1924. Casa-se no país, em 1927, com Maria Luise Stein e, com ela, tem 4 filhos homens. A convite do Dr. Robert Löw, editor do jornal *Serra-Post*, muda-se em 1928 para a cidade de Ijuí, onde também passa a ocupar as funções de desenhista na Livraria Serrana. Em 1938, volta à Alemanha e, lá, vivencia a Segunda Guerra Mundial. Só regressa ao Brasil em 1949.

Fixa, então, residência em Porto Alegre e retoma suas atividades de desenhista gráfico e escritor, continuando a colaborar com as edições do jornal *Serra-Post*. Aposenta-se aos 76 anos e retira-se para a cidade de Canoas, onde falece em 17.09.1975 com 80 anos.

Sua obra abrange poesia e prosa e, dentro da prosa, algumas fábulas, conforme se pode consultar no e-book *Robert Weber (1895–1975): vida e obra*.

Este ensaio, porém, dá destaque ao seu conto *Eine Weihnachtsmärchen* (Um conto de Natal)<sup>31</sup>, porque, pelo que percebi, além de ser a primeira publicação literária do autor, o texto foge não só da temática explorada no conjunto de sua obra, mas também da temática recorrente na literatura brasileira de expressão alemã, que quase sempre foca a vida nas colônias. Talvez se possa até dizer que esta narrativa constitui uma exceção.

E, neste passo, recordo-me do ensaio *Bodenständiges Schrifttum. Betrachtungen einer Dichterin*. (Letras localistas. Considerações de uma poetisa), de Hilda Siri, outra escritora da literatura brasileira de língua alemã, que também trabalhou em editoras, um ensaio publicado bem mais tarde em 1959, já depois das duas guerras, no qual ela reflete sobre a natureza da literatura teuto-brasileira, comentando:

---

\* Nota: Este texto foi originalmente publicado na Revista Sibila. Revista de poesia e crítica literária. São Paulo, 1 de abril 2013. ISSN 1806-289X. On line.

31 Weber, Robert. Ein Weihnachtsmärchen. In: *Kalender der Serra-Post*. Ijuí: Ulrich Löw, 1924, p. 101-102. Também em *Robert Weber (1895–1975): vida e obra*. On line.

Nas gavetas de meus colegas de trabalho encontram-se diversas pastas com as seguintes inscrições: histórias de jornal e artigos, poemas em comemoração ao dia 25 de julho, dia das Mães, Natal e Páscoa, histórias e poemas de anuário, traduções, etc. Bem mais embaixo está uma pasta arrumadinha sem nenhuma inscrição. Aí, nessa pasta, estão guardados os poemas, os contos e as histórias que não possuem qualquer perspectiva de publicação. Frequentemente, são trabalhos menores e maiores, valiosos, para os quais não se encontra editor e para os quais nem se dispõe de dinheiro suficiente para imprimi-los em editora privada.<sup>32</sup>

Alguém no Brasil que procure pela autêntica literatura brasileira em língua alemã não a encontrará nos jornais e anuários, mas certamente nessas pastas sem inscrições.

Traduzido com rigor, o título do conto de Robert Weber é *Um conto de fadas de Natal*. E este título estimula já à partida o imaginário cristão ocidental do leitor em duas direções: para o mundo do faz de conta da irrealidade das fadas, do misticismo telúrico, e para a atmosfera mágica da época natalina. Evocam-se, portanto, num primeiro momento, finais felizes para grandes atribuições e amor ao próximo, solidariedade e esperança num mundo melhor. O leitor relaxa.

A designação de “conto de fadas”, na trilha dos irmãos Grimm, também acena para a transmissão de tradições, de conhecimentos e valores culturais alemães à nova geração, constituída por filhos de imigrantes de idioma alemão, a fim de manter a identidade do grupo. Este título poderia até conduzir o leitor para o conhecido horizonte da inadequação dos festejos de Natal europeus sob clima tropical.

No entanto, nesta narrativa de apenas duas páginas, escrita em períodos curtos com preponderância de orações coordenadas, pontilhadas de repetições de variações do sintagma “e Deus via...”, que, ao não exigirem o acompanhamento de raciocínios complicados, facilitam muito a leitura, o fulcro é contundente, não tem nada de mágico.

A matriz do conto é a Paz de Versailles, de 1918. Ou melhor, o conto, publicado em 1924, propõe, em primeiro plano, a explicação do que fora o Tratado de Versailles, da perspectiva alemã, às crianças das colônias brasileiras.

---

32 Trad. Luana Camargo. “In den Arbeitsfächern meiner Kolleginnen und Kollegen werden verschiedene Mappen liegen mit folgenden Aufschriften: Zeitungsgeschichten und Artikel, Gedichte zum 25. Juli, zum Muttertag, für Weihnachten und Ostern, Kalendergeschichten und – gedichte, Uebersetzungen [sic] usw. Ganz zu unterst liegt eine saubere Mappe ohne Aufschrift. Darin sind die Gedichte, Erzählungen und Romane verwahrt, für die keine Aussicht zur Veröffentlichung besteht. Es sind oftmals wertvolle kleinere und grössere Arbeiten, für die sich kein Verleger findet und für die im Eigenverlag drucken zu lassen das Geld nicht reicht. Sucht jemand in Brasilien wahre brasilianische Literatur in deutscher Sprache, so wird er sie nicht in den Zeitungen und Kalender finden, sondern eben in diesen unbeschrifteten Mappen”. Siri, Hilda, *Brasil-Post*, São Paulo, 24.10. 1959, p. 1. Também no e-book *Hilda Siri (1918-2007): vida e obra*.

Afinal, no Brasil do presidente Artur Bernardes (1922-26), a História Universal oficializada ensinava que o Tratado de Versailles pusera fim à Primeira Grande Guerra, na qual a Alemanha desempenhara o papel de inimiga perdedora e, portanto, tivera uma punição justa.<sup>33</sup>

Se o Brasil de 1914, na época governado pelo presidente Venceslau Brás, no princípio, não participara da Primeira Grande Guerra, tendo declarado oficialmente sua neutralidade em 4 de agosto desse mesmo ano, nem por isso saíra do conflito ileso: um navio brasileiro, o “Rio Branco”, fora afundado por um submarino alemão em 3 de maio de 1916, fato que gerara comoção nacional. As relações entre o Brasil e o Reich haviam ficado estremecidas. No dia 5 de abril de 1917, outro barco brasileiro, o “Paraná”, um dos maiores da marinha mercante, fora também torpedeado por um submarino alemão em águas francesas e três brasileiros tinham morrido. Em setembro desse mesmo ano, fora a vez do encouraçado “Macau” ser atacado. Indignados, os brasileiros haviam se levantado em manifestações, pedindo do governo uma resposta à altura. O ministro das relações exteriores, Lauro Müller, de origem alemã e favorável à neutralidade brasileira, fora obrigado a renunciar. Em Porto Alegre, tinham ocorrido manifestações mais belicosas que atacaram e depredaram estabelecimentos comerciais pertencentes a alemães ou seus descendentes, como, por exemplo, o Hotel Schmidt, a Sociedade Germânia, o clube Turnebund, o jornal *Deutsche Zeitung*. Pressionado, o governo brasileiro declarara guerra ao Reich em outubro de 1917 e usara este fato para reprimir com violência os opositores, declarando estado de sítio. Mesmo assim, em 1 de novembro de 1917, fora a vez de Petrópolis, onde o restaurante Brahma fora totalmente destruído e a *Gesellschaft Germania*, a Escola Alemã, a empresa Arp e o *Diário Alemão* foram depredados.

Como é que Robert Weber constrói sua narrativa para subverter, já em 1924, no Brasil, a leitura oficial da História a partir da visão dos vencidos, à semelhança do que Günter Grass vai fazer em 2002 no livro *Im Krebsgang* (Passo de caranguejo)?<sup>34</sup>

Logo de início, o autor ameniza com o título, como se viu, a tensão implícita no tema.

Depois começa a narrativa com a locução identificadora dos contos de fada “Era uma vez” (*Eswereinmal*). O distanciamento temporal imediatamente criado nutre a predisposição imaginativa do leitor habilmente preparada pelo título, alimenta também a paradigmática atmosfera mágica do Natal a unir a terra e o céu, na celebração do nascimento do menino Deus, a evocar o tempo da Criação *in illo tempore*, um

---

33 Em janeiro de 1919, sem a presença dos derrotados, realiza-se em Paris a Conferência de Paz para produzir o documento, onde serão discriminadas as indenizações da guerra, e este será elaborado de tal maneira que parece ter o objetivo precípuo de arrasar e de humilhar os alemães. O documento é entregue em maio e exige uma resposta no prazo de 15 dias. Em 28 de junho de 1919, o término e a perda da guerra são reconhecidos no Tratado de Versailles, assinado pelo ministro do exterior alemão, Hermann Müller.

34 O romance trata do ataque russo ao navio “Wilhelm Gustloff”, cheio de civis alemães, fugindo da guerra, no final de 1945, no Mar Báltico. Morreram cerca de nove mil pessoas, entre elas, muitas crianças.

tempo mítico, portanto. Esta estratégia literária atenua e amacia sobremaneira a contundência do tema a ser tratado. Este distanciamento temporal é providencial, porque poupa com delicadeza o leitor do choque frontal com a dureza da precisão do tempo factual, que remete por sua vez à rudeza e crueza dos acontecimentos.

A locução identificadora do conto de fadas “Era uma vez”, que pontua na narrativa o tempo mítico e o tempo cronológico distanciado, também introduz um espaço convenientemente anônimo: “Era uma vez um povo”. Com estes ardis poéticos, os leitores são conduzidos para fora do plano histórico e é neste plano ahistórico que são convidados a ouvir o desenrolar da história. Isto quer dizer que as emoções políticas são colocadas para fora da cena. E também leitores apressados e censores, que se guiarem apenas pelos títulos para identificarem o conteúdo dos textos publicados, também serão ludibriados.

Todavia, ultrapassado o título e a locução inicial, ainda no primeiro parágrafo, o tempo cronológico da narrativa passa a ser definido com mais precisão: é dezembro, é o Natal de 1918, o ano do Tratado de Versailles.

Em seguida, o espaço anônimo passa a ser identificável. O povo que perdera a guerra é o povo da República de Weimar. No detalhamento deste espaço físico e social, o leitor depara-se com a paisagem da degradação humana: os guerreiros de uma guerra perdida estão mortos e as crianças estão morrendo (de fome).

As abstrações inerentes ao conceito da Paz de Versailles, que constituem a célula mater do conto, são levadas ao mundo concreto e assumem a forma de personagens. Outras abstrações como Deus e Jesus também são antropomorfizadas. O nome do agressor é identificado. Trata-se de um falso herói, também denominado de Paz falsa, de morte e de Paz de Versailles. É esta falsa Paz que está matando as crianças neste reino já sem guerreiros, portanto, numa ação covarde.

Diz o texto: “Na guerra caíram os guerreiros, mas a paz devorava a força das crianças. Centenas de milhares crianças morriam dessa morte atroz instalada na paz, na Paz letal de Versailles.”<sup>35</sup>

E são tantas as crianças mortas que a Via Láctea, que as conduz ao céu, está congestionada, chamando a atenção de Deus e obrigando-o a construir outra via paralela e outro portão de entrada no céu. Como esta falsa Paz não dá trégua, Deus é obrigado a enviar à terra um doador (conforme Propp)<sup>36</sup>, o Menino Jesus.

---

35 Trad. Alceu Gregory. “Im Kriege fielen die Krieger, der Friede aber zerfraß die Kraft der Kinder. Hunderttausende Kinder starben diesen entsetzlichen Tod des Friedens, den Versailler Friedenstod.” Weber, Robert. Ein Weihnachtsmärchen. In: *Kalender der Serra-Post*. Ijuí: Ulrich Löw, 1924, p. 101-102. Também em *Robert Weber (1895-1975): vida e obra*. On line.

36 É possível empregar na análise deste conto a terminologia criada por Vladimir Propp em sua obra *A morfologia dos contos de fadas*, de 1928.

Diz o texto: “Veio, então, o Natal e todos se alegraram: os doentes, os mancos, os cegos, os velhos e as crianças. A paz malvada, porém, alegrou-se mais do que todos, pois os cantos das crianças indicavam-lhe os caminhos onde sua mão assassina podia matar.”<sup>37</sup>

E, enquanto o Menino Deus andava no meio do povo, a falsa Paz continuava matando e, não reconhecendo sequer o enviado divino, também o ameaçou de morte. Então, “o universo estremeceu, pois Deus, o Senhor, pulou do seu trono.”<sup>38</sup> O mundo profano e o mundo maravilhoso se entrelaçam, sugando o epicentro do descontentamento alemão para o céu.

Segue-se o embate entre o agressor, a falsa Paz de Versailles e o próprio Deus. Naturalmente, a vitória é de Deus e imediata. A ação, porém, continua com a investigação divina pela terra à procura da Paz verdadeira, pois o restabelecimento da harmonia geral é necessário. E, na floresta escura de Compiègne, que é uma cidade ao norte de Paris, onde o Armistício é assinado em 11 de novembro de 1918, Deus descobre um homem, que havia sido espancado, torturado e amarrado, de modo que não podia se mover.

“Quem é você?” perguntou o bom Deus. “Eu sou a Paz Mundial”, respondeu com dificuldade o que estava amarrado; “os meus inimigos me mantêm há anos preso aqui. Em breve morrerei. Ah, se os homens me salvassem; demônios me dominaram!”

“Quem são os que o amarraram?” indagou o todo Poderoso.

“Senhor, não conheço seus nomes, mas eles se denominam de membros do Supremo Conselho; e este Supremo Conselho raptou-me e, em meu lugar, colocou a Paz Mundial, a Paz de Versailles”.<sup>39</sup>

O espaço de aprisionamento da Paz verdadeira é duplamente sombrio. Além de ser a cidade, onde foi assinado o Armistício que, no conto, tem um peso negativo, Compiègne arrasta consigo uma carga semântica trágica, pois está associada

---

37 Trad. Alceu Gregory. “Da kam das Weihnachtsfest zu dem Volke und es freuten sich alle, die Kranken, die Verstümmelten, die Blinden, die Alten und die Kinder. Der böse Friede aber freute sich mehr als alle, den der Gesang der Kinder wies ihm die Wege, wo seine droßelnde Hand töten konnte.” Weber, Robert. Ein Weihnachtsmärchen. In: *Kalender der Serra-Post*. Ijuí: Ulrich Löw, 1924, p. 101-102. Também em *Robert Weber (1895-1975): vida e obra*. On line.

38 Trad. Alceu Gregory. “Da erschütterte das Weltall, denn Gott der Herr sprang von seinem Throne.” Weber, Robert. Ein Weihnachtsmärchen. In: *Kalender der Serra-Post*. Ijuí: Ulrich Löw, 1924, p. 101-102. Também em *Robert Weber (1895-1975): vida e obra*. On line.

39 Trad. Alceu Gregory. “Wer bist du?” frug der liebe Gott. “Ich bin der Weltfrieden”, antwortete mühsam der Gebundene; “meine Peiniger halten mich seit Jahren hier gefangen. Ich werde wohl bald sterben. O, daß die Menschen mich erlösten, denn Teufel haben mich bezwungen!”

“Wer sind die, die dich banden?” so frug der Allmächtige.

“Herr, ich kenne nicht ihre Namen, aber sie nannten sich Mitglieder des Hohen Rates; und dieser Hohe Rat hat mich beraubt und einen andern zum Frieden, zum Weltfrieden, zum Versailler Frieden gemacht.” Weber, Robert. Ein Weihnachtsmärchen. In: *Kalender der Serra-Post*. Ijuí: Ulrich Löw, 1924, p. 101-102. Também em *Robert Weber (1895-1975): vida e obra*. On line.

também ao massacre de dezesseis freiras do Mosteiro das Carmelitas que, em 17 de julho de 1794, foram guilhotinadas por revolucionários franceses do Comitê de Salvação Pública, por ódio à religião.

No fim, a paz verdadeira é libertada e fortalecida, a harmonia é reposta, tanto no plano mítico das crianças mortas quanto no plano físico das crianças ainda vivas, e o mundo se alegra e se pacifica.

Como entender, porém, esta solução final para o conto? Não há como perder de vista que, apesar dos claros indícios históricos, a fabulação foi colocada num plano mítico-religioso. Apontariam a liquidação da Paz de Versailles histórica, tomada na narrativa como falsa, e a libertação da Paz verdadeira para um processo de sublimação coletivo, em que a Justiça é entregue às mãos do Criador? Mas em que consistiria essa Paz verdadeira libertada? Quais seriam os seus termos? Eis uma pergunta sem resposta aparente.

Observe-se, todavia, que a narrativa de Weber não termina com o simples restabelecimento da harmonia, que pressupõe a certeza de uma futura Justiça divina. O final do conto deixa uma mensagem moral às novas gerações. Encerra-se o texto com as seguintes palavras: “E, pelo mundo afora, noite após noite, resplandeciam as luzes para o consolo das mães das crianças assassinadas, para o espanto e dor de consciência dos malfeitores de Versailles e como advertência às gerações futuras”.<sup>40</sup>

A mensagem está dada: A República de Weimar foi punida além da conta e covardemente. A correção da História está feita: a Paz de Versailles não foi o que parece ter sido. O apoio ao *Deutschtum*<sup>41</sup> é reafirmado pelo professor Robert Weber.

Porém, a última frase, “como advertência às gerações futuras”, pode a meu ver receber duas interpretações, porque a palavra “*Mahnung*”, traduzida por advertência, em alemão significa “lembrança de fazer algo, não esquecimento”. De um lado, pode significar que as gerações futuras devem manter na memória as consequências terríveis de uma guerra e, por isso, evitá-la; de outro lado, pode significar que as gerações futuras não devem esquecer a injustiça sofrida pelo Reich e também pela República de Weimar, que lhe sucedeu.

---

40 Trad. Alceu Gregory. “In die Welt hinein aber strahlten Abend für Abend die Lichter der gemordeten Kindlein zum Trost der Mütter, zum Entsetzen und zur Gewissensqual der Uebeltäter von Versailles, zur Mahnung für die späteren Geschlechter.” Weber, Robert. Ein Weihnachtsmärchen. In: *Kalender der Serra-Post*. Ijuí: Ulrich Löw, 1924, p. 101-102. Também em *Robert Weber (1895-1975): vida e obra*. On line.

41 *Deutschtum* (germanidade) designa uma espécie de consciência nacional alemã, a envolver conceitos de cultura, de raça e de língua comuns, que expressam sentimentos de superioridade. A partir de 1852, a ideologia da Liga Pangermânica dá lugar de primazia ao *Deutschtum* que se torna presente também nas colônias alemãs do Brasil. A ele se deveria o progresso trazido ao primitivismo brasileiro dos primeiros tempos da colonização. Já Heine (1797-1856), apesar de judeu ou justamente por isso, havia comparado a língua alemã a uma pátria.

Há leitores para as duas interpretações. Com a primeira interpretação estão os pacifistas de sempre. Contudo, leitores houve/há que fizeram/fazem a segunda exegese. De fato, muitos historiadores, na trilha de W. Churchill, não concebem a Segunda Grande Guerra como outra guerra, senão como a continuação da primeira.

Embora a República de Weimar, com a ajuda norte-americana do Plano Dawes, tivesse reorganizado seu sistema monetário e tivesse estimulado a indústria, as Universidades, segundo Max Weber,

estavam sendo impregnadas por ideologias estranhas à educação. Mais precisamente, que o fascismo da nascente política nacional socialista estava começando a ameaçar o espírito crítico e a liberdade de pensamento. Os cargos acadêmicos eram, muitas vezes, preenchidos por indivíduos que utilizavam as cátedras para discursos políticos demagógicos de inspiração fascista. (Weber 1972, p. 13).

Um fenômeno, que se repetiu depois da Segunda Grande Guerra, confirmado, pela pesquisa ordenada posteriormente, por exemplo, no Ministério da Justiça, que visava a rastrear a presença nazista em suas dependências.<sup>42</sup>

Não foi à toa que, em 22 de junho de 1940, ao invadir a França, Hitler exigiu o Armistício francês na mesma cidade de Compiègne e o reconhecimento da derrota francesa também em Versailles.

De qualquer modo, a publicação deste conto no Brasil de 1924 talvez só tenha sido possível, ou por causa da artimanha poética contida no título e no começo da narrativa, levando a crer tratar-se o texto de um conto de fadas, ou por causa do desconhecimento geral da língua alemã no Brasil, ou ambas as coisas. Porque neste ano de 1924, sete anos depois das primeiras manifestações contra os alemães e seus descendentes no país, o presidente Artur Bernardes governava a nação por meio de leis repressivas que restringiam a liberdade de imprensa e os direitos individuais. O país estava a braços com revoltas, como a dos tenentes no Rio e em São Paulo. Foi o ano da formação da Coluna Prestes. *O manifesto da poesia pau-brasil*, de Oswald de Andrade, era uma afirmação da brasilidade da poesia produzida no país. Augusto Meyer, escritor descendente de alemães, mas já integrado à literatura brasileira canônica, havia publicado em 1923 *A ilusão querida* e, em 1926, haveria de publicar *Coração verde*.

Só 14 anos depois, em 1938, o “perigo alemão” assustará de fato o governo de Getúlio Vargas, as escolas alemãs serão fechadas e o uso do idioma proibido.

---

42 Leia-se: Dias, Michel Aires de Souza. O que significa elaborar o passado? In: A terra é redonda, 05/10/2023. Disponível em: [https://aterraeredonda.com.br/o-que-significa-elaborar-o-passado/?utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=novas\\_publicacoes&utm\\_term=2023-10-05](https://aterraeredonda.com.br/o-que-significa-elaborar-o-passado/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=novas_publicacoes&utm_term=2023-10-05)

## **Fontes Bibliográficas**

Weber, Robert. *Ein Weihnachtsmärchen*. In: *Kalender der Serra-Post*. Ijuí: Ulrich Löw, 1924, p. 101-102.

Weber, Robert. *Conto de Natal*. Trad. Alceu Gregory. In: *Robert Weber (1895-1975): vida e obra*. On line.

Weber, Max. *Ciência e política, duas vocações*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1972.

## **Documentos eletrônicos**

Wikipedia: Brasil na Primeira Guerra Mundial. Acesso em 11/06/12. Wikipedia: Causas da Segunda Guerra Mundial. Acesso em 11/06/12.

Santos, Fabiane dos. A construção do inimigo: é tempo de guerra, medo e silêncio. *Revista Santa Catarina em História – Florianópolis – UFSC – Brasil*, v.1, n.2, 2007. Acesso em 30/8/2012.

## 12. Gertrud Gross–Hering e o hibridismo\*

Daí que, se quisermos entender nosso futuro, decodificar genomas e triturar números, dificilmente será suficiente. Temos de decifrar também as ficções que dão significado ao mundo.”

(Yuval Harari 2016, p. 158).

### Gertrud Gross–Hering. Quem é?

Gertrud Gross–Hering (1879–1968), filha de um dos fundadores da indústria têxtil Hering, é autora de vários romances, de algumas narrativas curtas, de alguns poemas, de três peças de teatro e vários ensaios. Dados sobre sua vida e obra podem ser encontrados no e–book *Gertrud Gross–Hering (1879–1968): vida e obra*. Para a publicação dos enormes romances, a escritora beneficiou–se, sem dúvida, da tipografia e editora de um primo, conhecido por sua firme ideologia pangermanista – a Buchdruckerei G. Arthur Koehler, em Blumenau.<sup>43</sup>

Algumas obras de Gertrud Gross–Hering já foram objeto de estudos específicos. Lembro aqui Valburga Huber e Lia Carmen Puff. Todavia, sobre esta narrativa *Ein guter Kern* (De boa cepa), não conheço outras referências críticas.

### *Ein guter Kern*: Uma boa narrativa da realidade brasileira

Este texto, um dos primeiros da autora, foi publicado em 1938, no *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, geralmente conhecido como *Rotermund Kalender*, de São Leopoldo.<sup>44</sup>

---

\* Nota: Este texto foi originalmente publicado em Emmel, Ina; Blume, Rosvitha; Heidermann, Werner (orgs.). Anais do 2º Congresso da Associação Brasileira de Estudos Germanísticos (ABEG). Florianópolis: UFSC, 2017, p. 48–59. ISBN: 978–85–5581–035–0.

43 G. Arthur Koehler comprou em 1900 o jornal de ideais radicais *Urwaldsbote*, que defendia com veemência os “preceitos da Liga Pangermânica e dos *Alldeutschen*”, e [era] combatido pela totalidade da imprensa em língua portuguesa do Estado de Santa Catarina. [Posicionava–se] a favor da endogamia dos teuto–brasileiros, do pangermanismo, da atividade dos bugreiros, da oficialização da língua alemã, e contra as instituições republicanas e a política nacional em geral [...]”. In: Seyferth, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981, p. 52, 53. “Na década de 1920 lamentava a República de Weimar, emitindo opiniões anti–semitas [...]”. Id. *ibid*, p. 53. [...] “Foi razoavelmente moderado em relação ao nazismo, não se filiando diretamente aos grupos locais do NSDAP.” Loc. cit.

44 Gross–Hering, Gertrud. *Ein guter Kern* (De boa cepa). In: *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (*Rotermund Kalender*). São Leopoldo: Rotermund, 1938, p. 97–108. Também no e–book *Gertrud Gross–Hering (1879–1968): vida e obra*.

O título *Ein guter Kern* (De boa cepa), já traça uma direção para as expectativas do leitor: aponta para matrizes, essências, raízes, origens. Metaforicamente, um sujeito de boa cepa ou de bom cerne, de bom núcleo, é um sujeito de boa família e, portanto, indubitavelmente bom. Porém, a expressão popular (e a voz do povo é a voz de Deus), presente no título da narrativa, não condiz, no começo, com a verdade de Jacozinho, o neto forte e louro do velho Zurich, alemão imigrado no Brasil. Pois a história começa tensa, com a fuga do neto amado da casa do avô na calada da noite, sem uma palavra de despedida – uma rebeldia nada alemã para a época. Por que o neto havia fugido? Por que a cultura alemã com que o avô o educara não tinha para ele significado algum? Por que o garoto preferia fumar na beira do rio com seus amigos brasileiros e falar português? E aqui já vai se desenhando a oposição cultural entre Alemanha e Brasil sofrida na pele por esse neto chamado Jacó Schmidt, um indivíduo nascido no Brasil e, por isso, brasileiro, e, ao mesmo tempo, alemão, por causa do sangue que lhe corre nas veias e da educação que recebe em casa. Trata-se de um híbrido cultural de alta voltagem, considerando-se que não há culturas que não sejam em si híbridas por natureza<sup>45</sup>. Diz a narrativa:

Quando o avô Zurich, com palavras vacilantes, desajeitadas, queria ampliar o mundo das ideias de Jacozinho, contando-lhe casos vívidos e coisas lidas, quando ele tentava, do melhor jeito que ele mesmo conhecia, despertar no neto o interesse pelos antepassados na Alemanha, Jacozinho nem se dava ao trabalho de dissimular que tudo aquilo lhe era medonhamente indiferente. Preferia muito mais passar o tempo livre com os camaradas na floresta ou à beira d' água, caçando, pescando, aprendendo a fumar cigarros e a bater papo em português.

"Vocês e sua língua", costumava ele dizer com desprezo, embora ele mesmo com sua pronúncia não pudesse negar seus antepassados de Baden.

"E o eterno capinar neste calorão abrasador", irritava-se ele. "Sinto-me um fracassado. É mais esperto alugar casa na cidade, ir para lá é mais cômodo".<sup>46</sup>

De um lado, pelas lentes "alemãs" da narradora no papel de informante local, dona, portanto, também de um saber local, percebe-se o desenho da sedutora

---

45 Em meio a inúmeras controvérsias em torno do conceito de "hibridismo" e de outros afins, tomo aqui emprestado de Nestor Canclini a concepção de "híbrido", que circunscreve o termo ao ambiente cultural latino-americano, à mistura entre línguas e culturas da mesma região.

46 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. „Wenn Großvater Zurich mit tastenden, ungelenken Worten Jaköbles Ideenkreis hatte verbreitern wollen durch Erzählen von Erlebtem und Gelesenem, wenn er versucht hatte, des Enkels Interesse zu wecken an den Vorgängen in Deutschland, so gut er selbst sie kannte, dann hatte Jaköble gar kein Hehl daraus gemacht, daß ihm das alles furchtbar gleich gültig sei. Lieber lag er in seiner Freizeit mit Seinesgleichen im Wald oder am Wasser, jagend, fischend, lernte Zigaretten rauchen und portugiesisch schnacken. ‚Ihr mit Eure Sprach‘, pflegte er verächtlich zu sagen, trotzdem er selbst in seiner Aussprache die Badender Vorfahren nicht verleugnen konnte. ‚Un das ewige Kapine in dere Hitzten‘, regte er sich auf. ‚Da tut mer scho g'scheiter, mer vermiert sich in die Schtadt, daherinnen hat mer's kommoder.“ (Gross-Hering 1938, p. 98-99). Também no e-book *Gertrud Gross-Hering (1879-1968): vida e obra*. Todas as falas em dialeto alemão receberam traduções em norma standard.

frouxidão brasileira, um retrato esquivo e negativo do Brasil; de outro lado, porém, vislumbram-se os ditos valores verdadeiros, cultivados pelo avô alemão e transmitidos ao neto, mas ainda não especificados.

A narradora, certamente, conhece as tradições, as lendas, os costumes, a(s) língua(s) do lugar. Por isso, fala do assunto com habilidade. Porém, é mister observar que esta mesma narradora domina igualmente outras geografias, o que lhe possibilita a construção da natureza heterogênea da personagem central – Jacozinho. Chama a atenção, no entanto, o fato de ela apenas apontar, e em língua alemã, para o plurilinguismo do jovem protagonista, o que mostra alinhar essa narradora com o avô Zurich na defesa veemente do que entendem por cultura alemã em território brasileiro.

A aflição e a perplexidade do avô, extremamente bem construídas através de gestos e movimentos descontraídos para cá e para lá, asseguram a tensão da narrativa. E o rumo inesperado que a procura de Jacozinho pela liberdade em terras do Brasil toma, não alivia essa tensão; ao contrário exacerba-a. Neste passo, constrói-se um suspense, pois para o avô alemão, procurar um rumo libertário no Brasil significa perder-se, e para o leitor brasileiro, essa decisão de Jacozinho poderia ser considerada um verdadeiro *Wendepunkt* (ponto de viragem) não só na vida do protagonista, mas também da narrativa.

Todavia, Jacozinho, levado pelo acaso (ou pela pena da narradora), consegue, no porto de Rio Grande, arrumar um emprego justamente num navio alemão e parte, assim, para Hamburgo. A expectativa do leitor brasileiro frustra-se, pois a grande virada existencial-cultural na vida do brasileiro-alemão acaba abortada.

A partir daqui o texto fica um tanto frouxo, porque afastado de sua realidade inicial, distendendo-se pelo saudosismo de valores sociais idealizados e rarefeitos, projetados num passeio pela superfície da Alemanha nazista, passeio este construído sobre uma série de episódios em que a civilidade dos garotos alemães – todos pertencentes à Juventude Hitlerista – é colocada em evidência e observada pelo Jacozinho brasileiro-alemão. Caracterizam essa civilidade comportamentos regidos por disciplina, respeito, solidariedade e obediência à hierarquia, que, como se sabe, datam dos tempos militarizados do *Kaiserreich*.

Mas, curiosa e também paradoxalmente, a narradora não permite que o seu protagonista se insira e permaneça nessa comunidade alemã admirada. Obriga-o a voltar ao Brasil, à colônia, o que significa cultivar valores alemães antigos/arcaicos/estranhos, tais como os elencados acima, num pedaço de terra brasileira, para resistir à aculturação e ao hibridismo. São ilustrativas destes valores as palavras da própria Gross-Hering num texto intitulado *Nach 75 Jahren* (Depois de 75 anos), em que ela diz:

Eu adorava as noites em família ao redor da mesa redonda. A luminária grande pendurada sobre a mesa fornecia luz suficiente para todos os que ali se encontravam reunidos e, enquanto papai ou o tio Bruno lia em voz alta, minhas irmãs entretinham-se com trabalhos manuais, mamãe remendava meias e nós, crianças, éramos também autorizadas a ficar ali por algum tempo. Assim, éramos logo acostumadas a ficar sentadas quietas, a incorporar a leitura que ouvíamos e a refletir sobre ela. Desta forma, nossa atenção era exercitada, sem sequer suspeitarmos de que fazer-nos permanecer quietas era, ao mesmo tempo, uma hábil jogada de nossos pais, para que eles igualmente tivessem um pouco de sossego. Até hoje, lhes sou grata pelo fato de nos terem educado com tanta sabedoria. Por isso, ainda hoje, acompanho sem impaciência uma palestra, uma leitura prolongada, uma conversa interessante. Mas irrita-me, quando outros não conseguem dominar-se, ficam cochichando ou pigarreando. Tudo pode ser evitado, menos o espirro.<sup>47</sup>

Movido pela saudade, Jacozinho acaba retornando mais maduro, qual herói de um romance de formação, faz as pazes com o avô, ganha um bom emprego entre os alemães da colônia, casa-se com a antiga vizinha, também brasileira-alemã, e à narrativa é dado um *happy end*.

Da perspectiva alemã do avô, as experiências do neto na Alemanha acabam por tornar-se, de fato, um *Wendepunkt* na vida do neto, ou seja, o retorno do filho pródigo à casa do pai/avô.

### **O hibridismo em *Ein guter Kern***

No texto, saltam aos olhos questões a serem problematizadas: uma primeira de ordem estética; uma segunda de ordem temática. A construção primorosa do avô Zurich e as falas dialetais, embora poucas, de Jacozinho, um sujeito fronteiriço, dono de um lugar discursivo em que a narradora permite que ele se expresse por si mesmo (em primeira pessoa) sobre seus problemas, sem o controle do outro. O fato de a língua portuguesa nunca ter sido colocada na boca de Jacozinho atesta a não abertura da autora/narradora para o hibridismo cultural, mostra a sua recusa em reconhecer o hibridismo, de fato, existente em Jacozinho. A temática da binacionalidade dos filhos de imigrantes é colocada em evidência. Os jovens nascidos do Brasil não têm consciência dessa cisão e sentem-se agredidos,

---

47 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. „Die Abende um unsern runden Familientisch liebte ich. Die grosse Haengelampe darueber spendete genuegend Licht fuer alle, die um ihn versammelt waren, und waehrend Vater oder Onkel Bruno vorlasen, handarbeiteten die Schwestern; Mutter stopfte Struempfe, und wir Kinder durften ein Weilchen auch zu hoeren. So wurden wir gleich daran gewoehnt still zu sitzen, das Vorgelesene in uns aufzunehmen und darueber nachzudenken. Unser Interesse wurde damit wachgerufen, und wir ahnten nicht, dass das gleichzeitig ein kluger Schachzug unserer Eltern war, uns zum Stillsitzen zu bringen, damit sie selbst auch Ruhe hatten. Ich danke es ihnen heute noch, so klug an uns gehandelt zu haben. So kann ich, ohne Unruhe zu verspieren, noch heute einem Vortrag, langes Vorlesen, und einem interessanten Gespraech still lauschen, und aergere mich, wenn andere sich nicht bezaehmen koennen, dazwischen fluestern und sich raeusperrn. Mann kann das alles vermeiden: hochstens das Niessen nicht.“ (Gross-Hering s/d, p. 8).

quando os brasileiros não os reconhecem como brasileiros. Assim se defende Jacó, o protagonista desta narrativa:

“Eu sou tão brasileiro quanto vocês”, dizia ele empertigado, quando eles o azucrinavam, chamando-o de alemão. “Eu falo tão bem português quanto vocês”. E também sou capaz de escrever. Vocês escrevem o seu nome fazendo esforço igualzinho a mim.<sup>48</sup>

E, diga-se, na narrativa, nem os alemães reconhecem esses brasileiros-alemães como alemães. Ao final, Jacó só se acomoda dentro do ambiente da colônia. Como ele mesmo diz, terminando a narrativa: “O Brasil é minha pátria e eu morreria, se não pudesse ficar aqui, mas os que são alemães têm que saber de onde lhes vem a força e não se esquecerem disso. [...] Aqui há mais aconchego. – Quando a saudade bateu, só consegui pensar na nossa colônia”.<sup>49</sup> Ou seja, Jacó continua um híbrido cultural, apesar do avô. E, se Darcy Ribeiro em *O povo brasileiro* vê o hibridismo brasileiro como o ponto de partida para uma nova e gigantesca etnia projetada no futuro, deve-se atentar para a seguinte observação de Giralda Seyferth em *Nacionalismo e identidade étnica*. Diz a estudiosa: “nem a industrialização, a urbanização ou mesmo a campanha de nacionalização, conseguiram descaracterizar o grupo étnico [teuto-brasileiro]. Apenas modificaram alguns critérios que eram usualmente empregados como identificadores” [dessa etnia, resistente à hibridização ou mestiçagem]. (Seyferth 1982: 219). Trata-se de uma declaração claramente ilustrada por esta narrativa. Todavia, isto é Brasil. Este é um fenômeno da cultura brasileira. Não há como apagá-lo para criar a miragem da homogeneidade cultural, supostamente sustentadora do cânone literário brasileiro.

Uma terceira questão a ser problematizada, igualmente de ordem temática, diz respeito à vitória dos valores alemães, que vão dar conforto ao avô, ao confirmarem que o neto era afinal de boa cepa, ou seja, segundo um outro ditado popular, “quem sai aos seus não degenera”. O que emerge desta problemática é que a cisão cultural e identitária que, em geral, caracteriza o imigrante passa também a seus descendentes diretos. E esta cisão interna acaba por se traduzir também numa cisão entre habitantes de um mesmo Brasil, o que desmente claramente, como dissemos acima, a imagem buscada e forjada de uma suposta homogeneidade cultural, o que, por sua vez, evidencia a controvérsia em torno do cânone literário brasileiro, por exemplo.

---

48 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. “Ich bin Brasilianer so gut wie ihr,” sagte er empört, wenn sie ihn als Deutschen hänselten. „Ich spreche genau so gut portugiesisch wie ihr. Und ich kann es auch schreiben. Ihr schreibt mit genauer Not euren Namen.“ (Gross-Hering 1938, p. 101). Também no e-book *Gertrud Gross-Hering (1879-1968): vida e obra*.

49 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. “Weischt, Großvater, Brasilien isch mein Heimat, un grad schterben tät ech, wann ech net mehr hier sein derft. Aber die, wo Deutsche send, soll’n a wisse, wo’s ihr Kraft her hab’n, und soll’n des net vergesse.“ [...] Hier heraußen isch’s kommoder. – Wie’s Heimweh komme isch, ha ech alleweil nur an uns’ Kolonie denke misse.“ (Gross-Hering 1938, p. 108). Também no e-book *Gertrud Gross-Hering (1879-1968): vida e obra*.

Uma quarta questão, de cariz imagológico, avulta a imagem negativa do Brasil por contraste com a imagem da Alemanha, imagem negativa essa que é realimentada pelo olhar já um tanto desfocado do avô Zurich. Por um instante, tem-se a impressão de que o garoto Jacó, em sua rebeldia adolescente, descolar-se-á da família alemã e trilhará seu caminho brasileiro, que à nascença, diga-se, já é mal assinalado. Para além do primitivismo das estradas de terra e dos carros de bois como meio de transporte, os colegas/amigos brasileiros do protagonista são sumariamente caracterizados como não trabalhadores e como fumantes, que gostam de jogar conversa fora – um conhecido estereótipo/imagotipo brasileiro. De fato, cada cultura é determinada por sua(s) geografia(s). Tal circunstância desempenha um papel relevante na formação/construção do imaginário cultural, da definição identitária do grupo/povo, neste caso, um imaginário cultural e identitário contraditório.

Por estes motivos, a narrativa *Ein guter Kern*, de Gertrud Gross-Hering, poderia, sim, integrar o cânone literário brasileiro, constar de um capítulo da história da literatura brasileira, dedicada à produção poética dos imigrantes. É uma boa narrativa da multifacetada e frequentemente paradoxal realidade brasileira.

### Fontes bibliográficas

Barthes, Roland. *Le degré zéro de l'écriture. Œuvres Complètes*. Livres, Textes, Entretiens. Nouvelle édition revue, corrigée et présentée par éric Marty. Paris: Seuil, 2002.

Cabrera, Julio. Europeu não significa universal, brasileiro não significa nacional. In: Nabuco. *Revista Brasileira de Humanidades*. Ano 1, No 2. Novembro/Dezembro de 2014 e janeiro/fevereiro de 2015. On line.

Canclini, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. 4<sup>ª</sup> ed. Trad. Ana Regina Lessa et alii. São Paulo: Edusp, 2011.

Dietrich, Ana Maria. *Caça às suásticas*. São Paulo: Humanitas, 2007.

Dyserinck, Hugo. *Komparatistik. Eine Einführung*. Bonn: Bouvier, 1977.

Gross-Hering, Gertrud. *Ein guter Kern (De boa cepa)*. In: *Kalender für die Deutschen in Brasilien (Rotermund Kalender)*. São Leopoldo: Rotermund, 1938, p. 97-108.

Gross-Hering, Gertrud. *Nach 75 Jahren*. Beitrag zur Geschichte der Familie Hering. Zusammengestellt von Gertrud Gross-Hering (Após 75 anos. Contribuição à história da família Hering. Coletado por Gertrud Gross-Hering. Arquivo do Instituto Martius-Staden, pasta Zz 70/w.

Harari, Yuval Noah. *Homo Deus. Uma breve história do amanhã*. Trad. Paulo Geiger. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Huber, Valburga – *Saudade e esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau: Ed. da FURB, 1993.

Miranda, Wander Melo. *Nações literárias*. São Paulo: Ateliê, 2009.

Pound, Ezra. How to read. In: *Literary essays of Ezra Pound*. New York: A New Directions Book, 1968.

PUFF, Lia Carmen. *Ficción y realidad em “Durch Irrtum zur Wahrheit” de Gertrud Gross-Hering*. Tese de Doutorado. Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2003.

PUFF, Lia Carmen (org.). *Uma enteada da natureza*. Gertrud Gross Hering. Florianópolis: UFSC, 2000.

Ribeiro, Darcy. *O povo brasileiro*. 2ª ed. 15ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Ribeiro de Sousa, Celeste. Literatura não é nada mais que língua. In: Nomura, Masa (org.). *Aspectos do ensino de alemão como língua estrangeira*. São Paulo, FFLCH/USP, 1992, p. 16–23.

Ribeiro de Sousa, Celeste. A imagologia no Brasil: primeira tentativa de sistematização. In: *Revista de Literatura Comparada* 14, 2009, p. 37–55. On line.

Ribeiro de Sousa, Celeste. A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica. In: *Pandaemonium Germanicum*. São Paulo, v. 19, n. 28, set.–out. 2016, p. 45–73. On line.

Ribeiro de Sousa, Celeste. *Gertrud Gross-Hering (1879–1968): vida e obra*. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2016.

Ribeiro de Sousa, Celeste. “Forçando as fronteiras artificiais do cânone. O caso da literatura brasileira de expressão alemã”. In: Nascimento, Lyslei & Nagae, Neide (Eds.). *Desafios críticos. Literaturas estrangeiras em pauta*. Belo Horizonte: Editoras Associadas, 2018, p. 60–80. ISBN 9788566256239.

Seyferth, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. *A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

## 13. Gross-Hering e Siri: visões do nazismo\*

Entre os autores da literatura brasileira de expressão alemã contam-se pelos dedos aqueles que ousaram tocar no tema do nazismo em terras brasileiras. Até agora, deparei-me com dois – duas mulheres: a mais velha, Gertrud Gross-Hering (1879-1968), a mais nova, Hilda Siri (1918-2007).

Gross-Hering discorre sobre o assunto na narrativa anteriormente examinada *Ein guter Kern* (De boa cepa). Tempos difíceis: o nazismo grassava na Alemanha e já deitava tentáculos no Brasil. A Alemanha nazista já se preparava para a guerra e, no Brasil, Getúlio Vargas flertava com a Alemanha<sup>50</sup>. Os núcleos da imigração de língua alemã ainda não tinham sido submetidos à censura e à nacionalização forçada, só ocorrida em 1942. A atmosfera reinante no seio desses grupos, bem como a alusão explícita à Juventude Hitlerista são trazidas a registro nesta narrativa. Nela há grande simpatia pelos valores cultivados pela Juventude Hitlerista. Assim se expressam na narrativa as jovens personagens alemãs: “Hitler é nosso futuro. Hitler será nosso guia, o guia de toda a Alemanha, e isso, queira Deus, em breve.”<sup>51</sup> Chama a atenção uma frase-Leitmotiv que caracteriza o grupo de jovens hitleristas, a evidenciar o culto à disciplina e à obediência (cega) – seus movimentos ocorrem “como se obedecessem a um comando”.<sup>52</sup> Aos olhos da observadora-narradora, a coreografia do grupo – a juventude hitlerista no Brasil – atrai a atenção. É uma coreografia que exige disciplina, obediência e automatização. E esse comportamento, caracterizado por disciplina e obediência à hierarquia, é visto como marca de solidariedade, de civilidade, portanto, virtuoso. Como se sabe, tais valores datam dos tempos militarizados do *Kaiserreich*. Na narrativa em pauta, a iluminação desses “valores” comportamentais continua com a viagem inesperada do jovem Jacó, neto “híbrido” e “desvirtuado” de um imigrante alemão que, sem querer, deixa o Brasil e vai à Alemanha. O holofote é, então, guiado para a “genuína” Juventude Hitlerista.

---

\* Nota: Parte deste texto foi originalmente publicada em “Resumos comentados” no e-book Gertrud Gross-Hering (1879-1968): vida e obra. On line.

50 “[...] até 1938 foram fechados importantes tratados comerciais que estreitaram o comércio entre os dois países [...]. Por outro lado, havia também um interesse político por parte da Alemanha. Durante a Segunda Guerra, a Alemanha demonstrou diversas vezes interesse por um alinhamento militar do Brasil com o Eixo. Além disso, o fato de o Brasil ter recebido um número significativo de imigrantes alemães nos séculos XIX e XX chamava a atenção das autoridades alemãs, que interpretavam a concentração de ‘colônias’ como uma extensão de forças na América do Sul.” (Dietrich 2007, p. 54).

51 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. “Hitler ist unsere Zukunft. Hitler wird unser Führer werden, der Führer für ganz Deutschland, und das hoffentlich bald.” (Gross-Hering 1938, p. 103). Também no e-book *Gertrud Gross-Hering (1879-1968): vida e obra*.

52 “Wie auf Kommando.” (Gross-Hering 1938, p. 103). Também no e-book *Gertrud Gross-Hering (1879-1968): vida e obra*.

Neste passo, o “herói” é afastado de sua realidade, e a narradora passa a apresentar valores sociais idealizados e rarefeitos, identificados num passeio do protagonista pela Alemanha nazista. Durante esse passeio, o Jacozinho brasileiro-alemão tem oportunidade de entrar em contato com os garotos alemães “civilizados” – todos pertencentes à Juventude Hitlerista. Não há, todavia, no texto de Gross-Hering discussão ou defesa ideológica explícita do nazismo. Há simplesmente o registro da admiração da narradora/autora e de suas personagens por posturas e valores comportamentais aprendidos em casas alemãs, quer na Alemanha quer no Brasil. Aliás, à época, tais posturas e valores são igualmente cultivados em outras partes da Europa na área da educação. O americano John Watson, uma reconhecida autoridade em puericultura na década de 1920, por exemplo, aconselhava peremptoriamente aos pais: “Nunca abracem e beijem [seus filhos], nunca deixem que se sentem em seu colo. Se for realmente necessário, beijem-nos uma vez na testa ao lhes dar boa-noite. Cumprimentem-nos com um aperto de mão pela manhã”. A popular revista *Infant Care* explicava que o segredo para criar os filhos era manter a disciplina e suprir suas necessidades materiais segundo um rígido programa diário. Um artigo de 1929 dava a seguinte instrução aos pais, cuja criança chorasse por comida antes da hora de sua refeição: “Não a segurem, não a embalem para que pare de chorar e não a alimentem antes da hora exata da próxima refeição. Chorar não prejudica o bebê, nem mesmo o mais pequenino deles”. (Apud Harari 2016, p. 96). A manipulação política de tais valores é uma outra história. Embora o *modus operandi* da Juventude Hitlerista tivesse muito de militar e de político, nada se fala explicitamente sobre isso na narrativa.<sup>53</sup>

A questão do nazismo admirado no Brasil e alimentado na Alemanha volta a vir à tona em dois grossos romances da escritora: *Der Ruf über's Wasser* (O chamado d’além-mar) e *Und dann kam die Lösung* (E aí veio a solução).

*Der Ruf über's Wasser* (O chamado d’além-mar) é um romance inédito, provavelmente, de 1940, cujo manuscrito, de 357 páginas datilografadas, se encontra no Instituto Martius-Staden, assinado pela própria autora. Nesta obra, são traçadas duas histórias de amor com início ainda incerto na Alemanha entre Hansgeorg Bohrkamp, Anneliese Drewitz, Otto Hensen e Helene Litzog. Estas personagens vêm a encontrar-se no Brasil e a concretizar seus relacionamentos amorosos por entre descrições/narrações de talhe realista/naturalista dos meandros da rotina doméstica rural nas pequenas colônias sul-brasileiras e suas paisagens, e entre existências enriquecidas e figuras em descambos abissais. Nessa tessitura, emergem mini-histórias da emigração alemã para o Brasil que colocam o leitor em contato com a macro-história da Alemanha e com a História do Brasil, em particular, com as ondas imigratórias que aqui chegaram.

---

53 Diz Fábio Lopes da Silva, em “A política da língua na Era Vargas”, citando Cynthia Machado Campos: “Suas análises dos textos de época propiciaram, por exemplo, o reconhecimento de uma diversidade de posições ideológicas que deixa muito para trás o conhecido argumento, fartamente utilizado pelos vanguardistas, de que o nazismo encontrava plena acolhida entre os teuto-brasileiros”.

A ação do romance começa na Alemanha (à época com o nome de República de Weimar), na cidade de Dresden: “Aos dias quentes e ensolarados de junho seguiu-se, de repente, um tempo úmido e frio, e o céu azul abobadado, agora, pesava cinzento sobre a terra alemã, como se fosse um símbolo do abatimento de seus habitantes. As ruas de Dresden estavam tão movimentadas como antes ...”<sup>54</sup>.

Três jovens estão sentados num café: Hansgeorg Bohrkamp, Otto Hensen, seu primo, e um amigo dos dois. A conversa gira em torno do fato de que Hansgeorg está decidido a emigrar para o Brasil: o pai havia morrido na 1ª Grande Guerra, a inflação galopante e o crash da Bolsa de Nova York haviam aniquilado as suas posses; não tinha dinheiro nem para pagar aos empregados necessários à manutenção das propriedades. A solução era vendê-las e procurar possibilidades de obter outras em algum país estrangeiro. Não havia alternativa. Ser lavrador como os antepassados estava-lhe no sangue. Deixava seu grande amor – Anneliese –, meia-irmã de Otto, com a promessa de buscá-la mais tarde. Poderia ter ido para África, caso o navio encontrado no porto não rumasse ao Brasil. Aqui chegado, depois de alguns percalços e com ajuda de outros alemães igualmente emigrados, acaba bem-sucedido, ao comprar barato uma colônia meio abandonada:

Bem, e assim aconteceu que Hansgeorg Bohrkamp se estabeleceu onde terminam as grandes florestas e os campos começam. Os pinheiros, predominantes nas terras altas, surgem aqui de modo mais ralo, porém, as palmeiras já ostentam suas coroas, as tuias prosperam e, no fundo dos vales, já se podem ver plantações de cana de açúcar, de laranjeiras e tangerineiras, até mesmo de bananeiras ditas anãs. Na verdade, com alguns cuidados específicos, tudo se desenvolve aqui: peras, ameixas e maçãs junto de plantas subtropicais.<sup>55</sup>

Esta colônia tem como referência geográfica, civil e comercial a cidadezinha de Santa Isabel.<sup>56</sup> Aqui, está o teatro e o hospital. Na região, só se fala a língua alemã. Ninguém entende português. No país, Hansgeorg vem a conhecer muitas histórias

---

54 Trad. Ribeiro de Sousa. „Warmes, sonniges Junitagen war ploetzlich nasses, frostiges Wetter gefolgt, und der zuvor so hochgewoelbte, blaue Himmel lastete nun grau verhangen ueber der deutschen Erde, gleichsam als Symbol der Gedruecktheit ihrer Bewohner. Die Strassen Dresdens waren belebt wie sonst ...” (Gross-Hering [1940], p. 01).

55 Trad. Ribeiro de Sousa. “Nun, und so kam es, dass Hansgeorg Bohrkamp sich dort ansiedelte, wo die grossen Waelder enden, und der Kamp beginnt. Die Pinie, die auf dem Hochland von allen Baeumen vorherrschend ist, tritt hier immer vereinzelter auf, Palmen erheben schon ihre Haeupter, Lebensbaeume gedeihen praechtig, und in Taltiefen sieht man bereits Zuckerrohrpflanzungen, Orangenbaeume und Tangerinenbaeume, ja sogar die niedere Sorte Bananenstraeucher, die sogenannte Zwergbanane. Eigentlich waechst alles hier, bei einigermassen sorgfaeltiger Pflege: Birnen; Pflaumen und Apffel neben subtropischen Gewaechsen”. (Gross-Hering [1940], p. 26).

56 A Colônia Santa Isabel foi fundada em Santa Catarina em 1847 por imigrantes alemães da região do Hunsrück, Renânia-Palatinado. Seu nome deve-se à recém-nascida filha do imperador Pedro II do Brasil, Princesa Isabel, nascida em 29 de julho de 1846. Está situada atualmente em territórios dos municípios de Rancho Queimado e Águas Mornas. O diplomata suíço Johann Jakob von Tschudi chegou a visitar Santa Isabel em 1861.

relativas à emigração alemã. Por exemplo, a de Anna Herz, a avó de Leopold, seu empregado, que chegara ao Brasil em 1868.

“Sim, eu tinha 18 anos quando vim pra aqui com meus pais, [...] faz agora, é verdade, 65 anos. É, há quanto tempo --- às vezes, penso oohh que foi mais --- sim, sim, --- ou não, bem, sempre que penso nisso! Meus pais tinham cinco filhos, duas moças e 3 rapazes. Eram todos fortões, troncados, e nem o diabo podia com eles.

Casa, a gente não tinha, quando chegamos à floresta. Nas primeiras noites, dormimos na casa de colonos desconhecidos, a dois quilômetros da nossa própria colônia, dormimos numa cabana, e, durante o dia, construímos um rancho pra gente, como aqui se dizia. Essa gente desconhecida era boa gente – também eram alemães – e ajudaram muito a gente e mostraram à gente como a gente tinha que fazer aqui”. A avó tomou fôlego e seus olhos se espraíram pelo passado.<sup>57</sup>

Também há a história da “baronesa Holzhausen”, uma moça “perdida” no caos da guerra que acaba casando com um homem bem mais velho como tábua de salvação, vindo os dois a emigrar para o Brasil num casamento infeliz. Outra é a história da família polonesa, extremamente violenta, porque mergulhada no alcoolismo. Também há a história do vizinho Klaus Meister que fora ferido e mutilado na Guerra. Ao retornar a casa, encontrara a família depauperada e sem horizontes. Não dava para ficar. “Alemães contra alemães, uma guerra fratricida, difícil de imaginar mais cruel. A besta no interior do ser humano estava à solta – spartaquistas – marxistas, – uma maré vermelha, que não era possível deter”.<sup>58</sup> Interessante é a história dos ricos Litzog, já nascidos no Brasil. Ou a história dos marinheiros dispensados do navio, sem trabalho, deambulando pela região. Ou ainda a história dos casamentos civis, cujo ritual é obrigatório em língua portuguesa, sem que os noivos entendam o que é dito. “Por toda a parte sons alemães, modo de ser alemão, jeito alemão. Cada um preservava os modos de sua Alemanha natal e as crianças mamavam essa herança junto com o leite materno, e agiam e pensavam como os antepassados”.<sup>59</sup>

---

57 Trad. Ribeiro de Sousa. “Ja, 18 Jahre war ich, als ich mit meinen Eltern herkam, [...] Das werden nu – ja 65 Jahre sind das. Nee, wo blos die Zeit gebliem is. Manchmal denk ich, das muss oohh erst ehm gewesen sein --- Ja, ja, -- nee, nee, wenn ich so andenke! Meine Eltern hatten fünf, 2 Maedels un 3 Jungs. Sie waren alle gut gepackt (kompakt) un konnten dem Teufel ein Bein abraxen. Ein Haus hatten wir ja nich, als wir in den Urwald kammten. In den ersten Naechten ham wir bei fremden Kolonisten, 2 Kilometer von unsr e Kolonie weg, in ein’n Schuppen geschlafen, un bei Tage ha’m wir uns ein’n Rancho gebaut, wie sie hier sagten. Gut warn die fremden Leute – es warn auch Deutsche – zu uns, un ham uns viel geholfen un viel gezeigt, wie man’s hier machen musste.” Grossmutter schoepfte Atem und ihre Augen blickten in die Vergangenheit. (Gross-Hering [1940], p. 229).

58 Trad. Ribeiro de Sousa. “Deutsche gegen Deutsche, ein Bruderkrieg, wie er grausiger nicht zu denken war. Die Bestie im Menschen war losgelassen – Spartakisten – Marxisten, – eine rote Flut, die nicht zu daemmen war.” (Gross-Hering [1940], p. 49).

59 Trad. Ribeiro de Sousa. “Ueberall Deutsche Laute, deutsches Wesen, Deutsche Art. Jeder hielt es, wie er’s zuhause in Deutschand gehalten, und die Kinder sogen mit der Muttermilch das Erbe ein, und taten und dachten dasselbe wie die Altvorderen.” (Gross – Hering [1940], p. 78).

Um belo dia, Hansgeorg Bohrkamp, aquele, cujo pai havia morrido na 1ª Grande Guerra, e a quem a inflação galopante e o *crash* da Bolsa de Nova York haviam aniquilado todas as posses, e que agora estava no Brasil, ouvindo as muitas histórias de outros imigrantes, recebe notícias de sua mãe e de seu primo Otto, que haviam ficado na Alemanha. Junto com a carta chega um exemplar da revista “Der [Völkische] Beobachter”, um veículo de propaganda do Partido Nazista, e “Der Fridericus”, – uma revista de história – cujo nome também se estende ao filme que é passado no cinema da cidadezinha de Santa Isabel. Diziam as notícias da carta que

havia agora pela Alemanha uma grande movimentação. Alguma coisa estava prestes a acontecer. A Alemanha estava acordando. Ele mesmo já pertencia há bastante tempo ao “Capacete de aço” [uma associação fundada pelos soldados da Primeira Grande Guerra]. Mas, agora, havia algo novo no ar, uma coisa! Com certeza, Hansgeorg já deveria ter ouvido falar de Hitler?<sup>60</sup>

As revistas que Hansgeorg recebia da Alemanha logo começam a ser lidas também por amigos na colônia, isto é, pela “elite”, porque, conforme o Dr. Langer, “infelizmente, infelizmente, há na colônia muitos descendentes de alemães que não estão muito à frente dos caboclos. E a culpa disso não está só no seu afastamento dos demais ou da pouca escolarização da juventude, mas está, sobretudo, na cachaça”.<sup>61</sup> E a “elite” vai acompanhando a trajetória de Hitler rumo ao poder e as notícias dessa trajetória vão-se espalhando. Discutem-se as diferenças de deveres cívicos entre os alemães nascidos na Alemanha, que moram temporariamente ou não no Brasil, e os alemães nascidos no Brasil, mas considerados cidadãos da “Grande Alemanha”, sem que as fronteiras se apresentem com nitidez.

A certa altura, Otto também aporta ao Brasil bem como Anneliese, embora por caminhos diferentes. Otto haverá de tornar-se construtor civil e Anneliese enfermeira.

Em fevereiro de 1933, ao voltar da cidadezinha de Santa Isabel, Otto está exultante:

“Hansgeorg!” Otto quase berrava: “Hitler, Hitler tornou-se chanceler do império! Chanceler do império! A rádio já deu a notícia ontem.”

Hansgeorg também se alegrou. “Graças a Deus! O primeiro passo foi dado!”

---

60 Trad. Ribeiro de Sousa. “Es gehe eine grosse Bewegung jetzt durch Deutschland. Es bahne sich, was an. Deutschland erwache. Er selbst gehöre schon länger dem Stahlhelm. Aber jetzt gab’s was Neues, das sei Sache! Hansgeorg habe doch schon von Hitler gehört?” (Gross-Hering [1940], p. 45).

61 Trad. Ribeiro de Sousa. “leider, leider gibts in der Kolonie genug Deutschstaemmige, die nicht weit hinter dem Kabokler zurueckstehen. Da ist nicht alleine ihre Abschiedenheit von der uebrige Welt dran schuld und zuwenig Schule fuer die Jugend, sondern vor allem der Schnaps.” (Gross-Hering [1940], p. 169).

Otto mal podia conter-se. A propósito, também ouvi dizer que aqui no Brasil, já há bastante tempo existe a Associação Nacional Socialista e, em Santa Isabel, os alemães do Império fazem parte dela. – Também vou me apresentar, quero dizer, eu já pertencço ao N.S.D.A.P. há um bocadinho de tempo.” [...] “Isso precisa ser comemorado, vem”.<sup>62</sup>

E, de fato, há reuniões regulares do grupo nacional socialista de que participa a elite de Santa Isabel e alguns colonos. A Juventude Hitlerista é aqui imitada. Logo também se ouve falar da Campanha de Nacionalização, do Integralismo e de Plínio Salgado e diferencia-se o Integralismo do Nacional Socialismo. E, logo, o Sr. Litzog é preso, sem que saiba bem por quê. Ninguém dá explicações e ele é igualmente solto dias mais tarde sem mais aquela. Ora, durante o governo de Getúlio Vargas, um nome inexistente no romance, falar alemão era motivo para ser preso.

No final, Otto casa com a filha do Sr. Litzog e fica definitivamente no Brasil. Hansgeorg casa com Anneliese e os dois, como muitos outros, voltam à Alemanha, ou melhor, à imagem propagada e propagandeada da Alemanha, vendendo a colônia brasileira. Entretanto, na Alemanha, a mãe de Hansgeorg recebera suas propriedades de volta, porque, nesse interim, haviam sido confiscadas aos judeus, que as haviam comprado por serem os únicos a terem dinheiro depois da Guerra. O *chamado d'além mar* tem assim uma dupla direção: para o Brasil e de volta para a Alemanha “renovada por Hitler”.

O romance *Und dann kam die Lösung* (E aí veio a solução) é um romance de 275 páginas, publicado em Blumenau em 1956, que, na verdade, é o romance inédito atrás comentado *Der Ruf über's Meer* (O chamado d'além mar), datilografado e com dedicatória da própria autora, com algumas alterações. A versão impressa *Und dann kam die Lösung* (E aí veio a solução) apresenta algumas supressões de passagens dedicadas a Hitler, passagens que descrevem e narram a alegria dos alemães emigrados por, finalmente, terem notícia de alguém capaz de tirar a Alemanha da miséria econômica; o entusiasmo pela sua nomeação como chanceler; a exultação em poder pertencer ao Partido Nacional-Socialista; a organização de reuniões políticas em torno da nova política alemã; o desfile da Juventude Hitlerista em Blumenau, a parada militar. O final do livro, por exemplo, está totalmente remodelado, o que leva a crer que o romance original foi terminado possivelmente entre 1938 e 1939, época em que Getúlio proibiu o uso de idiomas estrangeiros no país, assunto, aliás, discutido bem no final dos originais.

---

62 Trad. Ribeiro de Sousa. “Hansgeorg! Ottos Stimme ueberschlug sich fast: ‘Hitler, Hitler ist Reichskanzler geworden! Reichskanzler! Das Radio hatte es schon gestern gemeldet.’ Auch in Hansgeorg sprang die Freude auf. ‘Gott sei Dank! Der erste Schritt ist getan!’ Otto konnte sich kaum beruhigen. ‘Bei der Gelegenheit habe ich auch gehoert, dass es hier in Brasilien schon lange den nationalsozialistischen Verband gibt, auch in Santa Isabel gehoeren die Reichsdeutschen ihm an. – Ich werde ich auch melden, d. h. ich gehoere der N.S.D.A.P. ja schon eine ganze Weile an.’ [...] ‘Das muss gefeiert werden, komm!’ (Gross-Hering [1940], p. 187).

Um pequeno exemplo para ilustrar. Na página 170 do livro impresso foi suprimida a seguinte passagem que aparece no original datilografado na página 221:

Quando entraram na rua principal, depararam-se com um desfile de rapazes de idades variadas, vestindo camisas marrons, empunhando à sua frente a bandeira com a suástica.

“A nossa bandeira abre o caminho”, entoavam aquelas gargantas jovens.

“Que simpático, não é?” disse Helene com brilho nos olhos. “Eu também gostaria de entrar para a Liga das Moças Alemãs, mas papai não deixa. Não entendo por quê.

“Mas eu”, ia a dizer Hansgeorg, engolindo as palavras a tempo. – Por mais que o entusiasmo dos jovens de Hitler o tocasse, sentia que lhes deveria dizer: “não ajam de maneira assim pública, cultivem o espírito da coisa de maneira mais discreta”. Com certeza, o Sr. Litzog já o havia contaminado com seus temores!<sup>63</sup>

Todavia, no romance nem todos são entusiastas da ideologia nazista trazida às colônias do sul do Brasil. Há gente que mostra ressalvas a esse entusiasmo, exhibe reações cautelosas, mesmo contrárias, ao nazismo, gente que já é descendente dos imigrantes. Sua perspectiva pode ser aquilatada nas palavras de uma das personagens. Diz ela: “Em um país de imigrantes como o Brasil, onde todas as raças estão representadas, nunca poderá haver uma unidade. Isso é possível na Itália, na Alemanha, mas difícil no Brasil.”<sup>64</sup> E, depois, mais adiante, diz outra personagem: “O Brasil é nossa pátria. Nós a amamos, e aí de quem a atacar. Mas, ainda assim, continuamos bons alemães, por que não deveríamos? Nós aprendemos a conhecer e a amar a Alemanha, porém o Brasil está mais próximo de nós. Nós o amamos com coração alemão, deste nosso jeito alemão.”<sup>65</sup>

Comparar as duas versões do mesmo texto, ou seja, os dois romances de Gertrud Gross-Hering, constitui um belo tema para um trabalho acadêmico de grau.

---

63 Trad. Ribeiro de Sousa. “Als sie zur Hauptstrasse einbogen, kam ihnen ein Zug Knaben, verschiedenen Alters, in Braunhemden entgegen, die Hakenkreuzfahne an der Spitze tragend. “Unsere Fahne wehet uns voran”, klang es aus jungen Kehlen. “Zu nett, nicht wahr?” sagte Helene mit leuchtenden Augen. “Ich moechte ja zu gern den B. D. M. [Bund Deutscher Mädel] beitreten, aber Paio will es nicht. Ich kann das nicht verstehen”. “Aber, ich”, haette Hansgeorg beinahe gesagt, verschluckte es aber rechtzeitig. – So sehr ihn die Forschheit der Hitlerjungen freute, hatte er doch das Gefuehl, als muesste er ihnen zuzurufen: “machts nicht so oeffentlich, pflegt den Geist mehr im Geheimen”. Wahrhaftig, Herr Litzog hatte ihn angesteckt mit seinen Befuechtungen!” (Gross-Hering, [1940], folha 221).

64 Trad. Ribeiro de Sousa. “In einem Reisenland wie Brasilien, in dem alle Rassen vertreten sind, kann es nie zu einer Einheit kommen. Das geht wohl in Italien, es geht in Deutschland, aber schwerlich in Brasilien.” (Id. *ibid*, folha 286).

65 Trad. Ribeiro de Sousa. “Brasilien ist unser Vaterland. Wir lieben es, und wehe dem, der es angreift. Aber trotzdem bleiben wir gute Deutsche, weshalb sollten wir nicht? Wir haben Deutschland kennen und lieben gelernt, aber naeher steht uns Brasilien. Wir lieben es aus deutschem Herzen und aus unserer deutschen Art heraus”. (Id. *ibid*, folha 320).

Hilda Siri, a outra escritora a abordar o assunto do nazismo, trata da matéria de uma maneira delicada na narrativa curta *Die Parade* (O desfile/A parada).

Hilda Siri, já nascida no Brasil, em visita acadêmica à Alemanha, fala na pequena narrativa *Die Parade* de sua necessidade de ver “ao vivo e a cores” o que havia aprendido em seus tempos escolares no Brasil. E vale a pena repetir seu próprio texto em tradução aqui, para reconhecer que o nazismo em terras brasileiras foi visto a um só tempo com entusiasmo e repulsa.

[...] À esquerda, sim, devia ser ali. Uma grande planície gramada, ao fundo, uma construção meio decadente, que se assemelhava em tudo ao coliseu de Roma. Apressei-me. Ali estava o relvado imenso, sem fim. Lá longe, uma espécie de arco do triunfo, meio em ruínas. ‘Como na antiga Roma’, ouvi a voz de um professor de meus tempos de escola. Então, era aqui que se realizavam os grandes desfiles, que eu vira em ilustrações e em filmes. Era esse o espaço que ouvira os grandes apelos ‘ao meu povo’, que eu escutara no rádio, na emissora alemã. Era essa a grama que havia sido pisada por oficiais uniformizados, marchando no mesmo ritmo compassado, há uma, não, há quase duas gerações.

Olhei em volta de mim. O sol havia se posto e, no céu avermelhado da tardinha, a argêntea e delgada foice lunar fazia sua entrada.

Eu estava absolutamente sozinha. Sozinha num espaço cultural que definiu o destino da Europa e a vida de milhões de pessoas. Senti calafrios e um medo gelado acelerou meu passo. No coliseu, algumas janelas estavam iluminadas. Havia americanos instalados lá, disseram-me.

O último pedaço do caminho fiz a correr. Quando alcancei o terminal, um bonde já lá estava posicionado. O mesmo motorneiro cumprimentou-me de modo exuberante, como se tivesse esperado por mim. Voltei a sentar-me perto dele. ‘A Senhora viu tudo o que queria?’ ‘Acho que sim’. ‘Desapontada?’ Eu não sabia o que dizer. ‘Também viu as colunas de mármore de Carrara, que Mussolini nos ofereceu?’ ‘A tanto não cheguei.’ ‘Então, a Sra. precisa voltar mais uma vez a Nürnberg. A Sra. perdeu o que há de mais bonito. De fato, já era muito tarde’, disse ele para me confortar. Mais uma vez? Quando é que eu voltarei mais uma vez à Alemanha? Como poderia eu imaginar tudo o que ali acontecera outrora... Os desfiles... Assenti com a cabeça. E, de maneira abrupta, lembrei-me de algo: a ‘Stadtplatz’, a praça da minha cidadezinha natal.

Eu me vi mocinha durante um passeio. De súbito, dobrando uma esquina, surgiu um pelotão de homens de uniformes marrons, botas pretas, na manga direita a insígnia do partido nacional-socialista NSDAP. Talvez uns vinte homens. Marchavam estrondosamente em passadas uniformes sobre os paralelepípedos da rua. Era um comando resolutivo – eles marchavam em ritmo compassado em volta da praça. De novo, um comando. Pararam, passaram à posição de sentido e, então, ouviu-se bem alto e intimidante a canção de Horst Wessel<sup>66</sup>, seguida por um

---

66 A “Horst Wessel Lied, também conhecida como Die Fahne hoch, era o hino oficial da SA, tornando-se posteriormente o hino do Partido Nacional Socialista (NSDAP), cuja letra foi composta por Horst Wessel, membro do partido em seus primeiros anos. Durante o Terceiro Reich, a Horst Wessel Lied tornou-se um dos hinos oficiais da Alemanha. Após a queda do nazismo, em 1945, a canção foi proibida no país”. On line.

esgoelado 'Heil Hitler'. Eu conhecia todos os que ali cantavam: cidadãos honestos, artesãos, pequenos comerciantes, um de meus professores e o Pastor Missouri.

Poucas pessoas pararam para assistir à parada. Ninguém deu um pio. Não consigo colocar em palavras o que me abalou. Sei apenas de uma coisa: fiquei envergonhada. Sem querer, as lágrimas rolaram-me pelas faces. Será que estava com saudades de casa?

Fora de mais para um só dia.<sup>67</sup>

“Não consigo colocar em palavras o que me abalou. Sei apenas de uma coisa: fiquei envergonhada”.

### Fontes bibliográficas

Campos, C. M. *A Política da Língua na Era Vargas. Proibição do Falar Alemão e Resistências no Sul do Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

Gross-Hering, Gertrud. Ein guter Kern (De boa cepa). In: *Kalender für die Deutschen in Brasilien (Rotermund Kalender)*. São Leopoldo: Rotermund, 1938, p. 97-108. Também em: Ribeiro-de-Sousa, Celeste. *Gertrud Gross-Hering (1879-1968): vida e obra*. On line.

Gross-Hering, Gertrud. *Der Ruf über's Wasser* (O chamado d'além-mar). [1940], 357 p. Texto datilografado existente no Arquivo Martius-Staden na pasta KXXIV Nr.20. Também em: Ribeiro-de-Sousa, Celeste. *Gertrud Gross-Hering (1879-1968): vida e obra*. On line.

Gross-Hering, Gertrud. *Und dann kam die Lösung* (E aí veio a solução). Blumenau, Tipografia e Livraria Blumenauense, 1956. Também em: Ribeiro-de-Sousa, Celeste. *Gertrud Gross-Hering (1879-1968): vida e obra*. On line.

Harari, Yuval Noah. *Homo Deus. Uma breve história do amanhã*. Trad. Paulo Geiger. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Silva, Fábio Lopes da. “A política da língua na era Vargas”. In: DELTA 23 (1), 2007. (Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC). On line.

Zwanziger, Iris (Siri, Hilda). Die Parade (O desfile). In: Zwanziger, Iris. *Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 156-158. Também em: Ribeiro-de-Sousa, Celeste. *Hilda Siri (1918-2007): vida e obra*. On line.

---

67 Tradução publicada originalmente no artigo: Ribeiro de Sousa, Celeste. “Textos silenciados, textos traduzidos: os exílios de Hilda Siri”. In: Cadernos de tradução. Florianópolis, v. 41, n. 3, set./dez. 2021, p. 308-309. ISSN: 2175-7968. On line. Também no e-book *Hilda Siri (1918-2007): vida e obra*.

## 14. Redescobrimo Hilda Siri\*

Ihr lieben Bras-Teutonen  
habt ihr schon überdacht,  
was wohl ein Wolfgang Goethe  
im Urwald hätt' vollbracht?  
Wer spräche heut' von dem Genie,  
Wär' er geboren in Ijuí.

Hilda Siri, „Kleinigkeiten“

A memória, como é sabido, é uma instância fundamental para a aquisição do conhecimento: não só como receptáculo na origem do mesmo, quando as sensações estimuladas pelo mundo exterior, após transformadas em imagens, são recebidas e armazenadas no cérebro, mas também como arquivo, onde o conhecimento é retido e mantido sob formas maleáveis ao longo da vida. Entretanto, como a certa altura o cérebro deixa de conseguir espaço para dispor de tudo o que conhece de modo consciente, lança mão de várias estratégias para resolver o problema e sobreviver sadio; uma delas é o esquecimento. Por causa disso, o homem deve ter inventado a escrita com o objetivo, entre outros, de dar apoio à memória e, assim, prolongar-lhe o espaço de atuação.

É da memória preservada na linguagem escrita de Hilda Iris Zwanziger (1918–2007), conhecida pelo pseudônimo de Hilda Siri (e também Valdívia) na literatura brasileira de expressão alemã (por muitos conhecida como literatura teuto-brasileira), que vou tratar. Este meu texto objetiva, em primeiro lugar, trazer à luz do presente momento a lembrança da existência da própria escritora e, em segundo lugar, porque sua obra é vasta, focalizar alguns registros de suas próprias memórias: memórias de experiências mais ou menos próximas de seu tempo, memórias mais recuadas e memórias de memórias.

Nascida em Ijuí, no Rio Grande do Sul, em 21.01.1918, portanto no ano do término da Primeira Guerra Mundial e da derrota do Reich alemão, sacramentada no Tratado de Versailles, sobre o qual, a título de curiosidade, Robert Weber, um outro autor deste mesmo grupo literário, escreve em 1924 Um conto de natal (Ein Weihnachtsmärchen), Hilda Siri, senhora de imensa obra, como disse, é uma das mais profícuas escritoras dentre os autores que escrevem no Brasil e sobre o Brasil em língua alemã. Maiores detalhes sobre sua biobibliografia encontram-se no e-book Hilda Siri (1918–2007): vida e obra.

Suas obras debruçam-se sobre vários temas, mas as memórias fazem-se presentes em muitas delas. Aliás, no ensaio Bodenständiges Schrifttum. Betrachtungen einer

---

\* Nota: Este texto foi originalmente publicado na Revista Sibila. Revista de poesia e crítica literária. São Paulo, 03 abril 2017. ISSN 1806–289X. On line.

Dichterin. (Letras localistas. Considerações de uma poetisa), em que ela reflete sobre a natureza da por mim chamada “literatura brasileira de expressão alemã”, diz o seguinte:

Quem hoje quiser ver o seu trabalho literário impresso – e qual escritor não gostaria de vê-lo? – precisa escrever exatamente o que os senhores editores ou as instituições fomentadoras da cultura germânica (Deutschtum) desejam do escritor. O mais fácil de publicar ainda são os ‘poemas e histórias localistas’, que se referem à imigração e ao destino dos imigrantes.<sup>68</sup>

Havia nessa época, conforme se pode deduzir das palavras da escritora, um certo dirigismo no âmbito das editoras da colônia, que incentivava o registro de determinadas memórias enquanto, certamente, silenciava outras. De Hilda Siri, por exemplo, aquelas de cariz explicitamente feminista são apenas vislumbradas em seus “ensaios” publicados no “Frauenecke” (Cantinho da mulher) do jornal Serra-Post.<sup>69</sup>

Entre os numerosos textos da escritora, escolhi três, que, de certa forma, também ilustram alguns dos dados biográficos da autora. São eles: Roman Riesch (1999), Die grosse Tour (A grande viagem) (1999) e Die alte Truhe (O velho baú) (1952).

Roman Riesch é o nome de um ator alemão, dono e diretor da companhia de teatro “Roman Riesch”, que fazia “Heimattheater”<sup>70</sup>, e de cujo elenco fazia parte Marquard Siegfried Zwanziger, filho natural do dramaturgo e poeta expressionista alemão Walter Hasenclever. Marquard Zwanziger virá a ser o futuro marido de Hilda Siri. Roman Riesch tinha também uma segunda profissão: pintava igrejas, ofício aprendido com o pai em Oberammergau, cidade alemã, famosa pela encenação, de dez em dez anos, dos últimos cinco dias da paixão de Jesus. Consta que a companhia de teatro Riesch percorreria a América do Sul entre os anos de 1926 e 1936. No entanto, sua chegada ao Brasil, especificamente à cidade de Ijuí, dá-se em 1935. Ao contrário do esperado, a narrativa de Siri não cita nenhuma peça de teatro levada ao palco no Brasil, mas ilumina duas outras coisas: uma obra de

---

68 Trad. Luana Camargo. “Wer heute seine schriftstellerische Arbeit gedruckt sehen will (und welcher Schreibende möchte das nicht?), muss das schreiben, was die Herren Verleger oder die das Deutschtum pflegenden Institutionen gerade von ihm wünschen. Am leichtesten sind noch die „bodenständigen Gedichte und Geschichten“, die sich auf die Einwanderung und die Einwanderer- Schicksale beziehen, unterzubringen”. (Siri 1959, p. 1).

69 Entre os muitos: Siri, Hilda. Der Sonntagsanzug des Hausherrn (O terno domingueiro do senhor da casa). In: Die Serra-Post (suplemento do Correio Serrano). Ijuí: Löw, 16 fev. 1952, p.3. Siri, Hilda. An die Herren der Schöpfung (Aos senhores da criação). In: Die Serra-Post (suplemento do Correio Serrano). Ijuí: Löw, 13 set. 1952, p.3. Siri, Hilda. Wer setzt DIR ein Denkmal? (Quem TE erigirá um monumento?) In: Die Serra-Post (suplemento do Correio Serrano). Ijuí: Löw, 19 set. 1952, p.3. Siri, Hilda. Wem der Schuh passt... (A quem a carapuça serve...) In: Die Serra-Post (suplemento do Correio Serrano). Ijuí: Löw, 27 set.1952, p.3.

70 Por “Heimattheater” entenda-se um teatro amador ou não, cujo repertório assenta em peças populares de ambientação local.

pintura e um gesto teatral. A pintura é aquela existente no altar-mor da Catedral de Santa Cruz do Sul, posteriormente Catedral de São João Batista (o maior templo católico em estilo neogótico da América Latina), conhecida como “Grupo da Cruz”, principiada por Arno Seer. No desenvolvimento de sua feitura, coube a Roman Riesch o processo de douramento. E, com esta lembrança, engata-se na narrativa a criação da atmosfera triste da perseguição aos alemães, que fica toda subentendida e densa num gesto do mesmo Roman Riesch. Explico: diz a narrativa sobre esta figura que, na cidadezinha de Ijuí, como de costume, a sala da delegacia está apinhada de alemães, de seus descendentes e de judeus. Para ali, também é levado Roman Riesch, que já estivera no front durante a Primeira Guerra, pelo que havia ganhado a Cruz de Ferro. Riesch atravessa a sala da delegacia, olha em volta, cumprimenta os conhecidos, acha um degrau, sobe nele, levanta as mãos e pede silêncio. Quando todos lhe prestam atenção, ousa exclamar teatralmente: “Honrado público! A apresentação está com uma boa assistência, mas o espaço, infelizmente, não se adequa a espetáculos”<sup>71</sup>, o que provoca uma explosão de aplausos. Caberia uma observação histórica acerca deste episódio. Nas palavras da historiadora Ana Maria Dietrich,

[de] acordo com o projeto estadonovista, a sociedade brasileira deveria ser um todo orgânico, razão pela qual o germanismo era visto como uma ameaça à Segurança Nacional. O autor [Sérgio Sant’Anna] destaca que, para o governo brasileiro, a intensa vida cultural dos alemães do Sul era incômoda à construção do nacionalismo brasileiro. Processou-se então uma política de controle a essa comunidade por meio do estabelecimento de decretos-leis que regulamentavam as atividades estrangeiras no país e da investida policial à comunidade alemã. (Dietrich 2007, p. 69).

O pequeno texto Roman Riesch abre um promissor horizonte de pesquisas: uma investigação das pegadas deixadas por esta companhia de teatro no Brasil e na América Latina, do seu repertório, dos lugares visitados, bem como da presença de outras companhias alemãs de teatro e de seus repertórios, a alimentarem culturalmente as colônias de língua alemã, dando sustentação ao seu sentimento de pertença étnica.

Enquanto Roman Riesch ocupa o espaço de uma página, o segundo texto, intitulado *Die große Tour* (A grande viagem), é mais longo (41 páginas). Trata-se, como o título indica, de uma narrativa de viagem, mas de uma viagem não experimentada pela autora, mas sim ouvida ao companheiro Willi (Wilhelm Hugo) Fick, ele sim um dos viajantes, uma narrativa que mostra a marcante presença alemã e o eficaz intercâmbio da etnia na região sulina brasileira. Willi Fick era um dos dirigentes do Grupo Escoteiro de Porto Alegre, fundado em 1912 por Georg Black, professor de ginástica, um grupo escoteiro ainda hoje existente e conhecido como “Grupo

---

71 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. “Verehrtes Publikum. Die Vorstellung ist zwar sehr gut besucht, aber der Raum ist leider für Theaterspiel nicht geeignet”. (Siri 1999, p. 160).

Escoteiro Georg Black”, o mais antigo do Brasil. A viagem empreendida pelo grupo, organizada por Black de Porto Alegre, por Köpke, de Florianópolis, e por Köhler, de Blumenau, começa em 27 de dezembro de 1914, em Porto Alegre, e termina em Blumenau um mês depois, tendo se desdobrado em dezesseis etapas. Cada etapa empresta título a cada capítulo: „Der Tag zuvor“ (O dia anterior), „Von Porto Alegre nach Taquara“ (De Porto Alegre a Taquara), „Von São Francisco de Paula nach Salto Grande“ (De São Francisco de Paula a Salto Grande), „Von Tainhas nach Azulegas“ (De Tainhas a Azulegas), „Von Azulegas nach Taimbezinho“ (De Azulegas a Itaimbezinho), „Vom Taimbezinho nach Praia Grande“ (De Itaimbezinho a Praia Grande), „Von Praia Grande nach Torres“ (De Praia Grande a Torres), „Torres“, „Von Torres bis Araranguá“ (De Torres a Araranguá), „Von Gamacho nach Laguna“ (De Gamacho a Laguna), „Von Laguna nach Florianópolis“ (De Laguna a Florianópolis), „Florianópolis“, „Von Florianópolis nach Itajaí“ (De Florianópolis a Itajaí), „Von Itajaí nach Blumenau“ (De Itajaí a Blumenau), „Blumenau“, „Von Blumenau nach Porto Alegre“ (De Blumenau a Porto Alegre).

O texto, que contém as memórias de Willi Fick, é, assim, registrado pela pena de Siri. Não se sabe, se as palavras do texto escrito correspondem às palavras orais ouvidas. Muito provavelmente há alterações, pois é sabido que o discurso oral difere do escrito. E, com certeza, o imaginário da escritora desempenhou aí um papel importante. Também a experiência de Willi Fick dista bastante de seu registro oral, ouvido por Hilda Siri. Trata-se de acontecimentos que remontam a dezembro de 1914 e janeiro de 1915, quando a autora nem nascida era. Portanto, o imaginário de Willi Fick também deve estar muito presente no relato e a sua memória já deve ter se encarregado de guardar determinados fatos e esquecido outros tantos do total experimentado.

O texto que nos chega oferece ao leitor uma verdadeira topografia não só da cidade de Porto Alegre à época, como também da viagem encetada pelo grupo escoteiro até Blumenau, em que são descritas as paisagens, a culinária e, sobretudo, a rede de intercâmbio existente entre os alemães e seus descendentes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, todos eles enriquecidos e bem de vida. Basta dizer que quem recebeu os escoteiros com todas as honras e abastança em Blumenau foi o dono do jornal *Der Urwaldsbote* (O mensageiro da floresta), G. A. Koehler.

Sobre o Sr. Koehler e seu jornal de grande tiragem, a atingir quase todo o Estado de Santa Catarina, caberiam algumas observações de ordem histórica. Nas palavras de Giralda Seyferth,

[o] mais radical dos jornais em língua alemã do sul do Brasil foi o *Urwaldsbote*, identificado com os preceitos da Liga Pangermânica e dos *Alldeutschen* e combatido pela totalidade da imprensa em língua portuguesa do Estado de Santa Catarina. Sendo a favor da endogamia dos teuto-brasileiros, do pangermanismo, da atividade dos bugreiros, da oficialização da língua alemã, e contra as instituições republicanas e a política nacional em geral, [...]. (Seyferth 1981, p. 52).

De fato, a narrativa mostra o esforço de manutenção da identidade étnica do grupo. As marchas cantadas durante a viagem „Das Wandern ist des Müllers Lust“, „Ade Du mein lieb Heimatland“ „Muss i denn, muss i denn zum Städtle hinaus,“ pertencem à cultura de língua alemã. A ampliação dos conhecimentos dos meninos focaliza figuras alemãs, como por exemplo, o Dr. Blumenau, fundador da cidade de Blumenau. Muitos dos utensílios e uniformes usados são comprados na Alemanha. Contudo, também há uniformes confeccionados no Brasil: são de tecido verde caqui, comprado na Casa Carvalho de Porto Alegre. O primeiro capítulo chama a atenção pelos cuidados dispensados naquela época ao grupo, vacinado contra a varíola, examinado por um médico e por um professor de ginástica, também eles participantes. Depois, seguem-se os cuidados com as noções das necessidades básicas à sobrevivência. E interessante é também a apropriação inescapável de muitos termos brasileiros como bolacha Maria, mandioca, gasosa, tarrafas, botos, guará, tropeiros, rapadura, charque, arroz-carreteiro, ford- bigode. No segundo capítulo, a voz de um “nós” assume a narrativa com a descrição pintoresca e metafórica do entorno e das personagens: no ar áspero da madrugada, quando a coluna já está em marcha a caminho da estação de trem, cantando „Das Wandern ist des Müllers Lust“, o único bulício na cidade é o das carroças dos leiteiros, dos padeiros, dos verdureiros, de suas vozes apregoadores, através das ruas de Porto Alegre, e com isso vai-se desenhando uma minuciosa topografia da cidade de então. Na estação, o trem soltando fumaça, é composto de um vagão para a primeira classe, de bancos de couro, de dois vagões de bancos de madeira para a segunda, onde viajavam os trabalhadores e o povo pobre, e um para o correio. Cheira a urina e à gordura dos alimentos ali oferecidos em cestos cobertos por panos brancos por vendedores ambulantes. Um negro coloca sem cessar madeira na „goela“ da locomotiva. O chefe da estação toca o sino, apita duas vezes, e o trem põe-se em movimento, trepidando e bufando. À esquerda, o rio Guaíba e a Ilha do Pavão ainda encobertos pela neblina, bancos de areia, o estaleiro Mabilde e algumas choupanas. À direita, descortinam-se jardins, pomares, residências, fábricas – a aciaria de Kappel, a fábrica de limonada de Fischel, a cervejaria de Ritter, a fábrica de móveis Gerdau, a fábrica de fogões Wallig, a fábrica de chocolate Neugebauer. Depois, divisam-se os postes das linhas dos telégrafos. Na estação Navegantes, o trem faz sua primeira parada. Dali avista-se a monumental igreja dos Navegantes. Logo, galga as próximas estações: Gravataí, Canoas e Esteio, Sapucaia e São Leopoldo. Às vezes, os trilhos surgem margeados por água coberta de aguapés; outras, por campos de pastagens. Nas estações, os ambulantes oferecem pastéis de carne, espigas de milho cozidas, rapadura, doce de leite e frutas da época que, nesse momento, são uvas e melão. Em Sapucaia, ainda há o beiju, que o eu-narrador se incumbem de explicitar. Digna de nota é também a ponte sobre o rio Gravataí e, em Esteio, a grande figueira, a maior do Rio Grande do Sul. E, assim, continuam deliciosas as descrições paisagísticas urbanas e rurais, passando por Neustadt, Neu-Hamburg, Alt-Hamburg, pedacinhos da Alemanha transplantados no Brasil. Almoçam todos na casa do Dr. Tschermak em Taquaral, onde o seu novo automóvel é objeto de admiração. Ali, dormem em barracões e, depois nas primeiras horas da manhã, seguem a pé pelas ruas cortadas pelas rodas dos carros de bois, pelas

paisagens de pastos entremeadas de rochas, pelos pinhais, cantando, em direção à serra envolta em neblina. Na subida, o nevoeiro transforma-se em chuva, trovões e relâmpagos que obrigam a procurar abrigo numa cabana abandonada. Continuam subindo até o hotel de madeira do Sr. Hampel na Encosta, cercado por pinheiros, onde jantam e pernoitam. Todos são conhecidos e se cumprimentam com um „Hallo“. Acordam no outro dia com o canto do galo e colocam a roupa para secar ao sol. Descobrem um lago e uma cachoeira de água gelada nas redondezas, onde se banham. Voltam para almoçar carne de porco assada, frango, salada de batata, arroz e feijão preto. De sobremesa, queijo serrano e goiabada. À tarde, desbravam as belezas naturais do lugar. No dia seguinte, prosseguem até o alto da serra, 1.200m, onde fica a pequenina povoação São Francisco de Paula. É um acontecimento ver uma coluna de escoteiros em marcha, cantando! Abastecem-se de salsichas, arroz, charque, rapadura e bolachas numa pequena venda e começam a descida.

Agora a paisagem modificava-se. A floresta espessa dava lugar ao campo. Pastos a perder de vista, interrompidos aqui e ali por grupos de árvores ou pequenas matas e por muitas quedas d'água. [...] Grandes pássaros levantavam voo em bandos, quando nos aproximávamos, mudando-se de uma mata para outra. Assustavam-nos com um alarido ensurdecedor.[...] Por toda a parte, gado bravo, cavalos e muares, rebanhos de ovelhas.[...] Nenhuma casa, viva alma para onde quer que se olhasse.<sup>72</sup>

À tarde estavam em Salto, a visitar a represa do rio Santa Cruz e a usina, de onde desde o início do século XX sai a energia para São Leopoldo e Lomba Grande, graças ao trabalho de Theodomiro Porto e Coronel Gölzer, este último conhecido como o imperador de São Leopoldo. Pertenceu-lhe o primeiro “Ford-bigode” do Rio Grande do Sul, cuja viagem inaugural iniciou em sua fazenda em Santa Maria dos Caboclos e terminou em São Leopoldo. A subida da serra continua até 1.800m. Aqui, os escoteiros, montam barracas vindas da Alemanha e procedem aos rituais da arrumação, do preparo das refeições, do fogo do conselho. No dia seguinte, levantam acampamento e prosseguem até o rio Tainhas. Almoçam “Schmarren”, um alimento da cozinha bávara e austríaca feito de farinha, ovos, leite e uma grande variedade de recheios doces ou salgados. Mas, ao que parece, a iguaria não está boa, pois a delícia da alta Bavária não dispõe no Brasil dos ingredientes alemães para ser feita. À tardinha, chegam a Azulegas, uma minúscula povoação com uma venda, que costuma receber os tropeiros. Os escoteiros acampam e ali se abastecem. Na serra, ressentem-se da falta de frutas e verduras. Dali, prosseguem até Itaimbezinho. De singular nesse trajeto, acham um corno de boi transformado em garrafa com cachaça, que algum tropeiro deve ter perdido, e o cânion de 5,8 km extensão, com uma largura e uma altura máxima de cerca de 700 m, sendo percorrido pelo arroio Perdizes.

---

72 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. “Nun veränderte sich die Landschaft. Der dichte Wald wich dem Kamp. Weideland, so weit das Auge schaute, unterbrochen von Baumgruppen oder Wäldchen, besonders an Wasserläufen. [...] Große Spechte flogen in Schwärmen auf, wenn wir uns näherten und flogen von einem Wäldchen zum anderen. Sie erschreckten uns mit ihrem ohrenbetäubenden Gekreische. [...] Überall weidete wildes Vieh, Pferde und Maultiere, auch Schafherden waren zu sehen”. (Siri 2000, p. 199).

O Itaimbezinho é uma garganta profunda, de mais ou menos 200m de profundidade, lavada por um rio pouco caudaloso, mas impaciente. Tem três cachoeiras. A água despenca em direção ao fundo num fio fino e ciciante, abafando o embate com vapor branco, por sobre o qual se forma frequentemente um arco-íris.<sup>73</sup>

Nesses alcantilados, experimentam os efeitos do eco. Armam as barracas na região (1800 m altura) e, ali, pernoitam e apreciam o entorno deslumbrante. Na manhã seguinte, iniciam a descida até a Praia Grande já em Santa Catarina. Fazem menção a um lobo guará e ao fachinal, como explica o texto, uma áspera e estreita vereda, usada por tropeiros desde tempos imemoriais, o único caminho a ligar a serra ao litoral. Aqui, dão passagem a uma tropa de mulas. Já é noite quando atingem Praia Grande. Logo atravessam o rio Mampituba, a fronteira entre Estados, e seguem para Torres, onde pernoitam no hotel "Picoral", feito de madeira. Muitos dos escoteiros veem o mar pela primeira vez. A paisagem volta a se alterar: agora, desvela-se uma região mais densamente povoada, pomares de laranjeiras e plantações de abacaxis e hortas. Torres é o balneário preferido dos Portoalegrenses ricos. Lá, estão as residências, todas de madeira, de Herbert Müller, Krahe, Reiniger e de muitas outras famílias alemãs. Em Torres, os pontos visitados são: o Morro das Furnas, a praia da Guarita, o farol e o cemitério, que chama a atenção pelo grande número de nomes alemães inscritos nas lápides e, depois, a Ilha dos Lobos (marinhos) e a Praia de Itapeva. Como é explicado, na época da primeira onda imigratória entre 1824 e 1850, um grande veleiro com emigrantes colonos havia encalhado nas proximidades da povoação, pelo que logo se estabeleceram ali. Os escoteiros também ouvem muitas histórias contadas pelos chefes, inclusive, a história do próprio escotismo. Na manhã seguinte, seguem para Araranguá, ao longo da praia, descalços pela areia, cantando „Ade Du mein lieb Heimatland“, como se na Alemanha estivessem. Almoçam na areia da praia que se infiltra na comida. O chefe cozinheiro passa mal, toma gotas de Opium que, por serem mal contadas, o fazem dormir longamente e acordar indisposto, deixando os escoteiros preocupados, pois nas redondezas não se avista ninguém. Por fim, põem-se a caminho e continuam até Araranguá, onde chegam à noite. Esta é a maior distância percorrida num dia. Todos estão muito cansados. Na manhã seguinte, com o céu azul sem nuvens, dunas amarelas, sol quente e mar, apreciam na areia conchas e moluscos. Só ao cair da noite ouvem um latido que, finalmente, sinaliza a proximidade de gente, uma aldeia de pescadores chamada Gamacho. Os pescadores acabam de puxar uma rede e preparam o peixe – tainhas – para secar. Os escoteiros conseguem tainhas frescas para assar e nunca peixe algum lhes tinha sido mais saboroso. Por seu lado, os pescadores divertem-se, observando os rituais escoteiros. A próxima cidade é Laguna, que, para ser atingida, é preciso alugar uma canoa a um pescador. Chegados à praça central, o prefeito permite que, ali, acampem. Mas uma tempestade de água inunda todas as barracas, pelo que o prefeito, condoído com os meninos, lhes oferece a

---

73 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. "Der Taimbezinho ist eine ungefähr 200m tiefe Schlucht, ausgewaschen durch einen kleinen, aber reißenden Fluss. Er hat drei verschiedene Wasserfälle. Das Wasser stürzt in dünnen zischenden Strahl in die Tiefe und verhüllt den Aufprall mit weißem Dampf, über dem häufig ein Regenbogen steht". (Siri 2000, p. 203).

cocheira de sua casa para pernoitarem. Nessa noite, um deles começa a ter dores de barriga. É tratado com calor sobre o ventre e chá preto com cachaça. No dia seguinte, passeiam pela cidade de arquitetura portuguesa e visitam o Museu Anita Garibaldi. Só no dia seguinte, partem para Florianópolis, cantando e bordeando o litoral entre o mar e a Serra do Mar, de onde se avistam plantações de bananeiras, milho, mandioca, muitas casinhas, aldeotas de pescadores. Nas proximidades de Imbituba, uma cidadezinha portuária, de escoamento do carvão de Santa Catarina, acampam. Depois, a paisagem passa a oferecer dificuldades: “A Serra do Mar debruçava-se agora sobre o oceano, apoiada em rochedos íngremes e, em parte, descalvados. Ilhas e recifes alcantilados, rochas abaixo do nível do mar dificultavam aqui, ameaçando mesmo, a travessia dos barcos. Alguns já haviam afundado lá”.<sup>74</sup> Levam três dias de marcha difícil até Florianópolis. São grandes o cansaço e os machucados do corpo e todos os meninos se tornam psicologicamente muito vulneráveis. Os mosquitos também não dão trégua. Por fim, como numa miragem, avistam os pilares da ponte anterior à Hercílio Luz, ligando o continente à Ilha Santa Catarina, outrora chamada do desterro, por abrigar prisioneiros. Ainda na ponte são recebidos por uma comissão de outros jovens e são levados em triunfo até o centro da Florianópolis, aplaudidos pelos transeuntes nas ruas. É uma experiência extraordinária atravessar aquela ponte, um verdadeiro monumento da modernidade: 200m de comprimento, assentados sobre pilares colossais de aço, amarrados a torres de 20m de altura, com cordas de aço mais grossas que um braço. Em baixo, só água, em cima o céu azul. Dirigem-se à casa do Sr. Köpke, um agente de uma companhia de navegação, pertencente à Hamburg-Süd, um homem de cerca de 50 anos, alto, de traços enérgicos e amigáveis. São levados a uma casa magnífica rodeada por grande parque. O Sr. Köpke já havia mandado reservar nos estúbulos um espaço para vários colchões e havia providenciado mantas.

Os escoteiros armam barracas à sombra das árvores, enquanto os mosquitos atacam. Alimentam-se como cães famintos. As roupas e os utensílios, tanto quanto os corpos e a alma, estão esgarçados. Recuperadas as forças, vão visitar um vapor alemão, o “Pontius”, ancorado na baía, que os encanta e de onde avistam os muitos faróis na costa brasileira. A Europa está em guerra (1ª Guerra Mundial que começara em 28 de julho de 1914), mas o Brasil ainda está fora do conflito. O vapor aguarda o desfecho do que se pensa à época ser uma breve guerra. Pertence à Hamburg-Süd e costuma transportar cereais, couro e outras matérias primas e também gado. Voltam os escoteiros à magnífica residência do Sr. Köpke, onde recebem alimentos de maneira bastante sofisticada. Despedem-se de tão excelente hospedagem cantando „Muss i denn, muss i denn zum Städtle hinaus,.. E, então, prosseguem rumo a Itajaí a bordo do vapor “Max”. Tudo vai bem até o momento em que o vapor alcança mar aberto e começa a balançar violentamente com as ondas, mareando todos. Aos poucos, tudo volta à normalidade, o sono sobrevém e, quando acordam

---

74 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. “Die Serra do Mar zog sich jetzt mit steilen, teils kahlen Felsen an der Küste längs bis ins Meer hinein. Inseln und steile Riffe, auch Felsen unter dem Meeresspiegel erschwerten hier die Schifffahrt und gefährdeten die Schiffe. Manches Schiff ist hier gesunken”. (Siri 2000, p. 215).

já é manhã e estão em Itajaí. É aqui que o rio Itajaí-Açu desagua no mar. Faltam 33 km para alcançar a pé o final da viagem em Blumenau. O grupo recobra a animação perdida, já canta a marcha bávara e a paisagem também se torna mais acolhedora: campos semeados e prados onde vacas pastam, casinhas de treliça pintadas, cortinas e flores nas janelas de colonos e suas adjacências com estábulos, currais, pocilgas e galinheiros, estradas cuidadas, plantações de cana-de-açúcar, bananas e tabaco, milho, mandioca, verduras e frutas. Os pinhais haviam ficado para trás. Agora aparecem cedros, caneleiras, palmeiras, coqueiros, palmitos. Veem-se pelo rio Itajaí pequenos vapores, barcos, canoas, meios de transporte para gente, animais, mercadorias e produtos das colônias. Em Blumenau, são recebidos por uma comissão, enviada pelo Sr. Köhler, dono e redator do jornal *Der Urwaldsbote*, e levados em triunfo até o centro, à sede do jornal. A população se anima com a novidade, já anunciada pelo jornal e recebida pelo telégrafo. O Sr. Köhler, ele próprio chefe criador de um grupo escoteiro local providencia alojamentos. Willi fica hospedado na casa da família Schachtleben, gente rica, donos de um curtume. E, depois de um bom banho, de alimentação e barbeiro, ele tem de contar a sua aventura para os membros da família hospedeira. Em troca, recebe informações sobre a cidade e sobre seu fundador, o Dr. Blumenau. Ficam três dias em Blumenau. O ponto de encontro é a sede do jornal, de onde o grupo parte para várias visitas a fábricas, à tecelagem Hering, fábrica de conservas, cervejaria, fábrica de tijolos. Também visitam uma fábrica de porcelana em Pomerode. No quarto dia, cedo, embarcam no vapor "Ita" e regressam a Porto Alegre, levando como presente da cidade um cacho de bananas cada um. O chefe escoteiro, Sr. Black, ganha uma cobra, enrolada numa caixa. O capitão só concorda em transportar os escoteiros sem pagar com a condição de eles se manterem no deck e não se misturarem com os passageiros. A viagem é tranquila, na companhia de gaivotas, botos e peixes voadores, e dura dois dias, um deles percorrendo a Lagoa dos Patos, perigosa, porque o canal navegável é muito estreito e assinalado por boias. Nas margens da lagoa gigante, avistavam-se patos bravos, corças e um montão de outros pássaros. É curioso observar como a água doce ao penetrar na água salgada vai deixando um rastro vermelho longo e largo. À vista de Porto Alegre, deitam fora as últimas bananas. No molhe, são recebidos pela família e pelos amigos, mas dirigem-se em marcha e cantando até a sede do grupo e, só lá, cada um segue para sua casa. A viagem durara quase um mês e servira para socializar as crianças dentro de seu grupo étnico.

Die alte Truhe (O velho baú) é uma narrativa, de cunho autobiográfico, mais elaborada do ponto de vista formal, uma das melhores da autora. Trata-se de um texto, originalmente assinado com o pseudônimo Valdivia, distinguido com o segundo prêmio no âmbito do certame instituído pela Editora Ulrich Löw. O baú funciona como mola propulsora do desenvolvimento da ação. Trata-se de uma narrativa que, através de um "flash back", projeta no presente o tempo passado, na tentativa de oferecer informações sobre a vida heroica de quatro gerações de antepassados.<sup>75</sup>

---

75 A interpretação que se segue encontra-se em: Ribeiro de Sousa, Celeste. A narrativa literária no Anuário do Correio Serrano após 1948: temas. São Paulo: FFLCH/USP, 1980, p. 49-54.

É uma narrativa contada em primeira pessoa. Tem início no momento em que a personagem principal, o eu-narrador, se dirige ao baú antigo [aquele ainda existente e em exposição no Museu de Ijuí] para procurar algumas roupas já usadas, destinadas aos pobres. Ao pôr os olhos no baú, porém, o eu-narrador esquece-se momentaneamente de seu intento, interroga o baú, constrói-lhe as respostas em prosopopeia, e dá asas à imaginação, que, alimentada pela memória, tece uma série de associações, que vão criar o tecido da narrativa. A história desenvolve-se, assim, em 2 planos de ação: uma exterior, que mal se esboça, pois não passa da cena do encontro eu-narrador/baú, e outra interior, bastante desenvolvida. Ao momento do encontro entre o eu-narrador e o baú, seguem-se instantes de recordações relativas à infância e, só em seguida, se delineiam os contornos da narrativa propriamente dita, que avança de um salto até um passado remoto e, depois, caminha cronologicamente até o presente.

Recorda o eu-narrador, ao aproximar-se do baú, o medo que a sua tampa lhe inspirara quando criança. Temia que aquela tampa tão pesada lhe caísse na cabeça. Observa e descreve o baú de 1677 e, logo em seguida, retorna à lembrança das histórias que a bisavó (Susanne – elemento autobiográfico) lhe contava à noite, estando ele/narrador (ela – Iris Zwanziger – elemento autobiográfico) sentado sobre esse móvel. Vêm-lhe ainda à mente o ordenhar das vacas e sua alimentação, coisas que a bisavó fazia antes do jantar e antes de lhe contar as histórias numa sala ao cair da noite. Em seguida, com uma pergunta dirigida ao baú: “De onde vieste, velho baú?”, o protagonista-narrador alcança a árvore que viria a dar origem à arca. O proprietário do bosque teria um dia ordenado a derrubada de algumas árvores, e da madeira de um carvalho teria mandado confeccionar um baú que iria abrigar o enxoval de sua filha. Através de uma segunda pergunta dirigida ao baú: “Onde terás estado, quando eras ainda completamente novo?”, o eu-narrador dá mais um impulso ao desenvolvimento da ação interna. Desta forma, o leitor é levado a imaginar um castelo onde vivia a jovem esposa do senhor do castelo, usando saias longas, corpete justo e mangas roçadas, que guardava no baú os preciosos linhos brancos, por ela mesma tecidos e, que, bem lá no fundo, escondia alguma joia. Então, não mais com uma pergunta, mas com um comentário: “Quanta alegria, quanto sofrimento deves ter já presenciado em tua juventude!”, dá novo estímulo ao desenrolar da ação. São recordados tempos de guerra entre castelos senhoriais. Com outro comentário semelhante, o eu-narrador transporta-nos à época em que o baú abrigava crinolinas e o pó de arroz de perucas teria caído em sua tampa, isto é, ao tempo em que a família possuidora da arca empobrece e a leva a leilão. A partir deste momento, ocorre uma mudança na história da mesma. Depois de pertencer a gente nobre e rica, passa a ser propriedade do tio do bisavô do narrador, um camponês rude. É colocada entre móveis toscos e guarda, agora, linhos grosseiros. Mais tarde, o novo dono oferece-a a um irmão como presente a ser levado para o Brasil. Atravessa o Atlântico e, nesta viagem, August, o filho do trisavô do narrador conhece uma moça chamada Suzana. Trata-se de elementos autobiográficos presentes na narrativa: C.F. Becker, o terceiro dono do baú, emigrou de fato com mulher e filho. Este filho seria o futuro bisavô da autora.

Susanne viajava no mesmo navio. Chegaram todos ao Brasil – a Santa Cruz do Sul – em 1854. August Becker e Susanne Gessinger casaram-se posteriormente.

Logo depois, é narrado o desenrolar da vida, das dificuldades e do trabalho desses imigrantes no novo país que os acolhe. Precisam desbravar a selva, a fim de poderem construir uma cabana e, para tornarem o solo arável através de queimadas, têm de lutar contra as cobras e outros animais selvagens. Logo no primeiro ano vem a primeira colheita. Porém, nem todas as colheitas crescem sem perigos. Muitas vezes são devastadas pelos macacos ou pelas enchentes do rio Pardino. Por causa deste trabalho árduo, muitas lágrimas são derramadas. No entanto, a vida continua. August desposa Suzana, a moça do navio. Trabalham muito. Suzana sente-se dividida entre o Brasil e a Alemanha. O Brasil é sua segunda pátria, aqui trabalha, é aqui que tem uma propriedade. A Alemanha, por outro lado, faz-se sentir no seu modo de pensar, na língua que fala, nos costumes.

Os trisavós do eu-narrador – C. F. Becker e esposa – morrem e são sepultados no jardim atrás da casa. Lágrimas e luto são as derradeiras homenagens a essas pessoas exemplares, que tanto fizeram pela nova pátria. O bisavô do protagonista-narrador e Suzana têm dois filhos. A mulher do segundo filho morre ao dar à luz uma menina. Esta menina, que virá a ser a mãe do eu-narrador, cresce e casa-se, indo morar na Serra, onde estabelece um pequeno negócio que prospera à custa de muito trabalho e esforço. O eu-narrador é a terceira criança do casal. Certo dia, a bisavó resolve morar com eles e leva o velho baú. Trata-se aqui de mais elementos autobiográficos: August Becker e Susanne (Gessinger) Becker têm dois filhos. Mas, quando Susanne enviúva, de fato, muda-se para a casa da neta – a mãe de Hilda Siri. Consta dos dados autobiográficos do espólio, que o afeto entre Susanne e a bisneta – Íris/ Hilda – sempre foi muito intenso.

É assim que, aos quatro anos de idade, o eu-narrador trava conhecimento com esse móvel, esse baú misterioso. A ação interna retorna ao passado recente. O protagonista-narrador volta a falar dos afazeres da bisavó em casa: cuida das vacas, planta as flores e os legumes. Nos dias de chuva remenda roupas ou faz toalhas dos sacos de farinha ou de açúcar. Apesar de trabalhar bastante, consegue ainda dedicar alguns momentos ao entretenimento dos bisnetos Henrique, Ilse, Iris e Hildegard, fazendo ela própria poesias, ou recitando de cor as baladas de Schiller, que conhecia, para que eles a imitem, e transmitindo-lhes textos dramáticos do mesmo autor, que eles encenam. Este detalhe curioso que o eu-narrador inclui na enumeração dos afazeres da bisavó não é comentado na narrativa, ficando o leitor sem compreender de que forma a bisavó – que aprendeu a escrever só aos setenta anos, conforme o texto, – teria tido acesso à obra de Schiller. Ao que parece, a bisavó sabia ler, mas não escrever. De qualquer forma, o eu-narrador alude à “alta cultura” da pátria alemã, da qual até mesmo pessoas simples partilham.

Ao morrer, a bisavó deixa ao protagonista-narrador o baú como herança. Termina aqui o 'flash back'. O propósito do eu-narrador consiste em oferecer uma visão épica de seus antepassados, exaltar-lhes as virtudes, como podemos constatar pelo desenrolar dos acontecimentos e no final da "epopeia":

Testemunhaste a ascensão de uma família durante cinco gerações, que através de esforço próprio conseguiu sair da pobreza e da penúria e alcançar prestígio e bem-estar. És para mim uma exortação e me impões o dever de imitar o exemplo de meus avós. E é assim que tu, velho e carcomido, ainda realizas uma tarefa valiosa, velho baú amado.<sup>76</sup>

É evidente a exaltação dos antepassados pelo trabalho e sacrifícios que fizeram em prol de seus descendentes, e também em favor da nova pátria, onde se fixaram e viveram. O enaltecimento da colonização alemã no Brasil é realçado pelo ritmo peculiar ao texto citado, baseado no emprego do paralelismo estilístico. O eu-narrador acumula as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, procedendo ao encadeamento de valores sintáticos idênticos. O efeito retórico, assim obtido, descamba para o melodramático, principalmente, quando à tripla repetição do sintagma negativo "tu não viste", se contrapõe a dupla repetição do sintagma, agora afirmativo, "tu viste só", "tu viste só", porém de valor semântico negativo, que visa a enfatizar a enumeração das desgraças. A veneração do eu-narrador, como visto, chega ao auge no fim da narrativa, que se concentra novamente no baú.

A recordação dos imigrantes alemães alcança, nesta narrativa, foros de glorificação. As personagens da composição literária estudada são vistas só pelo lado dignificante e, por conseguinte, são idealizadas.

O baú funciona como um verdadeiro totem da família e, por extensão, vira um paradigma das memórias e da história da etnia formada pelos imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil.

### **Fontes bibliográficas**

Dietrich, Ana Maria. *Caça às suásticas*. São Paulo: Humanitas, 2007.

Ribeiro de Sousa, Celeste. *A narrativa literária no Anuário do Correio Serrano após 1948: temas*. São Paulo: FFLCH/USP, 1980.

Seyferth, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

---

76 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. "Du hast den Aufstieg einer Familie durch fünf Generationen hindurch erlebt, die durch Fleiß aus Armut und Besitzlosigkeit zu Ansehen und Wohlstand gelangte. Du bist eine Mahnung und Verpflichtung, dem Beispiel meiner Ahnen zu nachzueifern. So erfüllst du, alt und zermürbt, doch noch eine wertvolle Aufgabe, liebe, alte Truhe". (Siri 1952, p. 92).

Siri, Hilda. Die alte Truhe. In: Serra-Post-Kalender. Ijuí: Ulrich Löw, 1952, p.81-92. Também in: Die alte Truhe. Campinas: edição particular, 1999, p. 23-31. Também no e-book Hilda Siri (1918- 2007): vida e obra.

Siri, Hilda. Bodenständiges Schrifttum. Betrachtungen einer Dichterin. (Letras localistas. Considerações de uma poetisa). In: Brasil-Post, São Paulo, 24.10. 1959, p. 1. Também no e-book Hilda Siri (1918-2007): vida e obra.

Siri, Hilda. Roman Riesch. In: Siri, Hilda. Die alte Truhe. Campinas: edição particular, 1999, p. 159. Também no e-book Hilda Siri (1918-2007): vida e obra.

Siri, Hilda. Die grosse Tour. In: Siri, Hilda. Die alte Truhe. Campinas: edição particular, p. 192-223. Também no e-book Hilda Siri (1918-2007): vida e obra.

# 15. Textos silenciados e textos traduzidos: os exílios de Hilda Siri\*

A história não é uma narrativa única, mas milhares de narrativas alternativas.”

(Yuval Harari 2016, p. 184).

## 1. Exílio

Sempre que a palavra “exílio” se faz ouvir, nossos pensamentos rumam em direção aos perseguidos políticos e, em seguida, em direção ao nazismo. Há muitos intelectuais envolvidos nesse tipo de exílio, sendo eles capazes de refletir e escrever sobre esses fenômenos humanos extremos e publicar seus testemunhos, compartilhando-os, na medida do possível, com outros.

Porém, antes desse tempo de triste memória, outros houve que também obrigaram muita gente a se exilar por motivos políticos, como por exemplo, na literatura de língua alemã, Heinrich Heine (1831) e Georg Büchner (1835), refugiados na vizinha França. E para não esquecermos as mulheres, podemos olhar para a francesa Madame de Staël, percorrendo a Alemanha, fugindo de Napoleão, já em 1803.

A palavra “exílio” parece estar sempre atrelada a perseguições políticas. É para lá que Brecht nos leva com o poema: “Über die Bezeichnung Emigranten” publicado em 1937, quando ele já estava exilado na Dinamarca, um poema publicado na revista Die neue Weltbühne, uma revista à época igualmente no exílio em Praga.

Leiamos o que Brecht diz no poema a seguir. Talvez porque também não me sinta definida pelos sememas “Emigranten – emigrantes”, “Auswanderer – retirantes, gente que muda de país”, “Vertriebene – desterrados, expulsos”, “Verbannte – expatriados, banidos”, presentes no poema e nas traduções já feitas por Tercio Redondo e André Vallias, fiz minha própria por conta e risco, continuando, todavia, a me sentir desconfortável.

---

\* Nota: Este texto foi originalmente publicado em Cadernos de tradução. Florianópolis, v. 41, n.3, set./dez. 2021, p. 198–318. ISSN: 2175–7968. On line.

### Sobre a denominação emigrantes

Sempre achei falso o nome que nos deram:  
Emigrantes.  
Isso quer dizer: os que vão para fora. Mas nós  
Não fomos para fora de livre vontade  
Escolhendo uma outra terra. Também não fomos  
Para essa terra, para lá ficar, quem sabe para  
sempre;  
Nós fugimos. Desterrados é o que somos,  
banidos.  
E essa terra não será lar, mas um exílio que nos  
Acolheu.

Inquietos ficamos, o mais perto possível das  
fronteiras  
À espera do dia do regresso, cada mínima  
alteração  
Além da divisa observando, a todos que chegam  
perguntando ansiosos, nada esquecendo e de  
nada desistindo  
E também nada perdoando do que aconteceu,  
nada perdoando.  
Ah! a calma do mar estreito não nos engana! Nós  
ouvimos os  
Gritos

Lá dos campos bem aqui. Nós mesmos somos  
como que rumores de crimes que de lá esca-  
param  
Através das fronteiras. Cada um de nós,  
Que, de sapatos rotos, passa pelo meio das  
massas,  
Testemunha a vergonha que agora mancha  
nossa terra.  
Mas nenhum de nós  
Ficará aqui. A última palavra  
Ainda não foi dita.

### Über die Bezeichnung Emigranten

Immer fand ich den Namen falsch, den man uns  
gab:  
Emigranten.  
Das heißt doch Auswanderer. Aber wir  
Wanderten doch nicht aus, nach freiem Entsch-  
luss  
Wählend ein andres Land. Wanderten wir doch  
auch nicht  
Ein in ein Land, dort zu bleiben, womöglich für  
immer  
Sondern wir flohen. Vertriebene sind wir,  
Verbannte.  
Und kein Heim, ein Exil soll das Land sein, das  
uns da  
Aufnahm  
  
Unruhig sitzen wir so, möglichst nahe den  
Grenzen  
Wartend des Tags der Rückkehr, jede kleinste  
Veränderung  
Jenseits der Grenze beobachtend, jeden  
Ankömmling  
Eifrig befragend, nichts vergessend und nichts  
aufgebend  
Und auch verzeihend nichts, was geschah, nichts  
verzeihend.  
Ach, die Stille der Sunde täuscht uns nicht! Wir  
hören die  
Schreie  
  
Aus ihren Lagern bis hierher. Sind wir doch selber  
Fast wie Gerüchte von Untaten, die da entkamen  
Über die Grenzen. Jeder von uns  
Der mit zerrissenen Schuhn durch die Menge  
geht  
Zeugt von der Schande, die jetzt unser Land  
befleckt.  
Aber keiner von uns  
Wird hier bleiben. Das letzte Wort  
Ist noch nicht gesprochen.

(Brecht, 718).

Para Brecht, a palavra “emigrantes” não traduz as circunstâncias precisas dos perseguidos do Nazismo: judeus, comunistas, artistas, minorias de qualquer tipo. Aqueles que não conseguiram fugir, gritam dos campos de concentração e seus gritos chegam a todos os lugares por mais longínquos que estejam. Os que conseguiram fugir, como o próprio Brecht, por exemplo, ou Döblin, ou os irmãos Thomas e Heinrich Mann, Anna Seghers, Else Lasker-Schüler, Nelly Sachs, Paula Ludwig, Rose Ausländer, Hilde Domin, seriam os exilados que aguardam o regresso para dizer a última palavra. De fato, um dos primeiros exílios de que há

memória é um exílio político, é o exílio do povo judeu na Babilônia durante 50 anos, quando foi submetido por Nabucodonosor e levado escravo cerca de 600 anos antes de Cristo.

Mas, durante o Nazismo, no campo da literatura, além das obras tecidas segundo as regras do regime, a chamada “Blut-und-Boden-Literatur” ou “Blubo-Literatur” e os livros publicados no exílio estrangeiro, a “Exilliteratur”, há um outro tipo de exílio, o chamado exílio interior, em alemão denominado como “innere Emigration”, que leva os escritores a procurarem refúgio no seu íntimo porque não aceitam as ideias nazistas e, por questões familiares ou outras, também não querem ou não podem sair de seu país. Seu silenciamento temporário a respeito da situação política, sua recusa ao engajamento, é igualmente visto como um tipo de resistência. Vários autores se encaixam aqui. Só para ficar nas mulheres, temos Ricarda Huch, Gertrud von Le Fort, Marie Luise Kaschnitz (que era amiga de Adorno e esteve inclusive no Brasil em 1962 e escreveu/traduziu o país). E há as controvérsias em torno de Gottfried Benn e Ernst Jünger, que foram e não foram nazistas.

O professor francês de literatura comparada Alexis Nouss, no livro *La condition de l'exilé*, de 2015, oferece uma extensa análise semântica para o complexo lexical em torno deste assunto. Mas, se levarmos em consideração o campo semântico do vocábulo ou do semema “exílio”, no Dicionário Houaiss, já lá encontraremos cinco significados ou semas, todos sem menção ao fator político, religioso ou étnico. Exílio pode ser:

1. expatriação forçada ou por livre escolha; degredo.
2. lugar em que vive o exilado.
3. lugar longínquo, afastado, remoto.
4. isolamento do convívio social; solidão. (Houaiss, p. 1284).

O significado invocado por Brecht é o da “expatriação forçada”. O significado inerente à “innere Emigration” é contemplado pelo “isolamento do convívio social”. Mas ainda há outros tipos de exílio que se acham no campo semântico geral da emigração. De fato, no mesmo dicionário, o semema “emigração” aparece com dois semas que enfatizam, sobretudo, o movimento:

1. saída espontânea de um país, definitiva ou não.
2. movimentação de uma para outra região dentro de um mesmo país. (Houaiss, p. 1122).

Poderíamos dizer que o exílio por livre escolha é uma modalidade da emigração. Mas o uso corrente das palavras “exílio” e “emigração” com fronteiras frequentemente atravessadas deixa as discussões muito confusas. O deixar a pátria<sup>77</sup> para

---

<sup>77</sup> Ver a análise do semema pátria em “A destruição da sacrossanta”, de Manuel Domingos Neto. On line.

trás, quaisquer que sejam as circunstâncias, de qualquer forma, deixa marcas indelévels, que podem emergir na vida do exilado ou emigrado com maior ou menor intensidade.

Dizem os psiquiatras Alexei Conte Indursky e Luiz Eduardo Prado de Oliveira no artigo "A melancolização do exílio", de 2016, que,

ao contrário do que secularmente se convencionou, o refúgio é por excelência um objeto ambivalente [...]. O traço comum desse públicamente exilados] é o fato de terem vivido um estado de exceção 'provisoriamente permanente', no qual a vida é reduzida ao mero valor do corpo ([citando Ce qui reste d' Auschwitz, de] Agamben, 2003) e a busca por sobrevivência se impõe ao psiquismo como lógica reinante. Se as experiências de separação e de perdas remetem à finitude, ao irrepresentável da morte e todo seu corolário de angústias, quando vividas em exílio elas se intensificam sobremaneira. (Indursky; Oliveira, p. 243).

Afinal, como deveríamos designar as pessoas que, diante da miséria econômica, sem disporem de ajuda de qualquer tipo, são obrigadas a deixar seus países para garantirem o alimento diário em outros lugares? Seriam elas simples emigrantes que fizeram uma escolha livre? Não seriam elas também pessoas expatriadas, de alguma forma, forçadas a viver no estrangeiro?

Dentre as causas mais frequentes para a emigração forçada e, portanto, para o exílio, também estão as econômicas, ontem e hoje, frequentemente acopladas a injunções de ordem política! Trata-se, no fundo, de perseguições indiretas cheias de matizes, a sufocar a autorrealização plena do indivíduo.

No Brasil imperial, por exemplo, várias motivações estão por trás da imigração ou exílio: motivações políticas (era preciso povoar as imensidões do país, formar um exército disciplinado e treinado para assegurar suas fronteiras, e esta necessidade brasileira casava-se à perfeição com a miséria econômica grassante nos países de língua alemã e outros, causada por várias guerras, com propriedades agrícolas devastadas, camponeses esfomeados e soldados sem trabalho, como tão bem retrata Kasimir Edschmid em *Deutsches Schicksal*, embora em outra época); por trás da imigração ou do exílio dos estrangeiros no Brasil imperial, estavam também as motivações eugenistas (a elite brasileira queria branquear a população) e por trás da imigração ou do exílio dos estrangeiros no Brasil havia ainda as motivações econômicas locais (era preciso angariar para o Brasil mão de obra rural para fazer frente à produção agrícola do país, a braços com o fracasso da escravização dos índios e, depois, com a insuficiência da mão de obra negra escrava, para um país de dimensões continentais e também com a pressão internacional pela abolição da escravatura). A propaganda das terras paradisíacas brasileiras, feita em terras de língua alemã, para atrair não só camponeses empobrecidos e levados à miséria ao tempo das invasões napoleônicas e das revoluções liberais de 1848, e até indivíduos remediados, é relatada, por exemplo, pelo Pastor prussiano Otto Grellert,

falecido em 1993 no Brasil, numa narrativa intitulada *A cada um seu paraíso*, já disponível em alemão e em português no e-book Otto Grellert (1908–1993): vida e obra. Diz o narrador:

Alemão! Por que você ainda trabalha como peão para patrões estranhos? Por que você continua passando fome num pedacinho de terra? Faça as malas e vá para o Brasil! O país mais rico do mundo, com as suas intermináveis matas virgens, espera por você. Lá, também você pode tornar-se senhor de sua própria terra. O melhor solo do Brasil está sendo justamente agora distribuído e liquidado. O lugar, onde a mais moderna cidade deve ser construída com igrejas, escolas, hospitais, bancos e lojas, já está demarcado. O projeto já foi totalmente concluído. Avenidas largas de primeira classe logo serão construídas, e até mesmo a construção de ferrovias está prevista para breve. Em cada colônia de terra há tanta madeira que, só com ela, pode-se pagar o preço estipulado. Operários! Pequenos agricultores! Corram! Garantam a vocês e aos seus filhos o futuro! Garantam para vocês o melhor chão do Brasil! (Trad. Gregory).

## 2. Duplo exílio

Foi em condições semelhantes, com muitos percalços, que os antepassados da escritora Hilda Siri (pseudônimo de Hilda Iris Zwanziger) chegaram ao Brasil. Aliás, a saga de seus antepassados da Europa até o Brasil é reconstruída/traduzida pela escritora numa narrativa memorialista, montada em cima de vários flashbacks, publicada em 1952. O baú carregado pela família na viagem, com que a narradora estabelece um diálogo, na verdade, um longo monólogo, é real e encontra-se exposto no museu da cidade de Ijuí. Esta narrativa intitula-se *O velho baú* e também já pode ser encontrada em alemão e em português no e-book Hilda Siri (1918–2007): vida e obra.

Hilda Siri, falecida em 2007, já é brasileira, descendente de imigrantes alemães, mas é como se não fosse, pois embora tenha nascido e crescido em Ijuí (Rio Grande do Sul), casa com um alemão e vive dentro de uma comunidade absolutamente alemã, na língua, nos costumes, na educação. Os livros vêm da Alemanha via Buchgemeinschaft, as revistas são enviadas por parentes; as notícias chegam da Alemanha pela emissora deutsche Rundfunksendung. Hilda Siri, de educação esmerada, só vem a tomar consciência de que o Brasil em que vive não é alemão, quando Getúlio Vargas, em 1939, proíbe o uso de línguas estrangeiras nas escolas e, depois, em público. Hilda Siri tem então 21 anos! Diz ela numa pequena Autobiografia do espólio: “Os antes alemães, italianos, poloneses, letônios, russos, etc. tiveram que passar a ser brasileiros do dia para noite!”<sup>78</sup>. E, mais adiante, fala de tempos em tudo parecidos com exílio: “Quando a Segunda Guerra Mundial acabou,

---

78 “Aus den ehemaligen Deutschen, Italienern, Polen, Letten, Russen, u.s.w. sollten über Nacht Brasilianer werden.” (Documento do espólio da escritora, datado de 2000, intitulado Autobiografie, gentilmente cedido por seu filho Marcus Zwanziger).

sobrevieram anos de que não gosto de falar. E isso também não leva a lugar algum. Pois quem não experimentou a situação, não entenderá”.<sup>79</sup> Diante de tais palavras, não podemos deixar de lembrar e parar para refletir, resguardados os devidos contextos e distâncias, sobre a coincidência com a frase de Elie Wiesel (1975), citada por Agamben (1998) em *O que resta de Auschwitz*. Diz ele: “os que não viveram aquela experiência nunca saberão o que ela foi; os que a viveram nunca o dirão; realmente, não, até o fundo [...]” (Wiesel apud Agamben, p. 42). Quando Hilda Siri visitou a Alemanha com uma bolsa do Goethe Institut de Porto Alegre e foi a Nürnberg, nada a prendeu lá. É assim que ela registra sua experiência numa narrativa intitulada “Die Parade”, que traduzo a seguir.

#### O desfile/ A parada

Encontrava-me eu num bonde, passeando por Nürnberg. Já não era mais uma jovem e usufruía uma bolsa do Instituto Goethe na Alemanha. No domingo, saindo de Munique, tínhamos feito uma excursão a essa cidade tão antiga, tínhamos visitado a catedral, o castelo, onde, na Idade Média, a dieta do império se reunia, apreciamos a casa de Dürer, tudo explicado e esclarecido por um professor de história da arte, passeamos pela praça com a bela fonte e caminhamos pelo milenar muro da cidade por um tempo.

Agora, eu desfrutava de um período livre das 4 às 8, depois, deveria encontrar-me com o grupo num restaurante, onde jantaríamos, para em seguida iniciarmos o regresso.

Eu estava cansada, mas ainda não tinha vista uma coisa, que, realmente, precisa ser vista, quando se vem a Nürnberg uma vez na vida: o Campo de Marte.

Encontrava-me no assento perto do condutor. O bonde tinha pouca gente. Foi ao condutor que dirigi a palavra: ‘Será que estou no bonde certo para o Campo de Marte?’ ‘Sim. O que vai fazer no Campo de Marte?’ perguntou ele, divertido. ‘Não há nada para ver lá.’ ‘Mas, já houve’, retruquei no mesmo tom. ‘Por favor, avise-me quando eu tiver que descer.’ ‘Bom, então, vai ter de seguir comigo até a estação final e, depois, andar a pé um bom bocado. Tem certeza que quer ir até o campo de Marte? Lá, não há nada mesmo para se ver.’ ‘Para ver ou não’, eu ri atrevida, ‘eu quero ter estado lá.’

Gostei da conversa. De repente, ele olhou para mim curioso e baixando a voz: ‘A senhora também participou daquilo?’ Tive que rir. ‘Primeiro, nessa época, eu ainda era quase uma criança e, segundo, eu sou brasileira.’

Os outros passageiros começavam a prestar atenção e escutavam curiosos a conversa. ‘Bom. Quando chegar o momento e querendo realmente... Os estrangeiros, às vezes, têm cada ideia estranha.’ ‘Eu não diria que a Senhora é uma estrangeira,’ admirou-se um dos passageiros. ‘A Senhora fala alemão como uma alemã.’ Expliquei-lhe com brevidade

---

79 “Als der zweite Weltkrieg zu Ende war, kamen Jahre von denen ich ungern spreche. Und es hat auch keinen Zweck. Denn wer so was nicht durchgemacht hat, versteht es nicht.” (Id. *ibid.*).

as minhas circunstâncias: descendente de emigrantes alemães, escola alemã, mais tarde professora de alemão. Um outro quis saber como eram as coisas em Blumenau, ele lera sobre isso nos livros escolares. Quando alcançamos a última parada, eu e o condutor já éramos amigos e os outros passageiros simpáticos conhecidos.

Eu desci. 'Por ali, à direita, e sempre em frente, falou o condutor. Mas a Sra. precisa apressar-se; logo vai escurecer.'

Comecei a andar a passos largos por uma calçada ampla, que parecia bem comprida. À direita, uma rua de mão dupla, carros para lá e para cá, e do outro lado, blocos de casas, de três a cinco andares, novos, modernos, todos de cores claras diferentes, tudo limpo com planos gramados, árvores e arbustos.

À esquerda, sim, devia ser ali. Uma grande planície gramada, ao fundo, uma construção meio decadente, que se assemelhava em tudo ao coliseu de Roma. Apresssei-me. Ali estava o relvado imenso, sem fim. Lá longe, uma espécie de arco do triunfo, meio em ruínas. 'Como na antiga Roma', ouvi a voz de um professor de meus tempos de escola. Então, era aqui que se realizavam os grandes desfiles, que eu vira em ilustrações e em filmes. Era esse o espaço que ouvira os grandes apelos 'ao meu povo', que eu escutara no rádio, na emissora alemã. Era essa a grama que havia sido pisada por oficiais uniformizados, marchando no mesmo ritmo compassado, há uma, não, há quase duas gerações.

Olhei em volta de mim. O sol havia se posto e, no céu avermelhado da tardinha, a argêntea e delgada foice lunar fazia sua entrada.

Eu estava absolutamente sozinha. Sozinha num espaço cultural que definiu o destino da Europa e a vida de milhões de pessoas. Senti calafrios e um medo gelado acelerou meu passo. No coliseu, algumas janelas estavam iluminadas. Havia americanos instalados lá, disseram-me.

O último pedaço do caminho fiz a correr. Quando alcancei o terminal, um bonde já lá estava posicionado. O mesmo motorneiro cumprimentou-me de modo exuberante, como se tivesse esperado por mim. Voltei a sentar-me perto dele. 'A Senhora viu tudo o que queria?' 'Acho que sim'. 'Desapontada?' Eu não sabia o que dizer. 'Também viu as colunas de mármore de Carrara, que Mussolini nos ofereceu?' 'A tanto não cheguei.' 'Então, a Sra. precisa voltar mais uma vez a Nürnberg. A Sra. perdeu o que há de mais bonito. De fato, já era muito tarde', disse ele para me confortar. Mais uma vez? Quando é que eu voltarei mais uma vez à Alemanha? Como poderia eu imaginar tudo o que ali acontecera outrora... Os desfiles... Assenti com a cabeça. E, de maneira abrupta, lembrei-me de algo: a 'Stadtplatz', a praça da minha cidadezinha natal.

Eu me vi mocinha durante um passeio. De súbito, dobrando uma esquina, surgiu um pelotão de homens de uniformes marrons, botas pretas, na manga direita a insígnia do partido nacional-socialista NSDAP. Talvez uns vinte homens. Marchavam estrondosamente em passadas uniformes sobre os paralelepípedos da rua. Era um comando resolutivo – eles marchavam em ritmo compassado em volta da praça. De novo, um comando. Pararam, passaram à posição de sentido e, então, ouviu-se

bem alto e intimidante a canção de Horst Wessel<sup>80</sup>, seguida por um esgoelado 'Heil Hitler'. Eu conhecia todos os que ali cantavam: cidadãos honestos, artesãos, pequenos comerciantes, um de meus professores e o Pastor Missouri.

Poucas pessoas pararam para assistir à parada. Ninguém deu um pio. Não consigo colocar em palavras o que me abalou. Sei apenas de uma coisa: fiquei envergonhada. Sem querer, as lágrimas rolaram-me pelas faces. Será que estava com saudades de casa? Fora de mais para um só dia.<sup>81</sup>

Afinal, qual era o país de Hilda Siri? A Alemanha ou o Brasil? A Alemanha porque tinha sangue alemão? O Brasil porque aqui nascera? Eram os dois e não eram. Ela habitava um espaço e um tempo imaginários entre dois mundos: a Alemanha e o Brasil. A sua vivência de pertencimento estava em suspenso. E isso é um duplo exílio. Na verdade, ela não era uma "teuto-brasileira" com duas identidades justapostas; ela era uma "brasale" ou coisa que o valha, uma nova identidade, *sui generis*.

Hilda Siri é durante bastante tempo, professora do Goethe Institut em Porto Alegre e, depois, trabalha no jornal Serra-Post e na editora Ulrich Löw em Ijuí. Aqui, como colaboradora e funcionária do jornal Serra-Post, além de traduzir Câmara Cascudo, Coelho Neto, Machado de Assis, Olavo Bilac, Raimundo Correa, Simões Lopes Neto para o alemão, Hilda Siri publica inúmeros poemas, muitas narrativas de cunho memorialista e muitos ensaios no "Cantinho Feminino" (Frauenecke) do jornal, ensaios esses de cunho marcadamente feminino, tendo inclusive despertado a fúria de um leitor. Dela é também o ensaio intitulado "Letras localistas", já traduzido para o português no seu e-book Hilda Siri (1918-2007): vida e obra, em que afirma haver uma diferença básica entre as narrativas escritas antes dessa ordem do Getúlio e as narrativas escritas depois. Segundo ela, as editoras e mesmo os escritores, que queriam ver suas obras publicadas, passaram a praticar autocensura. Eis aqui uma hipótese valiosa para investigação e demonstração num doutorado, assim como a análise das traduções por ela efetuadas.

Suas poesias abordam temas vários. Abaixo, um trecho, ou melhor, a IV estrofe, de um poema intitulado "Kleinigkeiten" (Insignificâncias), de 2000, em minha tradução livre, um poema com um pé lá e outro cá:

---

80 A "Horst Wessel Lied, também conhecida como Die Fahne hoch, era o hino oficial da SA, tornando-se posteriormente o hino do Partido Nacional Socialista (NSDAP), cuja letra foi composta por Horst Wessel, membro do partido em seus primeiros anos. Durante o Terceiro Reich, a Horst Wessel Lied tornou-se um dos hinos oficiais da Alemanha. Após a queda do nazismo, em 1945, a canção foi proibida no país". On line.

81 E-book Hilda Siri (1918-2007): vida e obra.

### **Caros teuto-brasileiros**

já lhes passou pela mente  
a obra de um Wolfgang Goethe  
brotando no florestal ambiente?  
Quem do gênio falaria  
Se em Ijuí nascido teria?

### **Ihr lieben Bras-Teutonen**

habt ihr schon überdacht,  
was wohl ein Wolfgang Goethe  
im Urwald hätt' vollbracht?  
Wer spräche heut' von dem Genie,  
Wär' er geboren in Ijuí?

(Siri, p. 141).

É dela também o seguinte poema, publicado no mesmo ano, sobre a volta para casa, a acenar com sentimentos do exílio em todos os matizes, em minha tradução livre:

### **Tu podes, sim, retornar**

Tu ainda podes retornar, se quiseres.  
A velha casa ainda está cercada de verde;  
No pátio, a fonte sussurra a melodia,  
Que te acompanhou desde sempre.

As árvores alternam flores, frutos  
E seus próprios cheiros doces  
Desejam atrair-te para casa.  
Se te sentires só no mundo estranho...  
Vem pra casa, é só quererem.  
Vem pra casa.

Tu continuas a ter um lar.  
Quantos, quantos não o têm.  
Se neste mundo estás solitário,  
Isso nunca é estar sozinho.

Que te console a certeza:  
A casa paterna te aguarda.  
Alegra-te! Ainda podes retornar, caso queiras.  
A casa paterna sempre será teu lar.

Lá, todos saberão o que te vai no coração  
E a onda que te levanta e carrega sentirão.  
A felicidade em dobro a ti retornará.  
Lá, poderás voltar a ser criança, tu.  
Vem pra casa!

### **Du kannst ja heimkehren**

Noch immer kannst du heimkehren, wenn du  
willst.  
Das alte Haus steht immer noch im Grün;  
im Hof, der Brunnen rauscht die Melodie,  
die dich umfing von spät bis früh.

Die Bäume wechseln Blüten, Früchte  
und ihre eigenen süßen Düfte  
sie wollen dich nach Hause ziehen.  
Fühlst du dich in der fremden Welt allein...  
Komm heim, wenn du nur willst.  
Komm heim.

Du hast noch immer eine Heimat.  
Wie viele, viele haben keine.  
Bist du auf dieser Welt allein,  
Bist du doch niemals einsam.

Eine Gewissheit tröstet dich:  
Dein Elternhaus wartet auf dich.  
Sei froh! Du kannst noch heimkehren, wenn du  
willst.  
Dein Elternhaus ist immer dein daheim.

Dort spürt ein jeder, was dein Herz bewegt,  
Und kennt die Welle, die dich hebt und trägt.  
Die Seligkeit strömt doppelt dir zurück.  
Dort darfst ein Kind du wieder sein.  
Komm heim!

(Siri, p. 106).

Essa situação que aponta para o exílio faz lembrar o ensaio de Edward Said "Reflexões sobre o exílio", quando ele diz:

Ele [o exílio] é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história

contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (Said, p. 46).

Outras narrativas poderiam aqui ser evocadas para mostrar o ambíguo exílio dessa gente de língua alemã em terras brasileiras. Gente perdida, isolada em locais estranhos, hostis.

### 3. Exílio atávico

Lembre-mos que muitos (se não todos) dos que habitam o Brasil ou são imigrantes ou são seus descendentes em escalas geracionais e de estranhamento linguístico variadas. Será que esses indivíduos não trazem em seu inconsciente coletivo essa vivência do exílio? Será que não somos todos nós um tanto exilados como quer Julia Kristeva, ela mesma emigrante/exilada búlgara em Paris, quando afirma que somos estrangeiros dentro de nós mesmos (*nous tous étrangers à nous-mêmes*). No fundo, ser imigrante ou exilado é ter um "Dasein" tensamente acomodado entre dois mundos, um enraizamento desenraizado, é ser a própria alegoria do oxímoro. E, querendo, ir mais fundo no assunto, na desejável/(im)possível conciliação dessa polaridade, poderíamos chegar aos conceitos de "Selbst/Self" e de "individação" (*Individuationsprozess*), desenvolvidos pela chamada psicologia profunda de C.G. Jung. O (ego) exilado teria o trabalho extra de integrar harmoniosamente ao eu mais essa experiência de rompimento em vários níveis de dramaticidade e rumar para o ideal – o entendimento ou a conscientização de seu lugar de interação no mundo coletivo, isto é, ser inteiro, indivisível, distinto, empático e não narcísico. Mas em que língua? Em que dialeto? Em que idioleto?

Se naquelas pessoas, que estão explicitamente vivendo em exílio, isto é, de um modo ou de outro, obrigatoriamente no estrangeiro, a tensão entre os dois mundos está clara, é palpável e é compreensível, nos descendentes dos imigrantes/exilados, isso passa a ser encoberto, mas não menos tenso. Projete-se esse raciocínio para um país como o Brasil em que não há só imigração vinda de fora das fronteiras, mas também dentro das próprias fronteiras. E não só ontem como também hoje. O Brasil é um país de imigrantes e de seus descendentes à procura de uma identidade coesa nas muitas diferenças, ainda.

Será que a história da literatura brasileira não deveria contemplar com um capítulo a produção literária desses imigrantes/exilados, eles mesmos também tradutores de tantas obras da literatura brasileira, eles que urdem uma imagem *sui generis* da realidade do país? Não nos podemos esquecer que um cânone literário é

um constructo cultural. Seus limites são, portanto, artificiais e estão sujeitos a mudanças. A isso se refere Wander Melo Miranda no ensaio “Nações literárias”, publicado no livro do mesmo nome.

O projeto LIBEA “Literatura brasileira de expressão alemã” já disponibiliza on line muitas traduções desses textos silenciados com o fito de amenizar o “exílio” linguístico desses autores e proporcionar solo fértil à germinação de mais pesquisas.

### **Fontes bibliográficas**

Agamben, Giorgio. *Quel che resta di Auschwitz. L'archivio e il testimone*. Torino: Bollati Boringhieri, 1998.

Agamben, Giorgio. *O que resta de Auschwitz. O arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Trad. Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

Brecht, Bertolt. *Gesammelte Werke 9. Gedichte 2*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1967, p. 718.

Brecht, Bertolt. “Acerca do termo imigrantes”. Trad. Tercio Redondo. *Traulito*, nº 2, julho/agosto de (2010): 14.

Brecht, Bertolt. “Sobre a designação de emigrantes”. In: Vallias, André. *Bertolt Brecht: poesia*. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 326.

Edschmid, Kasimir. *Deutsches Schicksal*. Berlin: Zsolnay, 1932.

Grellert, Otto. “Jedem sein Paradies”. *Serra-Post-Kalender*. Ijuí: Ulrich Löw, 1954, p. 173-182. Também no e-book *Otto Grellert (1908-1993): vida e obra*.

Harari, Yuval Noah. *Homo Deus. Uma breve história do amanhã*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Houaiss, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. Indursky, Alexei Conte; Oliveira, Luiz Eduardo Prado de. “Sobre a melancolização do exílio”.

*Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. 19 (2), jun. (2016): 242-258. On line.

Kristeva, Julia. *Étrangers à nous mêmes*. Paris: Gallimard, 1991.

Kristeva, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Miranda, Wander Melo. *Nações literárias*. São Paulo: Ateliê, 2009. Neto, Manuel Domingos. "A destruição da sacrossanta". On line.

Nouss, Alexis. *La condition de l'exilé*. Paris: Editions de La Maison des Sciences de l'Homme, 2015.

Nouss, Alexis. *Pensar o exílio e a migração hoje*. Trad. Ana Paula Coutinho. Porto: Edições Afrontamento, 2016.

Ribeiro-de-Sousa, Celeste. *Hilda Siri (1918–2007): vida e obra*. São Paulo: Instituto Martius– Staden, 2008.

Said, Edward. *Reflexões do exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras,

2003. Siri, Hilda. Die alte Truhe. Serra-Post Kalender. Ijuí: Ulrich Löw, 1952, p.81-92.

Zwanziger, Iris. Die alte Truhe. 2ª ed. Campinas: edição da autora, 2000, p. 23-31.

Siri, Hilda. O velho baú. Trad. Tradução de Celeste Ribeiro-de-Sousa e Maria António Hörster. In: Ribeiro de Sousa, Celeste, Hilda Siri (1918-2007): vida e obra. São Paulo: Instituto Martius- Staden, 2008. On line

Siri, Hilda. "Die Rache des Urwalds". Serra-Post Kalender. Ijuí: Ulrich Löw, 1955, p. 107-110. Também no e-book Hilda Siri (1918-2007): vida e obra.

Zwanziger, Iris. Die alte Truhe. 2ª ed. Campinas: edição da autora, 2000, p. 31-34.

Siri, Hilda. "A vingança da floresta virgem". Trad. Maria António Hörster. In: Hilda Siri (1918-2007): vida e obra. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2008. On line.

Vergueiro, Paola Vieitas. "Jung, entrelinhas: reflexões sobre os fundamentos da teoria junguiana com base no estudo do tema individualização em Cartas". In: Psicologia: teoria e prática. V. 10. nº1. jun. 2008: 125-143. On line.

Wiesel, Elie. "For some measure of humility". Sh'ma: a journal of jewish responsibility. 31 oct. (1975): 314.

Zwanziger, Iris (Siri, Hilda). "Kleinigkeiten IV". Zwanziger, Iris. Die alte Truhe. 2ª ed. Campinas: edição da autora, 2000, p. 141-143. Também no e-book Hilda Siri (1918-2007): vida e obra.

Zwanziger, Iris (Siri, Hilda). "Du kannst ja heimkehren". Zwanziger, Iris. Die alte Truhe. 2ª ed. Campinas: edição da autora, 2000, p. 106. Também no e-book Hilda Siri (1918-2007): vida e obra.

Zwanziger, Iris (Siri, Hilda). Die Parade. Die alte Truhe. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 156-158. Também no e-book Hilda Siri (1918-2007): vida e obra.

## 16. Reabilitando memórias da diversidade Karl von Koseritz: texto alemão, realidade brasileira\*

Os seres humanos, em sua necessidade de lidar com o coração em conflito, em seu desejo de conciliar as contradições advindas do sofrimento, do medo e da raiva com a busca do bem-estar, entregaram-se a conjeturas e deslumbramentos, descobrindo, assim, como fazer música, dança, pintura e literatura.

(Antônio Damásio 2018, p. 16).

São inúmeros os textos produzidos por imigrantes de língua alemã e seus descendentes que se poderiam encaixar no título mencionado: consulte-se o macroprojeto de pesquisa “Literatura brasileira de expressão alemã” – LIBEA, on line. São bastantes os textos produzidos por imigrantes de língua alemã e seus descendentes que poderiam compartilhar o cânone literário brasileiro e fazer parte da história da literatura brasileira em um capítulo sobre o assunto.

Para a exposição que se segue sobre a reabilitação de memórias da diversidade, veiculadas pela literatura dos imigrantes (e/ou seus descendentes) que estão na base da construção de uma das muitas perspectivas que construíram/constroem a imagem do Brasil, foi escolhido o texto poético *Die Sühne* (A expiação), de Karl von Koseritz (1830-1890), publicado em 1875, por sua abrangência histórica.

### **A dupla nacionalidade e o bilinguismo do autor**

Karl von Koseritz, de família nobre, nasce em 7 de junho de 1830, na cidade de Dessau, capital do ducado de Anhalt, à época estado-membro da Confederação Alemã (1815-1871). Assim se chamava a Alemanha, então. Napoleão havia posto fim ao Sacro Império em 1806. Em 1807, o rei português D. João VI, também forçado por Napoleão, optara por transladar a corte imperial para sua colônia americana do Brasil. A instabilidade política instalara-se por toda a Europa e, claro, pelos antigos reinos, principados, ducados, cidades livres que constituíam o Sacro Império. Alguns submeteram-se a Napoleão e a chamada Confederação Alemã (1815- 1871) foi criada.

\* Nota: Este texto foi originalmente publicado no livro: Nascimento, Lyslei & Nagae, Neide (orgs.). Línguas em trânsito na literatura: espaços, memórias, identidades. Belo Horizonte: Caravana, 2019, p.7-32. ISBN – 786550610135.

Dado que as revoluções liberais no ex-Sacro Império, chegadas ao seu auge em 1848, das quais Koseritz participa, fracassam e os regimes absolutistas se mantêm, nosso autor não tem outra saída a não ser emigrar, aliás como já tinham feito Heinrich Heine (1797-1856) e Georg Büchner (1813-1837), quase seus contemporâneos.

### **Karl von Koseritz (1830-1890)**

Ao Brasil, Koseritz chega em 1851, com 21 anos. Encontrara e ocupara uma vaga de marinheiro no veleiro "Heinrich" que transportava uma leva de mercenários contratados por D. Pedro II e que constituíam a chamada "Legião Alemã", necessária ao fortalecimento do exército brasileiro. Passada a Guerra Cisplatina em torno da fronteira sul do Brasil (1825-1828), no reinado de D. Pedro I, e a Guerra dos Farrapos entre imperialistas e republicanos (1835-1845), durante a regência (D. Pedro II era menor de idade), passada a vigência da República Rio-Grandense com capital em Piratini (1836-1839), o governo brasileiro continua a esforçar-se por angariar, na Europa, soldados para seu exército. Ao tempo dos regentes Feijó e Araújo Lima (1837-1840), trata-se de fazer frente à hegemonia totalitária do caudilho Juan Manuel José Domingo Ortiz de Rosas, político e oficial militar argentino, governador da província de Buenos Aires, e, por pouco tempo, da Confederação Argentina (1835-1862). Pretende Juan Manuel Rosas reconquistar para a Argentina os territórios outrora pertencentes a uma chamada província "Misiones Orientales" que, à época, encontrava-se dividida entre o Paraguai, o Uruguai e o Brasil. Em 1851, o Brasil socorre o Uruguai e entra na chamada Guerra do Prata (1851-1852) que dura até fevereiro de 1852, quando o Brasil assume a hegemonia nessa região. Chegado ao Rio de Janeiro em 1851, como se disse, Karl von Koseritz adere ao 2º Regimento de Artilharia da mencionada Legião Alemã, tornando-se um Brummer, provavelmente, sua única alternativa de emprego. O nome Brummer significa resmungador, murmurador. Os cerca de 1800 homens da Legião Alemã falavam em seus dialetos germânicos e isso parecia aos brasileiros um resmungo. E também resmungavam por causa do baixo soldo e das precárias condições de vida no Brasil. Mas, como Koseritz tinha ideias liberais, termina por desertar, ao ser mandado para a cidade de Rio Grande em 1852. Passa, então, a viver em Pelotas, trabalhando como guarda-livros, professor, dono de colégio, jornalista, redator, tradutor, escritor. Chega a fundar seu próprio jornal O brado do sul e um almanaque - o Koseritz' deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul (Almanaque popular alemão do Koseritz para a Província Rio Grande do Sul). E, claro, entra na política local. Casa-se com a brasileira Zeferina Maria de Vasconcelos, filha de estancieiro. Com ela vem a ter quatro filhas. Em 1864, com 34 anos, muda-se de Rio Grande para Porto Alegre. Aqui, naturaliza-se brasileiro para melhor atuar politicamente em defesa de seu ideário liberal. Mas, não só. Sendo anticlerical, anti-França, antipositivista, defende o darwinismo e o monismo. Advoga a modernização da educação, a participação intensiva dos imigrantes de língua alemã e seus descendentes na política nacional, sem, contudo, anular a marca da germanidade na sociedade brasileira. "Testemunha" a Guerra do Paraguai (1864-1870).

A colaboração em diversos jornais possibilita-lhe a comunicação tanto com gente de fala portuguesa (debate com Julio Castilhos) quanto com pessoas de idioma alemão (polemiza com Wilhelm Rotermund). Torna-se membro do Partido Liberal, ligado a Silveira Martins. Integra a Assembleia Provincial de 1883 a 1889 na qualidade de representante da região colonial rio-grandense. Liga-se à maçonaria. Interage com Silvio Romero. Deixa um considerável número de textos literários. Entre eles, *Die Sühne* (A expiação), aqui focado.

*Die Sühne* (A expiação) é uma narrativa composta por quatro capítulos, exhibe um título pesado, trágico mesmo, pois a palavra expiação aponta para a purificação/para o castigo compensatório de faltas ou crimes cometidos. Trata-se de um texto que abre espaços vários, levanta memórias de guerras, dá contorno a identidades em formação e plasma imagens do Brasil da época (e de hoje?).

### **O colono Schulze**

*Die Sühne* (A expiação) é um texto iniciado in medias res, denso de informações aludidas, costuradas a uma linha de ação, que desvela a história singular do imigrante alemão Wilhelm Schulze, a qual vai progressivamente se tensionando até chegar a um clímax trágico, quando o imigrante perde os filhos na Revolução Farroupilha. Trata-se de um clímax que não conhece alívio senão muito mais tarde, a apenas algumas linhas do final, no momento em que Schulze revela ser um outro, um falsário chamado Arno Rothenbusch, natural de uma cidadezinha de Brandenburg. Tal revelação eclode durante o seu encontro com Heinrich, o filho do amigo por ele vitimado, que o destino/narrador/autor faz vir ao Brasil e apaixonar-se por sua filha única. Sob o acicate do remorso, associado à dor pela morte dos filhos, permite, então, que este com ela se case. Schulze/Rothenbusch passa, a partir desse momento, todos seus bens ao casal e desaparece em Porto Alegre para expiar seu crime.

A história passada na Alemanha (Confederação Alemã), protagonizada por Arno Rothenbusch, o mau caráter, que ludibriara um amigo, que lhe ficara com os negócios, vendera-os e, com o dinheiro, fugira para o Brasil, é narrada em flash back. Engajara-se o malandro num grupo de gente pobre e empobrecida, enfeitçada pelas propagandas de um tal major Schäffer enviado à Alemanha a mando do imperador D. João VI. Rothenbusch chega ao Brasil, ainda colônia, por volta de 1820.

De fato, na história do Brasil houve um major Schäffer. O histórico major Schäffer chamava-se Georg Anton Schäffer. Foi um médico (doutor em medicina na Universidade de Göttingen), um negociante e um militar, nascido em Münnerstadt, cidadezinha do Palatinado, Sacro Império Germânico, em 7 de janeiro de 1779. Era poliglota: falava alemão, latim, francês, russo e português. Possuindo espírito aventureiro, viveu na Rússia, envolveu-se com assuntos militares e recebeu do czar o título de barão. Depois de um incidente na colonização do Havaí, foi-lhe permitido regressar à Alemanha. Mas, antes de regressar, dirigiu-se ao Rio de

Janeiro, onde chegou em abril de 1818. Trazendo na bagagem material naturalista para o Museu Real, aproximou-se da recém casada princesa Leopoldine, falante de alemão tal como Schäffer, que, por sua vez, o encaminhou ao sogro, rei D. João VI e, assim, Schäffer consegue acesso à corte brasileira. D. João VI esforçava-se por atrair imigrantes europeus para trabalhar na colônia. Como diz o historiador Antônio Pedro Vicente, "Surgia, agora, o tempo das plantações, que levou a um novo ciclo de agricultura diversificada: o tabaco, o algodão, o cacau e o gado passaram a representar importante papel na conjuntura econômica brasileira até aos primeiros anos do século XIX". (Vicente 1993: 201).

Tempos depois, Schäffer viaja à Conferação Alemã e, em 1821, retorna ao Brasil com 4 famílias arrebanhadas, num total de 20 pessoas. Consegue de D. João VI terras na Bahia, às margens do rio Peruípe, para se estabelecerem e deu a essa colônia o nome de Frankental. (Oberacker Jr. 1987: 462 e seg). Schäffer é nomeado agente de negócios públicos e, depois da independência do Brasil, é enviado à Europa com instruções precisas de José Bonifácio de Andrada e Silva para arregimentar não só colonos mas também militares. É o Major Schäffer o responsável pela formação do "Corpo de Tropas Estrangeiras" (1822-1823) no incipiente exército brasileiro. Também sob sua tutela, chegam nessa época ao sul do Brasil mais 264 colonos, instalados perto do morro de Queimados. Um outro grupo, trazido por Schäffer em 1824, é estabelecido em São Leopoldo (na antiga Real Fitoria do Linho Cânhamo) e em Novo Hamburgo. Um outro grupo ainda, nesse mesmo ano, é estabelecido por Schäffer em Três Forquilhas (RS). Um último grupo, por ele angariado, chega a Torres em 1925.

Conforme o narrador onisciente da narrativa de Koseritz, no 1º capítulo, Arno Rothenbusch, uma vez no Brasil, adota o nome de Wilhelm Schulze. Ganha terras numa colônia em plena mata virgem. Não consegue, porém, levar a bom termo o trabalho de derrubar a floresta, construir uma choupana e preparar o solo para colheitas. Revela-se um sujeito afeito a frequentar botecos e a tomar cachaça. Não lhe falta dinheiro, contudo. Depois de 4 anos, some da colônia. Passado mais um ano, ainda segundo o narrador, reaparece na cidadezinha de São Gabriel, bem vestido e ainda com bastante dinheiro. Um ano depois, sabe-se na colônia que Schulze viaja com frequência a Porto Alegre, onde vende peles e outros produtos da Campanha. E, logo, corre a notícia de que Schulze está de volta à colônia, casado com uma alemã recém- chegada, a jovem e bela Maria, deseja aí comprar terras e estabelecer-se.

É um outro homem. Realmente, compra glebas excelentes à margem do rio por cinco mil réis, constrói uma bela casa e emprega várias pessoas para cuidar do gado, da loja e do moinho. O tempo corre, dois meninos encantadores nascem, seguidos de uma menina. Um idílio, mas um idílio só na aparência. Um mistério turva os olhos de Wilhelm Schulze. Mostra-se um sujeito amigo de todos, mas a amizade não vai além da superfície. Está-se no ano narrativo de 1842.

Assim termina o 1º capítulo de duas páginas:

Lieschen, a linda filhinha loira de Schulze, tinha no ano de 1842, no início do nosso conto, apenas seis anos, quando os dois irmãos já tinham doze e catorze. Seria difícil imaginar uma família mais feliz, não fosse uma melancolia lúgubre, que, de tempos em tempos, ofuscava a mente de Schulze, embora os carinhos da esposa e de Lieschen sempre afastassem as nuvens para longe.<sup>82</sup>

## Schulze e o viajante

O segundo capítulo da narrativa em pauta, de 6 páginas, traça uma paisagem sócio- econômica e política do sul do Brasil na época. Começa em junho de 1842, num dia de tempestade. O tempo exterior anuncia e prepara o leitor para a borrasca prestes a eclodir no enredo. A tempestade não só assinala mau tempo meteorológico. Prefigura também maus tempos políticos e pressagia destinos funestos. Por todas essas razões, Wilhelm Schulze é levado a fechar a loja mais cedo para se proteger. Diz o texto que corriam boatos sobre a presença do Menino Diabo na região, aquele sujeito que espalhava terror por onde passava.

O Menino Diabo, apelido de Antônio Joaquim da Silva, foi, de fato, uma figura histórica, um revolucionário brasileiro que lutou na Revolução Farroupilha. Era natural de Portugal e foi assim apelidado em virtude da baixa estatura e da alta crueldade. Segundo a historiadora Hilda Hubner Flores, a guerra civil (Farroupilha), em 1839, já dava sinais de término em São Leopoldo. Os farrapos aglutinavam-se, nesse momento, em torno Caçapava no Paraná. Mas a insegurança permanecia em toda a colônia. O Menino Diabo, conforme a historiadora, não tinha ideologias; era apenas um oportunista dentro da revolução. Ainda assim, dava-se a autoridade para “arregimentar” cavalos de colonos, prendê-los e assassiná-los, caso não concordassem com seus termos. Visava fazer fortuna fácil. Segundo uma das versões, conforme Hubner Flores, foi assassinado pelos colonos, sob a liderança de Bento Manoel ou Bento Alves, durante um piquete legalista, entre outubro e dezembro de 1837. Ainda segundo a mesma historiadora,

João Luís Gomes, em suas memórias datadas de 1895, confirma que Menino Diabo andava em dois lanchões armados fazendo diabruras pelas ilhas de Porto Alegre. Perseguido, subiu o rio Taquari, desembarcou artilharia e infantaria e conseguiu reunir alguns homens da cavalaria, formando uma força de cerca de 300 homens [...] em setembro de 1836, tomou a vila de Rio Pardo. Durante dias praticou violências e insultou as principais famílias locais e lhes cobrou contribuições, saqueou casas comerciais para depois distribuir a quem lhe convinha. (Flores 1995, p. 55).

---

82 Trad. João A. Gregory. “Lieschen, das bildschöne, blonde Töchterchen Schulze’s, war beim Beginne unserer Erzählung im Jahr 1842 erst sechs Jahre alt, während die beiden Brüder schon zwölf und vierzehn Jahre zählten. Eine glücklichere Familie konnte man sich nicht leicht vorstellen, wäre nicht eine düstere Schwermuth gewesen, die von Zeit zu Zeit Schulze’s Stirn verfinsterte, wengleich die Liebkosungen seiner Frau und Lieschens die Wolken immer wieder vertrieben”. (Koseritz 1875, p. 35)

Wilhelm Schulze, nossa personagem principal, é, a esta altura, um homem bilíngue, maduro, de 42 anos, com cabelos grisalhos e sobrancelhas espessas. Desfruta de uma situação econômica muito confortável, sua casa interiorana é uma das raras equipada com fogão de ferro para espalhar calor pelos aposentos. A esposa possui empregada. É um homem bem casado, tem 3 filhos – 2 rapazes e uma menina – aplicados, todos dentro dos moldes sociais por eles cultivados. É retratado de roupão espesso, de pantufas e gorro de pele de lontra sentado numa cadeira lendo um exemplar da “Pfennig-Magazin”, uma revista financeira alemã. Pareceria até um quadro familiar Biedermeier não anunciasse a revista o progresso tecnológico alemão, ilustrado nas edições da época.

Entretanto, apesar da opulência, aquele mistério, que turvava os olhos de Wilhelm Schulze no 1º capítulo, permanece no seu olhar taciturno e nos profundos sulcos na testa e ao redor da boca.

É neste capítulo, que Schulze recebe a inesperada visita de um viajante/ explorador/ estudioso/cientista, natural da Pomerânia, um indivíduo de perfil psico-social absolutamente diferente, talvez mesmo oposto, o que vai permitir ao narrador, através do contraste, iluminar e deixar em evidência a personagem central da narrativa, ou seja, o colono Schulze. O viajante volta da serra e está a caminho de Porto Alegre. No meio do caminho, pede pousada. É recebido com toda a hospitalidade. A conversa entre os dois homens gira em torno dos perigos que rondam não só os caminhantes mas também os colonos que moram fora das grandes cidades. São mencionados os assaltos, as mortes cruéis e a Guerra dos Farrapos.

Schulze mostra-se completamente indiferente à situação política do império brasileiro, levando o forasteiro a provocá-lo, comentando parecer o imigrante estar do lado do imperador. Schulze, porém, não tem ideologias. Schulze está interessado apenas em vender e lucrar. Tanto faz o lado que compre: os imperialistas ou os republicanos (farrapos). Vê na guerra, aliás, uma oportunidade de enriquecer mais. Schulze é um homem cheio de autoconfiança. Declara ele: “todos eles sabem que com o Guilherme Alemão não se brinca”.<sup>83</sup> Mas, já neste passo, no encontro dessas duas personagens – o colono e o viajante – as palavras de Mateus (6:24) se fazem presentes no imaginário do leitor: “Ninguém pode servir a dois senhores...”.

Da conversa entre os dois, emerge um primeiro esboço do perfil psico-social de Schulze. Fica-se sabendo que o colono provém da Renânia, especificamente da cidade de Koblenz, que defende os Hunsrückers como bons agricultores e difama os colonos de Mecklenburg, associados a roubos de igrejas.

Na história do Brasil, consta realmente que a maioria dos colonos era, de fato, politicamente descompromissada. Por exemplo, na Guerra dos Farrapos, embora

---

83 Trad. Alceu J. Gregory. “[...] die wissen eben Alle, daß mit dem Guilherme Allemão nicht zu spaßen ist.” (Koseritz 1875, p. 37).

houvesse gente alemã arregimentada para os dois lados (legalista e revolucionário), a historiadora Hilda Hubner Flores afirma que, no decorrer de suas pesquisas, encontrou “uma constante no comportamento do colono ao longo do séc. XIX e início do atual, sua prontidão, não para a política, mas para a defesa de sua família e propriedade”. (Flores 1995, p. 31).

Porém, o viajante parece ter outra opinião e, certamente, a opulência de Schulze num entorno tão precário, chamara-lhe a atenção. Segundo ele, os alemães não deveriam explorar as pessoas numa terra tão dadivosa. Tal prática não engendraria felicidade, pois, um dia, com certeza, o arrependimento surgirá. Esta observação, curiosamente, cala fundo em Schulze, levando-o a perguntar: “Você acredita, portanto, que o bem injustamente conseguido não prospera?” [...] “Pode até ser; mas vem um dia, em que o arrependimento se abate sobre todos.”<sup>84</sup> E o viajante ainda acrescenta que não Deus, mas o poder da consciência será a fonte punidora.

O capítulo termina com a despedida do viajante no outro dia, depois do café de manhã.

### **O pecado e a tragédia do colono Schulze**

O terceiro capítulo, de oito páginas, retoma a ação narrativa dois anos depois do encontro entre o imigrante e o cientista, ou seja, em 1844. O olhar do narrador foca agora os dois filhos vigorosos do colono – de 14 e 16 anos respectivamente, os quais colaboram em todas as atividades paternas, fazendo a fortuna da família ampliar-se sempre. Todavia, tais circunstâncias, ao invés de tornarem Schulze um homem feliz e realizado, não se mostram suficientes para isso. Schulze mostra-se cada vez mais angustiado e isola-se progressivamente.

Ninguém consegue entender tal metamorfose, nem mesmo a esposa que chega a duvidar do amor do marido.

Em paralelo à vida privada da personagem, o narrador pinta, no pano de fundo histórico em que os destinos da família tomam forma, as cores berrantes da guerra. A Revolução dos Farrapos aproxima-se do fim: o marechal Caxias (imperialista) vem se impondo. Mas o general Canabarro (Farrapo) ainda promove lutas pelas redondezas da casa de Wilhelm Schulze.

Na história do Brasil, houve, de fato, um militar de alta patente chamado David José Martins (1796-1867), conhecido por David Canabarro. Aderiu à Revolução Farroupilha tardiamente, substituindo Bento Gonçalves no seu comando em 1843.

---

84 Trad. Alceu J. Gregory. “Ihr meint also, daß unrecht Gut nicht gedeiht?” “Das gerade nicht. Oft genug gedeiht es, aber – die Leute werden seiner nimmer froh”. (Op. cit, p. 39).

É assim que o cenário histórico brasileiro entra no ambiente privado dos Schulze em 1844. Conta a narrativa de Koseritz:

Um bando de homens a cavalo [pertencente a Caxias/império] parou em frente ao estábulo perto da casa. A aparência dessa gente não inspirava confiança. Eram figuras selvagens, vestidas de chiripá e com esporas de ferro no calcanhar do pé esquerdo descalço. Uma jaqueta militar, um chapéu-braga de aba larga, um poncho esburacado sobre o selim, este era o seu uniforme; longas lanças em punho, as temidas ferraduras de guasca, trabucos de cano largo e facas longas na cartucheira, laço e boleadeiras eram estas as suas armas. Deviam ser uns cinquenta homens; na frente estava um oficial do alto-comando, vestindo um envelhecido casaco de uniforme cheio de medalhas, montado num majestoso cavalo coberto de prata. O homem tinha um olhar malévol, penetrante, barba rala, alguns cabelos brancos, e sua mão esquerda machucada repousava em uma faixa; sua postura, no entanto, era rígida sobre o cavalo impetuoso e seu olhar traiçoeiro reluziu de prazer, quando viu os belos animais de Schulze.

“É exatamente isto que precisamos”, gritou ele em português para um jovem oficial do grupo. “Ei, alemão, vou requerer os seus cavalos para o serviço do imperador!”

Schulze apurou-se imponente. “Meus cavalos são minha propriedade e se o imperador precisa deles, que os compre de mim, mas somente os que estiverem à venda!” Ele disse isso em português, pois dominava perfeitamente a língua. Embora desarmado, opunha-se destemido diante dos cavaleiros.<sup>85</sup>

Não se decidir pela ajuda a um dos lados da contenda, que pudesse oferecer algum tipo de proteção, eis o grande pecado de Schulze! Talvez isso mostre o quanto ele é ainda um estrangeiro em terras brasileiras. Afinal, se não fossem os homens de Canabarro (imperialistas), poderiam ser os farrapos republicanos. Schulze está no Brasil, fez fortuna no Brasil, tem uma família “brasileira”, nascida aqui, mas não reconhece o país que lhe dá abrigo, nem como império nem como república. Schulze acaba atacado pelo mais feroz dos oficiais do imperador, cai inconsciente, os cavalos são roubados, os filhos são amarrados e levados prisioneiros.

---

85 Trad. Alceu J. Gregory. “Ein Trupp berittener Männer hielt am Corral, der dem Hause gegenüber lag. Beruhigend war der Anblick der Leute wahrlich nicht. Es waren wilde Gestalten mit Chiripá bekleidet und mit dem eisern Sporn am Hacken des nackten linken Fußes. Eine Militärjacke, ein breitkrämpiger Braga-Hut, ein durchlöcherter Poncho über dem Sattelknopf, das war ihre Ausstaffung; lange Lanzen in den Fäusten, die gefürchteten (ferradura genannten) Säbel an Koppeln aus Guasca, breitmündige Trabucos und lange Messer in der Cartucheira, Lasso und Bolas am Sattelbock bildeten ihre Bewaffnung. Es mochten wohl fünfzig Mann sein; an ihrer Spitze hielt ein höherer Officier mit Obristen-Divisas auf seiner alter Uniformsjacke auf einem vorzüglichen, mit Silber bedeckten Pferde. Der Mann hatte einen bösen stechenden Blick, struppigen Bart, ergrauendes Haar und sein linker Arm hing gelähmt in einer Binde; dabei saß er aber wie gegossen auf dem feurigen Pferde und sein tückisches Auge blitzte vor Lust, als er Schulze's schöne Thiere sah. „Das ist ja, was wir brauchen“, rief er auf portugiesisch einem ihn begleitenden jungen Officier zu. „Hallo, Allemão, Deine Pferde requirire ich für Kaisers Dienst!“ Schulze richtete sich hoch auf. „Meine Pferde sind mein Eigenthum und wenn der Kaiser sie braucht, soll er sie kaufen, nämlich die, welche mir feil sind!“ Er sagte dieses auf portugiesisch, denn er war der Sprache vollkommen mächtig. Unbewaffnet wie er war, stand er den Reitern dennoch furchtlos gegenüber“. (Op. cit, p. 42).

Recupera os sentidos. Maria também. Põe-se, então, a procurar obsessivamente os dois meninos. E, depois de algum tempo, acha-os no caminho para Taquari e volta para casa com seus cadáveres de gargantas cortadas. Maria, ao ver a cena, enlouquece e, logo, morre. É enterrada junto aos filhos na propriedade.

Resta a Wilhelm Schulze a filhinha loira de quase 6 anos de quem é preciso cuidar. Por ela, é preciso cuidar dos negócios.

Passa-se 1 ano. Está-se em 1845. Schulze envelhece profundamente na sua aparência. Seu íntimo afunda-se em sombras. A tristeza de Schulze contrasta vivamente com o seu teimoso sucesso financeiro.

Certo dia, o mesmo viajante, regressando de novo de uma viagem exploratória ao interior do estado, bate-lhe à porta. Em suas conversas, repete-se na mente de Schulze o diálogo que deixa entrever e denuncia a matriz da sua misteriosa perturbação:

Você acredita, portanto, que o bem injustamente conseguido não prospera?

Pode até ser; mas vem um dia, em que o arrependimento se abate sobre todos. [...]

Schulze baixou tímido os olhos. "Meu Deus", gemeu ele, "então, não há misericórdia, não há alívio para aquele, que comete o mal contra os outros?"

O forasteiro tinha-se erguido e disse com semblante sério: "Para ele só há uma saída, só uma coisa para apaziguá-lo – a expiação da injustiça cometida!"

Schulze encolheu-se e, arrepiado, repetiu: "A expiação!" [...]

O homem solitário ainda continuou na sala, pensativo, por longo tempo e, quando enfim se ergueu com um suspiro profundo, para procurar seu quarto, murmurava ainda meio inconsciente: "A expiação – sim, a expiação!"<sup>86</sup>

Assim termina o capítulo III – de maneira meditatunda.

---

86 Trad. Alceu J. Gregory. "Ihr meint also, daß unrecht Gut nicht gedeiht?" "Das gerade nicht. Oft genug gedeiht es, aber – die Leute werden seiner nimmer froh". Op.cit, p. 39. [...] "Schulze senkte scheu das Auge. „Mein Gott“, stöhnte er, „gibt es denn gar keine Gnade, keine Ruhe für Den, der Anderen Uebles that?“ Der Fremde hatte sich erhoben und sagte mit ernstem Blick: „Es gibt für ihn nur Eins, was Ruhe bringen kann – die Sühne des verübten Unrechts!“ Schulze sank in sich zusammen und wiederholte unter einem Schauer: „Die Sühne!“ [...] Der einsame Mann in der Stube starrte noch lange vor sich hin und als er sich endlich mit einem tiefen Seufzer erhob, um sein Lager aufzusuchen, murmelte er noch immer halb unbewußt: „Die Sühne – ja, die Sühne!“ Schulze sank in sich zusammen und wiederholte unter einem Schauer: „Die Sühne!“ Der Fremde warf noch einen langen mitleidigen Blick auf den gebeugten Mann und verließ dann mit leisen Schritten das Gemach, um sein Bett in dem ihm schon bekannten Gastzimmer aufzusuchen. Der einsame Mann in der Stube starrte noch lange vor sich hin und als er sich endlich mit einem tiefen Seufzer erhob, um sein Lager aufzusuchen, murmelte er noch immer halb unbewußt: „Die Sühne – ja, die Sühne!“ (Op. cit, p. 49).

**A expiação de Schulze. Lieschen volta à Alemanha.** O 4º capítulo, o último, de doze páginas, é per se quase outra narrativa – a história de Lieschen, a filha de Schulze, já com 16 anos, portanto, em 1854, em Rio Grande. E faz lembrar o provérbio: Deus escreve certo por linhas tortas. Lieschen tomara as rédeas da casa com 14 anos. Tornara-se uma moça casadoura e tinha, naturalmente, bons pretendentes. Seus olhos, porém, só se ocupavam do velho pai taciturno. Certa noite, de repente, não um viajante, mas “um jovem, com não mais de vinte e dois anos, de roupas novas e bem trajado, chegou, pedindo permissão para pernoitar na casa, pois estava muito cansado”. A princípio, Schulze não quer ajudar, dada a aparência doentia do moço. Pensa tratar-se de um desertor da legião alemã, um Brummer. Essas suposições levam-nos para o ano de 1851 e 1852. O Brasil está em guerra contra o argentino Oribe e Rosas, que disputa a região do rio da Prata. O exército brasileiro recebe reforços de soldados estrangeiros, os chamados Brummer, principalmente, da Alemanha, a maioria “desempregada” depois da Guerra de Schleswig (Prússia) contra a Dinamarca. O próprio autor Koseritz foi um Brummer no Brasil. Declara o narrador que os preconceitos da colônia contra essa gente são grandes. Mas, de tão fraco, o moço soldado acaba desmoronando em frente à porta de Schulze e ali fica o tempo bastante para ser visto por Lieschen. Tomada de misericórdia, propõe-se ela a tratar o rapaz até sua recuperação e, a Lieschen, o pai não consegue opor-se. Durante o restabelecimento do enfermo, não apenas o leitor, entre uma palavra e outra, fica a saber quem ele é, na verdade, mas também pode observar o nascimento de um grande amor entre os dois jovens. Heinrich/Henrique, o mocinho, é natural de Brandenburg, filho de uma viúva vítima de um grande amigo de seu marido, chamado Arno Rothenbusch, que o destruíra e fugira sem deixar rastro. E a narrativa, agora no final, restaura o seu começo em flash back e o nexos de toda a trama se revela. Heinrich/Henrique, também ele destruído, só tivera uma saída: emigrar. Certo dia, enquanto perambulava desesperado pelas ruas alemãs, percebe grande cantoria vinda de um restaurante iluminado. O refrão ecoa: “Viva, viva, a artilharia brasileira!” Ali estava a sua salvação. Entra, inteira-se do que se trata. É encaminhado ao capitão Martim Valentim, assina com ele um contrato de recrutamento como soldado da Legião Estrangeira brasileira e, três dias depois, embarca no navio “Heinrich” rumo ao Brasil. Desta vez, embora possamos deduzir que se trata da vinda dos chamados “Brummer” para o Brasil, ao tempo da Guerra do Prata contra a Argentina, não há notícias históricas nem do arregimentador capitão Martin Valentin, nem do navio “Heinrich”, nem de seu capitão Boyen. Koseritz inventa-os talvez para ficcionar suas próprias experiências e não fazer autobiografia. No Rio de Janeiro, Heinrich/Henrique serve como soldado no Forte da Praia Vermelha. Fica doente e é visitado pelo imperador D. Pedro II. É enviado, em seguida, a Santa Catarina no navio a vapor “Paquete do Sul” (histórico). Presta serviço na guarnição de Rio Grande, onde é bastante humilhado. De saúde bastante frágil, decide desertar. Anda por várias cidades, mas ninguém quer oferecer abrigo a um desertor. Nesse caminho de fuga, chega à casa de Schulze. Quando Wilhelm Schulze percebe o amor nascido entre o soldado e sua filha, com o túmulo de Maria e dos filhos de permeio, o velho colono, num grande dramalhão, tem um ataque de ciúmes e escorraça o moço já

recuperado. Neste passo, ocorre a grande reviravolta da narrativa: ao despedir-se, o jovem desertor pronuncia seu nome completo – Heinrich Tannenheim. Os sons do sobrenome Tannenheim têm o poder de transformar a expressão colérica de Wilhelm Schulze. Evocam e presentificam no velho colono sua história passada na Alemanha, e o seu crime se ilumina bem ali diante de seus olhos. O moço desertor é o filho de seu amigo a quem tudo roubara. A hora da expiação chegara, uma expiação por amor à própria filha. O velho Schulze não só acolhe o jovem, concorda com o casamento, como também cede todos os seus bens aos dois e desaparece em Porto Alegre. O jovem casal, julgando-o morto, vende tudo e regressa à Alemanha, restabelecendo assim, à maneira de um conto de fadas, o equilíbrio de uma situação anteriormente arruinada. A assimilação não se dá, a hibridização (cultural) não é suficiente. O jovem Schulze, mau caráter e criminoso, vem regenerar-se no Brasil e, velho reabilitado, aqui fica purgando o(s) seu(s) pecado(s). São instrumentos de regeneração a suposta e mostrada civilidade de dois outros alemães (o viajante e o mocinho soldado – elementos celestiais?) e a crueldade exposta dos soldados brasileiros (inferno). O Brasil assume a um só tempo as feições de inferno e purgatório. O casal bonzinho volta à Alemanha (um pedaço de céu?).

### **Considerações finais**

Esta narrativa de Koseritz ilustra até certo ponto a tese de Giralda Seyferth, uma descendente de imigrantes de língua alemã, em *Nacionalismo e identidade étnica* (1982), em que a especialista declara que “nem a industrialização, a urbanização ou mesmo a campanha de nacionalização, conseguiram descaracterizar o grupo étnico [teuto-brasileiro]. Apenas modificaram alguns critérios que eram usualmente empregados como identificadores [dessa etnia, resistente à hibridização ou mestiçagem]”. (Seyferth 1982, p. 219).

No entanto, o brasileiro Darcy Ribeiro inverte a perspectiva e afirma em *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil* (1995) que a matriz étnica proveniente da miscigenação entre portugueses e índias foi capaz de absorver os imigrantes e de “abrasileirá-los”, e “apenas estrangeirou alguns brasileiros ao gerar diferenciações nas áreas ou nos estratos sociais onde os imigrantes mais se concentraram”. (Ribeiro 2000, p. 21).

Vale a pena, para terminar, atentar também para as palavras de Gianetti da Fonseca em *O elogio do vira-lata* (2018) e sobre elas refletir, quando o estudioso localiza a raiz do complexo de não pertencimento dos habitantes do Brasil já lá atrás ao tempo dos “mazombos”, isto é, dos filhos mestiços de portugueses e índias. Diz Gianetti:

O traço distintivo do mazombo é a ausência do senso de pertencimento: a profunda desconexão entre sua experiência de vida, de um lado, e a terra em que vive e na qual veio ao mundo, de outro. [...] No devido tempo, é claro, muita coisa mudou. Os mazombos deixaram de sê-lo,

pelo menos em nome, para se fazerem brasileiros ao lado de índios, negros e cafuzos natos. Portugal perdeu o posto de Meca dos exilados em sua própria terra, mas o déficit de pertencimento não nos abandonou – longe disso. Expressão acabada dessa postura, entre tantas, é o desabafo do bacharel Paulo Maciel no romance *Canaã de Graça Aranha* [...]. O seu maior anseio era livrar-se das mazelas brasileiras de uma vez por todas, deixar tudo para trás, e emigrar com a família rumo a uma existência digna e civilizada: “O meu desejo é largar tudo isso, expatriar-me, abandonar o país, e com os meus ir viver tranquilo num canto da Europa ... A Europa A Europa!” Embora o objeto preferencial do suspiro se renove com o tempo

– ontem Paris, Roma, Londres, hoje Nova York, Orlando, Miami, [Lisboa]  
– o impulso parece ser essencialmente o mesmo. Ubi bene, ibi patria: onde se está bem, aí é a pátria. (Gianetti 2018, p. 14, 15).

Como Lieschen e Heinrich na narrativa de *Koseritz! Tudo a ver com os dias de agora!* Repare-se, porém, que Wilhelm Schulze, o velho imigrante, permaneceu no Brasil. Aqui, por vontade própria, expiou no anonimato e na humildade seus pecados. Aqui fez seu aprendizado existencial.

Gianetti também alerta o leitor para o fato de que o Brasil e os brasileiros, com a visão positiva encastoadada no complexo de vira-lata, cunhado por Nelson Rodrigues, em outras palavras, com o seu avesso, ou seja, a alegria, o conagraçamento, o calor humano, a amizade, a amabilidade sem cálculo, a disponibilidade para desfrutar intensamente o momento, o prazer de sorrir e saudar a todos, a disposição para festejar e brincar; resumindo, a experimentação inovadora na arte da vida, poderiam fazer a diferença num mundo em que a Modernidade, a Pós-Modernidade e o culto exclusivo à razão estão exauridos. O que corrobora a proposta de António Damásio, neurocientista, que acena com a necessidade de se pesquisarem as raízes e a dinâmica dos sentimentos e das emoções. Declara ele:

Precisamos reconhecer a interação favorável e desfavorável dos sentimentos com o raciocínio se quisermos compreender os conflitos e as contradições da condição humana. [...] Essa associação é responsável pelo surgimento de mentes dotadas de consciência e sentimentos, e essas mentes, por sua vez, são responsáveis por aquilo que é mais distintivo no ser humano: cultura e civilização. [...]

Sem a luz das artes e das humanidades, as ciências não podem iluminar sozinhas a totalidade da experiência humana. (Damásio 2018, p. 13,14,15).

Ao fim e ao cabo, a mensagem profunda da narrativa de *Koseritz Die Sühne* (A expiação) é uma defesa do potencial instrutivo do Brasil para a vida. Aqui ocorreu a transformação do colono Schulze, o movimento (físico e psíquico) que caracteriza par excellence a vida. A volta à Alemanha de sua única filha e do mercenário circunstancial, seu marido, significou a volta ao mesmo. A estaticidade subjaz à morte.

## Fontes bibliográficas

Damásio, Antônio. A estranha ordem das coisas. As origens biológicas dos sentimentos e da cultura. São Paulo: Comp. das Letras, 2018.

Flores, Hilda Agnes Hübner. Alemães na Guerra dos Farrapos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

Koseritz, Carl von. Die Sühne. Erzählung aus der Colonie. In: Koseritz' Deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Walther Kühn, 1875, p. 33–63. Também no e- book Karl Koseritz (1830–1890): vida e obra.

Oberacker Jr. Carlos H. A colônia Leopoldina–Frankental na Bahia Meridional. Uma colônia europeia de plantadores no Brasil. Rio de Janeiro: IHGB, 1987. Disponível em > <https://www.degruyter.com/downloadpdf/j/jbla.1987.24.issue-1/jbla.1987.24.1.455/jbla.1987.24.1.455.pdf><.

Ribeiro, Darcy – O povo brasileiro. 2ª ed. 15ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Ribeiro de Sousa, Celeste. Forçando as fronteiras do cânone. O caso da literatura brasileira de expressão alemã. In: Nascimento, Lyslei & Nagae, Neide (Eds.). Desafios críticos. Literaturas estrangeiras em pauta. Belo Horizonte: Editoras Associadas, 2018, p. 60–80.

Vicente, Antônio Pedro. Política exterior de D. João VI no Brasil. In: Estudos avançados, vol. 7, n. 19, São Paulo, set./dez. 1993, p.193–214.

Seyferth, Giralda – Nacionalismo e identidade étnica. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

# 17. A metaficção no arquivo literário de Wilhelm Wustrow: Entre fatos e *fake news*\*

[...] por que existe a realidade? [...] É possível que a compreensão de fenômeno tão misterioso e arbitrário quanto a própria existência do espaço-tempo e dos objetos do Universo exija, além de viagens intergalácticas, uma viagem interior muito mais profunda. Olhar para dentro, em destemida abdução, rumo ao vertiginoso abismo da consciência, talvez seja tão revelador quanto olhar para fora pelas lentes dos microscópios e telescópios. No futuro, sonhar será cada vez mais clarão.

(Sidarta Ribeiro 2019, p. 379).

Levantar e dar uma organização sistemática à literatura produzida por imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil é um dos objetivos perseguidos pelo macroprojeto de pesquisa LIBEA – “Literatura brasileira de expressão alemã”, on line, que coordeno. Tal produção literária está dispersa e esquecida desde o século XIX em diferentes canais de comunicação (jornais, anuários, brochuras), recolhidos em sessenta e sete arquivos esparramados pelo Brasil e em outros dez na Alemanha, conforme levantamento de Thomas Keil<sup>87</sup>, não se podendo descartar os arquivos em outros países da América do Sul, visto ter havido intercâmbio entre os vários veículos de imprensa de língua alemã no continente. Um outro objetivo deste projeto é chamar a atenção para o valor poético desses textos marginalizados e, ainda assim, pertencentes ao acervo da literatura brasileira. Textos que nos remetem a visões *sui generis* do Brasil, que continuam em suspenso, que preservam um mundo silenciado que ajuda a explicar o presente, que, por sua vez, poderá vir a elucidar o futuro. Citando Reinaldo Marques:

[textos que constituem um] espaço aberto e inacabado, zona de contato e relações entre distintas temporalidades e subjetividades, capaz de percorrer discontinuidades e estranhamentos em relação ao tempo presente, a ativar anacronismos potencialmente problematizadores da racionalidade arcôntica, estatal e científica, da evidência histórica. (Marques 2015, p. 22).

---

\* Nota: Este texto foi originalmente publicado no livro: Maia, Claudia & Nagae, Neide (orgs.). Coleção e arquivo. Memória e tradição. São Paulo: FFLCH-USP, 2021, p. 213–230. ISBN: 9786587621555. On line. 87 O Dr. Thomas Gernot Keil é membro do grupo de pesquisa “dbp digital” da Universidade Federal do Paraná. Informação obtida via e-mail.

Já defendi em outros ensaios a feitura e inclusão na história da literatura brasileira de um capítulo referente à produção literária dos imigrantes no Brasil.<sup>88</sup>

Como dizia, nesses veículos acham-se publicados textos literários de autoria de nomes canônicos (tanto da literatura de língua alemã quanto da literatura de língua portuguesa, cuja seleção mereceria análise) e de nomes não canônicos (tanto da literatura de língua alemã quanto da literatura de língua portuguesa), que se reportam a um espaço de tempo entre 1824 (data oficial, mas não unívoca, da chegada da imigração de língua alemã a terras brasileiras) e os dias atuais. Por exemplo, ainda em 12 de abril de 2019, o diretor do Instituto Martius-Staden, Sr. Eckhard Kupfer, lançou pela editora Patuá o livro de poemas em alemão, com tradução para o português, intitulado *Sobre viver Über leben*, também on line no e-book Eckhard Kupfer (\*1941): vida e obra.

Os textos a que me refiro constituem uma produção literária pouco analisada. Até hoje, pouca gente, muito pouca gente tem se interessado pelo assunto (veja-se o ensaio "Literatura brasileira de expressão alemã e a crítica", publicado na Revista *Pandaemonium Germanicum* em 2016, também on line).

Wilhelm Wustrow (1854 – 1941) é um desses muitos escritores.

Ele nasce em Frankfurt/Oder, no então reino da Prússia, em 04 de janeiro de 1854, ano da publicação de *O verde Henrique* (*Der grüne Heinrich*), do escritor suíço Gottfried Keller, um romance de formação, pertencente ao Realismo, em que a aprendizagem, quer dizer, o grande conhecimento ambicionado, subjetivamente recolhido na memória, é fruto das experiências empíricas do sujeito, vivenciadas no vasto mundo exterior, o que requer viagens e posses. Wilhelm Wustrow é recrutado para a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), em que a sua Prússia natal, com o apoio da Confederação Alemã, derrota Napoleão III e anexa os territórios da Alsácia-Lorena, ricos, sobretudo, em carvão. Wustrow conclui os estudos nesse mesmo ano de 1871, tornando-se preparador de animais e vegetais para catalogação e pesquisa, ou seja, forma-se bem no ano da unificação dos territórios de língua e cultura alemãs (à exceção da Áustria), quer dizer, no ano da fundação do Kaiserreich ou Segundo Império alemão sob a liderança de Bismarck (o primeiro havia sido o feudal Sacro Império). A fundação deste segundo império está associada a um grande progresso econômico (a Revolução Industrial chegara), o que, em princípio, não justificaria a necessidade de emigração do nosso escritor, embora no pano de fundo haja todo um rescaldo de frustração advindo da revolução de 1848, que não conseguira emancipar os camponeses. Entretanto, outros motivos seriam possíveis. Por de trás do desenvolvimento econômico em marcha, há um governo militarizado, autoritário e coercitivo. Na esfera ideológica, chama a

---

88 Ribeiro de Sousa, Celeste. Forçando as fronteiras artificiais do cânone: o caso da literatura brasileira de expressão alemã. In: Nascimento, Lyslei & Nagae, Neide (orgs.). *Desafios críticos. Literaturas estrangeiras em pauta*. Belo Horizonte: Editoras Associadas, 2018, p. 60-80. On line.

atenção o modo como a cultura passa a ser concebida. A palavra Kultur passa a ser usada no sentido de “cultura nacional”, “cultura germânica”, “orgulho nacional”, a outorgar aos alemães uma identidade específica, estabelecendo diferenças entre alemães e outros povos, particularmente, os vizinhos franceses. Não é a figura de um herói, mas a noção de Kultur que engendra o sentimento de pertença, de nacionalismo agregador e segregador, conhecido como Deutschtum (germanidade ou pangermanismo) que nada tem a ver com fronteiras nacionais, pois as ultrapassa. Qualquer indivíduo filho de pai ou mãe alemães do Kaiserreich (jus sanguinis) é considerado cidadão do Reich, independentemente do lugar onde nasce (jus solis). Assim, todos os imigrantes de origem germânica bem como seus descendentes (filhos, netos, bisnetos, trinotos), ainda que nascidos no Brasil, por exemplo, são em tese igualmente alemães, cidadãos do Reich.

No Brasil, em 1886, ano em que Wustrow chega ao país, não há escolas públicas nacionais regulares para todos. São os alemães aqui residentes que cuidam da criação e manutenção de escolas para suas crianças e, aí, o ensino é ministrado em língua alemã, segundo padrões que remetem ao Reich. Muitos dos mestres são pastores vindos da Alemanha para esse fim, quer dizer, para amparar a Kultur alemã além-mar. Talvez tenha sido essa a motivação de Wustrow para vir ao Brasil. É possível que Wustrow tenha atendido à demanda por pastores e professores nas colônias alemãs do Brasil, dentro da ideologia do pangermanismo. Wilhelm Wustrow chega ao Brasil em 1886, com 32 anos, no ano de nascimento do poeta Manuel Bandeira, e estabelece-se em São Lourenço do Sul (RGS), onde passa a ser justamente pastor e professor, e onde, a partir de 1912, passa a editar o jornal Die Glocke von São Lourenço (O sino de São Lourenço). O Brasil está sob o comando de seu primeiro presidente, o marechal Deodoro da Fonseca. Wustrow produz e publica um interessante legado literário, disponível no e-book Wilhelm Wustrow (1854-1941): vida e obra, vindo a falecer em terras brasileiras aos 87 anos, em 28 de novembro de 1941.

Sua obra apresenta textos encantadores sobre o Brasil, publicados em anuários escondidos no escuro dos arquivos. Se você, leitor, por exemplo, ler, percorrendo apressado as linhas da narrativa Um pato (Eine Ente), de 1910, pensando tratar-se de uma história bobinha escrita por um alemão imigrado, algum aldeão rude fugindo da fome na Europa, engana-se.

Como visto acima, o autor é pastor e professor, alguém instruído, portanto. De fato, o título Eine Ente já requer per se um certo convívio com o mundo dos jornais.

A essa altura, as colônias alemãs do Brasil já tinham desenvolvido entre si uma imprensa eficiente. Em 1910, em Santa Catarina, por exemplo, circulam, entre outros, quatro jornais em língua alemã: Blumenauer Zeitung, Immigrant, Der Urwaldsbote, Kolonie Zeitung. No Rio Grande do Sul (Porto Alegre), há o jornal Koseritz Deutsche Zeitung e o jornal Deutsche Zeitung. No Paraná (Curitiba), são

editados *Der Kompass* e *Der Beobachter*. Em São Paulo, publica-se o *Germania*. “Ente” é um termo pertencente ao jargão jornalístico que, em português brasileiro, corresponderia a “barriga”, que vem a ser uma matéria com informações falsas ou erradas, fake news, diríamos hoje. Todavia, a tradução literal de “Ente” – pato – não deixa de ter sua pertinência ao tema da narrativa, já que “um pato” em português, para além de designar uma ave, também designa um indivíduo tolo que engole qualquer lorota. Por isso, a tradução desta narrativa de Wustrow preservou a correspondência linguística literal.

A narrativa *Um pato* traz-me à mente, guardadas as devidas distâncias e grandezas, os versos de Fernando Pessoa “O poeta é um fingidor./ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente”, (Pessoa s/d, p. 54), porque Wustrow diz por outras muitas palavras “O escritor é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é verdade a verdade que deveras é”. Vejamos a sutil carpintaria que estrutura a narrativa em foco, a qual começa, se estende e termina no tempo presente de uma conversa entre o eu-narrador- personagem e um amigo, interrompendo-se, porém, a todo o instante para nesse fio temporal permitir encaixar vários episódios do passado recente e remoto, criando um incessante movimento de vai-vem. Uma narrativa que brinca com os conceitos de sensação, impressão, percepção, ou seja, com a teoria do conhecimento e com as fronteiras do relato de viagem, sua desterritorialização do espaço público, sua territorialização no espaço privado e sua posterior reterritorialização, quer dizer, sua devolução ao espaço público do jornal, pois é para um jornal que o narrador- personagem da narrativa em pauta, Anatol Aufrecht, escreve um relato de viagem. Todavia, a viagem relatada não acontece de fato, embora todos pressuponham o contrário. A narrativa debruça-se apenas sobre o mecanismo de feitura dessa viagem imaginária e não imaginária.

O jornal, ao convidar Anatol Aufrecht para fazer um relato de sua viagem, tida como certa, embora na verdade se trate apenas de um boato, pressupõe um determinado gênero de texto que tem suas características estabelecidas. Ou seja, um relato de fatos, contado por uma pessoa real que os experienciou. Admite-se que o contador da experiência interaja com outras figuras. Tudo deve ser descrito e/ou narrado com objetividade cronológica e espacial, lugares e situações. Pressupõe-se, claro, uma perspectiva textual peculiar ao autor do relato que registra suas sensações e impressões particulares; todavia espera-se que o ponto de vista a partir do qual são observados os fatos e as situações se encaixe na esfera do senso comum de modo a que qualquer leitor entenda e alcance com facilidade o que está escrito. A linguagem deverá ser tão denotativa quanto possível. As figuras de linguagem deverão ter uso parcimonioso e ser de fácil compreensão. O texto deverá ser relatado em primeira pessoa com verbos em pretérito perfeito do indicativo. O autor também poderá optar pelo chamado presente histórico com o intuito de criar no leitor a ilusão de participar da ação relatada. O autor pode ou não exagerar nos adjetivos, pode tratar seu leitor de modo formal ou informal,

dependendo do tipo de público que lê o jornal. Há também a possibilidade de, a partir de realidades fatuais, o autor propor reflexões, dar explicações, orientações e mesmo influenciar o imaginário do leitor. Sua linguagem, de qualquer modo, sempre haverá de estar próxima das regras da gramática, uma linguagem, digamos, “grau zero” (Roland Barthes), uma linguagem parecendo captar pela primeira vez, em primeira mão, a realidade observada.

Ora, Wilhelm Wustrow problematiza já em 1910 os pressupostos deste tipo de relato de viagem. E fá-lo com muito humor. Assim começa a narrativa:

Eu estava sentado à escrivaninha do meu quarto, trabalhando. De repente, o trote de um cavalo interrompe o fluxo dos meus pensamentos. Levanto os olhos e dou uma espiada pela janela.

Com um “Ora! Ora!” me pus de pé e corri para fora, pois diante da casa estava meu velho amigo e compadre Zacharias, que não via há seis meses. Ali me esperou até eu sair. Mas, logo que desço correndo ao seu encontro, salta-me ao pescoço, abraça-me e beija-me. “Rapaz, rapaz, como é bom ver você de novo, são e salvo. Só eu sei o medo que tive e como eu me preocupei com você. Tenho muito orgulho de poder te chamar de amigo. Um amigo famoso, que viaja por terra, água e ar! Isso estufa o peito de qualquer um! E, excedendo-se, com mais alguns beijos: “Você sobreviveu a tudo! — Rapaz, rapaz! — Na época, eu estava longe, quando, totalmente por acaso, me chegou às mãos o jornal mais importante da região e pude ler seu relato e ouvir a respeito de sua bem-sucedida viagem!” Mais alguns beijos. “Agora, eu mesmo vim desejar-lhe as boas-vindas. Mas, primeiro, deixe-me dar uma olhada em você!” (Trad. Corredor 2012, p.1).

O eu-narrador encontra-se em casa, em Pelotas, redigindo o capítulo que deverá encerrar uma série de segmentos do relato encomendado da tal viagem, que vem sendo publicado em capítulos, num famoso jornal da região, conforme o leitor começa a saber pelo diálogo criado logo no começo entre o eu-narrador, Anatol Aufrecht, e seu amigo Zacharias, chamado afetivamente pelo diminutivo Zaca, que o visita. A linguagem é afetiva, oral. O amigo chega ao encontro, atizado pela notícia que ouvira e que acompanhara pela leitura do jornal: Anatol Aufrecht teria realizado uma grande viagem internacional e teria registrado por escrito cada etapa dessa viagem, veiculada em capítulos ao modo de folhetim no mencionado jornal. Nesse dia, ele estava justamente redigindo o último registro. O amigo Zaca vem dar-lhe as boas vindas de retorno e saber do que não foi escrito: a data da partida, por exemplo.

Na sala, de quando em quando acompanhados por Lieschen, esposa de Anatol, entabulam uma conversa bastante divertida, que se desdobra em várias direções, as quais se apresentam como fragmentos de outras narrativas, todas entrecortadas e incrustadas na principal, com diálogos vivazes colocados em discurso direto, escorregando intermitentemente para o discurso indireto e indireto livre. Uma dessas direções – a principal – é justamente a da feitura do “pato”, que, por

sua vez, é consequência de outro “pato”, pois alguém do jornal ouvira dizer (um boato) que Anatol Aufrecht faria uma grande viagem e, assim, queria aproveitar essas experiências para enriquecer o periódico com matérias que seduzissem e agradassem ao leitor, numa época de “pepinos azedos”, leia-se tempo de férias, ou seja, de poucos fatos relevantes, de poucas leituras, de poucas vendas e de poucos lucros:

“Então:

Caro senhor, como chegou ao nosso conhecimento, o senhor pretende partir em uma curtíssima viagem à Europa. “O quê? Quem? Eu?” perguntei-me. Nós gostaríamos de pedir-lhe que nos forneça algumas notícias para o rodapé... honorário... muito obrigado... uma pena experiente... velha amizade... colaborador de confiança... promessa segura... mais algumas informações e instruções... boa viagem... até breve...!

“Essa agora”, pensei, “o que é isso?” [...]

Minha mulher veio correndo da cozinha com o rosto vermelho e a escumadeira na mão. “O que é, Anatol? Você me assusta. Agora, estou descascando ervilhas.” Estão dizendo que eu vou para a Europa e pedem que envie relatos da viagem em troca de dinheiro vivo. É provável que isso tenha sido divulgado, tenha sido aumentado e, finalmente, tenha-se transformado num objetivo real e tenha chegado ao conhecimento dos homens de lá. “Às vezes, algo é dito na venda [...] (Id. *ibid.* p. 3).

Especificar ao amigo a data da partida da viagem internacional já é o primeiro problema, porque ela simplesmente não existiu. Essa viagem é “fake” desde o começo, é a “barriga” o “pato”, que dá título a toda a história. “Ouça com atenção. Eu vou contar-lhe como fiz a viagem.” “Você esteve lá, então?”

“Você não me ouviu? Não estive! Mas a viagem cumpriu seus objetivos. Os leitores ficaram encantados com os relatos, o editor com a renda e eu e a Lieschen com os honorários.” (Id. *ibid.* p. 2).

Afinal quem é Anatol Aufrecht, autor desse embuste? O sobrenome “Aufrecht”, que literalmente significa “íntegro, correto, reto”, contribui para o sentido irônico e engraçado contido no perfil deste narrador-personagem que faz a arqueologia etimológica do seu nome da seguinte forma:

“Segundo a tradição, esse nome deve estar na nossa família há 2.644 anos, como uma epidemia, quer dizer, uma mania. Como diz a mesma tradição, meus antepassados viveram na região entre os rios Spree e o Oder e, por falta de outra ocupação, sobreviviam da caça e da pesca. O primeiro Anatol de minha família originalmente não tinha absolutamente nenhum nome. Os cartórios de registros, que após o nascimento logo exigem uma investidura, com nome e registro militar, ainda não haviam sido inventados. Este rapaz tinha uma irmã mais velha a quem chamavam “Anna”. Ele mesmo passou a ser chamado simplesmente de “o” menino ou “nosso” menino. Um dia, já devia ser primavera, o “nosso” menino conseguiu balbuciar as primeiras palavras.

Anna estava com a mão cheia de besouros-de-maio e pulava como doida (“toll”) de pura alegria. Então, como conta a tradição, “nosso” menino deve ter dado alguns passos inseguros em direção aos pais e dito “Anna-doll”.<sup>89</sup> Os pais riram, deram um beijo no “nosso” menino e, daquele minuto em diante, ele passou a se chamar “Annadoll”. Daí veio o Anatol de hoje, através do polimento dos milênios. Veja, foi assim que esse nome chegou à nossa família, e eu tive que aceitá-lo numa boa, sem que tivessem pedido meu consentimento”. (Id. *ibid.* p. 4).

Anatol Aufrecht é casado com Lieschen, um corriqueiro diminutivo para o esquisito nome Clitmenestra, só explicado pelo fato de seu pai ter sido um arqueólogo da cultura greco-troiana. Assim se chamava a irmã gêmea não idêntica da célebre Helena, esposa de Menelau, irmão de Agamenon, líder dos exércitos gregos em Tróia, e marido de Clitmnestra. Uma figura da mitologia grega e personagem da peça *Eletra*, de Sófocles, que faz sentido na narrativa de Wustrow só como designativo de grande beleza e como testemunho da alargada cultura do eu-narrador-personagem e do próprio autor.

O amigo Zacharias tem um nome que significa “Yahweh lembra-se”, ou seja, “aquele de quem Deus se lembra”. Dos vários Zacarias mencionados na Bíblia, um se destaca e pode oferecer subsídios para a interpretação da narrativa de Wustrow: o sacerdote Zacarias, esposo da já idosa Isabel, prima de Maria, mãe de Jesus. Certa vez, ele recebe a visita do anjo Gabriel enquanto executa suas funções sacerdotais no Templo. O anjo traz-lhe a notícia de que será pai de João Batista, porém sua primeira reação é de incredulidade porque a esposa já está avançada em anos (Evangelho de Lucas 1: 5–25). Na narrativa de Wustrow, o amigo do narrador-personagem, tal como a figura bíblica, também se mantém incrédulo ao longo de toda a conversa.

Pelos acontecimentos, é possível deduzirmos que não é a primeira vez que o eu-narrador escreve para jornais, dada a familiaridade que mostra ter do assunto. Talvez seja um *free lancer*, como diríamos hoje. Está informado dos preços pagos a encomendas jornalísticas e também conhece outros autores de relatos de viagem como, por exemplo, Teddy.<sup>90</sup>

Fica-se sabendo que o narrador-personagem Anatol Aufrecht também conhece a Filosofia do inconsciente (*Philosophie des Unbewussten* –1868) de Eduard von Hartmann, filósofo alemão, cuja concepção do inconsciente desponta à época

---

89 Trata-se de um trocadilho em torno das palavras “Anna” e “toll”, como formadoras do nome “Anatol” (NT).

90 eddy é o apelido pelo qual o 26º presidente dos USA Theodor Roosevelt (1858–1919) era conhecido. Em 1913, Roosevelt mandou emissários para as regiões do Amazonas, Rondônia e Mato Grosso para contatar o Marechal Cândido Rondon. Desde a juventude, o presidente nutria uma certa curiosidade sobre a região. Acabou sendo convidado pelo Marechal para uma expedição, com o intuito de determinar a rota de um curso d’água chamado rio da Dúvida, cuja nascente fica em Rondônia. Aquele curso d’água acabou sendo batizado de rio Roosevelt, e a expedição foi descrita em detalhes no livro *Through the Brazilian Wilderness*, de 1914, traduzido para o português com o título *Nas selvas do Brasil*. On line.

como uma novidade do pensamento moderno. O livro mencionado é um best seller do século XIX, que repercute Schopenhauer (1788–1860) e ecoa em Nietzsche (1844–1900)<sup>91</sup>. Anatol Aufrecht lança mão do filósofo para explicar a transformação de um boato (notícia cuja fonte não é conhecida, geralmente sem fundamento, mas publicamente divulgada) em um fato. Diz o texto:

“É provável que isso tenha sido divulgado, tenha sido aumentado e, finalmente, tenha-se transformado num objetivo real e tenha chegado ao conhecimento dos homens de lá.” “Não, Lieschen”, respondi, “nessas matérias uso a Filosofia do Inconsciente”. [...] A ideia não é ruim. Uma viagem assim seria divertida. A salutar brisa do mar, a viagem a bordo, os contatos empolgantes na velha pátria. O que você acha, minha velha? Viajo?” (Id. *ibid.*, p. 4/5).

As palavras que o narrador-personagem Aufrecht não cita (tarefa deixada para o leitor) talvez pudessem ser estas do próprio filósofo Hartmann:

Mas se considerarmos agora as configurações da própria fantasia, não encontraremos na dissecação de seus elementos, mesmo atendo às coisas mais loucas da exuberância oriental, nada que não tivesse sido concebido através da percepção sensorial e preservado na memória. Não poderemos descobrir nenhuma simples cor nova, nenhum cheiro trivial, nenhum sabor comum, som corriqueiro, nenhum barulho; mesmo em arabescos, no âmbito do espaço, que oferece à nova configuração a maior amplitude, nós apenas reencontraremos os elementos conhecidos da linha reta, do círculo, da elipse e de outras curvaturas conhecidas; até mesmo em animais imaginados raramente serão achados elementos do mundo inorgânico ou vegetal e vice-versa. Tudo se limita à fragmentação de representações conhecidas e à recombinação das partes do desmembramento numa outra forma. Agora, se alguém possui um extraordinário repertório de representações e, ao mesmo tempo, um sofisticado sentido de beleza e um rico material de memória extremamente acessível, em que os elementos belos estão particular e preponderantemente presentes, não lhe será difícil criar artisticamente, tendo o apoio da natureza, quer dizer, de dadas percepções sensoriais, eliminação de elementos feios e inserção de elementos bonitos, ainda que contrariamente à verdade e inteireza da ideia representada que pressupõe elementos não excludentes.<sup>92</sup>

---

91 Machado de Assis teria tido familiaridade com as obras deste filósofo: “Consta no catálogo atualizado do acervo que restou de sua biblioteca pessoal [...] que o escritor brasileiro teve ao menos quatro volumes, em tradução francesa, de obras de Eduard von Hartmann, dentre as quais os volumes um e dois de *Philosophie de l’Inconscient* (1877) – no original, *Philosophie des Unbewußten* (1869). Segundo essa catalogação, o primeiro volume possui marcas de ‘íntenso manuseio’”. (Tatim 2017, p. 128).

92 Trad. Ribeiro de Sousa. “Betrachten wir nun aber die Gebilde der Phantasie selbst, so finden wir bei der Zergliederung in ihre Elemente, selbst wenn wir die wildesten Ausgeburten orientalischer Ueberschwenglichkeit vornehmen, nichts, was nicht durch sinnliche Wahrnehmung kennen gelernt und im Gedächtnisse aufbewahrt worden wäre. Keine neue einfache Farbe, keinen einfachen Geruch, Geschmack, Ton, Laut können wir entdecken; selbst im Gebiete des Raumes, der der Neugestaltung den grössten Spielraum lässt, finden wir in Arabesken nur die bekannten Elemente der geraden Linie, des Kreises, der Ellipse und anderer bekannten Krümmungen wieder, ja sogar man wird bei Phantasiethieren selten Stücke aus der anorganischen oder Pflanzenwelt finden und umgekehrt. Alles beschränkt sich auf Trennung

Eduard Hartmann combina, na aquisição e na estabilidade do conhecimento, dados empíricos com dados subjetivamente (inconscientemente) arquivados na memória. De fato, Anatol AUFRECHT começa por não deixar escapar a oportunidade de ganhar algum dinheiro com um trabalho para o jornal. Embora não tenha em mente fazer a tal viagem, como o senso comum imagina, irá fazê-la de outro modo, começando por pôr em xeque o próprio conceito de “fato” – a própria viagem.

Efetivamente, nem todos os relatos de viagem seguem o modelo da Carta de Pero Vaz de Caminha, por exemplo, que narra um fato diretamente observado, quer dizer, traduz com um mínimo de distância uma realidade exterior. Mas dizer isto não dá conta da problemática proposta por Wustrow nesta narrativa curta de apenas catorze páginas. O que seria uma realidade? De modo imediato, pensamos em algo exterior, concreto, tangível, com o que o ser humano se depara durante a existência. Mas para chegar a essa conscientização e a esse terminus, muita coisa ocorre no corpo humano. Há um verdadeiro e complicado processo de tradução do mundo externo, pois a realidade em si e como um todo permanece inacessível ao ser humano. E mais além: “A nossa percepção sensorial do mundo natural, imersa em nossas baixíssimas velocidades, é profundamente míope” (Gleiser 2019, p. 257). Tal axioma leva à convicção de que a realidade com que o ser humano lida é um constructo cultural, uma representação segmentada e mediada pelos órgãos sensoriais e por um código comunicativo que, por sua vez, pressupõe a existência de constantes e de pactos de convívio civilizatório no processo de compartilhamento, algo que precisa ser dominado em plenitude pelos envolvidos, desde a validação da simbologia inerente às linguagens até a validação de normas morais e leis jurídicas. Sigamos passo a passo, isto é, de modo bem didático e simples o processo de aquisição do conhecimento do mundo exterior, tal como a mente humana, até onde se sabe, traduz a realidade que lhe é externa. O corpo humano possui cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) que funcionam como antenas que captam estímulos provenientes da realidade extrínseca, os quais se transformam em sensações nas terminações nervosas desses cinco sentidos: raios luminosos que estimulam a retina os olhos, ondas sonoras que sensibilizam o caracol nos ouvidos, ondas de calor que impactam a pele, odores que afetam a pituitária no nariz ou sabores que surpreendem as papilas da língua. Essas sensações são conduzidas das terminações nervosas, presentes nos órgãos dos sentidos, via sistema nervoso, ao cérebro, onde são armazenadas segundo leis próprias no córtex temporal, sede da memória e passam a ser dados imediatos da consciência.<sup>93</sup> Contudo, o ser humano, para compartilhar com o outro esses

---

bekannter Vorstellungen und Combination der Trennstücke in veränderter Weise. Hat nun Jemand ein lebhaftes Vorstellungsvermögen, zugleich einen feinen Sinn für das Schöne und ein reiches und willig sich darbietendes Gedächtnismaterial, worin besonders die schönen Elemente reich vertreten sind, so wird es ihm nicht schwer werden, durch Anlehnung an die Natur, d. h. an gegebene Sinneswahrnehmungen, Ausscheidung hässlicher und Einfügung schöner und doch gegen die Wahrheit und Einheit der dargestellten Idee nicht verstossender Elemente, künstlerisch zu schaffen”. (Hartmann 2017, p.191).

93 Para um maior detalhamento destes processos, ver “Da ontologia da imagem” in: Ribeiro de Sousa 2004, p. 79-104.

dados imediatos da consciência, isto é, suas vivências, tem de se inteirar desse processo, olhar para dentro de si, criar uma primeira percepção do real. Dir-se-ia que, aqui, reside o primeiro estágio de tradução do mundo. Depois, é necessário colocar essa percepção em palavras, o que exige o perfeito domínio do código comunicativo, no caso da linguagem, o domínio da gramática: fonética, morfologia, sintaxe e semântica, esta no repositório do dicionário, e, então, ocorreria o segundo estágio da tradução da realidade, que percorre o caminho reverso do córtex temporal até o mundo exterior e nele se espelha, nomeando-o. Essa tradução de uma realidade pode ser feita através de palavras orais e gestos ou de um discurso escrito, que, por si só, levanta toda uma problemática a envolver a criação dos alfabetos, desenhos-símbolos de sons que, uma vez articulados de determinadas maneiras, ajudariam a traduzir as percepções. O domínio de todas essas operações físico-psíquico-intelectuais deve, naturalmente, ser comum aos indivíduos envolvidos no processo comunicativo, tendo-se em mente as mencionadas constantes e os ditos pactos de convívio civilizatório. Sensações, percepções e imagens armazenadas na memória, que vão além das constantes e dos pactos, constituiriam o território da chamada fantasia, da ficção. E tudo isto é suscitado pela aparentemente ingênua narrativa de Wustrow.

Voltando aos relatos de viagem, diríamos que nem todos são primários, isto é, baseados na tradução "imediate", simples ou intrincada, de fatos. Muitos relatos de viagem são imaginários. Lembremo-nos da *Ilíada* ou da *Odisseia*. Homero não tomou parte ou testemunhou a Guerra de Troia, nem tampouco acompanhou Eneias ou Odisseu.

A viagem a que o escritor Wilhelm Wustrow dá forma, ou melhor, a viagem que a sua personagem, o eu-narrador Anatol Aufrecht, realiza é e não é imaginária. Há uma viagem que Aufrecht, de fato, realizou no passado – uma viagem à Europa. Diz ele: "Além disso, eu já fiz essa viagem uma vez, conheço suficientemente a vida no mar e a Alemanha" (id. *ibid*, p. 7). É essa experiência, esse fato, que ele refaz. Para refazer essa primeira viagem, a viagem factual, o narrador apela em primeiro lugar à memória, em que não há estaticidade no relacionamento das sensações e percepções aí guardadas, criando-se recombinações diversas no correr do tempo sobre a mesma realidade externa, ou seja, estar-se-ia nesse momento numa tradução de terceiro grau. E, ao trabalhar com a memória, Aufrecht percebe que é preciso estimulá-la. E, para acionar esses estímulos, ele empreende uma outra viagem de fato, pequena e intermediária, ali mesmo nas redondezas: é esta que está disponível ao leitor. Pois o leitor não tem o prazer de seguir o relato da viagem imaginária publicada no jornal, porque Aufrecht detém-se apenas no exame dos mecanismos que presidem à elaboração desse relato. Essa viagem da mente de Anatol Aufrecht em direção à configuração do agora subjetivo mundo exterior é realizada através das palavras escolhidas e articuladas conforme regras preestabelecidas pelo escritor. No caso desta narrativa, essa configuração ocorre dentro do idioma alemão. De modo que, ao

usarmos o texto correspondente em português estamos, na verdade, trabalhando com uma tradução da realidade já de quarto grau.

A viagem pequena e intermediária apresenta ao leitor retratos do Brasil sulino e litorâneo da época. Dessa viagem, além das imagens e das sensações trazidas pela brisa do mar e dos barcos e dos peixes, Anatol Aufrecht carrega consigo uma lata com alcatrão, para em casa ter acesso aos cheiros de um barco, valendo-se do poeta e dramaturgo alemão Friedrich Schiller a fim de explicar a necessidade:

[...] nosso imortal Schiller, sempre que compunha seus versos, tinha sobre a escrivaninha uma maçã podre e esse cheiro o transportava a esferas celestiais. Ora, se eu tiver alcatrão sueco diante do nariz, será um espanto, se esse cheiro forte não me transportar à rotina de bordo de um navio e ao ambiente marinho, de tal forma que só isso já será capaz de fazer os relatos saírem da minha pena. (Id. *ibid.*, p. 6).

Mas há outros estímulos enumerados pelo narrador-personagem como o sol ao meio-dia, os movimentos da cadeira de balanço associados ao movimento do navio em mar revolto, por exemplo. É ele quem confessa: “A um sinal meu, você bate três vezes com a escumadeira em uma lata de querosene, as crianças sopram alguns apitos, Mariazinha toca uma sineta de mesa, eu balanço na minha cadeira, e pronto: a viagem começou!” (Id. *ibid.*, p. 5/6).

Além disso, a toda essa carga imaginária instigante são acrescentadas outras memórias (outros arquivos) de leituras sobre o Zeppelin, leituras do Baedeker (Guia de viagem – a primeira edição em 1849). A memória, essa fantástica capacidade de armazenamento vivo de todas as experiências existenciais, é, assim, posta em realce na narrativa como um verdadeiro e precioso arquivo inato do ser humano.

Ao relato de viagem publicado no jornal subjazem como motor da imaginação fatos vários que ocorreram na realidade, mas a tradução dessas realidades é feita em vários e diferenciados níveis de distanciamento. As coisas observadas diretamente e as coisas rememoradas por Aufrecht, bem como as coisas por ele experienciadas através de leituras, ilustradas ou não, todas elas guardadas na memória, são trazidas no momento da escritura do relato à consciência do tempo presente. Teríamos, neste caso, traduções primárias, traduções secundárias, terciárias da realidade, rememoradas em associações particularíssimas realizadas pela personagem. A objetividade da percepção primeira de uma realidade sofre alterações várias na passagem do tempo e do espaço. Este altamente emaranhado processo de tradução subjetivo e personalíssimo do mundo, isto é, da realidade, do fato, que o eu-narrador-personagem tenta explicar ao amigo Zacharias, e por extensão ao leitor, será entendido por alguns e por outros não, como o próprio Zacharias, que pensa que Aufrecht está “abilolado”.

Assim termina a narrativa:

“Mas só hoje a história recebeu a conclusão certa em virtude de sua querida visita, Zaca.”

“Rapaz, rapaz!”, disse Zacarias, terminando de tomar seu vinho. “Esse foi realmente um pato — e dos gordos. Você não está abilolado, está?” Nisso, levantou-se e, abanando a cabeça, foi embora. E eu ri com vontade daquele bom velho filisteu.

Assim, querido leitor, eu lhe apresentei uma nova raça de pato, e se sua estatura e plumagem lhe agradam, a ponto de terem lhe arrancado um sorriso aqui e ali, dou-me por satisfeito.

Anatol AUFRECHT, escritor viajante. (Id. *ibid.*, p. 14).

Wustrow, no espaço de um anuário/ jornal, problematiza os pressupostos do relato de viagem sem, contudo, chegar a entrar no território das fake news porque estas manipulam as traduções de fatos com fins exclusiva e intencionalmente destrutivos, são traduções voltadas à ruptura dos pactos tradutórios da realidade acima comentados. Porém, o terminus, alçado em 2017 à categoria de “anglicismo do ano 2016” por um júri, pode ser aplicado à análise do presente texto porque, já ao final do século XIX, designava na língua inglesa as notícias falsas intencionalmente veiculadas em jornais. Hoje, a expressão está associada à internet, às redes e outras mídias sociais, que oferecem a velocidade do “tempo real”. As fake news apresentam um formato semelhante às notícias jornalísticas tradicionais, mas estão parcial ou integralmente descoladas dos fatos em si, portanto, contêm um conteúdo distorcido ou falso, tendo como alvo, a maioria das vezes, a área política, às vezes a econômica. São “notícias” comumente formuladas com paixão que, uma vez levadas ao limite, podem desencadear desordem extrema como modo de legitimar pressão e/ou censura em prol de seus criadores. O uso da ambiguidade na articulação do código comunicativo, por exemplo, revela-se uma das estratégias adequadas para insinuar fatos sem provas, para sugerir imagens sem contornos precisos, imagens amedrontadoras, que espicaçam a curiosidade e a credulidade de muita gente.

As “fake news” do escritor Wilhelm Wustrow servem apenas à recriação do leitor. Na verdade, Wustrow já se diverte, em 1910, com o conceito de metaficção, um terminus que só vem a ser usado na década de sessenta pelo escritor e crítico norte-americano William H. Gass em sua tentativa de caracterizar os novos textos que então surgiam, destoando da tradição do Modernismo, textos ditos pós-modernistas que trabalhavam a ausência de conexão, às vezes bem humorada, entre linguagem e realidade, ficções montadas em cima de outras ficções. Wustrow detém-se pura e simplesmente no terreno da ficção literária, da literatura como lugar de criação e recriação permanente no intuito de chegar mais perto da realidade, que sempre resiste ao colete de forças da palavra. Além de poético, o texto de Wustrow é de uma atualidade espantosa.

## Fontes bibliográficas:

Barthes, Roland. *Le degré zéro de l'écriture. Œuvres Complètes. Livres, Textes, Entretiens*. Nouvelle édition revue, corrigée et présentée par éric Marty. Paris: Seuil, 2002.

Corredor, Jefferson André de Jesus. *Wilhelm Wustrow (1854–1941): vida e obra*. São Paulo, Instituto Martius–Staden, 2012. On line.

Derrida, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001.

Echevarría, Roberto González. *Monstros e arquivos. Textos críticos reunidos*. Organização e apresentação: Elena Palmero González. Tradução de Ary Pimentel, Belo Horizonte: Editorial UFMG, 2014.

Gehse, Hans. *Die Deutsche Presse in Brasilien von 1852 bis zur Gegenwart*. Münster: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1931.

Gleiser, Marcelo. *O fim da terra e do céu*. São Paulo: Companhia. das Letras, 2019.

Hartmann, Eduard von. *Philosophie des Unbewußten*. Berlin: Hofenberg Sonderausgabe, 2017.

Lucas. *O evangelho de São Lucas*. In: Civita, Victor (ed.). *A Bíblia mais bela do mundo. O evangelho de Jesus*. Trad. Pe. Emílio Mallmann et alii. São Paulo: Abril, 1972, vol. VI, p. 150–285.

Marques, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

Miranda, Wander Melo (Org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG; CEL/UFMG, 1995.

Pessoa, Fernando. *Autopsicografia*. In: Quadros, António (org.). *Obra poética de Fernando Pessoa. Poesia – II 1930–1933*. Mem Martins–Portugal, Europa–América, s/d.

Ribeiro de Sousa, Celeste. *Forçando as fronteiras do cânone. O caso da literatura brasileira de expressão alemã*. In: Nascimento, Lyslei & Nagae, Neide (orgs.). *Desafios críticos. Literaturas estrangeiras em pauta*. Belo Horizonte: Editoras Associadas, 2018, p. 60–80.

Ribeiro de Sousa, Celeste. *Da ontologia da imagem*. In: Ribeiro de Sousa, Celeste. *Do cá e do lá. Introdução à Imagologia*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2004, p. 79–104.

Ribeiro de Sousa, Celeste. A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica. In: *Pandaemonium Germanicum*. São Paulo, v. 19, n.28, set.-out. 2016, p. 45-73. On line. Ribeiro de Sousa, Celeste (coord.). A literatura brasileira de expressão alemã – LIBEA. On line.

Ribeiro de Sousa, Celeste. Brasil espelhado em prosa e verso. In: FARIA, João (org.) *Guia bibliográfico da FFLCH*. São Paulo: FFLCH-USP, 2017, p. 1-14. On line.

Ribeiro, Sidarta. *O oráculo da noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Souza, Eneida Maria de & Miranda, Wander Melo (orgs.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Tatim, Janaína. Entre a sátira da metafísica e as portas do mistério: Machado de Assis e a Filosofia do Inconsciente de Eduard von Hartmann. In: *Clareira*. Revista de filosofia da região amazônica. Volume 4 Número Especial – Set/2017, p. 126-154.

Wustrow, Wilhelm. Eine Ente. Eine Humoreske. In: *Koseritz-Kalender*, 1910, p.149-163. Também em *Wilhelm Wustrow (1854-1941): vida e obra*.

Wustrow, Wilhelm. Um pato. Peça humorística. Tradução de Jefferson de Jesus Corredor; revisão de Celeste Ribeiro de Sousa. In: *Wilhelm Wustrow (1854-1941): vida e obra*.

## 18. Estranhando a História\*

Autores como Elly Herkenhoff, Johann Dahlke, Margret Kuhlmann, Karl Koseritz ou Ernst Niemeyer (entre outros ainda não investigados) buscam assunto para suas narrativas na História do Brasil, na medida em que esta se vincula aos destinos dos imigrantes de língua alemã e seus descendentes. Tratam suas composições, antes de mais nada, de reminiscências do tempo em que revoluções eclodiam nos estados do sul brasileiro. Nas narrativas, chefes militares invadem povoações para exigir homens, cavalos, alimentos. Os colonos, em geral, defendem-se corajosamente, não desejando envolver-se nessas contendas políticas internas.

Tratamos aqui, como exemplos dessas narrativas, *Revolution* (Revolução) de Margret Kuhlmann, *Anno dazumal* (Em tempos idos) e *Der Meisterschuss* (O tiro de mestre) de Elly Herkenhoff e *Ein Nachspiel von 1923* (Epílogo) de Johann Dahlke.

Começemos por comentar *O tiro de mestre*, que se passa no tempo da implantação da República no Brasil. Sobre essa época lê-se na História do Brasil de Hélio Vianna o seguinte:

Em consequência da instabilidade política dominante no Rio Grande do Sul, rompeu neste Estado, em fevereiro de 1893, a maior e talvez mais sangrenta revolução da República, a Federalista, que só terminou em 1895, já no governo de Prudente de Moraes.

Visando a deposição do vice-presidente em exercício, nova e mais importante revolta da Armada teve início em setembro daquele mesmo ano, novamente sob a chefia do Contra-Almirante Custódio José de Melo, ex-Ministro da Marinha do governo Floriano [...] apesar de terem dominado respectivamente ou em aliança, grande parte dos territórios dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, inclusive as capitais dos dois últimos, e, durante meses, a Baía da Guanabara, não conseguiram alcançar os seus principais objetivos, graças à intransigência e energia do arbitrário vice-presidente de quase três anos em exercício. (Vianna 1962, vol. 2, p. 228).

A essa época conturbada alude a narrativa *O tiro de mestre*. O ambiente em Joinville no dia primeiro de novembro de 1893 é de revolta. A sirene dos bombeiros voluntários locais convoca soldados e policiais a se reunirem no largo da igreja. Uma atmosfera de intranquilidade instala-se. Corre a notícia, segundo a qual os Federalistas, comandados pelo general Piragibe,<sup>94</sup> pretendem dominar a população da cidade.

---

\* Nota: Este texto foi originalmente publicado no livro: Ribeiro de Sousa, Celeste. A narrativa literária no Anuário do Correio Serrano após 1948: temas. São Paulo: FFLCH-USP, 1980, p. 85-94.

<sup>94</sup> Piragibe é uma personagem histórica, cujo nome completo é Antônio Carlos da Silva Piragibe; militar brasileiro, nascido em Icó, no Ceará, e falecido no Rio de Janeiro em 1905. Participou da campanha do Paraguai e, em 1874, do combate à rebelião dos quebra-quilos no Rio Grande do Norte.

O general exige o recrutamento de homens e cavalos para conquistar o Paraná.

Estabelecido o conflito, prossegue na narrativa a apresentação do movimento de massa popular ante os boatos. São retratados a revolta das mulheres, o medo das crianças face ao tumulto, a solidariedade dos homens expressa em frases como “um por todos, todos por um”. (Herkenhoff 1973, p. 128). Os homens recusam-se a ser recrutados, e também não estão dispostos a ceder seus cavalos. Os atos de defesa da comunidade são exemplificados por Potti, um dos habitantes. Potti, porém, não tem em mente ajudar seus compatriotas; a política não lhe interessa. Ele age motivado pelo amor. Sua atitude, portanto, é observada de duas perspectivas: no âmbito da revolução, Potti é um herói; aos olhos de todos é aquele que ousa lutar com os soldados de Piragibe para defender os ideais de sua gente. Mas, levando em conta seus problemas particulares, Potti é o anti-herói: seus ideais não são políticos, mas amorosos; age tão somente para agradar à amada.

A história de amor de Potti encontra-se em um impasse, pois a jovem da qual se enamorara desprezou-o, ao ficar noiva de outro moço mais rico, chamado Eckbald. Potti, apesar de tudo, não deixa de amá-la. Kathrin, a moça, possui um cavalo de estimação e Potti sabe do afeto que ela dedica ao animal. No intuito de evitar o desgosto de Kathrin, provocado pela perda do cavalo para as tropas de Piragibe, o nosso “herói” realiza uma proeza. Supondo que sua amada prefira ver o animal morto a sabê-lo nas mãos de soldados, Potti decide sacrificá-lo e, assim, agradar a Kathrin. O tiro de Potti, entretanto, o “tiro de mestre”, apenas atinge o tornozelo do animal, que já se encontra em poder dos soldados. Mas para Potti e para o leitor, a situação apresenta-se como se o cavalo estivesse realmente morto.

Lá em baixo na propriedade vizinha há agora alarido de vozes. Alguns Federalistas discutem com Kathrin e com sua mãe, enquanto dois deles já selaram os cavalos. Num segundo, o Rei do Sião também é selado e conduzido ao pátio, onde Kathrin lhes lança igualmente um enérgico “Não”. Para um protesto maior, falta-lhe o vocabulário em português; entretanto, todo e qualquer debate revela-se, na sequência, como inteiramente supérfluo, pois o chefe da pequena tropa responde ao seu “Não”, absolutamente inequívoco, com um movimento de mão igualmente inequívoco com o qual simplesmente empurra Kathrin para o lado [...]. Tão logo o cavalo se põe em movimento [...] agora... ele aponta... aperta o gatilho – um estampido – um grito – um relincho – o “Rei do Sião” empina-se... tomba.<sup>95</sup>

---

95 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. “Unten im Nachbarhof ist jetzt Stimmengewirr. Einige Föderalisten verhandeln mit Kathrin und ihrer Mutter, während zwei von ihnen bereits den Pferd stall aufgesattelt haben. Im Nu schon wird der ‚König von Siam‘ gesattelt und in den Hof geführt, wo Kathrin auch ihnen mit einem energischen ‚Não‘ entgegenwirft. Zu einem weiteren Protest allerdings reicht ihr portugiescher Sprachschatz nicht aus, indessen erweist sich jede Debatte in der Folge auch gänzlich überflüssig, denn der Chef des kleinen Truppes quittiert ihr absolut eindeutiges ‚Não‘ mit einer ebenso eindeutig Handbewegung, durch die er Kathrin einfach beiseite drängt [...]. Sobald der Rappe sich in Bewegung setzt [...] jetzt... er zielt... er spannt den Hahn – ein Krach – ein Schrei – ein Wiehern – der ‚König von Siam‘ bäumt sich auf... bricht zusammen”. (Herkenhoff 1973, p. 132–133).

Depois de realizar sua prova de coragem, o protagonista volta ao largo da igreja e toma conhecimento da posição política dos companheiros. Diante da reação agressiva dos habitantes de Joinville ao recrutamento de Piragibe, este retira as suas ordens, fato que deixa a cidade exultante. Logo depois, Potti fica sabendo que não chegou a matar o cavalo de Kathrin.

A partir desta exposição, pode-se compreender a ironia contida no título da narrativa. Trata-se de um tiro que frustra as intenções do atirador – Potti não consegue matar o cavalo. Por outro lado, é um tiro que atinge seu objetivo no plano da defesa da cidade – os soldados acreditam que o cavalo está morto e retiram-se – e no plano amoroso, pois Kathrin aprecia a atitude do ex-namorado.

Mais uma vez, a ação é de suprema importância como agente veiculador do tema. Na medida em que se constata, nesta obra, duas sequências narrativas, desenvolvidas simultaneamente, entra-se em contato com duas linhas de ação. A técnica usada na montagem das duas sequências é a seguinte: depois da situação inicial na primeira sequência, surge a situação inicial da segunda. Todavia, as duas sequências confundir-se-iam no momento desencadeador de uma nova situação, não fosse o significado bivalente do procedimento de Potti, dando origem as duas novas situações distintas que se reportam respectivamente às situações iniciais apresentadas, conforme o esquema seguinte pode elucidar: multidão alvoroçada + Potti dirigindo-se à casa de Kathrin > tiro de Potti > Piragibe retira suas tropas + Potti e Kathrin reaproximados. Na primeira sequência não há personagens individualizadas significativas. Importante é o movimento da multidão. As personagens envolvidas na realização da história amorosa de Potti, na segunda sequência narrativa, formam um triângulo amoroso: Potti, Eckbald e Kathrin.

Em *Revolução*, de Margret Kuhlmann, o eu-narrador mostra como a cidadezinha de Catupiri se defende da cooperação forçada com as tropas brasileiras numa revolução. Esta narrativa desenvolve-se em duas sequências: uma apresenta a casa do médico do lugarejo, anormalmente sossegada àquela hora da manhã. As crianças regressam da escola bem antes da hora habitual, trazendo a notícia de que na cidadezinha eclodiu a revolução. Este levante popular torna-se conhecido no texto através de dois pontos de vista, como se verá.

Depois das primeiras reações de espanto, o pai, o doutor Berg, decide dirigir-se à Intendência para inteirar-se dos acontecimentos. Lá fica sabendo dos detalhes da revolução que se iniciara na noite anterior. Regressa a casa e conta tudo à esposa: soldados da guarnição de Zumbá haviam tentado subjugar pela força aquela colônia alemã, mas não foram bem sucedidos, pois o intendente, o delegado de polícia e os demais membros da comunidade lutaram valentemente, derrotando os soldados de Zumbá. Ao ouvir tal relato, dona Ilse, a esposa do médico, sente-se na obrigação de visitar a esposa do intendente e apresentar-lhe sua solidariedade por ter passado por tão desagradável e perigosa experiência. Conversando com

dona Lúcia, a esposa do intendente, dona Ilse toma conhecimento dos detalhes da revolução: os soldados tinham pretendido prender o intendente e o delegado em suas casas, quando estes descansavam depois da luta. As respectivas esposas tinham impedido que isso acontecesse, proporcionando a fuga a seus maridos. Desta forma, a colônia alemã de Catupiri consegue, mais uma vez, evitar a submissão a partidos políticos brasileiros, embora isso não lhe fácil:

Ainda demorou meses até que a região ficasse finalmente em paz. Catupiri continuou intacta. Mas em outros distritos aumentava constantemente a severidade contra a população da colônia. De ambas as partes, pessoas eram recrutadas e levadas por caminhos sem fim. Muitos filhos de colonos não regressaram mais. Gado e víveres foram 'requisitados'. O ódio cresceu e assumiu formas ameaçadoras.<sup>96</sup>

O evoluir da revolução é apresentado através de duas sequências narrativas, que se entrecruzam da seguinte forma: à primeira sequência: ambiente da casa > os filhos trazem a notícia da revolução > o médico e a esposa averiguam a veracidade da notícia, segue-se a segunda sequência narrativa: militares querem subjugar a colônia > reação agressiva dos habitantes da cidade > vitória desses habitantes.

Epílogo de Johann Dahlke, tem também como tema central a fuga de colonos ao recrutamento nas regiões do sul do país. O ambiente é de revolta e o título alemão alude ao rescaldo de 1923<sup>97</sup>. A agitação política é grande e os jovens colonos, temerosos, escondem-se na floresta. Consta que um colono foi fuzilado por opor-se ao alistamento de seu filho. "Muitos jovens esconderam-se, por isso, nas florestas, pois os recrutadores não se aventuravam a penetrar ali".<sup>98</sup>

Apesar da seriedade da situação, o narrador relata um episódio que acaba por se tornar engraçado. Ernst Witte vem a saber na venda que a revolução terminara. A notícia vai-se espalhando de família em família e também entre os colonos escondidos na floresta. Estes reúnem-se em grupos para procurar os esconderijos de outros amigos e conhecidos. Só Albert ainda não sabe da boa nova e continua oculto. Os amigos embrenham-se pela floresta adentro, até que conseguem localizá-lo, mas antes de lhe revelarem o término da revolução, resolvem assustá-lo. Falam alto, e isto intimida bastante o moço que foge, cai,

---

96 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. "Es dauerte noch Monate, bis das Land endlich zur Ruhe kam. Catupiri blieb weiterhin unberührt. Aber in anderen Bezirken nahmen die Härten gegen die Koloniebevölkerung ständig zu. Von beiden Seiten wurden Leute ausgehoben und auf endlosen Wegen mitgeschleppt. Mancher Kolonistensohn kam nicht wieder. Vieh und Lebensmittel wurden, requiriert. Der Hass wuchs und nahm bedrohliche Formen". (Kulhmann 1957, p. 90).

97 "A Revolução de 1923 foi o movimento armado ocorrido no estado brasileiro do Rio Grande do Sul, no ano de 1923, em que lutaram, de um lado, os partidários do presidente do Estado, Borges de Medeiros, conhecidos como Borgistas ou Ximangos, que usavam no pescoço um lenço branco, e de outro os revolucionários aliados de Joaquim Francisco de Assis Brasil [da oposição], chamados Assisistas ou Maragatos, que usavam no pescoço um lenço vermelho". (Wikipedia).

98 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. "Viele junge Männer versteckten sich deshalb in den Wäldern, denn dahinein getrauten sich die Werber nicht". (Dahlke 1974/75, p. 205).

machuca-se, rasga as roupas. Por fim, identificam-se e contam-lhe que não há mais revolução, que se pode trabalhar em paz e sair da floresta. Assim, a narrativa resume-se a duas sequências. Albert estabelece o ponto de contato entre a sua pequena história e a história da colônia. A segunda sequência é uma particularização da primeira. As duas linhas de ação fundamentais à configuração do tema “reação dos colonos à revolução” entrelaçam-se do seguinte modo: à situação inicial da primeira sequência narrativa, segue-se a situação inicial da segunda; após o momento desencadeador de uma nova situação da primeira sequência, tem lugar o momento desencadeador de uma nova situação da segunda. Depois de desenvolvida a nova situação na primeira sequência narrativa, é apresentada a nova situação da segunda que, por sua vez, encerra a obra, conforme ilustra o esquema: colonos amedrontados com a revolução > fim da revolução > colonos saem dos esconderijos + Albert escondido > localização de Albert > Albert sai do esconderijo.

Outra narrativa, que procura evocar fatos históricos que envolveram as colônias alemãs do sul no século passado, intitula-se Em tempos idos de Elly Herkenhoff:

Os alemães em Porto Alegre estão a ponto de formar uma tropa de defesa para estarem preparados contra possíveis perigos. Infelizmente entre eles também há covardes, que acham melhor ir contra um inimigo invasor com o cachimbo da paz, em vez de com armas, e pedir indulgência para com a sua cara propriedade e seu prezado sangue alemão [...]. Certamente – agora que o Brasil se encontrava em estado de guerra contra o Paraguai, a mobilização e o recrutamento obrigatório dos brasileiros aptos para o serviço militar e, afinal também a formação de corpos de voluntários para a defesa do império tornaram-se indispensáveis [...]. O “Jornal da Colônia” noticiou que um grupo de voluntários fora transportado em algemas de Lajes para Desterro. Os mais inacreditáveis rumores circulavam pela colônia e, por fim, ninguém mais se admirava do grande número de desertores na capital.<sup>99</sup>

Pelo texto citado, verifica-se que não se trata mais de revoluções internas, mas da guerra entre o Brasil e o Paraguai de 1864 a 1872. A reação dos colonos ao recrutamento militar é bem diferente daquela observada nas narrativas anteriores. Desta vez, eles apoiam a guerra e consideram os desertores como covardes.

---

99 Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. “Die Deutschen in Porto Alegre sind im Begriff, eine Wehrmannschaft zu bilden, um gegen mögliche Gefahren gerüstet zu sein. Leider gibt es unter ihnen auch Feiglinge, die es für besser erachten, einem etwa eindringenden Feinde anstatt mit der Waffe, mit der Friedenspfeife entgegen zu gehen und um Schonung ihres teuren deutschen Guts und Bluts zu bitten [...]. Gewiss – nachdem sich Brasilien nun im Kriegszustand im Paraguay befand, war die Mobilisation und die Zwangsrekrutierung der waffenfähigen Brasilianer schliesslich auch die Bildung von Freiwilligenkorps zur Verteidigung des Kaiserreiches unerlässlich geworden [...]. die „Kolonie-Zeitung“ wusste zu berichten, dass eine Gruppe Freiwilliger gefesselt von Lajes nach Desterro transportiert worden war. Die unglaublichsten Gerüchte durchschwirrten die Kolonie und niemand nahm schliesslich mehr die grosse Anzahl der Deserteure in der Hauptstadt wunder”. (Herkenhoff 1971, p. 173-174).

O ambiente político no sul do país é um dos temas da presente narrativa de Elly Herkenhoff. A ação inicia-se com uma conversa entre um imigrante alemão e sua esposa, transcrita em linguagem dialetal, com o que a autora pretende emprestar à sua obra um cunho realista. Kaffejakob, o imigrante, está furioso com o fato de o namorado de sua filha Cornélia não ter comparecido à reunião de família, destinada à celebração do noivado de ambos. Nessa conversa, o imigrante discorre sobre o passado: as dificuldades que teve de enfrentar para vencer a terra bravia e semear café, e a perda de um filho, picado por uma jararaca. Além das reminiscências do passado, também pensa na situação atual da colônia: os jovens estão entusiasmados com a formação de batalhões de voluntários de origem alemã para combater no Paraguai em defesa do Brasil, em defesa do imperador D. Pedro II. Nesta guerra, a mobilização de colonos não é feita de modo violento, como se constatou, por exemplo, em *O tiro de mestre*, ou em *Revolução*. Os jovens alistam-se, se assim o desejam. O filho de Kaffejakob, Heiri, chega a ser aconselhado a não se alistar como soldado, porque é o único filho homem e, como tal, indispensável aos pais.

Quando os outros jovens partem para campanhas militares, a despedida é motivo de festa, de alegria, de vivas aos voluntários e ao imperador.

O futuro genro de Kaffejakob alista-se também como soldado, e essa é a razão por que não compareceu ao noivado, embora pretenda casar-se com a moça que namora. Envolvendo a história de amor há o ambiente político, relacionado com a guerra entre o Brasil e o Paraguai. O fato de o namorado da filha de Kaffejakob ser um voluntário que, para servir ao Brasil, deixa de celebrar o seu noivado, é usado pelo narrador não só para expor os detalhes da arregimentação dos colonos, mas também para expressar o entusiasmo com que o alistamento se realiza.

Como se pode observar, a Guerra do Paraguai é o pano de fundo, cria o ambiente político em que se desenrola uma história de amor, o que também se verifica na narrativa *O tiro de mestre*.

Constata-se, nas narrativas estudadas, duas posições políticas opostas: uma de alheamento político, outra de apoio ao governo. Nas três primeiras narrativas – *O tiro de mestre*, *Revolução* e *Epílogo*, os colonos alemães recusam-se violentamente a participar do partidário político interno brasileiro, pois não se identificam com a vida política brasileira na nova pátria. Pretendem ficar alheios a tais problemas. Tal como apresentada, a população da colônia alemã no Brasil mantém-se, deste ponto de vista, à margem da cultura da pátria adotiva. Repare-se que a História do Brasil, nestas obras, é ilustrada com casos pessoais, vividos ou contados pelos antepassados. Trata-se de situações políticas isoladas, servindo de pano de fundo para um caso de amor em *O tiro de mestre* e em *Em tempos idos*; para um acontecimento inédito, mas sem maiores repercussões em *Revolução*, ou ainda para o susto de Albert na floresta, ao ouvir as vozes dos companheiros, como em *Epílogo*.

## Fontes bibliográficas

Dahlke, Johann. Ein Nachspiel von 1923. In: Serra-Post Kalender. Ijuí: Löw, 1974/75, p. 205-210.

Herkenhoff, Elly. Anno dazumal. In: Serra-Post Kalender. Ijuí: Löw, 1971, p. 169-187. Também no e-book Elly Herkenhoff (1906-2004): vida e obra.

Herkenhoff, Elly. Der Meisterschuss. In: Serra-Post Kalender. Ijuí: Löw, 1973, p. 127-135. Também no e-book Elly Herkenhoff (1906-2004): vida e obra.

Kuhlmann, Margret. Revolution. In: Serra-Post Kalender. Ijuí: Löw, 1957, p. 81-90. Também no e-book Margret Kuhlmann (1892-1984): vida e obra.

Vianna, Hélio. História do Brasil. São Paulo, Melhoramentos, 1962, 2 vols.

# 19. Da inesperada potencialidade da literatura brasileira de expressão alemã. Traduções\*

A literatura *stricto sensu*, criada pelo grupo étnico dos imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil, marginalizada até o presente, sob a pecha de anacronismo, merece ser revisitada. Para fazê-lo, recorro ao respaldo de Ezra Pound em *How to read* (1968), pois elevadas potenciações de significado num texto tornam-no atemporal. Também evoco o amparo de Boris Fausto em *Fazer a América* (1999), que acena com a esperança no iminente interesse acadêmico pelos fenômenos das imigrações estrangeiras no Brasil, e valho-me dos argumentos de Wander Melo Miranda em *Nações literárias* (2010), que me levam a considerar esta literatura como uma nação literária brasileira, gerada no seio maior da cultura heterogênea do país, e, portanto, digna de revisitação, já que todos os cânones são construções culturais e sujeitos a revisões.

Embora os textos críticos já publicados sobre esta produção, tanto em alemão, quanto em português (4 Mestrados<sup>100</sup> e 4 Doutorados<sup>101</sup> – com certeza, haverá outros), que neles se apoiam) emitam sentenças assaz negativas sobre as obras analisadas, baseados em corpora aleatórios, não podem essas sentenças ser consideradas conclusivas, pois essa produção permanece in totum desconhecida. Para sanar tal lacuna, o Grupo de Pesquisa Interuniversitário RELLIBRA (Relações linguísticas e literárias Brasil–Países de língua alemã) – [www.rellibra.com.br](http://www.rellibra.com.br) –, fundado em 1993, junto ao Programa de Pós-Graduação em Língua

---

\* Nota: Este texto foi originalmente publicado no livro: Uphoff, Dörthe et alii. 75 anos de alemão na USP. Reflexões sobre uma germanística brasileira. São Paulo: Humanitas, 2015, p. 95–110. ISBN: 978–85–7732–292–3. On line.

100 Mestrados: A narrativa literária no Anuário do Correio Serrano após 1948: temas, de Celeste Ribeiro de Sousa (1979–USP); Saudade e esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura, de Valburga Huber (1979–UFRJ); A máscara cai. Wolfgang Ammon no contexto da literatura teuto-brasileira, de Ingrid Assmann de Freitas (1989–UNESP/Assis); Onde o sabiá canta e a palmeira farfalha. A poesia em língua alemã publicada nos anuários sul-riograndenses (1874–1941), de Imgart Bonow (1991– PUC/RS).

101 Doutorados: A poesia alemã no Brasil. Tendências e situação atual, de Marion Fleischer (1967–USP); A (re)construção do retrato do Brasil, de Ingrid Assmann de Freitas (1997–UNESP/Assis); A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul, de Imgart Grützmán (1999–PUC/RS); A ponte edênica: da literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer, de Valburga Huber (2000–USP).

e Literatura Alemã da USP e credenciado no CNPq<sup>102</sup>, deu início em 2006 a um novo projeto de pesquisa, de caráter coletivo, com o título “Literatura brasileira de expressão alemã” – LIBEA, sediado no site do instituto Martius-Staden. Este projeto, contudo, também abre espaço para as obras de exilados e viajantes de língua alemã no Brasil, pois tenta centrar informações sobre os textos literários produzidos sobre o Brasil por falantes de alemão, que aqui estiveram. Trata-se de um macroprojeto composto de microprojetos, com 2 objetivos precípuos: tornar possível aos brasileiros, que não leem alemão, o acesso a esse material, através de traduções, sobretudo, e a formação de um banco de dados, a partir do qual possam ser elaborados artigos críticos, como, por exemplo, “Uma narrativa safe em tempos de censura. Da literatura da imigração alemã”<sup>103</sup>, que enfoca Ein Weihnachtsmärchen (Conto de uma noite de Natal), um conto de Robert Weber, de 1924, que de espírito natalino não tem nada. Para contemplar esta linha crítica, também são organizadas anualmente uma ou duas mesas-redondas, cuja programação encontra-se disponível no mencionado site. Cada microprojeto coleta e sistematiza produções literárias por autor, invariavelmente disseminadas por diferentes jornais e “Kalender”, ou mesmo brochuras. Entre os miniprojetos (bancos de dados) concluídos e disponíveis no site acima indicado, na opção [Recuperação de autores e obras], estão aqueles referentes aos seguintes autores: Matthaeus Braun (1872–1954); Anna Brockes (1852–1940); Charlotte Wollermann Fischer (1902–1987); Gertrud Grimm (1905–?); Elly Herkenhoff (1906–2004); Alfred Reitz (1886–1951); Juanita Schmalenberg Bezner (1908–1988); Hilda Siri (1918–2007); Robert Weber (1895–1975). Em desenvolvimento, encontram-se os seguintes:

---

102 No âmbito deste Grupo de Pesquisa RELLIBRA, desenvolveram-se vários projetos: 2 Iniciações Científicas, 5 Mestrados, 8 Doutorados e 1 Pós-Doutorado. Iniciações científicas: A recepção de Kafka em São Paulo: levantamento bibliográfico, parte 1, de Eduardo Manoel de Brito (1999–USP); A recepção de Kafka em São Paulo: levantamento bibliográfico, parte 2, de Maria Célia Ribeiro Santos (1999–USP); Mestrados: Willy Keller: um tradutor alemão de literatura brasileira, de Karola Maria Zimmer (1998–USP); A imagem do sertão na tradução alemã de “Grande Sertão: veredas” de J. G. Rosa, de Fábio Chiqueto Barbosa (1999–USP); Friedrich Dürrenmatt: imagens da Suíça, do estrangeiro e do Brasil, de Rogério Silva Assis (2000–USP); Da borboleta à lagarta: um estudo do silêncio em “A metamorfose” de Franz Kafka, de Maria Célia Ribeiro Santos (2004–USP); A exceção e a regra” de Bertolt Brecht. A exceção como regra: uma leitura, de Susana Campos de Albuquerque Mello (2009–USP); Doutorados: A ponte edênica: da literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer, de Valburga Huber (2000–USP); Iconofilia e iconoclastia em “Mundos dos Milagres: um encontro brasileiro” de Hugo Loetscher, de Jael Glaucé de Fonseca (2004–USP); O romance “O tigre azul” como forma estética do pensamento histórico de Alfred Döblin, de Alceu João Gregory (2004–USP); O Brasil de “S. Bernardo” de G. Ramos em tradução alemã, de Karola Maria Augusta Zimmer (2004–USP); Quando a ficção se confunde com a realidade. As obras “In der Strafkolonie”/“Na Colônia Penal” e “Der Process”/“O Processo”, de Franz Kafka, como filtros perceptivos da ditadura civil-militar brasileira, de Eduardo Manoel de Brito (2006–USP); Contos populares e discurso no currículo da educação bilíngue alemão-português, no Brasil, de Maria Suely Oliveira Goldstein (2009–UNICAMP); O poder do livro didático e a posição do professor no ensino de alemão como língua estrangeira, de Dörthe Uphoff (2009–UNICAMP); Orquestrando ecos do passado. Walter Kempowski e “Das Echolot”, de Valéria Sabrina Pereira (2011–USP); Uma poética do exílio. O Brasil familiar na vida e na obra literária de Paula Ludwig de Mariana Holms (2023 – USP); Pós-doutorado: Alemão para brasileiros: (re)vendo imagens, de Ruth Bohunovsky (2007 – UNICAMP).

103 Ribeiro de Sousa, Celeste. Uma narrativa safe em tempos de censura. Da literatura da imigração alemã In: Sibila. Poesia e crítica literária. São Paulo, 1 abr. de 2013. On line.

Wolfgang Ammon (1869–1938); Ulrich Becher (1910–1990); José Antonio Benton (1894–1986); Julia Engell–Günther (1819–1910); Otto Fenselau (1855–1937); Carlos Fouquet (1897–1980); Friedrich Gerstäcker (1816–1872); Otto Grellert (1908–1993); Gertrud Gross–Hering (1879–1968); Heinrich Eduard JAKOB (1889–1967); Maria Kahle (1891–1975); Richard Katz (1888–1968); Willy Keller (1900–1979); Karl von Koseritz (1830–1890); Georg Knoll (1861–1940); Luiz Kuchenbecker (1897–1969); Margret Kuhlmann (1892–1984); Karl Naschold (1866–1924); Liti Belinha Rheinheimer (1941–); Wilhelm Rotermund (1843–1925); Wilhelm Wustrow (1854–1941) e outros. Restam ainda muitos autores por pesquisar, conforme se pode aquilatar pela lista disponível no site apontado, mantendo-se o macroprojeto aberto a todos os interessados. Descerra-se aqui uma excelente seara para Iniciações Científicas e outros trabalhos de grau.

A produção literária dos imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil é vasta e rica, dando ensejo a ser abordada de várias perspectivas, como se pode ver no mencionado site do projeto<sup>104</sup>. Os textos podem ser examinados a partir de sua poeticidade, que merece reavaliação (Jakobson 1970); podem igualmente ser investigados a partir da imagologia, uma abordagem promissora: que imagens de Brasil estão registradas nesses textos? (Ribeiro-de-Sousa 2004). Podem ser analisados da perspectiva memorialística: o que é lembrado? O que é silenciado? Por quê? (Galle & Schmidt 2010). O viés (pós)colonial permanece intocado: como estão configuradas as relações (pós)coloniais ambíguas entre alemães e brasileiros? (Lützel 1997 e Santos 2004). Trata-se de material para ser trabalhado e analisado em Mestrados e Doutorados. Esses autores, para além de terem escrito prosa (romances, novelas, contos), poesia, teatro e ensaio, dedicaram-se também à tradução de muitas obras da literatura brasileira canônica para a língua alemã, tendo como alvo o público leitor das colônias. O estudo crítico dessas traduções (Britto 2012), por exemplo, constitui igualmente tema para Mestrados e Doutorados: a análise e interpretação do significado amplo das escolhas feitas tanto no plano linguístico (poeticidade) quanto no plano cultural, social e mesmo político, certamente, revelarão inéditas facetas de aculturação e de talento poético. Um dos textos mais traduzidos, a título de exemplo, foi a “Canção do exílio” de Gonçalves Dias, muito provavelmente porque a experiência do exílio, qualquer que seja o seu cariz, marca a ferro e fogo a alma de qualquer imigrante, é um traço identitário que o define. Na tradução desta “Canção”, os imigrantes alemães acham um duplo vínculo com os brasileiros: de um lado, partilham a vivência de um “banimento”, de outro, compartilham de uma mesma literatura/cultura – a brasileira – em 2 línguas. A versão apresentada abaixo foi composta por Juanita Schmalenberg e publicada junto com outras traduções numa antologia, intitulada *Wo die Palme tief...*, provavelmente em 1936.

A segunda versão do poema, no meio, feita pela autora deste texto, intitulada “tradução ao pé da letra”, uma tradução de uma outra tradução, tem por obje-

---

104 Leia-se igualmente: Ribeiro-de-Sousa, Celeste. “Literatura brasileira de expressão alemã”. In: Revista Sibila, de 12 de dez. de 2009. On line.

Juanita SCHMALENBERG

Tradução ao pé da letra

Gonçaves Dias

Lied des Verbannten

Canção do exilado

Canção do exílio

Wo die Palme tief  
Ihre Flächen neigt,  
Wo der Sabiá  
Seine Lieder geigt,  
Aller Vögel Sang  
Schmelzender ertönt  
Und der Blumen Glanz  
Süss'rer Duft entströmt,  
Wo der Wälder Schoss  
Tausendfach bewegt  
Und das Leben selbst  
Heiss're Liebe trägt –  
Die ich Heimat nenne,  
Ewig teure Flur,  
Ach, noch einmal nur,  
Unter Sternenschimmer  
Möcht'ich träumend gehn,  
Ragend in den Äther  
Stolze Palmen sehn  
Und den Liedern lauschen  
Die die Nacht dort singt  
Schönheit, die wie keine  
Mir das Herz bezwingt!  
Eher nicht zu sterben,  
Dieses ist mein Flehn,  
Götter, wollt mich hören  
Schenkt ein Wiedersehn!

Onde a palmeira intensa  
Seus leques inclina  
Onde o sabiá  
Seus cantos gorjeia  
O canto das aves  
Derretendo ecoa  
E o esplendor das flores  
Doce olor evola  
Onde o seio dos bosques  
Se move em mil modos  
E a própria vida  
Carrega intenso amor –  
Que chamo de pátria,  
Caras várzeas eternas,  
Ah, mais uma só vez,  
Sob o brilho d'estrelas  
Em sonho quero percorrer,  
Altaneiro pelo éter,  
Ver palmeiras ativas,  
Escutar as modinhas,  
Que a noite lá canta  
Beleza inigualável que  
Meu coração domina!  
Não para morrer,  
Esta é minha súplica,  
Deuses, escutai-me,  
Concedei um regresso!

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
As aves que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Minha terra tem primores  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar – sozinho à noite –,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu  
morra  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as  
palmeiras,  
Sem qu'inda aviste as  
palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

(Schmalenberg s/d: 7-8)

(Ribeiro de Sousa)

tivo simplesmente mostrar que aquilo a que chamamos tradução de Juanita Schmalenberg do poema "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, não é bem uma tradução; é muito mais uma recriação, no fundo, um outro poema, inspirado pelo original brasileiro. Mesmo na tradução "ao pé da letra", há passagens impossíveis de transpor à língua portuguesa sem que o ritmo do poema seja pesadamente afetado e, algumas vezes, nem se encontra no vernáculo a palavra adequada. Por exemplo, o advérbio "tief" carrega em si a ideia de "profundo", a imagem das folhas das palmeiras pendidas, viradas para baixo. O verbo "geigen" significa "tocar violino" e reproduz a imagem sonora do canto mavioso. E das rimas nem se fala. Enquanto Schmalenberg, apesar da extrema dificuldade em resgatar a singeleza e leveza das rimas originais, consegue recuperar algumas e dar ao poema recriado um ritmo igualmente ágil, a "tradutora ao pé da letra", para não se afastar da letra, não o logra. De fato, os dois poemas distinguem-se já a partir da estrutura gráfica. A tradução de Juanita Schmalenberg não mantém as duas quadras e as duas sextilhas, é um só bloco. O título também apresenta suas diferenças. Na versão alemã é "Lied des

Verbannten" [Canção do exilado], não "Lied der Verbannung" [Canção do exílio]. O poema de Gonçalves Dias, estruturado em 4 estrofes (2 quadras e 2 sextilhas) de versos de sete sílabas (redondilhas maiores), é sustentado pela oposição geográfica e paisagística entre uma "minha terra/lá" e um "aqui/cá". Um dos polos dessa oposição (Brasil) é caracterizado pela presença das palmeiras, do sabiá, do céu, de várzeas, de bosques, de pássaros e de primores diferentes, e por comparativos de superioridade de estrelas, de flores, de vida, de amores, de prazer. Termina com a súplica do regresso. O outro polo da oposição (Portugal – Coimbra, 1843) é, por assim dizer, silenciado, reduzido ao simples advérbio de lugar "aqui/cá". Não há comparação possível entre as duas terras, de modo que até poderíamos afirmar que os comparativos de superioridade "mais estrelas", "mais flores", "mais vida", "mais amores", "mais prazer", na verdade, são superlativos dando forma a emoções e sentimentos inexcedíveis. A terra do eu do poema é superlativa em singelas imagens de beleza visual e sonora e em cadência melodiosa, uma beleza que impregna e determina o ser do eu lírico, que, uma vez dela afastado/exilado, tende a enfraquecer e até morrer. É uma apologia dos elementos naturais do Brasil, uma afirmação da nacionalidade. O poema de Juanita Schmalenberg, em cadência melódica semelhante ao original, mas constituído de 27 versos corridos de 5 sílabas (redondilhas menores), um só corpo (o do exilado), não oferece contrastes entre o lá e o cá; apenas uma bela e comprida descrição da pátria do eu lírico, que ele anseia por rever. Poderia ser a canção da "exilada" Juanita, de quando estudava na Alemanha, querendo voltar ao Brasil. Uma apologia do Brasil sem a negação da Alemanha. Conforme Marion Fleischer, que lhe investigou a obra,

considerando-se o fato de a futura escritora voltar para o nosso país aos dezenove anos de idade, poder-se-ia supor que sua personalidade viria a ser moldada principalmente pelas influências étnicas e culturais brasileiras. Tal, entretanto, não se verificou. A herança dos antepassados europeus, conservada através do cultivo constante de sua língua, e uma forte ligação afetiva ao meio brasileiro, coadunam-se perfeitamente na figura de Juanita Schmalenberg, paradigma da bipolaridade a dominar a maior parte dos escritores teuto-brasileiros. (Fleischer 1967, p. 10).

Juanita Schmalenberg nasceu no Rio de Janeiro em 01 de dezembro de 1908. Seus pais eram alemães, oriundos de Westfalen. Cedo viajou para a Alemanha, para lá, sobretudo, em Berlim e em Düsseldorf, continuar a receber formação escolar. Voltou ao Brasil em 1927. Estudou música em Berlim, Genebra e no Rio de Janeiro. Foi colaboradora do jornal Correio da manhã, do Rio de Janeiro, de outros jornais brasileiros e estrangeiros e também de "Kalender" como o Serra-Post Kalender e o Rotermond-Kalender. Alguns de seus trabalhos foram traduzidos para o espanhol e publicados no Uruguai. Depois de casada, passou a ter o nome de Juanita Schmalenberg Bezner. Faleceu em 14 de janeiro de 1988 em Santa Cruz do Timbó – Santa Catarina. Deixou uma obra composta por narrativas, poemas, ensaios e outras traduções (Casimiro de Abreu, Castro Alves, Euclides da Cunha, Gustavo Barroso, Luiz Edmundo, Érico Veríssimo, Fagundes Varela, Machado de Assis, Menotti del Picchia, Olavo Bilac, Raymundo Correa, Ronald de Carvalho, Tobias Barreto).

O levantamento e a sistematização de todas estas traduções e demais escritos da escritora constituem um e-book já concluído e disponível no macroprojeto LIBEA (Literatura brasileira de expressão alemã): Juanita Schmalenberg Bezner (1908–1988): vida e obra. Para atizar a curiosidade e o interesse dos eventuais leitores, deixo, nos anexos abaixo, alguns poucos exemplos das muitas traduções, de autoria de outros poetas, passíveis de investigação.

## Anexos

### Juanita Schmalenberg Vaterland

Vaterland! In dem Mark deiner Bäume,  
und Schatten, Düften und Tau, Circulo!  
All deinen Säften fühllich mich kreisen –  
Bis zu des Himmels siegendem Blau!

Von deinen Kronen, deinen Lianen,  
Von deiner Nester wonniger Ruh,  
Von deiner Früchte Reifen und Ahnen  
Dir will ich singen, Vaterland, du!

Jauchzen und weinen mit dir, deinen Tagen,  
Selig dich preisen in Blüte und Ruhm,  
Sterben, so man dir Wunden geschlagen –

Wachen für dich noch im Grabe, um  
Tief in dem Schosse der Erde zu tragen  
Mit deinen Leiden, dein Heldentum!

(Schmalenberg 1940: 33)

### Juanita Schmalenberg Sterne und Glühwürmlein

Gott der Herr am Firmamente  
Feilte an dem Mond und sang,  
Und die goldnen Splitter flogen  
Da und hier und dort entlang!  
In des Äthers blauen Schleiern  
Hing manch Stücklein, klein und gross,  
Doch unendlich viele sanken  
In der Erde tiefen Schoss...  
Ihre Spuren sind geblieben  
Lichter rätselhafter Schein,  
Heissen an dem Himmel Sterne,  
Auf der Erde Glühwürmlein!

(Schmalenberg 1940: 173)

### Olavo Bilac Pátria

Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde Gluten  
E sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!  
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,  
E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!

Dos teus lichens, dos teus cipós, da tua fronde,  
Do ninho que gorgoeja em teu doce agasalho,  
Do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,  
De ti, – rebento em luz e em cânticos me  
espalho!

Vivo, choro em teu pranto; e, em teus dias felizes  
No alto, como uma flor, em ti, pompeio e exulto!  
E eu, morto, – sendo tu cheia de cicatrizes,

Tu golpeada e insultada, – eu tremerei sepulto:  
E os meus ossos no chão, como as tuas raízes,  
Se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o  
insulto!

### Menotti del Picchia Asteros e vagalumes

Deus, no azul do firmamento,  
Limava a lua a cantar  
Jogando às nuvens e ao vento  
Lascas brancas de luar.  
E desse azul fresco e fundo,  
Rolaram no etéreo véu:  
Umás – caíram no mundo  
Outras – caíram no céu.  
Deixando seus claros rastros,  
Banhados de estranhos lumes,  
Nos céus – se fizeram astros,  
E na terra – vagalumes.

**Juanita Schmalenberg  
Gebet**

Wenn in den kühlen Schleiern  
Der Nacht die Erde ruht,  
Dann steigt ein grosses Beten  
Empor aus Tal und Flut.

Entzünden sich die Kerzen  
Der zarten Glühwürmlein,  
Ihr Ave singt die Lilie  
Und Höhlen stimmen ein.

Im Waldesgrund ein Schluchzen,  
Das ist des Sturmes Pein,  
Kopfüber stürzen Meere  
Sich in den Sand hinein!

Die Wolken auf den Knien  
In Klöstern, still und fern,  
Durch ihre Hände rinnen  
Wie Perlen Stern um Stern!

Die Açucena faltet  
Die Hände wie ein Kind,  
Die Palme löst die Flechten,  
Der Huri gleich gesinnt.

Von einsamen Lianen  
Tönt leiser Tropfen Fall,  
Wie Rosenkränze flüstern  
Zu Herzen voller Qual.

Der Sturm im Kreis die Berge  
Mit mächt'ger Stimme füllt,  
Das ist der Organiste  
Der seine Orgel spielt!

Die Grotten und die Felder  
In demut tiefem Bann,  
Des Panthers wilde Lichter  
Beten den Mondschein an.

Phosphoreszierend Funken  
An des Gestades Nacht –  
Als Büsser tausend Larven  
Auf treuer Seelen Wacht.

Erzengel und Dämonen  
In Frömmigkeit geeint,  
Der Wasserfall am Boden  
Schlägt an die Brust und weint!

In Liebe und Entsetzen  
So betet die Natur,  
Die Nester bei den Hütten,  
Die Krater ob der Flur!

Allein – indess Choräle  
Das weite All durchziehn,  
Gibt sich der Mensch dem Schlafe  
Im Schoss der Schöpfung hin!

(Schmalenberg 1963: 135 e 137)

**Castro Alves  
Rezas**

Na hora em que a terra dorme  
Enrolada em frios véos,  
Eu ouço uma reza enorme  
Enchendo o abysmo dos céos.

Acendem os bentos círios  
Dos vagalumes subtís,  
"Ave" murmuram os lírios,  
"Ave" dizem os covis!

Nos boqueirões há soluços,  
Tem remorso o vendaval ...  
O mar se atira de bruços  
C'óas barbas pelo areial.

As nuvens ajoelhadas  
Nos claustros ermos e vãoos  
Passam as costas doiradas  
Das estrelas – pelas mãos.

A açucena, por creança  
Junta os dedos... reza e ri!  
A palmeira larga a trança...  
Reza nua como a hurí!

Pelos cipós solitários  
Gota a gota o orvalho cãe,  
Como as bagas do rosário  
Da filha que chora o pai!

A ventania que emboca  
Pela serra colossal  
É organista que toca  
Nos sifões da catedral!

Que fanatismos divinos,  
Nas lapas do campo alvar  
Da onça os olhos felinos  
Dizem rezas ao luar!

Há luzes fosforescentes  
Acesas pelos marneis...  
São as larvas penitentes  
Rezando pelos fiéis.

Monstro e anjo a noite grupa  
No pedestal da oração...  
Quem sabe se a catadupa  
Bate nos peitos do chão?

Reza tudo que tem boca,  
Cheio de graça ou terror...  
O ninho junta da tica,  
A cratera ao pé da flor!

Só enquanto a reza enorme  
Rebôa pela amplidão,  
Como Loth ... o Homem dorme  
No colo da criação!

**Juanita Schmalenberg**  
**Via – Lactea**

Wie die Wälder der Urzeit, die düsteren Gründe,  
Vor den Schritten der Menschen in Keuschheit  
bewahrt,  
Wo das Echo des brüllenden Tigers verharret  
Und kein Sonnenstrahl öffnet die Wirrnis gelinde.

So verschlossen und einsam, dass Liebe nicht  
finde  
Durch die Wildnis des Herzens, so trübe und hart  
Ersah einst ich dein Leben, im Dunkel erstarrt, Wie  
die Wälder der Urzeit, die düsteren Gründe...

Heut – heut glühet der Wald wie von himmlis-  
chem Segen,  
Ertönt aus den Zweigen ein festlicher Sang,  
Da entfalten sich Blumen und Nester sich regen.

Wenn das Morgenrot streicht seine Wipfel entlang  
Und wie stäubendes Gold auf den sandigen  
Wegen  
Liegt die Sonne der Liebe, die nie ihn durchdrang!

**Juanita Schmalenberg**  
**Der Wuensche Kreis**

„Waer´ ich der Stern, der golden dort erschim-  
mert,  
Im Blau des Himmels ew´ger Kerze Licht!“  
Fliegt durch die Nacht ein Gluehwuermlein  
bekuemmert  
Und hoert den Stern nicht, der zum Monde  
spricht:  
„Haett´ ich die Strahlen dein – koennt´ ihnen  
gleichen,  
Die von der Griechen hehrer Saeulenpracht  
Bis zu der Gothik Fensterboegen reichen!“  
Indess der Mond zur Sonne bitter sagt:  
„Elend, du! Was ward nicht mit gegeben  
Die maecht´ge Helle, deiner Fueelle Sein!“  
Und auf der Sonne Lider steht ein Beben –  
„Zu schwer die Goetterkrone, die da mein!  
Erdrueckend ist´s im ew´gen All zu schweben –  
Was schufst du, Gott, mich nicht ein Gluehwuer-  
mlein...“

(Schmalenberg 1940: 14)

**Olavo Bilac**  
**Via – Láctea**

Como a floresta secular, sombria,  
Virgem do passo humano e do machado,  
Onde apenas, horrendo, ecoa o brado  
Do tigre, e cuja agreste ramaria

Não atravessa nunca a luz do dia,  
Assim também, da luz do amor, privado,  
Tinhas o coração ermo e fechado,  
Como a floresta secular, sombria...

Hoje, entre os ramos, a canção sonora  
Soltam festivamente os passarinhos,  
Tinge o cimo das árvores a aurora...

Palpitam flores, estremeçam ninhos...  
E o sol do amor, que não entrava outrora,  
Entra dourando a areia dos caminhos!

**Machado de Assis**  
**Círculo vicioso**

Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:  
– Quem me dera que fosse aquela loura estrela,  
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!  
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:  
– Pudesse eu copiar o transparente lume,  
Que, da grega coluna á gótica janela,  
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!  
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:  
– Mísera ! tivesse eu aquela enorme, aquela  
Claridade imortal, que toda a luz resume!  
Mas o sol, inclinando a rutila capela:  
– Pesa-me esta brilhante aureola de nume...  
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...  
Porque não nasci eu um simples vaga-lume?

**Charlotte Wollermann Fischer**  
**Viehtreiben am Himmel**

Gerad'so wie die rote Kuh:  
Den Kopf hoch vorgestreckt,  
Das Kaelbchen ihr zur Seite  
Und wirklich ganz erschreckt,  
so steigt der Mond auf ueberm Huegel,  
mit einem Sternlein dicht daneben,  
Als waer's ein kraeftig Kaelbchen eben.  
Und auf dem Himmelskamp dort oben  
Zieh'n andre Sterne her zu Hauf  
Lauter Kaelbchen und Rinder...  
Der Mond – die scheue rote Kuh –  
Versteckt sich hinter der Wolkenwand,  
Als sei sie ins Gebuesch gerannt,  
Und laesst das Kaelbchen allein.  
Nun aber, nur ein wenig drauf,  
Auf seinem Pferdchen reitend,  
Das im Trab die Zuegel schuettelt,  
Taucht der Heil'ge Joseph auf.  
Erst umkreist er seine Herde  
Von Sternen, – ist das ein Gewimmel,  
Als ging' gleich das Viehtreiben los  
Auf der Weide dort am Himmel!...

(Fischer 1953: 228)

**Hilda Siri**  
**Die Zeit**

Ich komme, vergehe, ich bin die Zeit,  
ohn' Anfang, ohn' Ende, noch Ziel.  
Auf meinen Schwingen fluechten das Leid,  
das Glueck, das eitle, irdische Spiel.

Geschaeftig eil' ich von Sekunden  
zu Minuten, die nicht stille stehn.  
Aus des Alltags wechselvollen Stunden  
werden Jahre, kommen und vergehn.

Keiner haelt Schlaege des Schicksals auf  
und niemand hemmt den Gang der Zeit.  
In meinem ruhig, stetig, stillen Lauf  
reih' ich Jahrhunderte zur Ewigkeit.

Wirke! Unwiederbringlich ist der Augenblick  
und kurz bemessen ist des Lebens Frist.  
In deinem Streben liegt des Lebens Glueck  
nuetze die Stunde, die im Werden ist!

(Siri 1951: 3)

**Vilmar Campos Bindé**  
**Rodeio no céu**

Bem como a vaca barrosa:  
de cabeça alevantada,  
com o terneiro ao lado  
e mesmo bem espantada,  
a Lua surgiu na coxilha,  
tendo uma estrelita ao lado  
– terneira bem viçosona.  
E, no campo lá do céu  
surgiram outras estrelas  
– terneiras e novilhas...  
A Lua – barrosa chucrona –  
embrenhou-se numas nuvens  
– capão cheio de cipó –  
deixando a filhota só.  
Ah, mas dali bem pouquito,  
montado em seu cavalito,  
que vinha atirando o freio,  
apareceu São José.  
E, repontando a sua tropa  
de estrelas, que era um mundaréu,  
logo parou rodeio  
na invernada lá do céu!...

**Olavo Bilac**  
**O tempo**

Sou o Tempo que passa, que passa,  
Sem princípio, sem fim, sem medida!  
Vou levando a Ventura e a Desgraça,  
Vou levando as vaidades da Vida!

A correr, de segundo em segundo,  
Vou formando os minutos que correm...  
Formo as horas que passam no mundo,  
Formo os anos que nascem e morrem.

Ninguém pode evitar os meus danos...  
Vou correndo sereno e constante:  
Desse modo, de cem em cem anos,  
Formo um século, e passo adiante.

Trabalhai, porque a vida é pequena,  
E não há para o Tempo demoras!  
Não gasteis os minutos sem pena!  
Não façais pouco caso das horas!

**Hilda Siri**  
**Die Tauben**

Die ersterwachte Taube hebt die Fluegel,  
es daemert rosig kaum der junge Tag.  
Noch eine... hundert lassen ihren Schlag,

fliegen entgleitend ueber Tal und Huegel.

Zu ihrem Nest kehr'n alle Tauben wieder  
in Scharen; wenn der Tag zur Neige geht,  
und kuehl die erste Abendbrise weht ...  
Gurren, flattern und plustern ihr Gefeder.

**Raimundo Correa**  
**As pombas**

Vai-se a primeira pomba despertada ...  
Vai-se outra mais ... mais outra ... enfim dezenas  
De pombas vão-se dos pombais, apenas

Raia sanguínea e fresca a madrugada ...

E à tarde, quando a rígida nortada  
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,  
Ruflando as asas, sacudindo as penas,  
Voltam todas em bando e em revoada ...

**Fontes bibliográficas**

Britto, Paulo Henriques. A tradução literária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Fausto, Boris. Fazer a América. São Paulo: Memorial/EDUSP, 1999.

Fischer, Charlotte Wollermann. "Viehtreiben am Himmel". In: Serra Post-Kalender, Ijuí: Ulrich Löw, 1953, p. 228.

Fleischer, Marion. A poesia alemã no Brasil. São Paulo: FFCL-USP, 1967.

Galle, Helmut & Schmidt, Rainer (orgs.). A memória e as ciências humanas. Um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil. São Paulo: Humanitas, 2010.

Jakobson, Roman. Linguística, poética e cinema. São Paulo: Perspectiva, 1970.

Lützel, Paul Michael. Der postkoloniale Blick. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

Pound, Ezra. How to read. In: Literary essays of Ezra Pound. New York: A New Directions Book, 1968.

Ribeiro de Sousa, Celeste. A obra de Machado de Assis em tradução alemã. In: Língua e Literatura v. 15, n.18, São Paulo, FFLCH/USP, 1990, p. 55-59.

Ribeiro de Sousa, Celeste. Do cá e do lá. Introdução à Imagologia. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2004.

Ribeiro de Sousa, Celeste. Literatura brasileira de expressão alemã. In: Sibila. Revista de poesia e crítica literária, de 12 de dez. de 2009. On line.

Ribeiro de Sousa, Celeste. Charlotte Wollermann Fischer (1902–1987): vida e obra. On line. Ribeiro de Sousa, Celeste. Hilda Siri (1918–2007): vida e obra. On line.

Schmalenberg, Juanita. Lied des Verbannten. In: Schmalenberg, Juanita. Wo die Palme tief... São Paulo: edição privada da autora, s/d, p. 7–8.

Schmalenberg, Juanita. Via – Lactea. In: Intercâmbio. Rio de Janeiro, 1940, cadernos 7–9, p. 294– 295.

Schmalenberg, Juanita. Sterne und Glühwürmleine. Aus den “Gedichten des Lasters und der Tugend”. In: Intercâmbio, Rio de Janeiro, 1940, p. 173.

Schmalenberg, Juanita. Der Wuensche Kreis. In: Serra–Post Kalender, Ijuí: Ulrich Löw, 1957, p. 36.

Schmalenberg, Juanita. Gebet. In: Intercâmbio, 1940, p. 38–39. Também in: Serra–Post Kalender, Ijuí: Ulrich Löw, 1963, p. 135 e 137.

Schmalenberg, Juanita. Vaterland In: Serra–Post–Kalender, Ijuí: Ulrich Löw, 1971, p. 32–33.

Siri, Hilda. Die Zeit. In: Die Serra–Post, Ijuí, 29.12.1951, p. 3.

Siri, Hilda. Die Tauben. In: Serra–Post Kalender. Ijuí: Ulrich Löw, 1955, p. 130.

## 20. A literatura da imigração alemã no Brasil: Uma coleção de memórias ou uma expressão do (pós) colonialismo?\*

Parto das seguintes premissas:

- 1) que um texto literário publicado no Brasil sobre a realidade brasileira, ainda que veiculado em língua alemã por um alemão, pode ser considerado literatura nacional;
- 2) que entendo haver vários colonialismos europeus (além do britânico, hoje tornado paradigma, há também, pelo menos, o espanhol e o português) e, portanto, diversos “pós- colonialismos”;
- 3) que o colonialismo/pós-colonialismo português tem especificidades que o tornam singular dentro do cânone geral que é britânico.

Assim, faço uso do conceito com o sentido que lhe dá o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos em *A gramática do tempo*. Diz o estudioso:

Entendo por pós-colonialismo um conjunto de correntes teóricas e analíticas, com forte implantação nos estudos culturais, mas hoje presentes em todas as ciências sociais, que têm em comum darem primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo. Tais relações foram constituídas historicamente pelo colonialismo e o fim do colonialismo enquanto relação política não acarretou o fim do colonialismo enquanto relação social, enquanto mentalidade e forma de sociabilidade autoritária e discriminatória. (Santos 2006, p. 28).

Ou:

O pós-colonialismo deve ser entendido em duas acepções principais. A primeira é a de um período histórico, o que se sucede à independência das colônias. A segunda é de um conjunto de práticas (predominantemente performativas) e de discursos que desconstruem a narrativa colonial, escrita pelo colonizador, e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado. (Santos 2006, p. 233).

\* Nota: Este texto foi originalmente publicado em alemão com o título “Literatur der deutschen Einwanderung in Brasilien. Erinnerungskultur und/oder Ausdruck von (Post-)Kolonialismus?” no livro editado pelo DAAD Germanistik in Brasilien: Herausforderungen, Vermittlungswege, Übersetzungen. Göttingen: Wallenstein, 2014, p. 42-43. ISBN: 978-3-8353-1565-5.

E, sendo o colonialismo português *sui-generis*, a sua narrativa pós-colonial no Brasil também apresenta nuances particulares, derivadas de 3 marcas essenciais, a saber, a ambivalência e a hibridação entre colonizador e colonizado, a questão racial e a figura da(o) mulata(o) e a própria indistinção, por vezes, entre colonizador e colonizado. [...] Em conclusão, o pós-colonialismo de oposição que advogo e que decorre organicamente do pós-modernismo de oposição que tenho vindo a defender, obriga a ir, não só mais além do pós-modernismo, como mais além do pós-colonialismo. Convida a uma compreensão não ocidental do mundo em toda a sua complexidade e na qual há-de caber a tão indispensável quanto inadequada compreensão ocidental do mundo ocidental e não-ocidental. Esta abrangência e esta complexidade são o lastro histórico, cultural e político donde emerge a globalização contra-hegemónica como a alternativa construída pelo Sul em sua extrema DIVERSIDADE (grifo nosso). O que está em causa não é apenas a contraposição entre o Sul e o Norte. É também a contraposição entre o Sul do Sul e o Norte do Sul e entre o Sul do Norte e o Norte do Norte. (Santos 2006, p. 41)

É dentro desta diferença e diversidade que recorto o caso dos imigrantes/colonos de língua alemã que aportaram ao Brasil e aqui se estabeleceram e trabalharam para senhores colonizadores a partir de 1824. O Brasil deixa de ser colônia de Portugal em 7 de setembro de 1822. É sabido que os indivíduos de cultura alemã, assim como também de outras nacionalidades, aportaram ao Brasil para suprir a falta de mão de obra agrária, desencadeada pela libertação dos escravos negros, internacionalmente imposta. Também é conhecida a sublevação destes colonos contra os colonizadores. Ora, repare-se que se trata de europeus que, dentro da tradição corrente dos estudos pós-coloniais, umbilicalmente ligados ao Reino Unido, são considerados os opressores, os colonizadores, os hegemônicos, neste caso, estão na condição de colonos, de oprimidos, de minoria, num espaço em que os colonizadores são brasileiros que, por sua vez, sofreram um processo de colonização por parte de Portugal, que, por sua vez havia sofrido/sofria uma colonização indireta e, às vezes, mesmo direta por parte desse Reino Unido. Tudo isto constitui-se num caso muito particular de colonialismo, este também necessitando de mais estudos.

Também é de se observar que estes colonos, apesar de terem sofrido em muitos sentidos uma colonização inercial, tiveram a capacidade de expressar em seus próprios termos a construção de sua autorrepresentação e de ilustrar, denunciando que, embora o vínculo político-colonial tivesse sido superado no país, a mentalidade das relações sociais ainda era colonialista. Portanto, a meu ver, toda a sua produção literária pode ser considerada literatura pós-colonial brasileira e, neste sentido, muito há ainda por pesquisar, pois suas vozes encontram-se semi-silenciadas pela língua alemã, que é o seu registro.

Neste âmbito, pontos importantes a observar na História do Brasil no que diz respeito aos imigrantes alemães são a independência do país em 1822, a chegada oficial dos primeiros imigrantes alemães em 1824, a Guerra Farrroupilha nos estados do sul (1835-1845), as lutas no sul do Brasil pela separação e independência da região,

nas quais também estiveram envolvidos imigrantes alemães e seus descendentes, e a proclamação da República Rio-Grandense, em 1836, que existiu até 1845.

É sabido que a literatura no Brasil, que foi e é escrita em alemão por imigrantes alemães e seus descendentes, consiste principalmente de memórias. Memórias do clima bélico nos primórdios do Brasil (Die Sühne de Karl von Koseritz, 1857), memórias que tratam da descrição da então nova realidade brasileira (Wie einer durch einem Cipo halten de Rotermund, 1881), memórias do processo populacional no sul do Brasil (Julius Bravermann de Wustrow, 1929). Mais tarde, são as lembranças desses primeiros escritos ou de histórias ouvidas, transmitidas oralmente. Essas memórias de segunda e terceira mão podem ser encontradas, entre outras, em Meisterschuss (1955), de Elly Herkenhoff, no poema "Freundschaft mit Wurzeln" (1994), de Liti Belinha, ou na coletânea literária Die alte Truhe (2000), de Iris Zwanziger (Hilda Siri).

Por mais histórico que tudo isso tenha se tornado, algumas perguntas permanecem sem resposta. Como explicar o afeto persistente e duradouro, senão a preferência, dos autores em pauta por esse tipo específico de memória e sua representação? É apenas uma lembrança nostálgica das primeiras impressões e experiências da imigração no país, experiências essas que deram origem às primeiras narrativas, peças de teatro, poemas, os quais foram transmitidos ao longo de gerações, assim como as lendas e os contos de fadas e as histórias familiares? Iguamente em aberto está a questão de saber se se pode ou deve ver também nesses textos uma espécie de resistência à cultura brasileira dentro dessas memórias? Nesse sentido, poderíamos também estar diante de uma espécie de colonialismo de língua alemã. Todos os colonos, embora em terras brasileiras, continuam cultivando o idioma alemão, construindo e mantendo escolas de cultura alemã, preservando as comunidades de fala alemã, etc.

A investigação da literatura de língua alemã escrita e publicada por imigrantes e seus descendentes no Brasil não poderia ser considerada também uma contribuição para o estudo do colonialismo e do pós-colonialismo brasileiros? Como visto acima, muitos escritores teuto-brasileiros escreveram sobre a Guerra Farroupilha e outras revoluções no Brasil que têm a ver com a independência e identidade do novo país. Além disso, seria necessário indagar como a situação social, histórica e política da Alemanha se reflete nas representações da respectiva realidade brasileira. Cada época tem características específicas e quais seriam as diferenças ou semelhanças entre as respectivas representações literárias? Que influência o impacto com a nova realidade brasileira, física, social, política, cultural, artística, exerceria sobre a percepção dos escritores em tela? Por fim, qual a melhor forma de reconhecer as peculiaridades das representações, expressões, imagens, comparações?

### **Fontes bibliográficas:**

Herkenhoff, Elly. Der Meisterschuss. In: Deutsche Nachrichten, São Paulo, 17.12.1955, p. 14. Também em Elly Herkenhoff (1906–2004): vida e obra.

Koseritz, Karl. Die Sühne. In: Koseritz' deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1875, p.33–63. Também em Karl von Koseritz (1830–1890): vida e obra.

Rheinheimer, Liti Belinha. Freunschaft mit Wurzeln. In: Brasil-Post. São Paulo, 22/07/1994, p. 22. Também em Liti Belinha Rheinheimer (\*1941): vida e obra.

Rotermund, Wilhelm. Wie einer durch einem Cipo festgehalten wurde. In: Kalender für die Deutschen in Brasilien (Rotermund-Kalender), São Leopoldo, Rotermund Verlag, 1882, p. 38–44. Também em Wilhelm Rotermund (1843–1925): vida e obra.

Santos, Boaventura de Sousa. Gramática do tempo. São Paulo: Cortez, 2006. Impresso.

Wustrow, Wilhelm. Julius Bravermann. In: Koseritz' deutscher Volkskalender für das Kaiserreich Brasilien, Porto Alegre, 1929, p.101–111. Também em Wilhelm Wustrow (1854–1941): vida e obra.

Zwanziger, Iris (Siri, Hilda). Die alte Truhe. In: Serra-Post-Kalender. Ijuí: Ulrich Löw, 1952, p.81–92. Também em Hilda Siri (1918–2007): vida e obra.

# 21. Intrigantes coincidências, leituras improváveis: Martius, Cruls e a lenda do inca\*

As pessoas reforçam constante e reciprocamente suas crenças, num ciclo que se autopropaga. Cada rodada de confirmação mútua estreita ainda mais a teia de significados, até não se ter muita opção a não ser acreditar naquilo em que todos acreditam.

Mas no decorrer de décadas e de séculos a teia de significados se desfia e uma nova teia estende-se em seu lugar. Estudar história [e literatura] significa observar a tecitura e o desfazimento dessa teia e dar-se conta de que o que parece ser o que há de mais importante na vida de alguém em determinado período torna-se para seus descendentes algo totalmente desprovido de significado.

(Yuval Harari 2016, p. 152-153).

## Ponto de partida

Lia eu em 2009, durante o XIII Congresso Latino Americano de Estudos Germanísticos em Córdoba – Argentina –, a segunda edição (2005) da tradução do romance *Frei Apolônio*, um romance do Brasil (Frey Apollonio. Roman aus Brasilien) a mim apresentada com dedicatória por seu tradutor, o Prof. Erwin Theodor Rosenthal<sup>105</sup>, e eis que me deparo com uma descrição/narração de paisagens da Amazônia, com uma personagem/um narrador de nome Hartomann e com a figura de um inca em pleno contato com índios brasileiros. Paro e, num emaranhado de impressões vívidas, fantásticas, fabulosas, tenho a impressão de “*déjà vu*”. Mas onde, onde, onde? Em *A Amazônia misteriosa* de Gastão Cruls, livro encontrado tão logo cheguei ao Brasil em 1967, transferida da Universidade de Lisboa para a USP, na estante de meu futuro sogro. Li o livro de Cruls de um fôlego, seduzida por aquelas paragens míticas e pelas amazonas, descendentes de incas, descritas como “*mujeres [...] muy blancas y altas, y tienen muy largo el cabello y entranzado y revuelto a la cabeza, y son muy membrudas y andan desnudas em cueros, tapadas sus verguenzas, com sus arcos y flechas em lãs manos...*” (Cruls [1925], p. 95). Mas também pasmada ante as descrições dos experimentos ditos científicos

---

\* Nota: Este texto foi originalmente publicado em: *Martius-Staden-Jahrbuch*. Nr. 62. São Leopoldo, Oikos, 2018, p. 244-259. ISSN 25254391.

<sup>105</sup> O original deste romance fora escrito em grafia gótica por Carl Friedrich Philipp von Martius, e só descoberto pelo Prof. Rosenthal em 1990 na Biblioteca do Estado da Baviera (Bayerische Staatsbibliothek), tendo sido por ele traduzido e publicado em 1992.

levados a cabo pelo austríaco Hartmann com os índios prisioneiros de índios ou com os bebês masculinos rejeitados pelas amazonas, assim fazendo lembrar as monstruosas “pesquisas” futuras de Josef Mengele<sup>106</sup>.

Também de olhos arregalados lera a Vila dos confins de Mário Palmério, para a disciplina de Linguística, a cargo do Prof. Isidoro Blickstein, pois enquanto lia, tecia a imagem de uma sucuri engolindo um boi, que tivera o azar de desgarrar-se da manada ao atravessar o rio, sem falar das malévolas piranhas cheias de dentes afiados. Neste processo de aquisição de conhecimento e contato com a alteridade, projetava dentro de mim, num infinito espanto, todas essas imagens entretecidas numa Gestalt inovadora.

E foi assim que as passagens do livro de Cruls e de Palmério, marcadas pelo maravilhoso e pelo estarecimento, voltaram-me com força à memória durante a leitura de Frey Apollonio, um romance do Brasil naquele ano de 2009, mas, até então, todas essas impressões haviam permanecido num emaranhado encantado.

Com a proposta do Instituto Martius–Staden de publicar um dossiê sobre Martius neste ano de 2018, todas essas recordações emergiram de novo e, agora, é meu propósito desemaranhá-las.

O cientista Martius (1794–1868) é conhecido por muitos. E certamente este número do Anuário Martius–Staden oferece outros ensaios sobre o pesquisador alemão. Eu falarei do ficcionista Martius. E quem é Gastão Cruls?

## **De Gastão Cruls a Martius**

Quando Carl Friedrich Philipp von Martius morreu em 1868, Gastão Luís Cruls (1888–1959) contava 20 anos. Era filho de um cientista belga – Louis/Luís Ferdinand Cruls –, radicado no Brasil e ligado à chamada missão Cruls. Gastão, o filho, era médico sanitарista, geógrafo, astrônomo e escritor brasileiro. Consta que fez viagem de

---

106 “[...] A Alemanha colonizou muitos países e tem também um passado escravocrata muito brutal. Mas essa história foi silenciada por muito tempo. O primeiro genocídio do século 20 aconteceu na Namíbia e foi realizado pela Alemanha [entre 1904 e 1908]. Mais de 100 anos depois do início da tentativa de extermínio das tribos Herero e Nama é que o governo reconheceu, oficialmente, que o país havia cometido um genocídio e fez as compensações devidas. Na Namíbia, por exemplo, os descendentes dos sobreviventes tiveram que decidir o que fazer com os crânios de parentes que haviam sido enviados a Berlim para experiências científicas. A questão é que a história colonial alemã é muito mal documentada. Mas todo o genocídio, a exploração e a violência que está por trás de um processo colonial está, também, na Alemanha. Só muito recentemente é o que país parece ter se dedicado a enfrentar essa questão. Primeiro, na forma de dor. Depois, na forma de vergonha. E isso tem permitido uma reflexão”. Entrevista de Grada Kilomba a Eron Rezende em 13.01.2017, com o título “O Brasil é ainda extremamente colonial”. On line.

estudos à Europa, tendo estagiado em Berlim. Um perfil correlato ao de Martius. Seus primeiros contos, conforme consta na orelha de *A Amazônia misteriosa* (1925), aparecem publicados na *Revista do Brasil*, dirigida por Monteiro Lobato. O volume de contos *Coivara*, por exemplo, é considerado por Agripino Grieco “uma das mais formosas coletâneas de contos da língua portuguesa”. Também no gênero romance obteve reconhecimento da crítica. Seu *Elsa e Helena* chegou mesmo a ser transformado em filme com o título “*A sombra da outra*”.

*A Amazônia misteriosa*, espécie de “pulp fiction” brasileira, conforme se lê na Wikipedia,

foi certamente inspirado em *A ilha do Dr. Moreau*, de H. G. Wells, e ancorado em profundas leituras mitológicas e folclóricas sobre as amazonas, é importante para a ficção científica do Brasil, [e] ganhou uma adaptação para histórias em quadrinhos publicada na revista *Edição Maravilhosa* da EBAL em novembro de 1955, e [também] foi transformado em filme em 2005, roteirizado por R. F. Lucchetti, sob a direção de Ivan Cardoso, com o título de um lobisomem na Amazônia [...]. On line.

Embora, muitos estudiosos considerem *A Amazônia misteriosa* (1925) um produto de pura fantasia e de muitas leituras de Cruls, pois sua obra não ficcional *A Amazônia que eu vi* só vem a ser publicada 5 anos depois, em 1930, como fruto da conhecida participação do escritor na expedição do marechal Rondon às Guianas em 1928, quando era funcionário do Serviço de Saneamento Rural, o historiador Nelson Cantarino oferece outro referencial, que obriga a refazer a afirmação mencionada acima: “*A Amazônia misteriosa* é um produto de pura fantasia e de muitas leituras de Cruls”.

De fato, muito antes,

Seguindo os passos do pai, Gastão participou, de 1907 a 1915, de uma expedição célebre: a Comissão Rondon, encarregada de construir a linha telegráfica ligando Cuiabá, no Mato Grosso, a Santo Antônio do Madeira, em Rondônia. A jornada marcou Gastão Cruls profundamente, e o autor dedicaria vários anos de sua vida à catalogação e à divulgação de espécimes da Amazônia. (Cantarino 2007).

Assim, por detrás dos dois livros – *A Amazônia misteriosa* (1925), com tratamento ficcional, e *A Amazônia que eu vi* (1930), um diário de viagens sem tratamento ficcional, – há vivências amazônicas do autor.

Em 1944, Cruls volta a escrever sobre a região num livro intitulado *Hiléia amazônica*, um terminus da botânica emprestado de Humboldt, seu criador.

Aliás, em *A Amazônia misteriosa* (1925), é o nome de Humboldt, e não o de Martius, que surge citado em duas ocasiões, entre outras menções a autores diversos (Plínio, Severiano da Fonseca, Byron, Rondon, Hans Staden, Diogo de Ordaz, Juan

Martinez, Spruce, Padre João Daniel, Orellana, Lopez de Gomara, Pizarro, Raleigh, Cristobal de Acuña, La Condamine, Américo Vespúcio, Colombo, Barbosa Rodrigues, Frei Gaspar de Carvajal, Ovando, Diogo Velasquez, Ponce de León, Balboa, Solís e Gaboto, Cortez, Valdivia, João Amaro, Maciel Parente, Jerônimo Fragoso, Almagro, Alvarado, Perdraria dávila, Alfredo Wallace, Wells, Bates, Hugo de Vries, De la Brosse, Buffon, Yves d'Evreuz).

A Amazônia misteriosa começa com a apresentação do registro das últimas páginas de um diário, imprecisamente datadas de 17-XII-191... a 5-I-191..., que dão notícia de uma viagem pelo rio Amazonas a partir de Manaus. Do diário passa-se para o tempo presente. Alguns dos viajantes, que penetram na selva por ocasião de uma parada na margem do rio, perdem-se, não conseguem voltar ao acampamento. Nessa andança, há magníficas descrições da floresta, histórias de ataques de índios a seringueiros, vêm à tona relatos das conquistas dos espanhóis e da descoberta do reino de Manoa, do Dorado, das pedras verdes – os muiraquitãs das amazonas, encontrados, por exemplo, por Humboldt no alto rio Negro. De repente, em associação espacial com o rio Jamundá (ou Nhamundá), os viajantes perdidos deparam-se com um povoamento amuralhado em plena selva. Em tudo esse povoamento assemelha-se, segundo o relato, àqueles que os incas construíam.

O rio Jamundá ou Nhamundá é um afluente do Amazonas. Consta que foi nesse rio que, em 1541, Francisco Orellana encontrou as índias icamiabas e, sendo-lhe a realidade enormemente estranha, associou-as às amazonas da mitologia grega. A História, de fato, dá notícia da existência de uma Missão dos Jamundá, porém, extinta em 1758 por ordem de Mendonça Furtado, quando de sua viagem de demarcação da nova capitania. A partir dela, foram criadas a vila de Faro e a Paróquia de São João Batista em 21 de dezembro de 1758.

Segue-se em A Amazônia misteriosa a descrição desse povoamento amuralhado, habitado por índias ditas amazonas, submetidas à rainha, e por um casal europeu: Jacob Hartmann, médico e etnógrafo, na verdade austríaco, barbas ruivas e olhos azuis, e Rosina, francesa loura, sua mulher. Diz o narrador:

[...] Creio que ao divisar tal vulto, a minha satisfação não foi menos à de Humboldt, quando, subindo o rio Orinoco, se lhe deparou, em plena selvatiqueza da floresta equatorial e de mistura à numerosa tribo dos Salivas, uma rapariga do mais puro sangue ariano e que ele soube depois ser irmã de um religioso ali em missão<sup>107</sup>. (Cruls [1925], p. 67). [...] percebi que o homem era alemão. Quis tirá-lo do embarço e reportei-me aos meus tempos de Berlim:

- Sind Sie ein Deutscher?

- Jawohl! E a sua fisionomia abriu-se num sorriso, misto de espanto e beatitude. (Cruls [1925], p. 69).

---

107 Trata-se da obra *Voyage aux régions équinoxiales*, de 1814

Hartmann diz ter vindo para a Amazônia motivado pela leitura de Humboldt e para encontrar e estudar as amazonas descritas por Orellana. Fala-se de Pentesileia e Taléstris, outros nomes para supostas rainhas das amazonas. Passa-se, então, a relacionar as amazonas, que habitam esta aldeia amuralhada, aos incas, seus hipotéticos ancestrais. É de Hartmann a explicação:

Não havia dúvida que se tratava de um agrupamento de mulheres emigrado do Império Inca por ocasião da conquista espanhola [sob a chefia de Oelo, que fora seduzida por um guerreiro desconhecido]. Só assim se podia explicar o seu grau de civilização, muito superior ao de todos os silvícolas do vale do Amazonas, e também a língua quíchua, que até hoje elas falavam. (Cruls [1925], p. 84). [...] A emigração de aborígenes dos contrafortes andinos para o vale amazônico, por ocasião da conquista espanhola, é fato perfeitamente assentado e ainda hoje são conhecidas várias tribos como a dos Conibos, do alto Ucaiale, e dos Urubambas, Sipibos e Setibos, que parecem francamente de origem incaica, isso se não quisermos recordar a lendária retirada do inca Manco Capac, irmão de Atualpa, que, pela mesma época e acompanhado de alguns milhares de vassalos, também teria deixado Cusco para formar o decantado Reino de Paititi. (Cruls [1925], p. 85). [...] Entre as várias relíquias que elas guardam cuidadosamente, fui encontrar algumas franjas e cordéis, tecidos com fios de várias cores, e que muito se assemelham aos curiosos quipus usados pelos Incas à maneira de escrita. (Cruls [1925], p. 86).

A certa altura, todos experimentam alucinógenos e sob seu efeito são “vivas” e narradas cenas da civilização inca. São descritos Tenochtitlan e todo o reino até Cusco:

E o famoso reino de Quito, berço de Atualpa e motivo das suas lutas e rivalidades com Huascar; Lucaí, a residência dos reis, que nela possuíam palácios e jardins magníficos; Tumbes e Pachacamac, com os seus Templos do Sol, quase tão ricos como os de Cusco; e outras muitas cidades, cada qual mais bela e suntuosa acoguladas de ouro e prata e na refulgência dos seus adereços, passaram então aos meus olhos, até que me quedei de novo na campina verdejante e estrelada dos lírios amarelos, onde ao longe dançavam as Amazonas. (Cruls [1925], p. 119-120).

Mas a verdadeira motivação de Hartmann é poder levar adiante experiências no campo da eugenia. Para isso, precisava de cobaias humanas, acessíveis, por exemplo, nos filhos homens rejeitados das amazonas ou nos prisioneiros de guerra indígenas.

### **Carl Friedrich Philipp von Martius e o inca**

Antes de Martius aportar ao Brasil em 1817, já seu conterrâneo Alexander von Humboldt (1769-1859) viajara pela América Central e pelo noroeste da América do Sul entre 1799 e 1804, percorrera o rio Orinoco e descobrira a existência da comunicação entre os sistemas hidrográficos do Orinoco e do Amazonas, não tendo obtido, porém, autorização para penetrar em território brasileiro. Martius conhece os feitos de Humboldt.

Martius chega ao Brasil em 1817, na comitiva da grã-duquesa austríaca Leopoldine, que haveria de casar-se no Rio de Janeiro com o príncipe herdeiro Dom Pedro, filho de D. João VI de Portugal. O Brasil ainda é colônia. Nesse mesmo ano, Martius e seu grupo, auxiliados por nativos e tropeiros, partem para uma viagem exploratória à Amazônia.

Junto com Spix, Martius faz uma incursão pelo rio Tocantins e, depois, sobe o rio Amazonas, passando por Manaus em outubro de 1819, e chega a Tefé (Ega, na época), no final de novembro. Dali, Spix continua pelo rio Solimões até Tabatinga, na fronteira com Peru e Colômbia, enquanto Martius envereda pelo rio Japurá até Araracoara, também na fronteira com a Colômbia. O rio Japurá, afluente do Amazonas, percorre um caminho quase paralelo ao Negro, que nasce nas cabeceiras do Orinoco, explorado por Humboldt. Spix e Martius haveriam de se reencontrar em Manaus, em março de 1820, vindos pelo rio Madeira, quando, então, regressam à Alemanha.

Martius haverá de catalogar suas múltiplas observações científicas, sobretudo no âmbito da botânica, em obra extensa.

Frey Apolônio. Um romance do Brasil, escrito em 1831, o único romance produzido pelo cientista, é uma obra de construção literária, que registra, após onze anos, a memória subjetiva e intersubjetiva dessa viagem através da floresta amazônica, permeada por reflexões de ordem filosófica. Sob o pseudônimo de Suitram, numa “Advertência preliminar” (Vorrede), por ele eliminada em posterior correção, o próprio Martius explica:

o presente romance fundamenta-se em ocorrências reais. Seus personagens viveram; conheci-os e tomei parte ativa em sua existência ou então lhes ouvi narrar as experiências. O que adicionei não ultrapassa reflexões sobre eventos e situações peculiares (...). (Martius 2005, p. XV).

Frey Apolônio. Um romance do Brasil começa com a voz de Hartomann, o narrador, médico e pesquisador – alterego de Martius – informando o leitor de seu estado de ânimo à época da viagem, propenso a sonhos e à projeção de imagens preconcebidas sobre a realidade, e descrevendo a paisagem à frente de sua memória:

Silente e misterioso estendia-se diante de mim aquele deserto verde, aquele mar de folhas de velhíssimas florestas, a cobrirem o continente até longínquas extensões, nunca dantes penetradas; acima de mim elevava-se o firmamento no equilíbrio de suas luzes eternas. [...] Tudo parecia abençoado e continha significação mais expressiva do que o que quer que vira até então. De espírito desanuviado, comecei a refletir sobre minha vida, e senti com redobrado vigor a gravidade da existência. Percebi o entrelaçamento de realidade e imaginação nesta plenitude infinita da natureza... (Martius 2005, p. 3).

Hartomann informa que se encontra no mês de agosto de 18... (tal como em Cruls o rigor temporal é deixado em aberto) no porto do Pará e se prepara para subir o Amazonas. Fala do barco, de Riccardo, um florentino conhecedor dessas paragens, que o irá acompanhar juntamente com índios jovens – os remadores. Riccardo é figura histórica – botânico italiano: Riccardo Zani.<sup>108</sup> Assim adentram o “labirinto de ilhas verdes, esparsas ao longo do mar do Amazonas.” (Martius 2005, p. 7). A vida passada de Riccardo é revelada. Prosseguem as reflexões sobre a beleza da Criação. A certa altura, depois de quinze dias, perto da cidadezinha de Santarém, há um violento solavanco sofrido pelo barco, que se chocara com uma árvore desenraizada e flutuante. A embarcação avariada é levada para a margem, onde acampam para passar a noite e consertar o barco. Alguns adentram a selva, encontram um índio velho, que fala tupi e a língua dos brancos, capturando formigas e este leva-os até a povoação, onde se hospedam. (Também em Cruls há um “desvio” semelhante). Aqui, ouvem alguém tocar harpa e cantar em latim. É Frei Apolônio, um ancião de elevada estatura, com cabelos prateados, querido pelos índios, nascido em Portugal. Vivera durante muitos anos na Itália. É ele quem convida nossos viajantes a visitar seu aldeamento, chamado Guri, onde catequiza índios. Frei Apolônio é figura histórica e enseja ao longo do romance uma série de reflexões sobre a vida da perspectiva católica, da perspectiva protestante, da perspectiva mulçumana e da perspectiva indígena.

A certa altura, Apolônio recebe na aldeia de Guri a visita de um monge do Pará – Celestino –, que vem acompanhado de Riccardo. O monge vem substituir Apolônio por ordem do vigário-geral. Este e o governador querem que Apolônio apazigue e reúna numa aldeia a tribo dos mura que andam espalhando medo por todo o rio Japurá (ou Jupurá). Apolônio, Riccardo e Hartomann partem, então, e sobem até o Solimões, não sem percalços, até chegarem ao rio Japurá. Aqui, encontram os índios iuri e conversam sobre as necessárias negociações de paz com os mura. Na aldeia iuri, Hartomann observa a maternidade indígena; o banho da madrugada e, dentro de uma oca, repente, depara-se com uma prisioneira, que com expressão de horror no rosto conversa com um crânio de criança. Depois, dois homens de meia idade e um jovem chegam à aldeia. Um deles, pertencente à raça vermelha, é extraordinário. Rosto expressivo, cabelo negro desordenado e crespo, olhos escuros. Hartomann segue-o até a cabana do chefe Migú. O índio poderoso parece dar ordens. Não gosta da presença de Hartomann. Este tenta seduzi-lo com aguardente, mas esta é recusada. Fala em espanhol que não toma veneno. Hartomann sente medo. Logo começam a rufar tambores. Fica, então, sabendo que se trata de Pachacutec, filho do inca.<sup>109</sup>

É curioso observar que, na história inca, de fato, entre 1438 e 1471, existiu um imperador com o nome de Pachacuti (Pachakuti Inka Yupanki ou Pachacutic

---

108 Leia-se sobre ele: Cenni, Franco. Italianos no Brasil. São Paulo: Edusp, 2003.

109 Aliás esta figura de um inca em terras brasileiras também está presente no romance de 1938 *Der blaue Tiger* (O tigre azul) de Alfred Döblin.

Inca Yupanqui). Consta que, no seu reinado, os incas deram continuidade a um processo de expansão territorial<sup>110</sup>.

O inca, no romance também conhecido por “Tsomei” ou “homem príncipe” ou “grande vermelho”, mora na montanha de Cupati, junto à cachoeira. Talvez se possa associar a montanha de Cupati com o vulcão Cotopaxi que, realmente, existe na região. O vulcão Cotopaxi localiza-se no Equador e é um dos mais altos vulcões no mundo. O Cotopaxi encontra-se a cerca de 75 km a sul de Quito.

Pachacutec, o filho do inca, dirige-se a Hartomann e discorre sobre o seu ódio aos brancos. Mas se Hartomann ali estiver por causa das plantas e dos remédios da floresta, que seja bem vindo. Inicia-se uma conversa em espanhol e em tupi com “tradutores”. Pede o inca para que Hartomann seja levado a Cupati. E assim é feito. Mas Hartomann dá-se conta de encontros noturnos suspeitos na aldeia. Também observa na areia pegadas de um adulto e de uma criança, que caminharam juntos. Ainda observa uma jovem índia brincando com perus. É Oeli, filha de Tsomei e irmã de Pachacutec. (Em Cruls, Oelo é o nome da rainha das amazonas incas). A certa altura Tsomei aparece:

O corpo forte, de peito largo, braços musculosos, rosto ossudo e poderoso, no qual ressaltavam os olhos negros e penetrantes, os movimentos vivos, mas bem compassados, a mímica expressiva [...]. (Martius 2005, p. 127).

Todos os homens estavam vestidos com camisas e calças de algodão branco, usando Tsomei, além disso, um chapéu de palha, trançado com arte e guarnecido de penas azuis de arara, bem como um cinto de seda vermelha. Bastava essa apresentação para distinguir esses indígenas dos índios nus de Japurá; mas havia outras peculiaridades distintas, um sopro de civilização que os elevava acima dos selvagens comuns, tais como até agora os conheceu. (Martius 2005, p. 128).

E, para afirmar suas raízes, Tsomei recebe os viajantes em sua cabana no monte Cupati:

---

110 “Por volta do ano 1300, os incas estabeleceram um processo de expansão territorial que buscou os planaltos encravados entre as montanhas andinas e as planícies do litoral Pacífico. Sob a tutela do imperador Pachacuti, começou a expansão territorial do império. Os incas chegaram dominar os territórios do Peru, a Bolívia, o norte do Chile e da Argentina. No ano 1460, começaram a expansão ao norte andino, chegando ao atual Equador e o sul da Colômbia. A capital administrativa do império era Cuzco no Peru, porém o inca Túpac Yupanqui fundou a cidade de Tumipamba no antigo aldeamento da cultura cañari de Guapondélig. Este inca casou com uma princesa indígena e teve um filho chamado Huayna Cápac, quem continuou a conquista do norte até chegar à atual cidade de Pasto, no sul colombiano. O atual Equador foi a província do Chinchaysuiu, que significa ‘terra do jaguar’. [...] ‘O Inca’ era a mais importante autoridade política entre o povo inca. Venerado como o descendente do deus-sol ou ‘Intitaita’, o imperador era o principal guardião de todos os bens pertencentes ao Estado, incluindo a propriedade das terras”. Wikipédia – História do Equador: “A conquista inca (1460 – 1534 d.C.).

O autor e pensador alemão Anselm Jappe em Sociedade autofágica declara que “entre os povos originários da América, as tribos amazônicas se opuseram às sociedades andinas, que criaram vastos impérios e sociedades muito hierarquizadas. Uma das estratégias mais frequentes para canalizar a ambição de certos indivíduos foi atribuir-lhes um ‘prestígio’ sem poder efetivo ...” (p.172).

Silencioso, de semblante altivo, penetrou no aposento, quase irreconhecível de início, pois havia trocado de vestimenta da cabeça aos pés. Em volta da larga fronte usava uma faixa branca, da qual, de fios escarlates, pendiam pérolas e grãos de ouro; atrás das orelhas portava dois grandes discos de ouro, obliquamente fixos; de seus poderosos ombros flutuava um manto de algodão branco, permeado de fios vermelhos, da nuca vários cordões de vistosas penas azul-vermelhas. Na mão trazia um longo bastão de pau-brasil, artisticamente entalhado e polido, o qual emitia um som estrídulo, sempre que batia com força contra o chão. (Martius 2005, p. 145/146).

Tsomei, também ele filho de inca, nascera nas montanhas de Quito, hoje Ecuador. Fugira de lá para ser livre e preservar o mundo inca, para não ver brancos, para ficar longe do espanhol sanguinolento e do português usurário. E Hartomann imagina os espanhóis a conquistarem a América. Pachacutec, seu filho, fala do tempo dos avós e vai mostrando as plantações por eles geradas: florestas de bambus, pomares, cana-de-açúcar, milho, algodão, mandioca.

Ao final das conversações, Tsomei não dá apoio a Apolônio. Hartomann regressa à pátria pelo porto de Melgaço.

### **Intrigantes coincidências, leituras improváveis**

O tema central das duas obras Frey Apollonio e A Amazônia misteriosa, sem dúvida, é o mesmo: mostrar a vida na Amazônia em plena ebulição vital.

Se Frey Apollonio traz à baila a presença de um nobre inca e seus filhos para a convivência com índios brasileiros, A Amazônia misteriosa também dá espaço para história semelhante relacionada às amazonas, que seriam descendentes de incas fugidos dos Andes conquistados por espanhóis.

O começo das narrativas também guarda semelhanças. Se Frey Apollonio começa com uma lembrança, é uma obra de construção literária a registrar, após onze anos, a memória subjetiva e intersubjetiva de uma viagem até o alto Amazonas, permeada por reflexões de ordem filosófica, que se alterna entre a memória presentificada e flash backs, A Amazônia misteriosa inicia com o registro das últimas páginas de um diário, mais precisamente de 17.12.191... a 05.01.191..., a partir das quais se transita para o presente da narrativa. Temos nos dois livros inícios que se espelham no estabelecimento da imprecisão do tempo e no apelo à memória.

O narrador de Frey Apollonio é alterego do autor Martius. Também o narrador de A Amazônia misteriosa é alterego do escritor Gastão Cruls. É ele, por exemplo,

quem confessa: “Contei-lhe, então, que logo depois de formado tinha ido em viagem de estudos à Europa e havia praticado por quase dois anos nos hospitais de Berlim”. (Cruls [1925], p. 70).

Duas personagens centrais apresentam o mesmo nome. Em Frey Apollonio, Hartomann é um botânico alemão interessado no desvendamento do mundo desconhecido no alto Amazonas, e é personagem narradora fundamental da obra. Em A Amazônia misteriosa, Hartmann, embora não ocupe o posto de narrador, é personagem central da ação – um médico austríaco obcecado por experimentos ousados no campo da genética, só possíveis em plena selva amazônica. A semelhança no nome e no perfil profissional das duas figuras ficcionais é singular.

Surpreende também a coincidência dos nomes femininos Oeli (filha do inca em Frey Apollonio) e Oelo (rainha das Amazonas em A Amazônia misteriosa).

A própria presença do imponente inca também chama atenção. Em Frey Apollonio sujeita às leis da ficção e, em A Amazônia misteriosa, sujeita, além disso, ao efeito do alucinógeno.

Se Frey Apollonio, no capítulo XII apresenta uma índia prisioneira de rosto horrorizado dentro de uma oca, diante de um crânio de criança, apontando para costumes cruéis, A Amazônia misteriosa configura todo um espaço peculiar, onde a personagem Hartmann desenvolve experimentos biológicos não aceitos pela comunidade científica europeia.

Ainda que o espaço específico explorado nos dois livros não seja o mesmo, a região e suas descrições fabulosas é a mesma: a selva amazônica no alto Amazonas em Frey Apollonio e no médio Amazonas em A Amazônia misteriosa.

Tais coincidências conduzem o leitor a imaginar que Cruls possa ter lido Frey Apollonio, de Martius. Mas tal leitura é absolutamente (?) improvável. Os manuscritos deste romance, escrito em 1831 e sem o intuito da publicação, eram apenas para os amigos lerem, conforme o prefácio do próprio Martius. Tais manuscritos foram encontrados por Erwin Theodor Rosenthal somente em 1990 (159 anos mais tarde) na Seção de Manuscritos da Biblioteca do Estado da Baviera e revelados ao público em 1992. Talvez, afinal, Cruls pudesse ter lido em alemão o terceiro volume de *Reise in Brasilien in den Jahren 1817 – 1820* (Viagem pelo Brasil 1817–1820), de Martius, dedicado ao percurso no Amazonas e publicado em 1831. Porém, no livro A Amazônia misteriosa há menção a Humboldt e Hans Staden, mas não a Martius.

Então, poder-se-ia pensar: os dois autores – Martius e Cruls – beberam de uma fonte comum – histórias orais dos povos amazônicos contatados. Isso é possível quanto à lenda do inca. Mas, ainda assim sobram as outras coincidências. Mesmo sobre a lenda do inca, perguntar-se-ia acerca do substrato histórico que teria

gado origem à lenda. Uma lenda atrelada às figuras das icamiabas mencionadas em Macunaíma (1928), de Mário de Andrade, uma lenda presente também em A república 3000 ou A Filha do inca (1930), de Menotti Del Picchia, e que, de certa forma, também ressoa em Meu tio Atahualpa (1978), de Bernardo Carvalho Neto.

Para manter o impasse, temos a opinião do antropólogo Oscar Calavia Sáez, no artigo de 1985, intitulado “O inca pano: mito, história e modelos etnológicos”, em que declara, referindo-se ao ensaio de Donald Lathrap, Angelika Gebhart-Sayer e Ann Mester, com o título “The roots of the Shipibo art style: three waves on Imiriacochoa or there were Incas before the Incas”, o seguinte:

Em meio a uma enciclopédica e ousada reconstrução do processo histórico pan-pano, a peça de convicção do artigo era uma série de relatos protagonizados pelo Inca, obtida por Gebhart-Sayer entre os índios do Ucayali. Séculos antes de sua instalação como senhores nos Andes, alguns grupos quechua teriam estabelecido seu reino na selva, e a tradição oral conservaria preciosos detalhes daquela época.

As tradições referentes ao Inca entre índios da Alta Amazônia não eram desconhecidas antes de 1985. Longe de se limitarem aos grupos fluviais do Ucayali (afinal, relativamente próximos aos Andes), estendem-se também a grupos mais orientais, especialmente os Kaxinawá. Mas até então o assunto não passava de uma vaga curiosidade mitológica. A interpretação “imediatista” de uma tradição oral, que dá o tom do artigo, encontrou muita resistência entre antropólogos e historiadores-arqueólogos, e obrigou a uma definição de posições. (Sáez 2000).

É o caso, por exemplo, de Danilo Curado, arqueólogo do Iphan de Rondônia, num comentário a uma matéria de 6 de fevereiro de 2012, intitulada “Encontrada cidade inca na Amazônia brasileira”. Declara ele o que segue a respeito das especulações sobre as investigações arqueológicas na Amazônia:

Sempre há um alarde sobre os Incas no Brasil. Respeito o ponto de vista de todos, ainda mais que na época não havia as atuais fronteiras políticas, mas, enquanto não identificarem uma cultura material realmente próxima à dos Incas, como metais e tecidos (por mais que estes entrem em decomposição) eu permaneço com minha posição de que os incas não estiveram em solo brasileiro. Bom, somos arqueólogos, acredito na materialidade!!! (Curado 2012).

Então, por enquanto, enquanto a materialidade não chega, as coincidências continuam intrigantes e a leitura de Martius por Cruls improvável. Faz-se presente “aquela trágica dualidade [...] entre o saber e o meio de expressão, entre a penetração adquirida pela força sintetizante do espírito e a exposição gradual de todos os fatos que levaram a essa penetração.” (Petters 1986, p. 140). Mas, por ora, se non e vero e bene trovato.

Que não se termine este texto sem deixar de fazer menção à materialidade da última descoberta arqueológica relativa aos incas no Peru:

Uma equipa de arqueólogos descobriu uma pirâmide na cidade arqueológica de “Pueblo Viejo”, na província de Recuay, no norte do Peru, informou a imprensa local.

A pirâmide, que estava parcialmente enterrada, foi fotografada através de drones, pelos investigadores da Universidade Nacional Federico Villarreal, em Lima, e da Universidade Nacional Santiago Antúnez de Mayolo, em Huaraz.

Segundo o jornal “La República”, a estrutura descoberta tem dez metros de altura e corresponde ao “Ushnu” – uma plataforma construída para a realização de cerimónias.

Os especialistas afirmaram que a construção está no meio de uma plantação de eucaliptos e que se encontra relativamente bem conservada, apesar de ter sofrido alguns danos devido a atividades agrícolas.

Em investigações anteriores, a descoberta tinha sido declarada como uma estrutura natural, não tendo sido analisada ao pormenor por se encontrar no meio de uma floresta de eucalipto e de vegetação densa.

No entanto, o local abriga estruturas do Império Inca como kanchas, carrancas, artefactos para armazenamento de alimentos, cemitérios e até mesmo ruas e estradas.

A descoberta foi feita graças a técnicas não-invasivas, e através do uso de drones para a preparação de planos e modelos em 3D.

Agora que os arqueólogos de Recuay revelaram que o local tem valor histórico e arqueológico, a autarquia da cidade vai disponibilizar recursos para a construção de um museu na zona. (ZAP, 27 Dezembro, 2016).

E que também não se termine este texto sem mencionar o premiado pesquisador Reinaldo José Lopes e seu livro 1499. O Brasil antes de Cabral em que escreve:

Como todo o mundo sabe, a Amazônia é gigantesca e, o que é ainda mais relevante, foi pouquíssimo explorada por arqueólogos. Surpresas quase certamente nos esperam. (Lopes 2017, p.161).

### **Fontes bibliográficas**

Arqueologia da América Indígena: Tempos pré-colombianos e coloniais. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017.

Cantarino, Nelson. Conhecer para preservar. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 17/09/2007. On line.

Castello, José Aderaldo. A literatura brasileira. Origens e unidade. São Paulo: Edusp, 1999, vol. II, p. 232.

Cruls, Gastão. *A Amazônia misteriosa*. São Paulo: Saraiva – coleção Saraiva 115, [1925].

Curado, Danilo. Comentário de arqueólogo. “Encontrada cidade inca na Amazônia brasileira” – Blog, 06 fev. 2012. On line.

Gomes, Paulo César da Costa. Cenários para a Geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas representações. In: Rosendahl, Zeny; Corrêa, Roberto Lobato. *Espaço e Cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 187–209.

Harari, Yuval Noah. *Homo Deus. Uma breve história do amanhã*. Trad. Paulo Geiger. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Jappe, Anselm. *Sociedade autofágica*. Trad. Júlio Henriques. São Paulo: Elefante, 2021.

Lima, Susane Patricia & Costa Junior, Waldemir Rodrigues. Geografia e representação na Amazônia misteriosa de Gastão Cruls: da monocromia à monotonia, do fantástico ao misterioso. In: *RAE GA 23* (2011), p. 221–237. On line.

Lopes, Reinaldo José. *1499: O Brasil antes de Cabral*. São Paulo: Harper Collins, 2017.

Maia, Cláudio Silveira. *O Decadentismo e a visão pós-colonial de Gastão Cruls*. (Tese de Doutorado). Araraquara, UNESP, 2009. On line.

Martius. Carl Friedrich Philipp von. *Frey Apollonio. Um romance do Brasil*. 2. ed. Trad. Erwin Theodor. São Paulo: Academia Paulista de Letras e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

Petters, H. F. *Lou minha irmã, minha esposa*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

Sáez, Oscar Calavia. O inca pano: mito, história e modelos etnológicos. In: *Mana* v. 6, n. 2, Rio de Janeiro, out, 2000. On line.

Schwake, Helmut Peter. Anmerkungen zum ersten Brasilienroman ‘Frey Apollonio’ von Carl Friedrich Philipp von Martius (1831). In: Ray-Güde, Mertin & Schönberger, Axel (Hersg.). *Studien zur Brasilianischen Literatur. Akten des 2. gemeinsamen Kolloquiums der deutschsprachigen Lusitanistik und Katalanistik*. Frankfurt a. M.: TFM/Domus Editoria Europaea, 1992, Band 4, S. 9– 95.

Imprensa local. Arqueólogos descobrem pirâmide Inca no Peru. In: *ZAP*, 27 Dezembro, 2016. On line.

Sem autor. Pirâmide pré-inca descoberta no Peru. In: *Euronews*, 03/01/2017. On line.

## 22. Forçando as fronteiras artificiais do cânone. O caso da literatura brasileira de expressão alemã\*

As humanidades e as ciências sociais dedicam a maior parte de suas energias a explicar exatamente como a ordem imaginária é tecida na trama da vida.

(Yuval Harari 2015, p. 121)

### A questão dos conceitos

Antes de me reportar às Nações literárias de Wander Melo Miranda, gostaria de referir um artigo de Julio Cabrera, intitulado “Europeu não significa universal, brasileiro não significa nacional”, em que o filósofo alude à crença ainda hoje enraizada em muitos intelectuais e não intelectuais de que o que foi/é pensado na Europa corresponde ou tem o status da própria realidade em si, ao passo que tudo o que foi/é pensado no Brasil, não tem sentido. Esquecem-se de que ninguém pensa a partir do nada, portanto, todos têm atrás de si situações históricas e genealogias. Assim, o que é considerado europeu ou verdadeiro não passa de uma determinada interpretação da realidade que, num dado momento, foi recebida e legitimada por um grupo ou grupos e assim permaneceu ao ser estabilizada. Essa estabilização, todavia, pode ser questionada, analisada, desconstruída e tornar-se precária. Cabrera discorre sobre esta problemática no campo da filosofia. Porém, há um problema semelhante no âmbito da literatura.

As regras que presidiram a formação dos cânones literários nacionais foram criadas na Europa no século XIX, às voltas com a formação dos Estados-nação, a exigirem um perfil identitário<sup>111</sup>. Países há, onde tais regras ainda vigoram. Contudo, há também países que, hoje, se veem obrigados a revê-las. Entre esses países, por

---

\* Nota: Este texto foi originalmente publicado no livro: Nascimento, Lyslei & Nagae, Neide (Eds.). Desafios críticos. Literaturas estrangeiras em pauta. Belo Horizonte: Editoras Associadas, 2018, p. 60-80. ISBN 9788566256239.

<sup>111</sup> Observe-se que o fenômeno da formação identitária não data do século XIX. É-lhe muitíssimo anterior, deitando raízes na chamada grande Revolução Cognitiva entre os hominídeos. E “quando o primeiro faraó, Menés, unificou o Egito por volta de 3000 a.C., ficou claro para os egípcios que havia uma fronteira e que, depois dessa fronteira, os “bárbaros” estavam à espreita.” (Harari 2015, p. 179). Não ignoramos a grande controvérsia criada por David Graeber e David Wengrow no livro O despertar de tudo. Uma nova história da humanidade, publicado pela Companhia das Letras em 2022.

exemplo, está a Alemanha. E por que não estaria o Brasil, que sempre foi um país de imigrantes? Imigrantes assaz diversificados, como deveras diversificadas foram as circunstâncias em que as mudanças de território ocorreram. Revisões desse tipo são absolutamente possíveis e necessárias, se não se perder de vista uma definição para cultura: a “diversidade de realidades imaginadas e de padrões de comportamento”, que acabou dando origem a “uma rede de instintos artificiais”, porém, em constante mutação. (Harari 2015, p. 46 e 171).

Até meados do século XX e mesmo atualmente (sem a necessidade do rigor absoluto), englobava-se/engloba-se na “literatura alemã” canônica autores austríacos, suíços, checos, etc. como, por exemplo, Gottfried Keller (suíço), ou Peter Handke (austríaco), ou Christa Wolf (ex- DDR), ou mesmo Kafka (checo). Nos dias de hoje, esse problema do cânone ficou ainda mais complicado com os escritores imigrantes como, por exemplo, Yoko Tawada (japonesa), Aras Ören (turco), Rafik Schami (sírio), Franco Biondi (italiano) ou Herta Müller (romena). Lembremo-nos que, também na literatura brasileira, há escritores não nascidos no Brasil, isto é, herdeiros de culturas estrangeiras, a exemplo de Clarice Lispector (nascida na Ucrânia), integrados à literatura brasileira canônica.

Pergunta-se: o que definiria uma literatura nacional? As fronteiras políticas do Estado onde ela é publicada? A língua em que é escrita? Os temas (nacionais) que explora? A nacionalidade de seus autores? Importaria o grau de poeticidade do texto produzido? Haveria “grande literatura” nacional e “literatura periférica” nacional?

Há comparatistas e, entre eles, Hugo Dyserinck, que alegam existir apenas literatura universal – a arte com as palavras. Varia a expressão linguística dessa literatura universal, sem comprometer-lhe a natureza.

Tendo a posicionar-me com estes últimos e a tomar como parâmetros balizadores para o que é literário os conceitos de “grande literatura”, de Ezra Pound, e de “grau zero da escritura”, de Roland Barthes, estabelecendo entre eles uma escala graduada de poeticidade. Resta definir o que é poeticidade. E aqui vou recorrer a uma reflexão minha ensejada em 1992 durante a II Semana de Língua Alemã, que ainda me parece válida. Dizia eu:

A questão [...] colocada é a seguinte: por que o leitor [...] apresenta, de um modo geral, mais dificuldades para entender um texto dito literário do que para entender outros textos ditos não literários, se todos eles resultam da mesma necessidade ontológica do homem de entender o mundo, e se são configurados através do mesmo código?

Poderíamos começar por dizer que os textos ditos não literários, ao tentar traduzir e comunicar a realidade, o fazem de maneira lógica e analítica, recortando uma porção dessa realidade, uma vez que não é possível ao cérebro humano apreender o mundo como um todo e ordená-lo segundo normas convencionais. [Nesses] textos ditos não

literários reconhecer-se-ia o objetivo de evidenciar uma determinada “ordem” que não está visível. Para se conseguir chegar a essa “ordem” que implica em precisão e clareza, [as quais] facilitam a compreensão, o texto escrito mostraria uma linguagem estruturada segundo as regras reconhecidas pela gramática e calcada em vocábulos semanticamente monovalentes, a fim de evitar a ambiguidade.

[Já] os textos ditos literários, ao contrário, ao traduzir e comunicar a realidade, tenderiam a não se contentar com recortes da realidade, tenderiam a abarcar o todo do jeito que ele se apresenta: intrincado e caleidoscópico. Os textos ditos literários evidenciaríamos desordem, veiculada por uma linguagem caracterizada por rupturas das normas gramaticais [em vários graus] e por vocábulos semanticamente ambivalentes, a fim, justamente de criar a ambiguidade que aponta para o intrincado e caleidoscópico modo de ver e sentir o mundo. (Ribeiro de Sousa 1992, p. 17).

A poeticidade se instala, então, no modo de escrever o texto e não no tema do texto. Nos mais altos degraus da escala Barthes–Pound, atrás mencionada, estariam os textos poéticos de alcance universal, isto é, lidos, compreendidos e apreciados por todos ao redor do mundo. Contudo, os nossos problemas vão adiante, pois há textos que, apesar de poéticos, apenas traduzem realidades locais. E, neste passo, há quem defenda que realidades locais apenas são traduzíveis pela língua local. Esta é uma problemática que merece discussão mais expandida. E será que, aqui, neste patamar não se poderia colocar a maioria das obras literárias ditas nacionais, aquelas que escapam ao cânone universal? Trata-se de uma zona sombria a separar obras nacionais e obras universais, a separar as mais poéticas das menos poéticas. Mesmo assim, ainda estamos pensando nos casos esquemáticos em que os habitantes de um país escrevem numa só língua, considerada nacional.

Ora, nos dias atuais em que populações se movem freneticamente pelo mundo, mudam de um país para outro, toda esta didática ficou embaralhada. A literatura nacional passou a encampar textos poéticos em qualquer degrau da escala Barthes–Pound que falem de vários temas e, em alguns (talvez poucos) casos, sejam escritos em outra língua que não a nacional. Até porque, por exemplo, no caso dos turcos alemães, a linguagem que usam é próxima a um dialeto, o que não deixa de ser a atual cor local da Alemanha.

Importante é perceber que todos esses textos oferecem uma tradução do mundo, um mundo de fronteiras rebeldes que precisamos penetrar, compreender e divulgar.

Tal embaralhamento observamos aqui mesmo no Brasil, quando olhamos para a literatura que imigrantes alemães e seus descendentes escrevem e publicam em língua alemã sobre o Brasil. Em muitos casos, essa linguagem também se afasta do alemão padrão. E, assim, essa literatura escrita em alemão passa a oferecer uma cor local ao Brasil. Lembremo-nos que,

o Brasil, como país outrora colonizado, trabalhou para, após sua independência de Portugal, construir uma literatura que lhe emprestasse identidade nacional, que desse corpo a seu novo status político, uma literatura, portanto, original, diferente das da metrópole e das demais europeias. Assim exigiam até simpatizantes estrangeiros da causa brasileira, tais como o francês Ferdinand Denis, os portugueses Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Neste afã, sem dúvida, a preocupação com a construção de uma imagem, de uma autoimagem nacional, era manifesta. (Ribeiro de Sousa 2009, p. 39).

Mas observemos também que, pelos tempos afora, muitos elementos que davam/dão forma a essa nacionalidade original, genuína e peculiar, foram deixados de lado. Por exemplo, os fenômenos literários dos diferentes grupos aqui imigrados nunca chegaram a ser levados em consideração.

O desafio é mostrar que a literatura nacional não está apenas escrita em português, mas também em alemão, quiçá em outros idiomas. Ou deveriam ser as literaturas de minorias excluídas das literaturas nacionais?

### **A literatura brasileira de expressão alemã**

A literatura brasileira de expressão alemã, ou seja, a produção literária que investigo, aquela escrita em alemão por imigrantes de língua alemã e por seus descendentes, que a um só tempo são brasileiros e alemães, constitui, tomando de empréstimo a expressão de Wander Melo Miranda, uma nação literária dentro da dita literatura nacional brasileira. Seus textos, que tecem imagens do Brasil e são lidos em determinados espaços do Brasil (aqueles que dominam o idioma alemão), apresentam formas variadas (romances, novelas, contos, poemas, peças de teatro e ensaios, traduções). Os poucos críticos que a ela se dedicaram classificam esta produção como uma literatura “sui generis”. Eu decidi chamá-la de “literatura brasileira de expressão alemã”.<sup>112</sup> É uma produção que, por exemplo, registra a especificidade do povoamento do Brasil no século XIX por gente estrangeira, no caso, os indivíduos de língua alemã. Também dá notícia de seu envolvimento nas guerras brasileiras, particularmente na Guerra dos Farrapos e do Paraguai, entre outros temas.

Essa literatura pode ser examinada da perspectiva da poeticidade, ser colocada em vários dos degraus da escala poética atrás citada, pode ser investigada da perspectiva histórica, imagológica, do ponto de vista do colonialismo, do pós-colonialismo, da memória. Ela constitui, de fato, uma nação literária dentro da literatura brasileira.

Necessário se faz pesquisar, sistematizar e divulgar toda essa produção. Uma produção que bem poderia ser aproveitada como material paradidático no

---

112 Sobre este assunto leia-se: Ribeiro de Sousa, Celeste. A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica. In: *Pandaemonium Germanicum*. São Paulo, v. 19, n.28, set.-out. 2016, p. 45-73. On line

ensino das imigrações no Brasil ou mesmo no ensino do idioma alemão no país. Sabemos o quanto as narrativas literárias, as peças de teatro, os poemas, ao criarem ambientações emocionais – as chamadas microhistórias –, ajudam no aprendizado da História. Utilizadas com eficácia no ensino da língua alemã no Brasil, além de oferecerem aos alunos um entorno natal, põem em evidência mais elos entre os dois povos.

Vários autores em conjunto com suas obras (acompanhados de comentários e traduções) estão sendo levantados, reunidos, catalogados e colocados on line no projeto “Literatura brasileira de expressão alemã” – LIBEA, justamente para impulsionar esta discussão.<sup>113</sup>

### **Uma narrativa habilitada para o cânone: A vingança da floresta virgem, de Hilda Siri**

Gostaria de comentar, agora, uma narrativa curta, que, parece-me (deixo a pergunta em aberto), poderia estar no cânone da literatura brasileira. Trata-se de *A vingança da floresta virgem*, de Hilda Siri. Aliás, as histórias da literatura brasileira poderiam abrir um capítulo dedicado à produção literária e ensaística dos imigrantes (e seus descendentes), que dá expressão a uma perspectiva sui generis da realidade brasileira.

Em *A vingança da floresta virgem*, a história, concisa e concentrada na construção de um único clímax, é contada numa linguagem sóbria, de significativo poder imagético, no desenrolar de uma única cena, em um só dia, por uma narradora que se pode, em parte, confundir com a autora, que registra suas memórias de outras memórias, e por uma personagem feminina – mãe de família, emigrada recentemente da Alemanha com o marido e onze filhos. A voz masculina inexistente. Apenas uma outra voz é potente e se faz ouvir: a de sua grande inimiga – a floresta virgem brasileira, com quem se confronta. Neste ponto, é preciso abrir espaço para uma outra luta paralela entre a língua alemã do original e a língua portuguesa da tradução. A palavra floresta (*der Wald*), tal como árvore (*der Baum*), em português substantivos femininos, em alemão são palavras masculinas. Assim, no original, o inimigo da protagonista é masculino. Trata-se, pois, também de um confronto entre o feminino e o masculino. A protagonista alemã é uma mulher forte que ombreia com o marido no sustento da família. O confronto com a floresta é seu único modo de sobrevivência. A floresta é o Brasil e o Brasil é a floresta. Uma floresta personificada, vingativa, invadida por forasteiros atrevidos. O preço do embate final entre esta floresta e esta mãe (imigrante) é trágico: a mãe de família sucumbe à derrubada de uma árvore, que sobre ela se abate, matando-a. Mas, nos

---

<sup>113</sup> Sobre este material literário, pode-se ler: Ribeiro de Sousa, Celeste. Literatura brasileira de expressão alemã. In: Revista Sibila, Ano 9, dez. 2009. On line.

últimos minutos, esta mãe, um Prometeu de saias, ainda incumbe o filho menor de atear o fogo costumeiro à floresta. Não há trégua. Porém, no caso particular configurado na narrativa, a floresta/der Wald masculino aniquila o feminino.

Também a morte é apenas a chegada da paz e do silêncio: uma morte aberta, que tanto pode ser recebida como uma morte católica, protestante ou existencialista.

A luta entre a floresta e a civilização persiste para além das tragédias familiares. Um tema universal de extrema atualidade, a meu ver, construído com primor. Trata-se também de uma contribuição ao estudo do povoamento do sul brasileiro e suas implicações ambientais. Além disso, o local e o universal estão igualmente presentes nesta narrativa. A poeticidade também.

Outras narrativas poderiam ser aqui evocadas para emparelhar com esta. Entre elas: O velho baú da mesma autora, Hilda Siri (1918–2007), Um pato de Wilhelm Wustrow (1854–1941), A Lena do moleiro de Matthaeus Braun (1872–1954), a trilogia, já escrita em português, O campanário do tempo de Liti Belinha Rheinheimer (1941 – ), por exemplo. A lista de obras é enorme.

A título de ilustração, O velho baú (1952) é uma pequena epopeia da imigração alemã, em que o baú assume o papel de totem. O texto original desta narrativa e sua tradução encontram-se respectivamente disponíveis no e-book Hilda Siri (1918–2007): vida e obra.

Um pato (1910) é um verdadeiro metatexto literário. O narrador bem-humorado e divertido diz e mostra ao detalhe que não é necessário viajar para produzir uma narrativa de viagens; basta criar em casa condições semelhantes às da viagem, para com a ajuda da imaginação e da análise do próprio comportamento, criar o texto necessário. O texto original desta narrativa e sua tradução encontram-se respectivamente disponíveis no e-book Wilhelm Wustrow (1854–1941): vida e obra.

A Lena do moleiro (1950) configura através de flash backs os líricos vínculos atávicos da protagonista moribunda com a natureza natal. O texto original desta narrativa e sua tradução também se encontram respectivamente disponíveis no e-book Matthaeus Braun (1872–1954): vida e obra.

A trilogia O campanário do tempo (2006 – 2011), já escrita em português, é uma grande epopeia da imigração alemã. Várias gerações nascem e crescem falando alemão em território brasileiro, formam grupos católicos e protestantes, miscigenam-se, superando tabus, e trabalham muito. Os textos originais desta grande narrativa encontram-se igualmente disponíveis no e-book Liti Belinha Reinheimer (\*1941): vida e obra: 1º volume: Entre a selva e o sonho; 2º volume: Casa dos órfãos; 3º volume: O fim da eternidade.

## Fontes bibliográficas

Barthes, Roland. *Le degré zéro de l'écriture*. Paris: Seuil, 2002.

Cabrera, Julio. Europeu não significa universal, brasileiro não significa nacional. In: Nabuco. *Revista brasileira de humanidades*. Ano 1, nº 2, novembro/dezembro, 2014 e janeiro/fevereiro 2015. On line.

Dyserinck, Hugo. *Komparatistik. Eine Einführung*. Bonn: Bouvier, 1977.

Harari, Yuval Noah. *Sapiens. Uma breve história da humanidade*. Trad. Janaína Marcoantonio. 13ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2016.

Miranda, Wander Melo. *Nações literárias*. São Paulo: Ateliê, 2009.

Pound, Ezra. *How to read*. In: *Literary essays of Ezra Pound*. New York: A New Directions Book, 1968.

Ribeiro de Sousa, Celeste. *Literatura não é nada mais que língua*. In: Nomura, Masa (org.). *Aspectos do ensino de alemão como língua estrangeira*. São Paulo: FFLCH/USP, 1992, p. 16–23.

Ribeiro de Sousa, Celeste. *Literatura brasileira de expressão alemã*. In: *Sibila. Revista de poesia e crítica literária*, Ano 9, dez. 2009. On line.

Ribeiro de Sousa, Celeste. *A imagologia no Brasil: primeira tentativa de sistematização*. In: *Revista de Literatura Comparada* 14, 2009, p. 37–55. On line.

Ribeiro de Sousa, Celeste. *Uma narrativa safea em tempos de censura. Da literatura da imigração alemã*. In: *Sibila. Revista de poesia e crítica literária*. São Paulo, 1 abr. de 2013. On line.

Ribeiro de Sousa, Celeste. *A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica*. In: *Pandaemonium Germanicum*. São Paulo, v. 19, n. 28, set.–out. 2016, p. 45–73. On line.

